

Da best seller do New York Times

Autora de *O Diário de Bridget Jones*

# HELEN FIELDING

*A Imaginação Hiperativa*  
de

*Olivia Soules*



# DADOS DE COPYRIGHT

## **Sobre a obra:**

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## **Sobre nós:**

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

**Helen Fielding**

*A imaginação hiperativa de  
Olivia Soules*



EDITORA RECORD  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

Digitalização das Comunidades Traduções e  
Digitalizações e Ebooks de A a Z  
Formatação de LeYtor

*Outras obras da autora*

*O diário de Bridget Jones*  
*Bridget Jones — No limite da razão*  
*Causa nobre*

Tradução de Alves Calado

Editora Record  
Rio de Janeiro \* São Paulo

Titulo original em inglês: Olivia Joules and the overactive imagination

Obra originalmente publicada em 2003 por Picador, selo da Pan  
Macmillan Ltd.

De acordo com o Copyright, Designers and Patents Acts de 1988 do  
Reino Unido e com a Lei 961098 do Brasil, é assegurado á autora o  
direito de ser identificada como tal.

Para Kevin

*"Fielding é uma grande escritora cômica."* — Daily Mirror

*"Prosa com ritmo frenético."* — Independent on Sunday

*"A grande dama da literatura feminina."* — Financial Times

*"O encontro de Bridget Jones com James Bond."* — The Observer

*"Helen Fielding é uma escritora talentosa."* — Sunday Mirror

## *Sinopse*

Olivia tem cerca de 30 anos e um bom emprego como repórter, escrevendo sobre moda e a vida das celebridades para revistas inglesas. O problema é que, por ter uma imaginação hiperativa, em vez de apurar suas reportagens, costuma inventar os melhores detalhes. Por isso, durante uma viagem aos Estados Unidos quando suspeita que um grande produtor de cinema pode ser Osama Bin Laden, nem ela leva fé que isso seja verdade. Até terroristas explodirem um transatlântico em Miami. Olivia, então, acostumada às festas e eventos de gente famosa, se vê no meio de uma intriga misteriosa com ramificações perigosas e inesperadas. De repente, a repórter de celebridades começa a levar uma vida digna de James Bond. Mas logo descobre que, fora das telas, por mais que as paisagens sejam lindas e o champagne gelado, o risco é real. E ela vai ter de usar mais do que sua fértil imaginação para conseguir sair da encrenca em que se meteu.

## *Introdução*

Kit de sobrevivência de Olivia Joules: alfinete de chapéu, camisinha, cotonete, bolsa Louis Vuitton, minicâmera fotográfica digital, spray de pimenta portátil....e uma imaginação muito, muito fértil. Helen Fielding acerta mais uma vez e apresenta aos fãs de Bridget Jones Olivia Joules, uma jornalista independente, sexy e hipercriativa, que não perde uma oportunidade de mostrar ao mundo - e ao seu editor - seu lado espiã fatal. Uma "Jane Bond" adorável e divertida que guia o leitor numa aventura incrível, das altas temperaturas de Miami às águas cristalinas do Caribe, passando por desertos árabes, cidadezinhas obscuras de Honduras e esconderijos ultra-secretos.

Olivia Joules trabalha num jornal britânico, escrevendo sobre moda, estilo e outras deliciosas futilidades. Seu sonho é o noticiário: um grande furo, política, terrorismo, temas sociais de suma importância para o mundo...mas tudo que ela consegue é uma viagem para Miami, onde vai cobrir o lançamento de um creme facial, cuja campanha é estrelada por uma badalada rapper-modelo-e-atriz americana;

O que deveria ser uma rápida viagem de trabalho transforma-se em uma grande aventura quando Olivia conhece Pierre Feramo, um produtor de cinema francês, com um estranho sotaque árabe, cercado de modelos, caditadas a atriz, luxo, dinheiro e poder. Um homem irresistível e potencialmente perigoso, segundo as impressões da Srta. Mata Hari Joules.

Estaria aquele homem sedutor e gentil envolvido com atentados terroristas? E, se estivesse, como um mulçumano poderia viver em meio a tanto luxo, mulheres e bebidas? E a sucessão de estranhos acontecimentos durante a viagem de Olivia - explosões, posse de drogas, vôos interrompidos, mortes? Seria apenas fruto do acaso? Seria ela realmente parte de uma engendrada trama de facções terroristas para dominar o mundo ocidental?

A imaginação Hiperativa de Olivia Joules dá um chega para lá nos clichês de literatura feminina, Um romance divertido, repleto de ação, mistério e romance - claro, - com reviravoltas e surpresas que só alguém com a criatividade de nossa heroína poderia imaginar.

Ana Lima

## *Sobre a autora*

Helen Fielding trabalhou por anos como jornalista, em Londres, até conseguir publicar seu primeiro romance. *Causa Nobre*. Mas o sucesso só veio com seu segundo livro. E foi muito maior do que ela poderia esperar. O diário de Bridget Jones tornou-se um dos maiores fenômenos literários dos anos 1990, dando origem a um novo gênero de literatura feminina, apelidado pelos críticos britânicos de chicklit, romances bem-humorados para garotas esperar e modernas. A personagem ganhou as telas na pele da atriz Renée Zellweger e uma nova aventura impressa, *Bridget Jones: no limite da razão*, que em breve, também chegará às telas.

A imaginação Hiperativa de Olivia Joules é seu quarto romance.

# Capítulo 1

## Londres

— O seu problema, Olivia, é que você tem uma imaginação hiperativa.

— Não tenho — disse Olivia Joules, indignada.

Barry Wilkinson, editor internacional do Sunday Times, recostou-se em sua cadeira, tentando segurar a pança, olhando por cima dos óculos meia taça para a figurinha desapontada diante dele, pensando: e você é bonitinha demais.

— E a sua história sobre a nuvem de gafanhotos com dentes enormes baixando como uma panqueca sobre a Etiópia, bloqueando o sol?

— Foi o Sudão.

Barry deu um suspiro pesado.

— Nós a mandamos até lá e você só conseguiu dois gafanhotos num saco plástico.

— Mas havia uma nuvem de gafanhotos. Só que tinha voado para o Chade. Parece que estavam se recolhendo para descansar. De qualquer modo, eu consegui a matéria sobre os animais morrendo de fome no zoológico.

— Olivia, era um porco-do-mato, e ele me pareceu bem gorducho.

— Bom, eu teria conseguido uma entrevista com as mulheres fundamentalistas e com um amputado da perna direita e do braço esquerdo, se você não tivesse me mandado voltar.

— E o nascimento do novo bebê de Posh e Becks que você foi mandada para cobrir ao vivo para B SkyB?

— Aquilo não era notícia.

— Graças a Deus.

— Eu certamente não imaginei nada ali.

— Não. mas não disse coisa alguma durante os primeiros dez segundos. Ficou olhando em volta como uma retardada, mexendo

no cabelo, ao vivo, e de repente gritou: “O bebê ainda não nasceu, mas é tudo muito empolgante. Agora de volta ao estúdio.”

— Não foi minha culpa. O diretor não me deu a deixa porque havia um homem tentando entrar em quadro com “Eu sou filho bastardo da família real” escrito na barriga pelada.

Cansado, Barry folheou a pilha de releases sobre a mesa.

— Olha, querida...

Olivia estremeceu. Um dia desses ia chamá-lo de queridinho e ver se ele gostava.

— ... Você é boa escritora, é muito observadora e intuitiva. E, como eu digo, extremamente imaginativa, e no Sunday Times nós achamos que num freelancer essas qualidades caem melhor na seção de Estilo do que nas páginas de noticiário.

— Quer dizer, a parte rasa?

— Não há nada de raso no estilo, neném.

Olivia deu um risinho.

— Não acredito que você disse isso.

Barry começou a rir também.

— Olha — disse ele, pegando um release de uma empresa de cosméticos -, se quer mesmo viajar, há um lançamento para celebridades em Miami, de um... perfume?... creme fácil.

— Um lançamento de creme facial — disse Olivia com uma voz apagada.

— J-lo, P. Binny ou sei lá quem... vamos ver... Devorée. Que porra é Devorée?

— Rapper branca/modelo/atriz.

— Ótimo. Se conseguiu que uma revista divida os custos conosco, pode ir e cobrir o creme facial dela para a Estilo. O que acha?

— Certo — disse Olivia em dúvida -, mas se eu achar uma matéria de verdade por lá, posso cobrir também?

— Claro que pode, querida — disse Barry com um riso torto.

## *Capítulo 2*

### *South Beach, Miami*

O saguão do hotel Delano era como o ataque histórico de um decorador ao criar o cenário de Alice no País das Maravilhas. Tudo era grande demais, pequeno demais ou estava no lugar errado. Uma luminária com cúpula de três metros pendia diante do balcão de recepção. Cortinas de musseline com vinte metros de altura balançavam à brisa ao lado de uma parede pintalgada de luminárias em miniatura e uma mesa de sinuca com feltro bege e bolas amarelo-sujo. Um homem moreno estava sentado numa cadeira de plástico branco que parecia um mictório, lendo um tornei. O homem ergueu os olhos quando uma garota magra com cabelos louros parecendo cortados por uma tesoura cega entrou no saguão. Ele baixou o jornal observar enquanto ela olhava em volta, rindo, como se de algum pensamento malicioso particular, e depois ia para a recepção. A jovem estava usando jeans e uma blusa preta de tecido fino, carregando uma sacola de couro marrom macio e arrastando uma velha mala marrom e verde-oliva.

— Nome incrível — disse o recepcionista. — Escreve Jewels... jóias... como em Tiffany?

— Não. J.O.U.L.E.S. Como a unidade de energia cinética — disse a garota com orgulho.

— Não brinca? Ah, sim, aqui está. Vou mandar o mensageiro trazer sua bagagem e levá-la ao quarto.

— Ah, não se preocupe. Eu só tenho isto.

O homem moreno olhou a figura pequena e decidida seguir na direção dos elevadores.

Olivia olhou consternada para a porta do elevador, que parecia feita de aço inoxidável xadrez. Quando a porta ia se fechando, um lindo mensageiro de camiseta branca e short enfiou os braços entre as duas bandas e pulou no elevador ao seu lado, insistindo em

ajudá-la a levar a bagagem para o quarto — embora, a bem dizer, não houvesse bagagem.

O quarto era totalmente branco: piso branco, paredes brancas, lençóis brancos, mesa branca, poltrona e banqueta brancas, telescópio branco apontando para uma persiana branca. O rapaz metido, charmoso, comível e vestido de branco levantou a persiana, e o espantoso azul-águia e azul-petróleo de Miami Beach irrompeu no quarto como uma minúscula pintura a óleo azul brilhante no centro de uma grossa moldura branca.

— Éééé. É que nem um hospital — murmurou ela.

— Muito mais confortável, espero, minha senhora. O que a traz a Miami?

A pele dele era como um anúncio de juventude, parecendo pêssego, luminosa, como se tivesse alimentado á força com vitaminas numa estufa.

— Ah, você sabe — disse ela, chegando mais perto da janela. Olhou para as fileiras de guarda-sóis e espreguiçadeiras contra a areia branca, as barracas em cores pastel dos salva-vidas, o mar de um azul surreal entrecruzando por iates e lanchas, uma fileira de grandes navios seguindo um ao outro pelo horizonte como patos numa galeria de tiro. — Meu Deus, o que é aquilo? — Um dos navios era três vezes maior do que os outros: estranhamente grande, como um pelicano no meio dos patos.

— É o OceanApart — disse o mensageiro com orgulho de proprietário, como se fossem dele não só o navio mas também Miami inteira e o oceano. — É como um prédio de apartamentos, só que flutua. A senhora está aqui a negócios ou prazer?

— Ele já foi construído? — perguntou ela, ignorando a tom grosseiro de interrogatório do rapaz xereta.

— Claro que sim.

— Pensei que ainda era apenas um desenho artístico.

— Não, senhora. Está é a viagem inaugural. Ela vai ficar ancorado em Miami durante quatro dias.

— Esse é aquele que está num cruzeiro permanente do tipo que vai do Grand Prix para o Australian Open e de lá para o Masters,

e as pessoas chegam de helicópteros e encontram seus Picassos e o fio dental já esperando?

— Exatamente.

— Parece que pode render uma boa matéria.

— A senhora é jornalista?

— Sou — disse ela, presunçosa, com o orgulho por seu status de quase correspondente internacional suplantando a discrição.

— Uau? De onde?

— Do Sunday Times e da revista Elan. - Ela riu de orelha a orelha.

— Uau. Eu também sou escritor. Sobre o que vai escrever aqui?

— Ah, você sabe. Uma coisa e outra.

— Bem, se precisar de ajuda, é só chamar. Meu nome é Kurt. Posso Fazer alguma coisa a mais pela senhora?

Bem, já que você falou... ela sentiu vontade de dizer. Em vez disso, castamente lhe deu cinco pratas de gorjeta e viu a deliciosa bundinha vestida de branco ir embora.

Olivia Joules gostava de hotéis. Gostava de hotéis porque:

1. Quando você entrava num novo quarto de hotel, não havia passado. Era como riscar uma linha e começar de novo.

2. A vida num hotel era de uma simplicidade quase Zen: um armário encapsulado, a vida encapsulada. Nada de entulho, nada de roupas horríveis que você nunca usava mas não podia jogar fora, nada de tarefas na caixa de entrada, nada de pratos cheios de canetas vazando e bilhetinhos Post-it com chiclete grudado.

3. Os hotéis eram anônimos.

4. Os hotéis eram lindos, se você escolhesse certo, o que, depois de horas e alguma vezes dias procurando na Internet, ela inevitavelmente conseguia fazer. Eram templos de luxo ou rusticidade, aconchego ou estilo.

5. As coisas mundanas da vida eram resolvidas, e você ficava livre

do inferno da escravidão doméstica.

6. Ninguém podia incomodar você: você simplesmente colocava o Não Perturbar na maçaneta da porta e o telefone e o mundo que se danassem.

Olivia nem sempre havia amado os hotéis. A maioria das férias de sua família havia se passado numa barraca. Até os vinte e dois anos sua única experiência em hotel tinha sido em Crowns and Majestics precários e ainda assim embaraçosamente formais, em balneários no litoral norte da Inglaterra - com cheiros estranhos, tapetes e papéis de parede com estampas esquisitas, onde os hóspedes falavam em sussurros intimidados e sotaque forçadamente chique, e toda a sua família congelava de vergonha se algum membro deixasse um garfo ou uma salsicha cair no chão.

Na primeira vez em que ficou num hotel a trabalho não sabia o que fazer ou como se comportar. Mas quando se viu num quarto elegante e intocado, com frigobar, lençóis de algodão bem-passados, serviço de quarto, sabonete bom, ninguém para chatear e chinelos grátis, sentiu que tinha chegado em casa.

Às vezes sentia-se mal por gostar tanto de hotéis, preocupada com que isso a tornasse uma vaca sortuda e mimada. Mas não era só dos hotéis chiques que ela gostava. Alguns hotéis chiques davam nojo: esnobes; elegantes demais; não oferecendo as coisas de que você precisava, como telefones que funcionassem, comida que chegasse quente na mesma data em que foi pedida; com aparelhos de ar condicionado barulhentos; vista para estacionamentos; e, pior de tudo, funcionários metidos a besta e inamistosos. Alguns de seus hotéis prediletos não eram caros. O único verdadeiro critério de qualidade em que ela confiava era se, na chegada, o papel higiênico tivesse com a extremidade bem dobrada em ponta. No Delano, ele não estava apenas dobrado em ponta, tinha um adesivo branco dizendo THE DELANO em maiúsculas cinza e maneiras. Ela não tinha certeza com relação ao adesivo. Achou que talvez fosse levar as coisas longe demais.

Pôs a mala na cama e começou amorosamente a tirar o conteúdo que tornaria o quarto o seu lar até ela ser obrigada a voltar a Londres. A última coisa a sair da mala, como sempre, foi sua

lata de sobrevivência, que ela enfiou debaixo do travesseiro. Não era inteligente carregar a lata de sobrevivência pelos aeroportos, mas estava com Olivia havia muito tempo. Parecia uma velha lata de fumo. Ela a havia comprado numa loja de equipamentos para esportes de aventura no pátio da estação Euston. A tampa era espelhada por baixo, para sinalização. A lata tinha um cabo que a transformava numa panela em miniatura. Ela não havia usado nenhum dos itens além da camisinha — que fora substituída várias vezes — e do algodão em alguns hotéis que não ofereciam lenços umedecidos. Mas tinha certeza que um dia a lata iria salvá-la ajudando-a a coletar água no deserto, estrangular um salteador ou sinalizar de um atol cercado de palmeiras para um avião de passagem. Até então era um talismã — como um ursinho de pelúcia ou na bolsa. Olivia nunca havia pensado no mundo como um lugar particularmente seguro.

Virou-se de volta para a janela e a vista da praia. Havia um cartão de instruções plastificado pendurado no telescópio. Olhou confusa para ele durante um segundo, depois desistiu e espiou pela ocular, vendo um borrão verde de grama ampliada. Ajustou um botão até revelar a praia de cabeça para baixo. Foi em frente, ajustando o mundo invertido enquanto movia o instrumento para baixo — ou para cima? — até um sujeito que corria, argh, sem camisa (por que revoltar os outros com tanta ostentação?) e um iate se chocando desajeitadamente contra cada onda. Moveu de lado e de cabeça para baixo até chegar ao OceansApart. Era como os penhascos brancos de Dover indo na direção de Miami.

Tirou o laptop da bolsa e digitou um e-mail para Barry.

Re: Fantástica matéria nova

1. Miami legal, tudo indo bem.
2. Grande matéria para a Estilo: OceansApart — prédio de apartamento flutuante e de tamanho obscuro — ancorado em Miami na viagem inaugural.
3. Posso cobrir mas precisaria de mais uma ou, idealmente, duas noites aqui. Câmbio e desligo, Olivia.

Leu, assentindo satisfeita, apertou o “Enviar”, depois olhou para o espelho e levou um susto. Seu cabelo estava uma loucura, e o rosto horrivelmente inchado: produto de dezesseis horas em aviões e aeroportos — cinco delas enfiada em Heathrow porque alguém tinha deixado um laptop no banheiro feminino. A festa do creme facial era às seis. Tinha vinte minutos para se transformar numa ofuscante criatura da noite.

## Capítulo 3

Cinqüenta e oito minutos depois emergiu do elevador sem fôlego, esfregada e encerada. Uma fileira de limusines brancas se estendia da frente do saguão e seguia pela avenida, com as buzinas berrando. Os seguranças do hotel não podiam estar mais posudos, em seu elemento, musculosos, abrindo caminho com shortinhos brancos e falando em microfones de cabeça com a gravidade de agentes do FBI. Duas garotas de peitos enormes e sem quadris posavam com risos bastante desesperados num tapete vermelho. Pareciam estranhos híbridas de homem e mulher - a parte peituda de cima era feminina, a de baixo parecia um garoto adolescente. Faziam poses idênticas, paradas meio de lado para os flashes, uma perna na frente da outra, corpos forçados num S, como se tentassem duplicar um diagrama da revista InStyle ou como se estivessem desesperadas para ir ao banheiro.

A mesa de recepção tinha uma precária pirâmide de tubos de Crème de Philgie, de aparência muito cirúrgica, branco simples com letras verdes simples. Olivia deu seu nome, pegou um dos brilhantes pacotes de matéria I para a imprensa e foi, lendo, na direção da turba, estremecendo diante da lista de ingredientes de nome repulsivo baseados em algas e estranhas criaturas marinhas.

Uma mulher de terninho preto surgiu do nada, montando o rosto no tipo de sorriso apavorante, de dentes brancos, parecidos com o de um macaco furioso.

— Oi! Você é a Olivia? Melissa, da Century PR. Bem-vinda. Como foi sua viagem? Como estava o tempo em Londres? — Ela fez Olivia seguir até o terraço, fazendo perguntas idiotas e intermináveis sem pausa para resposta. — Como é o seu quarto no hotel? Como vai Sally da Elan? Dê minhas lembranças a ela.

As duas saíram no deque. *Tout le monde* fashion e musical de Miami estava artisticamente arrumado em volta de alguns móveis de tamanho errado e espalhando-se por degraus até o jardim abaixo, onde cadeiras confortáveis cobertas de branco, abajures gigantescos

nas mesas o guarda-sóis enormes rodeavam a piscina iluminada de turquesa.

—Você experimentou o Martini Devorée? Recebeu o press release sobre o chefe de cozinha que preparou os pratos especiais que vamos oferecer esta noite?

Olivia deixou a falação automática de Melissa entrar por um ouvido e sair pelo outro. Em geral ela deixava as pessoas chatas fazerem o que tinham de fazer e esperava que dessem o fora o mais rápido possível. A noite havia caído com rapidez tropical. A paisagem estava iluminada por tochas, e mais além ficava o oceano, estourando no escuro. Ou talvez fosse um aparelho de ar condicionado, pensou. Havia alguma coisa estranha nessa festa. Parecia controlada e tensa, como Melissa. O vento estava levantando releases e guardanapos, sacudindo vestidos e cabelos. Havia pessoas em volta que não se encaixavam, movendo-se e olhando ansiosas demais para a Terra da Festa. Concentrou-se num grupo no canto mais distante, tentando deduzir quem eram. As mulheres eram do tipo modelo-e-atriz: cabelão, pernonas, vestidinhos. Os homens eram mais difíceis de situar: cabelos escuros, morenos, bigodões — podiam ser hispânicos ou indianos. Estavam tentando parecer ricos, mas não acertavam muito. Pareciam um anúncio de revista empresarial da Debenham's.

— Se me der licença, há alguém que eu preciso pegar. Ah, olha, ali está Jennifer... — Melissa desapareceu ainda falando, deixando Olivia para sozinha.

Por um segundo de reversão ao passado ela teve sentimentos residuais de insegurança. Pisou com força neles, como se fossem um besouro ou uma barata. Antes Olivia realmente odiava ir a festas. Era sensível demais aos sinais emitidos pelas outras pessoas para deslizar incólume através de qualquer reunião social. Gostava de ter conversas de verdade, e não momentos insensatos e falsos, e nunca conseguia realmente dominar a arte de circular suavemente de um grupo a outro. Em resultado costumava passar noites inteiras sentindo-se magoada ou grosseira. Mas acontecimentos dramáticos fizeram-na decidir que ia cagar e andar para tudo. Com o passar do tempo tinha apagado meticulosamente todas as ânsias femininas de

questionar sua forma, aparência, papel na vida ou o efeito que provocava nas outras pessoas. Olhava, analisava e se ajustava aos códigos enquanto os observava, sem permitir que eles afetassem ou comprometessem sua identidade.

Um dos itens prediletos em sua lista de Regras de Vida era “Ninguém está pensando em você. As pessoas só estão pensando nelas mesmas, assim como você”. Essa era uma regra particularmente útil nas festas. Significava, em consequência, que ninguém estava observando você. Portanto você podia simplesmente ficar na sua e observar, e ninguém pensaria que você era digna de pena. Ninguém, por exemplo, estava pensando agora que ela era Olivia Joules Sem Companhia porque estava sozinha. Ou pior, Rachel Pixley Sem Homem. Ninguém diria: "Rachel Pixley, você saiu da Escola Secundária de Worksop. Deixe o Hotel Delano neste instante e vá para a Pensão Post House no desvio de Nottingham."

Quando Rachel Pixley era uma colegial comum, morando com os pais em Worksop, vindo para o jantar numa casa quente, costumava pensar que seria glamouroso ser órfã, como Alona, a Selvagem era Bunty, ou Mandy — uma órfã selvagem e livre e que montava seu cavalo em pêlo ao longo da costa. Durante muito tempo depois de tudo aquilo ter acontecido, ela pensava que tinha sido punida por essa fantasia.

Quando Rachel tinha quatorze anos, sua mãe, o pai e o irmão foram atropelados por um caminhão numa travessia de pedestres. Rachel, que tinha ficado para trás comprando doces e uma revista, viu tudo. Foi posta aos cuidados de sua tia solteirona Monica, que tinha gatos e jornais o dia inteiro vestida de camisola. O apartamento cheirava a alguma coisa indefinível e ruim, mas apesar da cinza de cigarros que cobria como neve, e do modo excêntrico e impreciso com que passava o batom, tia Monica era linda e brilhante. Tinha estudado em Cambridge e ainda tocava piano maravilhosamente — quando não estava bêbada. Tocar piano bêbada, como Rachel veio a perceber no tempo que passou Chez tia Monica, era como dirigir bêbada - uma atividade pouco aconselhável, se é que não criminosa.

Na escola Rachel namorou um cara que tinha uns dois anos a mais do que ela, mas parecia mais velho do que todo mundo. O pai dele era vigia noturno e maníaco. Roxby não era exatamente bonito, mas era dono de si. Costumava trabalhar à noite como segurança no Romeo and Juliet's. E quando chegava em casa — porque nessa época ele e Rachel estavam morando juntos num quarto acima do restaurante chinês Hao Wah — ele costumava se sentar diante do computador investindo seus ganhos de segurança em ações.

Rachel, que sempre entendera o dinheiro como uma coisa que a gente ganha em quantidades muito pequenas através do trabalho, inicialmente resistiu à idéia de ganhar dinheiro com dinheiro. "Dinheiro não compra felicidade", tinha ensinado seu pai, que trabalhava duro. "Se você trabalhar duro e for honesta e gentil, nada pode lhe fazer mal." Mas tinha feito. Um caminhão o havia atropelado. Então Rachel se juntou com Roxby e trabalhava todo fim de semana no supermercado Morrisons', e à noite, depois da escola, a loja de esquina administrada por uma família paquistanesa, e deixava que ele investisse o dinheiro. Quando fez dezesseis anos, a apólice de seguro de vida do pai lhe foi passada. Ela possuía vinte libras para investir. Era o início dos anos oitenta. Estava a caminho de se tornar, se não uma mulher rica, pelo menos uma mulher independente.

Quando ela fez dezessete anos Roxby anunciou que era gay e se mudou para o distrito do canal de Manchester. E Rachel, de saco cheio depois de uma pancada depois da outra, lançou um olhar longo e duro para a vida. Tinha visto as irmãs mais velhas de suas amigas, radiantes e triunfantes, mostrando minúsculos solitários da H. Samuel's no dedo do noivado, passando menos obcecada com vestidos, flores e planejamentos, só para ser encontradas dois anos depois no shopping center, gordas, derrubadas e exaustas, empurrando carrinhos de bebê pela chuva, reclamando que foram espancadas, ignoradas ou abandonadas. E pensou: Corta essa. Começou com o nome. "Olivia" parecia chique. E a atração pela palavra "Joules" era a única coisa que se lembrava das aulas de física. Eu sou tudo o que tenho, pensou. Vou ser completa em mim mesma. Vou cagar e andar para tudo. Vou trabalhar com o que

tenho de bom e de ruim. Vou ser uma jornalista importante ou uma exploradora, e fazer alguma coisa que importe. Vou revirar esse mundo de merda em busca de alguma beleza e empolgação e vou me divertir pra cacete.

E isso aqui, pensou Olivia Joules enconstando-se na coluna do Delano, é muito mais lindo e empolgante do que Workshop. Ninguém está olhando você, siga a corrente e curta. Mas, infelizmente para a Regra de Vida, alguém está olhando-a. Enquanto continuava a examinar a festa, um par de olhos encontrou os seus num segundo de interesse extremamente carregado, depois se desviou. Ela também se desviou, depois olhou de novo. O sujeito estava parado sozinho. Era moreno e de aparência bastante aristocrática. Usava um terno um pouco preto demais e uma camisa um pouco branca demais — espalhafatoso demais para o Delano. E no entanto ele não parecia uma pessoa espalhafatosa. Havia uma calma nele. O sujeito se virou, e de repente os olhos dele encontraram os dela e de novo com aquela mensagem empolgante e não-verbal que às vezes se transmite por uma sala e diz: “Também quero trepar com você.” Bastava isto: um olhar. Não havia necessidade de flertar, de manobrar, de bater papo. Só aquele instante de reconhecimento. E tudo que você precisava era deixar correr, como numa dança.

— Tudo bem? — Era a relações-públicas hiperativa. Olivia percebendo que estava olhando cheia de luxúria para o espaço, lembrou-se de que tinha uma matéria para enviar no dia seguinte e que era melhor trabalhar nela. — Há um monte de gente que eu quero que você conheça — disse Melissa, começando a puxar Olivia. — Já comeu alguma coisa? Deixe-me ver se arranjo algumas pessoas para você conversar. Já conheceu Devorée?

Ponde de lado com firmeza a idéia de transar com estranhos ela voltou a atenção para o trabalho de conseguir declarações. Todo mundo queria sair na Elan inglesa, e o lançamento era um local fácil para bons bocados. Depois de cerca de uma hora ela estava com declarações vagamente baseadas em creme facial dadas por Devorée, Chris Blackwell, o gerente do Delano, dois homens bonitos que ela achou que eram de programa, o cara que fazia a lista da

Tantra, a RP de Michael Kors e P. Diddy. Era mais do que suficiente para o parágrafo solitário que inevitavelmente seria o total da cobertura da Elan. Partindo para a matéria "Miami Chique" do Sunday Times, preencheu rapidamente a sua lista com a avó de uma das modelos, que tinha morado na South Shore Strip antes do local ficar na moda de novo; um policial que dizia ter estado no local do crime depois dos tiros dados em Versace e que estava claramente mentindo e — la pièce de résistance — a ex-faxineira de Versace. Olivia até conseguiu um momento com J-LO, que lhe deu algumas palavras. Ela era quase eletrizante: pele luzida, grande voz e atitude — über-chique. Por um segundo Olivia começou a querer ser J-LO, depois se controlou e parou.

— Olivia? — Droga, era Melissa de novo. — Posso apresentar o criador do remee de Phylgie Devorée? Ainda que, claro, Devorée tenha escolhido os ingredientes pessoalmente.

Olivia soltou um ruído estranho. Era o homem que a estivera observando. Era uma mistura interessante de nobreza e poder: feições finas, nariz reto, sobrancelhas belas e arqueadas, olhos castanhos com as pálpebras baixas.

— Este é Pierre Fernando. — Ela ficou desapontada. O nome parecia uma coisa que você acharia escrito em falso cursivo dourado numa placa de plástico pregada numa gravata cara demais numa free-shop.

— Srta. Joules. — Ele estava usando um relógio de ouro ridiculamente caro, mas a mão era mais áspera do que Olivia esperava, e o aperto era forte.

— Prazer em conhecê-lo — disse ela. — Parabéns pelo Crème de Phylgie. Realmente contém lesmas-do-mar.

Mas ele não riu, ele fez os olhos brilharem.

— Não as lemas-do-mar em si, só uma essência: um óleo secreto pela pele.

— Parece uma coisa que dá vontade de tirar, e não de passar.

— Dá mesmo? — Ele levantou as sobrancelhas.

— Espero que não escreva isso na sua matéria — comentou Melissa com um sorrisinho.

— Tenho certeza que a Srta. Joules vai escrever com infinita sutileza e graça.

— Infinita — disse ela, levantando o queixo com ousadia.

Houve uma pausa extremamente carregada. Melissa olhou de um para outro, e depois começou a chilrear.

— Ah, olha, ela está indo embora. Pode nos dar licença? Pierre eu só quero dizer olá a uma de nossas convidadas muito especiais antes dela sair.

— Muito bem — disse ele cautelosamente, murmurando para Olivia enquanto saía: - Lesmas-do-mar, de fato.

Melissa apresentou Olivia a outros membros de sua base de clientes: dois participantes de uma banda. Olivia nunca tinha ouvido falar na banda, mas os dois garotos eram bem graciosos. Por baixo do cabelo branco-surfe, a pele dos dois mostrava uma mistura fascinante de frescor bronzeado e acne. Ela ouviu enquanto eles falavam da carreira, com risinhos nervosos.

— Estamos fazendo testes para papéis num... tipo... filme, saca? Com surfistas, saca? — Seu estranho tom interrogatório parecia sugerir que uma pessoa velha como Olivia talvez não entendesse palavras como “filme” ou “surfistas”, - Ele vai lançar o single tirado do disco, saca?

Coisinhas docinhos, pensou Olivia. Dois Sucessos, e eles estariam fora de cena, mas não sabiam. Sentiu vontade de bater um papo maternal, mas em vez disso apenas escutou e assentiu, olhando Pierre Ferramo com o canto do olho.

— Aquele é o cara que é... tipo... o produtor, saca? Do filme, saca? — sussurrou um dos garotos.

— Verdade?

Todos ficaram olhando enquanto Ferramo caminhava com nobreza na direção de um misterioso grupo de homens morenos acompanhados de modelos. Movia-se com graça, lânguido quase ao ponto de parecer predestinado, mas exalando uma sensação de tremendo poder latente. Fazia com que ela se lembrasse de alguém. O grupo se abriu como o Mar Vermelho para recebê-lo, como se ele fosse um guru ou Deus, em vez de criador de creme facial ou sei lá o quê. Sentou-se com graça, cruzando um perna em cima da outra,

revelando um pedaço de canela, sapatos pretos brilhantes e meias cinzas e finas. Um casal perto do grupo se levantou do sofá.

— Vamos sentar um pouco mais perto? — disse Olivia, assentindo na direção dos lugares vagos.

Era um sofá idiota, grande demais, por isso Olivia e os surfistas quase tiveram de subir em cima, e depois virtualmente se deitar ou ficar sentados com as pernas balançando, como crianças. Ferramo ergueu os olhos enquanto ela se sentava e inclinou graciosamente a cabeça. Ela deixou os sentidos acelerarem e desviou o olhar. Respirou lentamente, lembrando-se do treinamento de mergulho: só fique respirando, respirando fundo, fique calma o tempo todo.

Virou-se de novo para os garotos, cruzando as pernas e passando a mão na coxa. Umedeceu os lábios, riu e brincou um segundo com a delicada cruz de diamante e safira no pescoço. Podia sentir o olhar dele. Levantou os cílios, preparando-se para olhar direto naqueles olhos escuros e penetrantes. Ah. Pierre Ferramo estava olhando para o decote da modelo indiana alta e incrivelmente linda do outro lado dele. Disse alguma coisa a ela e os dois se levantaram, o braço dele em volta do dela, a mão no quadril, guiando-a para longe da mesa. Olivia olhou para um dos garotos espinhentos e deu um risinho tolo. Ele se inclinou para a frente e sussurrou:

— Isso me deixa doido.

E traçou um círculo minúsculo com o dedo na coxa dela. Ela deu um riso profundo e gutural e fechou os olhos. Fazia um bom tempo.

Na metade do terraço, Pierre Ferramo ouviu o riso de Olivia e levantou a cabeça, como um animal captando o cheiro. Virou-se para Melissa, que estava pairando junto de seu cotovelo, e murmurou algumas palavras para ela, depois continuou seu progresso digno para o saguão, com a modelo indiana alta e com cabelos sedosos ao lado.

Enquanto tomava seu martíni de maçã, Olivia estava inundo para pensar quem Ferramo lembrava: os olhos com pálpebras baixas, a sensação de inteligência e poder, os movimentos lânguidos.

Sentiu uma mão em seu braço e deu um pulo.

— Olivia? — Era a desgraçada da Melissa. — O sr. Ferramo gostaria que você comparecesse a uma festinha particular que vai acontecer no apartamento dele amanhã à noite.

Olivia mal podia respirar. Os pêlos de sua nuca e dos antebraços se eriçaram. De repente tinha percebido exatamente de quem Ferramo a lembrava. Osama bin Laden.

— Certo - disse, corajosa e resoluta, os olhos saltando para um lado e outro, em terror. — Estarei lá.

Melissa olhou-a com estranheza.

— É uma festa.

## Capítulo 4

Tremendo de alvoroço, medo e tesão, Olivia entrou no quarto e se jogou na cama. Chutou para longe as sandálias e, esfregando uma bolha no pé esquerdo com uma das mãos, digitou um número com a outra.

— Sou eu — sussurrou ansiosa ao telefone.

— Olivia, é de madrugada, porcaria.

— Eu sei, eu sei. Desculpe. Mas é muito importante.

— Certo, o que é? Não diga. Você descobriu que Miami é um holograma gigante desenhado por alienígenas? Você vai se casar com Elton John?

— Não. — Olivia começou a ter dúvidas com relação a pedir o conselho de Kate, se ela ia ficar assim.

— O que é? Anda.

—Acho que encontrei Osama bin Laden.

Kate começou a rir. Riu durante um bom tempo. Os ombros de Olivia descaíram e ela piscou depressa, magoada. Kate O' Neil era sua amiga, mas também era correspondente internacional do Sunday Times. Olivia queria sua aprovação mais do que podia admitir a si mesma.

— Certo — disse Kate por fim. — Quanto você bebeu exatamente?

— Não estou bêbada — disse Olivia, indignada.

—Tem certeza que não é Abraham Lincoln ressuscitado?

— Cala a boca. Mas sério. Pense só. Que lugar melhor para Osama Bin Laden se esconder do que à vista de todo mundo, onde ninguém espera?

— Eu poderia pensar em... bem, trezentos, talvez quatrocentos lugares. Ele tem um metro e noventa, quarenta e muitos anos?

— Não, esse é o ponto. Ele fez cirurgia plástica. Alterou completamente a aparência. Poderia facilmente ter diminuído um pouco cada perna e mudado o rosto.

— Certo, certo. Então, se você olhar desse modo, Osama Bin Laden poderia ser Oprah Winfrey, Britney Spears ou Eminem. Por que escolheu logo esse cara?

— É alguma coisa que há nele. Ele é meio lânguido.

— Ah, por que não disse? Lânguido? Bem, então é definitivo. Quer dizer, ele é o número um na Lista dos Mais Lânguidos do FBI.

— Cala a boca. Ele diz que se chama Pierre Ferramo. Está fingindo ser francês, mas não acho que seja. Ele até enrola um pouco os erres, como um árabe. Puxa, é brilhante.

— Certo, certo. Osama bin Ferramo estava tomando álcool?

— Sim — disse ela obedientemente.

— Flertou com você?

— Sim.

— Olivia, Osama bin Laden é muçulmano. Sabe o que é um mulçumano?

— Claro que sei — sibilou Olivia. — O que estou dizendo é que é um disfarce. Ele não está em uma caverna no Afeganistão. Está andando em círculos elegantes fingindo ser um empresário internacional/playboy/produtor. Eu vou chegar ao fundo disso. Vou levá-lo à justiça, salvar o mundo do terror e ficar milionária.

— Prometa uma coisa.

— O quê?

— Prometa que não vai ligar para o Barry e dizer que achou o Osama bin Laden no lançamento de um creme facial.

Olivia ficou quieta. Acreditava no pensamento independente. Frequentemente se perguntava: quando as torres gêmeas foram acertadas, quando as autoridades disseram a todo mundo para ficar onde estava e não evacuar o prédio, será que ela teria sido um dos que obedeceram e ficaram ou teria pensando por si mesma e saído?

— Certo — disse, desenxabida. — Obrigada e coisa e tal.

Mas não pôde dormir. Não conseguia deixar de pensar no brilho do plano de Osama bin Ferramo. Quem suspeitaria? Todo mundo sabia que os agentes de Al-Qaeda eram figuras esquisitas: engenheiros de Hamburgo, ou em velhas casas geminadas, dos anos trinta, em Cricklewood, comendo comida indiana para viagem,

rezando em mesquitas improvisadas e mandando suas instruções por fax a partir de agências de correio em Neasden. Os agentes da Al-Qaeda não produziam filmes nem tinham RPs hiperativas para divulgar seus perfis. Era o disfarce perfeito. Perfeito.

Pulou da cama e verificou seu e-mail. Nenhuma resposta de Barry. Então fez uma busca no Google digitando Pierre Ferramo.

Não havia nada sobre ele. Absolutamente nada. O motivo era óbvio demais.

Apagou as luzes e tentou dormir de novo. Porcaria de Jet-lag. Tinha que fazer alguma coisa. Caso contrário, dentro de quarenta e oito horas estaria de volta á chuva de Londres, escrevendo matérias sobre o avanço em ocultar a marca das calcinhas na última coleção de lingerie da Marlie & Spencer. O computador ronronava tentador no escuro. Que mal haveria em pelo menos alertar Barry?

## *Capítulo 5*

Sentou-se do lado de fora de um café na South Shore Strip, esperando a ligação matinal de Barry e desejando que parasse de ventar tanto. O dia estava ensolarado e úmido, mas o vento era uma constante ao fundo, rugindo e sacudindo panos. O café da manhã era a refeição predileta de Olivia: café e alguma coisa engordante como um muffin. Ou um bagel de salmão e queijo cremoso. Ou panquecas de banana. E o máximo de jornais possível espalhados diante dela. Mas nesta manhã o New York Times, o Miami Herald, o USA Today e dois tablóides ingleses tinham de ser contidos debaixo do sal e da pimenta. Ela havia pedido rabanadas de maçã e canela para erradicar os restos dos martínis de maçã da véspera. Trate maçã com maçã - como mordida de cobra com veneno de cobra.

Olivia acreditava que seu primeiro pensamento ao acordar era aquele que deveria ser ouvido. Mas esta manhã, devido a uma infeliz luta na cama com a persiana, que tinha estragado a perfeição do quarto ficando grudada com uma ponta para cima e a outra para baixo, com as palhetas se abrindo no meio, fora acordada às cinco e meia, depois de três horas de sono, pela força total do nascer do sol em Miami, e por isso não teve nenhum pensamento digno do nome. Assim, tecnicamente seu primeiro pensamento ao acordar seria o primeiro pensamento depois de tomar o primeiro gole de café. Isso aconteceria agora, pensou com alívio, vendo o garçom aparecer com o pedido. Sorriu agradecendo, encheu a xícara, tomou um gole delicioso e esperou o pensamento.

É ele, pensou, É Osama bin Laden escondido à vista de todo mundo, depois de uma baita cirurgia plástica e de tirar quinze centímetros de cada perna.

Derramou xarope de bordo no triângulo de rabanada de maçã e canela, enfiou a faca e viu o purê de maçã escorrer para fora, imaginando-se ao confrontar Osama bin Ferramo na festa dele naquela noite: "Matar é uma coisa muito errada. Nós, enquanto nações, devemos aprender a honrar nossas diferenças e viver em

paz." Osama bin Ferramo, desmoronando, concordaria entre soluços que sua Guerra Santa deveria terminar e que no futuro trabalharia sem descanso pela paz mundial ao lado de Paddy Ashdown, do presidente Carter, da Ginger Spice e do resto do pessoal. Olivia seria festejada internacionalmente, elevada a correspondente internacional, receberia um Pulitzer honorário... O celular tocou.

— Oi — atendeu em voz tensa, urgente, olhando para trás para verificar se não havia agentes da al-Qaeda. Era Barry.

— Certo, numero uno: essa história de prédio de apartamentos flutuante...

— É! — disse Olivia, empolgada. — É uma matéria realmente boa. É gigantesco. E as pessoas vivem nele o ano todo e simplesmente entram e saem de helicóptero. Eu poderia fazer em dois dias extras. — Olivia tinha enfiado o telefone entre o ouvido e o ombro enquanto mergulhava na rabanada de maçã.

— Ah, também acho que é uma boa história. Tão boa, na verdade, que, como você aparentemente deixou de notar, nós publicamos numa matéria de página inteira na seção Estilo na semana passada.

Olivia parou com a rabanada a meio caminho da boca.

— É uma seção do Sunday Times, o jornal para o qual você postamente trabalha. De fato, é a mesma seção do Sunday ri para a qual você supostamente trabalha. Presumo que você leia ocasionalmente o Sunday Times. Você pelo menos é familiarizada com ele?

— Sou — disse ela, sem graça.

— E esta outra "notícia fantástica" que você encontrou. O que pode ser? Miami invadida por golfinhos que andam? O ministro da informação do Iraque dando uma de DJ no saguão?

Graças a Deus ela não tinha mandado o e-mail para ele...

— Bem, na verdade é uma coisa em que estou começando a trabalhar. Eu conto mais daqui a uns dois.

— Cala a boca. Como a gente está indo com a matéria que a gente deveria estar fazendo? A matéria que você foi mandada fazer em Miami, a um custo considerável? Há alguma chance de darmos atenção a isso em algum momento?

— Ah, sim, sim. Eu estou fazendo. Está tudo bem. Mas tenho umas pistas muito boas para outra matéria. Garanto, é boa de verdade. Se eu pudesse ficar só mais uma noite e ir a uma festa, então...

— Não. Fim. Ah. Mande o “Miami Chique” até as seis horas da tarde, horário daí. Mil e quinhentas palavras. Grafadas corretamente. Com pontuação normal, e não tem um apanhado de marcas estranhas postas aleatoriamente, para ajudar. E depois não vá a festas. Vá fazer compras, ou se entregue a alguma outra forma de diversão irrelevante. Vá para o aeroporto, pegue o vôo noturno e venha para casa. Entendeu?

Com uma suprema força de vontade, ela se conteve e não contou que:

1. Ele estava perdendo a melhor matéria do século XXI,
2. Um dia ele iria se arrepender.
3. Quanto ao papo da pontuação: a linguagem era uma coisa linda e livremente fluente, evolutiva, que não deveria ser atrapalhada por regras e regulamentos artificiais nem por marcas estranhas impostas de fora, e não de dentro.

— Certo, chefe - disse em vez disso. - Mando até as seis horas.

A Elan ainda não tinha ligado para recusar a matéria do OceansApart, por isso ela pensou que não faria mal dar um pulo rapidinho no porto para dar uma olhada, só para garantir, de modo que, se por acaso a Elan ligasse e dissesse que sim, ela teria mais algum material. Além disso, podia pegar mais um pouco de cor local para a matéria do Sunday Times, já que estava com a mão na massa, já eram nove horas, mas ela achou que, se voltasse do OceansApart por volta das dez e meia, ainda teria sete horas e meia para escrever a matéria para Barry. E corrigir a grafia. E mandar por e-mail. Mas definitivamente daria certo. Definitivamente. Eram apenas umas duzentas palavras por hora. E ela poderia dar uma corrida! Afinal de contas, era vital se exercitar.

Infelizmente Olivia não tinha uma percepção adequada da passagem do tempo. De fato, Barry e Kate tinham observado em várias ocasiões que Olivia achava o tempo uma coisa pessoal, que ele se movia na velocidade que ela quisesse. A opinião deles era que esta não era uma crença compatível com ser uma jornalista com prazos a cumprir e coisa e tal.

Correr ao longo da South Shore Strip, mesmo na hora do café da manhã, era como ficar mudando de estações de rádio: um som diferente estrondeando de cada café. Garçons lavavam a calçada com mangueiras, jardineiros tiravam folhas. As filas de carros buzinando tinham sumido, e o pessoal das festas tinha ido recentemente para a cama. Olivia passou por um café que tocava salsa; dentro, tudo-paredes, mesas, pratos, menus — era coberto com a mesma estampa espalhafatosa de uma selva; as garçonetes, mesmo àquela hora, usavam malha de corpo inteiro e gola alta imitando pele de leopardo. Ela atravessou a rua para ter uma visão melhor da grandiosidade afrescalhada da mansão Versace e dos hotéis art déco - brancos, rosa, lilás, laranja -, o Pelican, o Avalon, o Casa Grande, curvas e funis sugerindo trens e transatlânticos. Já fazia calor, as sombras das palmeiras balouçantes se destacando nítidas contra o pavimento branco. Começou a trabalhar na matéria enquanto corria.

"Você pensa que Miami é cheia de condomínios com gente velha, com o zumbido de cadeiras de rodas se chocando umas com as outras? Pense de novo!"

"De repente há mais hotéis art déco restaurados em toda parte!"

"Se Paris são as novas músicas de elevador, Miami é o novo Eminem."

"Se Manchester é o novo Soho, Miami é a nova Manhattan."

"Se Eastbourne recebeu uma recauchutagem feita por Ian Schrager e Stella McCartney e depois obrigou todos os seus habitantes a entrar numa gigantesca máquina de bronzeamento artificial..."

Ah, meu Deus. Ela não podia mais fazer esse tipo de coisa. Era absurdo. Não significava nada. Tinha de achar uma história de verdade.

Na extremidade sul da avenida havia gigantescos prédios de apartamentos, e atrás deles, deslizando tranqüilamente, Olivia pôde ver um gigantesco navio de passageiros. Ela devia estar perto do cais. Seguiu correndo pela rua, à medida que a área ia ficando mais maltratada e de mau gosto, até chegar à beira d'água no South Pointe Park, onde o cais baixo passava direto na frente dos prédios de apartamentos e da marina. O navio estava se movendo depressa, com a traseira bulbosa desaparecendo na direção das docas: era grande, mas não era o OceansApart. Ela espiou para o horizonte além da embarcação: as torres do centro de Miami, as pontes em arco das vias expressas se entrecruzando sobre as vastidões de água, os guindastes marcando o cais. Começou a correr na direção deles, mas estavam mais longe do que pareciam; continuou pensando que, como estava tão perto, seria estupidez voltar.

Tinha parado no fim de uma ponte, tentando recuperar o fôlego e empurrando uma madeixa úmida para longe da testa, quando de repente percebeu que o que tinha pensado ser um prédio de escritórios atrás do navio era de fato o OceansApart. Ali, no porto, ele fazia todos os outros navios parecerem anões, brinquedos ou miniaturas. Era monolítico. Parecia grande demais para ser seguro, como se pudesse tombar.

Mais adiante uma pequena multidão estava reunida num trecho de gramado, com um grupo de táxis parado perto. Olivia foi até lá. Contou os converses: havia quinze. Fileiras de vigias e depois camada após camada de varandas. Havia pessoas sentadas em cadeiras brancas perto de mesas, tomando o café da manhã. Olhou a multidão em volta. Alguns eram claramente passageiros, tirando fotos com o OceansApart ao fundo, vestidos com as roupas espalhafatosas e bizarras que parecem combinar com a vida nos cruzeiros. Olivia sorriu ao ver uma senhora com rosto laranja brilhante e batom vermelho que tinha errado a boca, usando um paletozinho branco com dragonas e quepe de capitão, tendo junto

um marido embaraçado usando roupas de cruzeiro infantilizadas, em tons pastel, posando enquanto um taxista tirava fotos.

— Com licença, meu amor. — Era um sotaque do norte da Inglaterra.

Olivia se virou e viu um casal idoso, a senhora de cabelos castanho avermelhados usando um elegante vestido verde com bolsa creme e sapatos creme combinando. Os sapatos creme fizeram Olivia pensar nas férias em Bournemouth. O homem, que era apenas ligeiramente mais alto do que a mulher e atarracado, estava segurando o paletó dela. Era uma graça o modo como ele o alisava com jeito de proprietário, como se tivesse orgulho de estar segurando-o.

— Poderia tirar nossa foto na frente do navio? — A senhora estendeu uma máquina fotográfica descartável.

Olivia sorriu.

— De onde vocês são?

— Leeds, meu amor. Perto de Leeds.

— Eu sou de Worksop — disse Olivia, pegando a máquina.

— Que coisal — brincou o velho. — Você parece sem ar. Esteve correndo? Não quer recuperar o fôlego um minuto?

— Não, tudo bem. Mais perto — disse Olivia, espiando pelo visor. — Aah, esperem aí. Vou ter de recuar um pouco para colocar tudo em quadro.

— Não se incomode, amor. Só coloque um pouquinho. Nós sabemos o que é, não sabemos, Edward? — A mulher tinha uma mistura charmosa de aparência elegante e um amplo sotaque de Yorkshire.

Olivia apertou o botão da máquina, olhando o casal sorridente pelo visor. De repente foi como se as coisas apavorantes e ruins da vida tivessem recuado, e ela estava num lindo mundo de vovô e vovó, com latas de biscoito e paninhos de crochê. Para seu horror, sentiu lágrimas ardendo nas pálpebras.

— Aí está. Suvenir de Miami — disse um pouco animada demais, devolvendo a máquina.

A senhora deu um risinho.

— Correndo. Eu fico exausta só de olhar para você. Quer uma pastilha para tosse? - Ela começou a remexer na bolsa.

— E então, meu amor — disse o velho —, o que está fazendo tão longe de Worksop?

— Sou jornalista. Estou tentando convencer minha revista a deixar que eu escreva alguma coisa sobre o OceansApart.

— Epa, que ótimo. Uma jornalista. Isso é fantástico mesmo.

— Nós podemos lhe contar todo tipo de coisas sobre o navio, amor.

— Vocês moram nele?

— Sim! — disse o homem com orgulho.

— Bem, só uma parte do tempo — Corrigiu a mulher.

— Aquela é a nossa cabine. Olha, no meio, de cima para baixo, na metade, com a toalha cor-de-rosa — disse o homem, apontando.

— Ah, sim, parece legal. Uma linda varanda. A propósito, meu nome é Olivia.

— Elsie, e este é Edward. Nós estamos em lua-de-mel.

— Lua-de-mel? Vocês se conhecem há muito tempo?

— Cinquenta anos — disse Edward com orgulho. — Ela não me quis quando eu tinha dezoito anos.

— Bem, você começou a namorar outra. O que esperava?

— Só porque você não me quis.

Olivia adorava as histórias dos outros. É só raspar a superfície de qualquer pessoa e você vai encontrar alguma coisa estranha e complicada acontecendo.

— Quer uma carona para algum lugar? — perguntou o homem.  
— Nós vamos pegar um táxi para South Beach.

— Aah, sim, por favor. Na verdade, eu estou meio atrasada.

— Então, continuem com a história — disse Olivia enquanto o táxi entrava na via expressa.

— Bem — disse Elsie —, de qualquer modo, ele achou que eu não estava interessada, e eu pensei que ele não estava interessado, e nós moramos na mesma cidade por cinquenta anos e nunca dissemos nada. Então meu marido morreu, e Vera, que era a mulher de Edward, morreu, e aí...

— Bem, aqui estamos. Nós nos casamos há duas semanas e temos um monte de tempo perdido para compensar.

— Isso é tão triste! — disse Olivia. — Todo esse tempo desperdiçado.

— É — concordou Edward.

— Não, querida — disse Elsie. — Você não pode ficar se arrependendo das coisas, porque não poderia ter acontecido nada diferente.

— O que quer dizer?

— Bem, você sabe, é causa e efeito. Cada vez que alguma coisa acontece, é por causa de todas as outras coisas que estão acontecendo no mundo. Sempre que você toma uma decisão, não havia outra coisa que poderia ter feito, porque foi o lugar onde você estava, por exemplo, e todas as coisas que aconteceram até então que fizeram você decidir aquilo. De modo que não há sentido em se arrepender de nada.

Olivia encarou-a, assentindo pensativamente.

— Vou acrescentar isso às minhas Regras de Vida — disse ela. Seu celular tocou, droga.

— Pode atender, amor, não nos incomodamos.

Era uma editora da Elan, gritando para ela que queriam a matéria do OceansApart e que ela podia ficar mais duas noites para fazê-la.

— Mas não queremos nada de sapatos brancos e cabelos com rinsagem azul, certo? — Olivia se encolheu, esperando que seus novos amigos não ouvissem. — Queremos gente chique, e não um chiqueiro de caquéticos.

Olivia se despediu e desligou o telefone com um suspiro. Ele tocou de novo imediatamente.

— Onde você está? — berrou Barry. — Acabei de ligar para o hotel e você não está lá. Que porra está fazendo?

— Eu. Estou. Fa. Zendo. A. Matéria — disse ela. — Só estou fazendo um pouco de pesquisa extra.

— Vá se foder e escreva logo. Às seis horas tem de estar pronta, mil e quinhentas palavras. Ou é a última vez que eu mando você para o exterior.

- Ele pareceu um pouco agitado — observou Edward
- Eu não gosto de homens que gritam. E você? - disse Elsie.

Ela combinou de ir conversar com os dois na manhã seguinte às onze horas. Eles disseram que iam apresentá-la ao gerente de residência e mostrariam o apartamento deles e “todas as comodidades”. Deixaram-na diante do Delano, Olivia olhou o relógio e percebeu que infelizmente eram quase quinze para o meio-dia.

— Se o sexo e a nova música de elevador, Miami é a nova Manhattan. Se...

Eram quinze para as quatro e ela ainda não tinha o parágrafo de abertura. Recostou-se na cadeira diante do computador, com a caneta na boca. Olhando para trás cheia de culpa, como se estivesse na redação, conectou-se e entrou no Google, digitando "Pierre Ferramo". Ainda não havia nada. Era definitivamente estranho. Se ele fosse de verdade, haveria pelo menos alguma coisa. Digitou "Olivia Joules". Veja só, até ela tinha duzentos e noventa e três registros. Começou a lê-los: matérias dos anos em que estivera tentando se firmar como jornalista, a primeira sobre alarmes de carros. Exposição de Cães de Crufts. Sorriu com carinho pelas lembranças. Depois pensou que teria de dar uma olhada nas roupas e pensar no que usaria na festa. Quando se levantou, viu o relógio.

Ahcaralhoputaqueopariu! Eram quatro e trinta e cinco, e não tinha escrito nem uma palavra.

Olivia mergulhou de volta para a mesa e batucou seu elegante iBook de titânio com súbito frenesi.

“Na capital da Inglaterra os mundos da moda, da música, da TV, do teatro, do cinema, da literatura, dos jornais e da política se combinam numa pequena cidade como um novelo de cobras se retorcendo. Nos Estados Unidos essas áreas são separadas em capitais próprias. Tradicionalmente, a política ficava em Washington, a literatura, as artes e a moda em Nova York, a indústria de diversões em LA. Mas nos últimos anos Miami — ex-capital das armas, dos negócios escusos, dos contrabandistas e dos velhos em busca do sol - explodiu entre as capitais num jorro de luz quente, art

déco e pele de leopardo como o centro do chique extravagante, com o brilho da musica, da moda e da diversão sendo atraído cada vez mais pela força de um gigantesco ímã rosa e azul-gelo."

Pronto. Hahahaha. Ela faria correções e começaria com um pouco de cor. Moleza. O telefone tocou. Era Melissa, a relações-públicas, "só perguntando" como ela estava indo com a matéria e verificando se iria à "pequena reunião" de Pierre Ferramo. Olivia tentou digitar com uma das mãos e o telefone enfiado sob o queixo, esperando desesperadamente uma pausa entre frases que nunca vinha. Nem bem se livrara de Melissa o telefone tocou de novo. Dessa vez era a editora da Elan, num tom calmo, querendo falar mais sobre a matéria do OceansApart: a abordagem, o tamanho, o estilo, pessoas que poderiam ser entrevistadas. Eram quase cinco horas. Não tinha jeito. Não tinha jeito. Por que, porra, ela havia entrado nessa confusão? Estava condenada - condenada a escrever matérias que começavam com: "De repente há mais chapéus em toda parte!" Nunca mais poderia sair da redação.

## Capítulo 6

Em Londres, na redação do Sunday Times, Barry Wilkinson estava andando de um lado para o outro na frente do grande relógio antiquado, xingando Olivia.

Olhou, furioso, o segundo ponteiro tiquetaquear na direção das onze horas, preparado para pegar o telefone.

— Certo, a vaca idiota furou. Vamos ter de colocar a matéria de reserva.

O assistente de Barry irrompeu na sala brandindo um impresso.

— Ela mandou!

— E? — perguntou Barry, furioso.

— É fantástica.

— Humf— disse Barry.

Enquanto isso, Olivia também estivera olhando furiosamente o relógio, mas diferentemente de Barry estivera fazendo isso ao mesmo tempo que experimentava roupas. Por que as pessoas nos Estados Unidos faziam tudo tão cedo? Almoço ao meio-dia. Jantar às sete. Era como estar de volta aos anos sessenta em Worksop. E agora iria enfrentar uma festa assustadora dada por Osama bin Laden. Riu consigo mesma, lembrando-se de uma entrevista que tinha lido, com a mulher de um dono de jornal da Inglaterra, sobre como enfrentar ocasiões assustadoras. A mulher tinha dito: "Ora a gente simplesmente veste um Balenciaga e vai!"

Olivia tão demorou muito. Tudo que estava fazendo era escolher um uniforme. Oito anos antes, como parte da metamorfose de Rachel para Olivia, fizera um esforço supremo para se mudar de gorducha para magra, para se armar de um corpo fantástico como uma ferramenta útil na vida. O que a havia espantado era como o mundo tinha tratado de modo diferente seu antigo eu gorducho e seu novo eu magro. Se você quisesse criar comoção e fazer com que todo mundo a notasse, não era tão difícil. Você usava alguma muito pequena e que atraísse a atenção, como uma aspirante a estrela de cinema faz num dia de estréia. Se quisesse que ninguém notasse

que você estava ali: jeans mal-ajustados com lenços nos bolsos, sapatos baixos e suéter largo, nada de maquiagem, óculos e cabelo espalhado por tudo que é canto. Ao seu modo instintivo, ela se tornou mestre nos disfarces. Vestir-se tinha tudo a ver com uniformes e códigos. Fora de Worksop as pessoas não olhavam muito além disso, até que você as conhecesse, se chegasse tão longe.

Essa noite, decidiu, precisava de uma aparência atraente, mas não leviana demais a ponto de ofender alguma possível sensibilidade muçulmana (complicado), e sapatos que permitissem andar ou pelo menos ficar parada sem ganhar bolhas. Tinha posto, na mala seu rico uniforme de atrair a atenção (coisas esguias de grife, belos sapatos altos com os quais era possível andar mas não necessariamente subir escadas, jóias chiques suficientes para disfarçar algumas bijuterias mais vistosas) e também seu equipamento usual: caneta com spray de pimenta, binóculo, alfinete de chapéu (uma velha arma de sua mãe para enfrentar supostos assaltantes) e a lata de sobrevivência, claro.

Depois de um número de tentativas muito pequeno, chegou às suas sandálias Gucci que davam alegria nos limites do sadomasoquismo, um vestido justo simples e claro e uma echarpe Pucci para cobrir os ombros. Pensou em cobrir também a cabeça, depois percebeu que estava indo longe demais. Deu um sorriso estimulante, quase de chefe de torcida, para seu reflexo e ligou para baixo pedindo um táxi. No último momento enfiou o alfinete de chapéu, o spray de pimenta e a lata de sobrevivência na bolsa Louis Vuitton, junto com seu caderno de telefones em miniatura, só para garantir. Mostraria ao Barry.

Ligou a CNN logo antes de sair para ver se tinha acontecido alguma coisa empolgante. Estava passando uma matéria sobre uma cápsula do tempo de cinquenta anos atrás, que foi descoberta numa escola.

— Uma mensagem do passado — pausa dramática — dos que viveram aquela época — concluiu o apresentador em tom solene. Olivia riu. Adorava a fraseologia tipo charada da CNN: “Ele é alto,

tem bigode e quer envenenar o mundo: Saddam Hussein!" "É molhada, é transparente, mas sem ela nós morreríamos:águaaaa!" Então seu olhar foi atraído pela tira de texto que passava embaixo das imagens: ao lado de "Yankees 11 : Redsox: 6", dizia: " Osama Bin Laden visto no sil do Iêmen. As fontes dizem que o avistamento é 'conclusivo'."

Ela ficou olhando, piscando, incrédula.

— Ah - disse por fim. — Minha nossa. Mas, obviamente, isso é bom.

## *Capítulo 7*

A sensação de encabulamento de Olivia cresceu quando ela chegou ao prédio de Ferramo e percebeu que tinha se deixado levar longe demais. Estivera esperando um cruzamento entre um caríssimo hotel de Knightsbridge e os interiores preferidos por Saddam Hussein em seus primeiros vídeos promocionais: tapetes espalhados, sofás bege quadrados, arranjos de flores sobre pés compridos diante de cortinas longas, cadeiras douradas cheias de arabescos e abajures bulbosos. Em sua mente febril, tinham brotado em Ferramo uma barba, um turbante, mantos amplos e uma Kalashnikov. Estava esperando doces almíscares e perfumes do Oriente Médio, deleites turcos (por algum motivo) e Ferramo sentado com as pernas cruzadas num tapete de orações diante de um dos abajures bulbosos.

Mas o prédio era ultramoderno, com as áreas públicas decoradas num estilo implacavelmente minimalista com uma leve tendência para o náutico — tudo era branco ou azul, e pintalgado com toques de vigias de navio, isto é, coisas redondas. Não havia abajures enormes nem poltronas com arabescos. A cobertura de Pierre Ferramo ocupava todo o décimo nono e o vigésimo andares. Quando ela saiu do elevador branco metálico com uma vigia, olhou pasma para o espetáculo à frente.

O vigésimo andar era um vasto salão com paredes de vidro dando num terraço virado para o mar. Uma piscina iluminada — azul-petróleo brilhante — se estendia por toda a extensão do terraço. No fundo do salão, através de uma das paredes de vidro, o sol estava se pondo atrás da silhueta de Miami num jorro flamejante de laranja e rosa-salmão.

Ferramo estava sentado à cabeceira de uma vasta mesa branca, onde acontecia um jogo de cartas, com um ar quase palpável de seriedade e poder emanando de sua figura morena e elegante. Atrás, a alta modelo indiana pousava uma das mãos, estilo consorte, no ombro dele. Seu cabelo preto e comprido brilhava de

encontro a um vestido de noite branquíssimo, mas todo o efeito era estragado por uma quantidade espantosa de diamantes.

Olivia desviou o olhar, envergonhada, com medo de que, de algum modo, Ferramo soubesse das coisas lunáticas que giravam em seu cérebro. Ele parecia um empresário inteligente e digno: um homem rico, certamente um homem poderoso, mas não um terrorista. Graças a Deus ela não tinha dito nada a Barry.

— Seu nome? — disse o rapaz que estava na entrada, segurando uma lista.

— Olivia Joules — disse ela, lutando contra a ânsia de pedir desculpas, genericamente.

— Ah, sim, por aqui.

O rapaz levou-a até um garçom que segurava uma bandeja. Ela escolheu cuidadosamente um copo d'água — nada de pagar mico bêbada esta noite: Ninguém está pensando em você. eles estão pensando em si mesmos, exatamente como você.

Duas garotas de camiseta e jeans apertados, com o cós quase indecentemente baixo, trocavam beijinhos no ar. Ela as reconheceu como as garotas que estiveram posando em forma de S no tapete vermelho, na véspera.

— Ah. Meu. Deus. — A mão de uma das garotas foi até a boca.  
— Eu tenho essa camiseta aí.

— Está brincando.

— Exatamente a mesma camiseta.

— Onde você comprou?

— Na Gap.

— Eu também! Eu comprei na Gap.

— Ah. Meu. Deus.

As duas se encararam, suplantadas por essa coincidência quase mágica. Olivia sentiu que tinha de ajudá-las a resolver isso antes que uma das duas explodisse no tapete branco. Foi lentamente na direção delas.

— Oi. Como vocês duas se conhecem? — perguntou com um sorriso amigável, lutando contra a sensação de ser a garota mais impopular do pátio da escola. Queria ter a camiseta da Gap também.

— Ah, nós duas trabalhamos na...

— Nós somos atrizes — disse a outra rapidamente.

Elas, como as camisetas, eram idênticas de um modo quase assustador. Quadris minúsculos, cabelos louros compridos, lápis marrom delineando os beicinhos brilhantes aumentados com colágeno.

— Atrizes! Uau — disse Olivia.

— Eu sou Demi — disse a menos bonita. — Esta é Kimberley. De onde você é?

— Da Inglaterra.

— Inglaterra? É em Londres? — disse Kimberley. — Eu quero ir a Londres.

— Vocês têm sorte de morar aqui.

— Nós não moramos em Miami, só estamos visitando. Somos de L.A. Bem, não de L.A.

— Minha família é parte italiana, parte romena e parte cherokee — explicou Kimberley.

— Eu sou Olivia — disse ela, apertando as mãos sentindo-se medonhamente inglesa. — Então só estão de visita? Estão trabalhando aqui?

— Não - disse Kimberley distraidamente, puxando os jeans. — Pierre só trouxe a gente de avião para o lançamento.

— Foi legal da parte dele. Ele é lindo, não é?

— É. Você é atriz? - perguntou Kimberley cheia de suspeitas. — Você conhece ele de Paris?

— Não sou capaz de representar nem para ganhar uma bala. Só o conheci ontem à noite. Sou jornalista.

— Ah. Meu. Deus. De que revista?

— Elan? É a Elan inglesa, não é? Você deveria ir a LA. Deveria ligar para a gente. Poderia fazer um perfil sobre a gente.

— Certo — disse ela, pegando seu caderninho de telefones na bolsa, escondendo a lata de sobrevivência. — Qual é o número?

As duas garotas se entreolharam.

— Na verdade nós estamos nos mudando no momento — disse Demi.

— Mas você pode nos encontrar através de Melissa. Você sabe, que faz RP para Pierre.

— Ou pode ligar para a gente no trabalho, no Hilton.

Kimberley olhou furiosa para Demi.

— Só estamos trabalhando lá temporariamente — disse em voz cortante. — Para ter o que fazer entre os testes e os ensaios.

— Claro. Que Hilton?

— O Beverly Hilton, sabe? — disse Demi, ansiosa. — No Santa Monica com Wilshire, sabe? Onde fazem o Globo de Ouro, sabe? Em geral eu cuido do banheiro feminino durante o Globo. É incrível: quatro postos de maquiagem, todo tipo de perfume. Todas as grandes estrelas aparecem para retocar: Nicole Kidman, Courtney Cox, Jennifer Connely, você tem de conhecer elas de perto.

*Ah, pelo amor de Deus. Osama Bin Ferramo, de fato! Ele não passava de um playboy...*

— Uau. Como é Nicole Kidman? - perguntou Olivia.

— Ah, meu Deus — disse Demi, com a mão no coração.

— Mas na verdade — Kimberley se inclinou para a frente com ar de conspiração — nós vamos estrelar um filme que Pierre está produzindo. Você já ouviu falar naquele...

*...um playboy cínicos, playboyando os sonhos de inocentes aspirantezinhas a estrelas.*

— Posso interrompê-las, senhoras?

Olivia se virou. Um homem baixo e moreno tinha se juntado a elas, com os pêlos pretos do peito brotando de uma camisa pólo amarela. Os pêlos do peito, como os cabelos, eram muito encaracolados, como pentelhos. Ele cheirava a um perfume horrível e doce. Estendeu a mão, olhando os peitos dela.

— Oi, neném. Alfonso Perez. E você é...

— Oi, coelhinho. Olivia Joules — disse ela, olhando para a virilha dele. — Conheci Pierre ontem à noite no lançamento de Devorée.

— Ah, sim. E você é atriz também? Quem sabe a gente consegue um papel para você? — Ele tinha um sotaque forte, com erres muito enrolados.

— Não, obrigada. Eu não conseguiria representar nem para sair de um saco de papel.

— Isso é engraçado - disse Kimberley. Por que os americanos dizem "isso é engraçado"? Diziam isso em vez de rir, como se a graça fosse uma coisa que você observasse de longe, sem se envolver com ela.

— Verdade, srta. Joules? Não quer ser atriz? — Era Ferramo, que de algum modo tinha se juntado a eles sem que ninguém notasse.

Kimberley e Demi inspiraram fundo ao mesmo tempo. Ficaram olhando, com os beicinhos delineados momentaneamente abertos. As pernas de Pierre Ferramo estavam dentro de jeans muito bem passados a ferro. Seus ombros pareciam largos num suéter de cashmere cinza macia. Olivia se obrigou a respirar normalmente e olhou para os olhos escuros e penetrantes. Ele ergueu as sobrancelhas interrogativamente.

— Tentei representar uma vez. Ganhei uns papéis numa revista de comédia. Um a um os papéis foram tirados de mim, a não ser o da srta. Guided, a camareira muda.

As aspirantes e o sujeitinho oleoso olharam para ela, pasmos.

Ferramo demonstrou um brilho de diversão.

— Podem nos dar licença? — disse ao grupo, pegando o braço dela e começando a guiá-la para longe.

Enquanto as aspirantes olhavam furiosas, Olivia teve de lutar contra os sentimentos de presunção e superioridade de pátio de escola, sentimentos profundamente desaprovados em qualquer circunstância. Dividir e governar, pegou-se pensando. Ferramo estava dividindo seu galinheiro para poder governá-lo.

Um garçom veio correndo com uma bandeja de champanhe.

— Ah, não, obrigada — disse Olivia rapidamente quando Ferramo lhe entregou uma taça de pé comprido.

— Mas deve — murmurou ele. — É francês. O melhor.

*Sim, mas você é? O sotaque dele não era fácil de situar*

— Non, merci — disse ela. — Et vous? Vous êtes français?

— Mais bien sûr — disse ele com um olhar aprovador — Et jê crois que vous parlez bien le français. Vous êtes, ou - je peux? — tu

est une femme bien éduquée.

Eu gostaria. Colégio Worksop, pensou, mas apenas sorriu misteriosamente, perguntando-se se *éduquée* era de fato uma palavra francesa e decidindo procurar mais tarde.

Olivia tinha bom ouvido para línguas, havia descoberto que mesmo quando não podia falar uma língua estrangeira freqüentemente podia entendê-la. Mesmo se as palavras fossem emboladas, em geral ela conseguia adivinhar o que a pessoa podia estar dizendo ou deduzir através de sua sensibilidade às nuances de expressão. Houve um tempo em que sua falta de formação universitária a deixava triste, por isso compensou sozinha. Com livros, fitas e visitas tinha desenvolvido a fluência em francês e passáveis espanhol e alemão. Duas visitas ao Sudão e às ilhas muçulmanas de Zanzibar e Lamu tinham lhe dado os rudimentos de árabe. Infelizmente o mundo do jornalismo de estilo-e-beleza não lhe dava muita chance de usar tudo isso.

Tomando um comprido gole de champanhe, Ferramo guiou-a pela festa, ignorando os pedidos de atenção. Era como estar com a estrela na estréia de um filme. Olhos seguiam-nos, em particular os da alta beldade indiana.

— Mas claro, srta. Joules, os franceses não são exatamente *populaire* no seu país — disse ele, levando-a para o terraço.

— Menos ainda neste. — Ela riu. — Homer Simpson os chamou de macacos covardes comedores de queijo. — Ela o encarou, flertando num sorriso enquanto avaliava a reação dele.

Ferramo se encostou no corrimão estilo navio de cruzeiro e sorriu de volta, sinalizando para ela se aproximar.

— Ah, o Monsieur Simpson. A fonte de toda a sabedoria humana. E você? Está de acordo com a *sensibilité* francesa?

Ela se encostou no frio corrimão de metal e olhou para o mar. O vento continuava furioso. A lua aparecia de vez em quando por trás de nuvens esfarrapadas e velozes.

— Fui contra a invasão, se é o que você quer dizer.

— Porque...

— Não fazia qualquer sentido. Eles estavam punindo alguém por violar as leis internacionais violando as leis internacionais. Não

acho que Saddam tenha algo a ver com o ataque ao World Trade Center. Ele e a al-Qaeda se odiavam. Não havia provas de que ele ainda possuísse armas químicas. Fiquei pensando se havia alguma coisa que não estavam nos contando, mas não havia. Isso só me fez pensar que a gente não deve prestar atenção a quem está no poder.

— Está certa. Você não é atriz. — Ferramo riu. — Você fala com o coração.

— Isso é pegar meio pesado com as velhas atrizes, não é?

— Bobagem! Você sabe que todo dia chegam mais de quinhentas jovens a Los Angeles esperando ser atrizes, perseguindo a fama e a fortuna como se fossem gafanhotos? Não há mais nada de valioso na vida delas.

— Você parece ter posto um bocado delas sob as asas.

— Eu gostaria de ajudá-las,

— Claro,

Ele a encarou incisivamente.

— É uma profissão brutal.

— Pierre? — A alta beldade indiana saiu na varanda e tocou possessivamente o braço dele. Estava acompanhada por um homem bonito, bem tonificado, de uns quarenta anos, com sorriso largo que se inclinava para cima nos cantos (um cruzamento entre o de Jack Nicholson e o do Gato Félix). — Posso apresentá-lo a Michael Monteroso? Você lembra, o gênio da técnica facial que esteve nos ajudando. Ele é o queridinho de Hollywood — acrescentou ela franzindo o nariz para Olivia numa tentativa de aparentar uma conspiração entre adolescentes. — Bastidores e tudo.

Por uma fração de segundo um olhar de desprezo atravessou as feições finas de Ferramo, mas ele logo botou no rosto um sorriso gracioso.

— Mas claro, Michael. É um prazer. Estou feliz em finalmente conhecer o mestre. — Monteroso e ele apertaram as mãos. Eu quero apresentar uma amiga de Londres, Olivia Joules — disse Ferramo. — Uma escritora muito distinta. — Ele apertou o braço dela, como a sugerir uma piada entre os dois. — E, Olivia, esta é Suraya Steele.

— Oi — disse Suraya com frieza, passando a mão pelo cabelo na têmpora e jogando para trás a comprida cortina preta que

cascateou nos ombros.

Olivia se enrijeceu. Odiava mulheres que ficavam jogando os cabelos. Parecia uma coisa maliciosamente vaidosa: disfarçando a presunção capilar e a busca de atenção do tipo "todo mundo olha para mim e meu cabelo lindo" como se fosse arrumação dos cabelos, como se estivesse jogando o cabelo simplesmente para tirá-lo do rosto. Nesse caso, por que não usar um prendedor ou uma faixa tipo Alice?

— Você não escreve sobre beleza para a Elan? — ronronou Suraya, ligeiramente com pena.

— Verdade? — disse Michael Monteroso. — Deixe-me dar meu cartão e o endereço do meu site. O que eu faço é uma técnica especial microdermabrasiva de lifting instantâneo. Fiz com Devorée três minutos antes do prêmio MTV.

— E ela não ficou linda? — disse Suraya.

— Com licença? - murmurou Pierre. —Tenho de voltar ao jogo. Não há nada pior do que um anfitrião que ganha. Só um anfitrião que ganha e vai embora. — É, nós deveríamos sem dúvida voltar para lá. — O sotaque de Suraya era estranho. Era uma mistura fluida de americano da Costa Oeste com um Bombaim de livro. — Não quero resmungos descontentes.

Enquanto Michael Monteroso olhava com evidente desapontamento as costas de Ferramo recuando, não havia necessidade de Olivia se lembrar que ninguém estava pensando nela. Monteroso parecia um homem que tinha aberto com as garras o caminho para o sucesso tarde na vida e estava se agarrando a ele com tudo que podia. Assentiu vagamente para ela, virou-se para ver se havia alguém mais interessante com quem falar e abriu um sorriso de dentes brancos.

— Ei, Travis! Como vai, cara?

— Bem, bem. É um prazer ver você.

O sujeito que bateu a mão na de Monteroso era um dos homens mais francamente boatos que Olivia já vira, com olhos azul-gelo, lupinos, mas ela sentiu que havia desespero.

— Como vão as coisas? — disse Monteroso. — E os trabalhos de ator?

— Bem, bem, você sabe. Estou escrevendo um pouco e você sabe, fazendo administração de estilo, e estou fazendo uma espécie de caixas de linha da vida, e, você sabe..

*Isso significa está indo mal no ramo da interpretação, pensou Olivia, tentando não sorrir.*

— Olivia, vi que você conheceu Travis Brancato! Sabia que ele está escrevendo o roteiro do novo filme de Pierre?

Com o coração apertando, Olivia escutou educadamente a lengalenga de Melissa, depois escapou até achar os caras risonhos tipo Beavis e Butthead do Break, que lhe disseram empolgados que iam ser figurantes surfistas no filme de Ferramo, e a apresentaram a Winston, um negro lindo, instrutor de mergulho, que trabalhava em vários hotéis nas Keys e estava na cidade para pegar clientes no OceansApart. Ele se ofereceu para mostrar o navio na tarde seguinte, talvez até levá-la para um mergulho.

— Estou com a sensação de que não vou estar ocupado. Até agora só tive cliente e precisei trazê-lo de volta porque ele tinha marcapasso.

Infelizmente ela foi tentada de novo por Melissa que trouxe um realease e uma metralhadora de papo furado sobre o novo filme de Ferramo, inclusive a notícia de que Winston seria o consultor subaquático. Olivia foi obrigada a concluir que o motivo para estar lá não era porque Pierre Ferramo a havia notado, e sim porque ela deveria escrever uma matéria promovendo o seu novo filme.

Saiu da multidão e voltou ao terraço, lutando contra sentimentos de frustração e indignação por se deixar ser manipulada como uma idiota. Olhando para o mar, agora havia apenas escuridão. Não podia perceber onde as dunas terminavam e a praia começava, mas dava para ouvir as ondas batendo. Percebeu uma escada de metal subindo em caracol da varanda até um nível mais alto. Uma saída de incêndio? Olhou furtivamente em volta e subiu, chegando a um pequeno deque particular, cercado por uma tela de madeira. Sentou-se fora do vento, enrolando-se com a echarpe. Se Ferramo fosse Bin Laden, seria uma coisa. Se ele fosse um

empresário inteligente e digno que tinha ficado a fim dela, seria outra. Mas ele era um playboy, rodeando-se com um harém de aspirantes de ambos os sexos e usando alguma invenção insana de um filme que jamais daria em nada para atraí-los como otários inocentes.

Por um segundo sentiu-se solitária e triste. Então lembrou-se que não estava solitária e triste. Ela era Olivia Joules. Tinha rejeitado uma vida fritando ovos para algum homem mandão e empurrando um carrinho de bebê pelo centro comercial de Worksop. Era uma mulher que se fizera sozinha, viajando o mundo em busca de significado e aventura. Precisava sair dessa festa idiota e ir em frente.

Houve um som na escada de metal. Alguém estava subindo. Ela ficou onde estava, com o coração martelando. Não tinha feito nada de errado. Por que não deveria subir no telhado?

— Ora, srta. Joules. Está empoleirada aqui em cima como um passarinho.

Ferramo estava trazendo champanhe e duas taças.

— Agora, sem dúvida, vai se juntar a mim numa taça de Cristal.

Ela cedeu. Tomou um gole do exótico champanhe gelado e pensou: *Regra de Vida número quatorze: às vezes você tem simplesmente de seguir a corrente.*

— Agora me diga — perguntou ele —, você pode relaxar? Seu trabalho terminou? Já tem sua matéria?

— Ah, sim, mas agora estou cobrindo outra. O OceansApart. Sabe? O gigantesco navio de apartamentos que está ancorado no porto.

— Ah, verdade? Que interessante. — Seu rosto dizia o oposto.

— Mas eu realmente quero cobrir notícias de verdade — disse da às pressas, tentando corrigir a impressão superficial. — Notícias de verdade — ah, minha nossa —, não que o creme facial não seja...

— Entendo. Não é uma coisa de importância global. E com o OceansApart você vai fazer o quê? Entrevistas? Uma visita ao navio?

— É. Na verdade eu conheci um casal muito interessante, do norte da Inglaterra, como eu. Vou vê-los amanhã e...

— A que horas?

— Hmm, de manhã, às...

— Eu realmente não acho boa idéia — murmurou ele, afastando a taça dela e puxando-a para perto.

— Por quê? — Ele estava tão perto que dava para sentir sua respiração na bochecha.

— Porque espero que amanhã você esteja tomando o café da manhã comigo. Ele estendeu a mão e tocou seu rosto, levantando-o habilmente para o dele, com os olhos se dissolvendo nos dela. Beijou-a, a princípio hesitante, os lábios secos contra sua boca, depois de um jeito passional, de modo que o corpo de Olivia pulsou de vida e ela estava beijando-o de volta com a mesma paixão.

— Não, não — disse ela, subitamente se afastando. O que estava fazendo? Embolando-se com um playboy que tinha um quarto cheio das outras transas lá embaixo.

Ele baixou os olhos, recompondo-se, controlando a respiração.

— Alguma coisa errada?

— Acabei de conhecer você. Não sei nada a seu respeito.

— Sei — disse ele, assentando, pensativo. — Está certo. Então vamos nos encontrar amanhã às nove. Eu vou ao Delano. E começar a nos conhecer. Vai estar lá?

Ela assentiu.

— Você cumpre a palavra? Pode atrasar sua entrevista?

— Sim. — Ela não precisava. Só ia acontecer às onze.

— Então tudo bem. — Ele se levantou, estendeu a mão e ajudou-a a ficar de pé, sorrindo com um clarão de seus dentes perfeitos. — E agora devemos voltar à festa.

Enquanto saía, Olivia viu a lista de convidados, abandonada sob guardanapos amarrotados e copos sujos numa mesa branca junto à porta. No momento em que estendia a mão para ela, uma porta se abriu atrás da mesa e Demi emergiu ajustando a blusa, seguida pelo rapaz moreno que estivera encarregado da entrada.

— Oi — disse Demi, rindo sem graça, e voltou para a festa.

— Acho que entreguei meu casaco a você quando cheguei, não foi? — disse Olivia ao rapaz, dando-lhe um riso conspiratório. —Azul-

claro, de camurça.

— Claro. Vou procurar agora mesmo. Eu gosto do seu sotaque.

— Obrigada. — Ela lançou-lhe um sorriso ofuscante. Gosto do seu sotaque também, pensou. E não é mais francês do que o do seu chefe. — Ah, minha nossa! — Ela foi rapidamente pelo corredor atrás do rapaz. - Desculpe. Eu não vim com o casaco. Sou uma idiota.

— Então tudo bem, senhora.

— Meu cérebro parece uma peneira. Desculpe. Obrigada - disse ela, passando-lhe cinco dólares.

E entrou no elevador, com a lista de convidados dobrada em segurança dentro da bolsa.

## Capítulo 8

— Você beijou ele?

— Eu sei, eu sei. Ah, meu Deus. - Olivia estava esticando o fio do telefone até o final, olhando pela janela, para as luzes dos navios no oceano, imaginando se Ferramo também estaria olhando para lá. O beijo ao luar — para seu embaraço — tinha sido mais eficaz do que o avistamento de

Bin Laden no lêmén para fazer com que sua suspeita parecesse ridícula.

—Terei de ser rápida. Eu estou na redação — disse Kate do outro lado da linha. — Vamos ao ponto. Ontem à noite você me ligou para dizer que ele é Osama Bin Laden. Agora, vinte e quatro horas depois, você liga para dizer que deu um amasso nele num terraço. Você é o ser humano mais ridículo que eu já conheci.

— Bem, você estava certa.

— Você não contou ao Barry?

— Quase — disse Olivia, rindo. — Mas não. Vou me encontrar com ele amanhã.

— Com quem? Barry?

— Não, Pierre.

— Pierre bin Laden?

Ela riu de novo.

— Cala a boca. Eu sei, eu sei. Sou uma idiota. Mas escuta. Eu não vou dormir com ele. Só vou tomar o café da manhã com ele.

— Certo, certo, claro. Ah, porra, tenho de ir. Me liga depois, tá?

Olivia se recostou toda feliz e examinou o quarto. Era decorado com muita inteligência. Meu apartamento poderia ser assim!, pensou, empolgada. Eu poderia ter um abajur dez vezes maior do que o normal. Eu poderia ter uma corrente em vez de um porta-papel higiênico e uma cuba redonda de aço inoxidável em vez de uma pia. Poderia ter um candelabro e um jogo de xadrez gigante no

jardim, quando tiver um jardim. E vou pintar todo o apartamento de branco e me livrar de tudo que não seja branco.

Empolgada por seus novos esquemas de decoração, Olivia vestiu o pijama, ajustou o despertador para as sete, fechou a persiana agora consertada e se conectou para pegar os e-mails. Havia uma mensagem de Barry. "Re. Miami Chique."

Ansiosa, clicou "Ler".

"Bom."

Era só isso: "Bom." Ela reluziu de presunção e orgulho. Loucamente encorajada, clicou "Responder" e digitou:

Re: Bom.

1. Obrigada, chefe.
  2. A Elan vai me manter mais um dia.
  3. Quer uma matéria sobre aspirantes a atrizes? 500 por dia chegam a Los Angeles esperando se dar bem.
- Câmbio e desligo. Olivia.

Cuspiu setecentas e cinqüenta palavras sobre o lançamento do creme facial para a Elan, depois, impulsivamente, mandou para eles a idéia da matéria sobre as aspirantes de Los Angeles, além de uma matéria sobre julgamentos apressados quando se conhece alguém, e como as primeiras impressões podem estar completamente erradas.

Na manhã seguinte Olivia estava de pé e vestida mais cedo do que o imaginável. Às sete e meia corria pela South Shore, decidida a erradicar do cérebro todos os pensamentos idiotas sobre o alter ego terrorista de Ferramo ao mesmo tempo que dava às bochechas um brilho agradável e saudável. Ventava mais do que nunca; folhas e galhos tinham caído das palmeiras, a rua estava cheia dos restos deles. Um garçom corria atrás de uma toalha de mesa que voava para longe.

Olhou a praia, onde mendigos começavam a acordar. Um deles olhava num deleite lúbrico para uma turma de ioga na praia, totalmente desligada do mundo: sete garotas deitadas de costas, abrindo e fechando as pernas. Ela se pegou indo pela mesma rota

da véspera, dizendo-se que pegaria um táxi de volta e teria tempo suficiente para ficar bonita para o café da manhã.

Parou ao chegar á ilha de grama onde tinha encontrado o casal idoso. Sentou-se numa mureta de concreto para olhar o OceansApart, de novo avassalada por sua enormidade. Ouvia o ding-dong de uma campainha de barco, seguida por um anúncio. Uma gaivota mergulhou na água procurando peixe. Havia o cheiro usual de cais, óleo misturado com odores de peixe e algas. O vento quente encrespava a superfície da água, pequenas ondas espumantes batendo na costa rochosa feita pelo homem. Havia pessoas nas varandas. Ela ergueu seu binóculo, procurando a cabine de Elsie e Edward. Ali estava, no meio do navio, no terceiro convés de cima para baixo. Elsie estava sentada numa cadeira de vime branco, com roupão branco, o cabelo mal preso, o roupão balançando ao vento. E ali estava Edward, também de roupão, parado junto á porta. Que nem passarinhos, pensou ela, tão doce juntos.

Enquanto olhava, um estrondo abafado veio do fundo da água, fazendo-a pular. De repente todo o edifício monstruoso se sacudiu como um bêbado cambaleando, depois se ajeitou, criando uma onda gigantesca que atravessou o canal calmo na direção dela, atirando-se contra a costa rochosa. Ela ouviu gritos, e mais figuras apareceram nas varandas, olhando por cima da amurada.

O instinto lhe disse que fosse embora. Havia algumas construções pré-fabricadas a duzentos metros á direita, elevadas uns sessenta centímetros do chão, e um contêiner de aço. Começou a andar rapidamente para lá. Estava a uns vinte metros do contêiner quando houve um clarão seguido por um som que parecia uma porta gigantesca batendo no subsolo.

Quando Olivia se virou, uma coluna d'água estava subindo ao lado do navio. Ela começou a correr, indo para o contêiner de aço, tropeçando no chão irregular. Uma sirene começou a tocar, soltando um uivo como o de um alerta nuclear num filme dos anos cinqüenta. Houve gritos, outra sirene, e então um jorro ofuscante de luz azul e um segundo estrondo, mais alto do que tudo que ela já ouvira. Uma grande parede de ar quente a acertou, cheia de lascas de metal e entulho, jogando-a no chão. Ouvindo-se ofegar, com o coração

martelando nos ouvidos, ela se arrastou pelos últimos metros na direção do contêiner. Havia uma fenda embaixo dele, e Olivia se espremeu para dentro, retorcendo-se até entrar o máximo possível. Abriu espaço em volta da boca com as mãos e respirou, tentando manter longe a fumaça acre, tentando se acalmar, tentando se encolher até virar nada, hibernar como um cágado numa caixa de papelão cheia de palha.

NUNCA ENTRE EM PÂNICO. Regra número um, a principal regra de sobrevivência, a grande regra de emergência para qualquer lugar e qualquer hora era Nunca Entre em Pânico. Nunca deixe a mente ser nublada pela histeria a ponto de você te esquecer de olhar, esquecer de ver o que realmente está acontecendo, ou se esquecer de fazer a coisa simples, óbvia.

Enquanto os sons de destruição iam morrendo, deixando apenas gritos e sirenes, Olivia abriu os olhos e espiou para fora, por baixo do contêiner. Estava olhando através de uma fumaça preta e amarga na direção do cais, onde havia um incêndio gigantesco. Era difícil ver, mas parecia que a própria água estava pegando fogo. Ela podia vislumbrar debilmente o OceansApart, que parecia ter sido partido em dois. Um lado ainda estava horizontal; o outro havia se erguido até ficar quase vertical, como o Titanic no filme. As pessoas escorregavam pelo convés e tentavam se agarrar aos corrimões, enquanto outras caíam nas chamas. A varanda de Elsie e Edward ficava bem na linha divisória: onde ela estivera agora havia um rasgo, mostrando o navio em corte transversal, como num diagrama.

Decidiu ficar onde estava. Enquanto olhava, a metade do navio que continuava horizontal pareceu se dobrar para fora. Uma parede de ar quente acertou-a de novo, como se ela tivesse aberto um forno, e houve outro estrondo enquanto o casco explodia numa gigantesca bola de fogo. Olivia enterrou o queixo no peito, sentindo a carne de uma das mãos se queimando. Houve um rugido ensurdecedor acima. Ela demorou alguns segundos para respirar direito, e depois, dizendo: "Calma, calma, jamais entre em pânico", se retorceu para fora do abrigo, aliviada por descobrir que as pernas

conseguiam sustentá-la. Correu para salvar a vida, enquanto atrás ouvia o estrondo do contêiner explodindo.

## Capítulo 9

— A senhora está bem?

Olivia estava agachada, os braços envolvendo a cabeça, encostada num prédio baixo que a abrigava do cais e do OceansApart. Olhou o rosto de um jovem bombeiro.

— Está machucada?

— Acho que não.

— Pode ficar de pé?

Ela ficou, e então vomitou.

— Desculpe — falou, enxugando a boca. — Não é bonito.

— Vou colocar este crachá na senhora — disse ele, pendurando uma etiqueta amarela em seu pescoço. — Quando os paramédicos chegarem, vão examiná-la.

— Acho que eles têm coisa melhor para fazer.

O tráfego tinha parado nas vias expressas e pontes. A cidade tinha se imobilizado. O ar estava cheio do som de sirenes. Helicópteros vinham de todos os pontos, na direção deles.

O rapaz pegou uma garrafa d'água. Ela tomou um gole e a devolveu.

— Fique com ela.

— Não, fique você. — Ela assentiu para o navio. — Vá para lá. Eu estou bem. — Tem certeza? — Tenho.

Encostou-se na parede de novo e olhou para si mesma. Estava preta. As costas da mão esquerda estavam queimadas, se bem que não pareciam doer nem um pouco. Tateou o cabelo cautelosamente. Estava meio crespo, mas continuava ali — um milagre a água oxigenada não ter se incendiado. Seus olhos estavam ardendo. Havia pedaços de metal retorcido e entulho em toda parte, e incêndios numa dúzia de lugares. Está perfeitamente bem, pensou. E perfeitamente simples. Vou até a água, achar Edward e Elsie e trazê-los para terra.

Olivia rodeou a esquina do prédio, olhando por um momento na direção do mar aberto, dos iates na marina, do céu azul. Depois olhou de novo para o OceansApart e parecia a troca de canais entre um programa de turismo na TV para um filme-catástrofe. A parte vertical do navio estava afundando depressa, com a água borbulhando em volta. A outra metade tinha um gigantesco buraco preto no casco e estava adernado. Ainda saía fumaça e chamas. Entre os incêndios que grassavam por todo o canal, os destroços flutuavam. Numa cena surreal de carnificina, cadáveres humanos se misturavam aos de tubarões e barracudas. Os bombeiros estavam começando a jogar espumas nas chamas, e os corpos flutuavam no meio daquilo tudo.

Os Paramédicos tinham chegado e estavam montando um posto de socorro. Olivia pôde ver um homem na água, perto da costa. Apenas sua cabeça era visível, a boca escancarada. Enquanto olhava em pânico para a terra, ele afundou. Olivia chutou longe o agasalho de moletom, tirou as calças e entrou na água. A lama quente subiu entre os dedos dos pés. A água também estava quente, suja e densa. Quando chegou perto de onde o homem tinha desaparecido, respirou fundo, preparou-se e mergulhou. Não podia ver nada, e tateou naquela gosma fétida durante o que pareceu um tempo terrivelmente longo, até finalmente senti-lo. Ele mal estava consciente, e era um homem grande. Ela mergulhou de novo, pôs uma das mãos de cada lado da cintura dele e puxou-o para cima, até ele romper a superfície. Então soltou por um segundo, chegou ao ar livre ao lado dele e sustentou sua cabeça. Segurou o nariz dele e começou uma respiração boca a boca. Mas era muito difícil manter os dois à tona. Virou-se para a costa e acenou, depois tentou de novo. Ele ofegou numa inspiração tremenda e tossiu um jorro d'água, muco e vômito. Ela empurrou aquilo para longe, na água, pôs o braço em volta do pescoço dele, como havia aprendido, e começou a arrastá-lo para a terra. Os paramédicos vieram encontrá-la na parte rasa e o pegaram.

Olivia olhou de volta para o canal. Parecia que mais pessoas tinham sido afastadas dos destroços. Uma equipe de mergulhadores tinha chegado ao quebra-mar. Ela andou insegura até onde eles

estavam se preparando. Ninguém a notou. Ela pediu uma máscara, um pé-de-pato e um colete de salva-vidas. O cara com quem ela falou olhou-a por apenas um segundo.

— Você está bem?

— Estou. Bem. Eu sou mergulhadora.

Os dois se olharam, ambos à beira de uma histeria induzida pelo horror.

— Você é licenciada?

— Sou, mas acho que vou estar melhor trabalhando na superfície. Mas me chame se precisar de outro mergulhador.

— Certo. Aqui — disse ele, entregando os pés-de-pato e o colete, com os tubos e o apito presos. — Se precisar de ajuda, é só apitar.

Ela voltou à beira d'água, vestindo o colete, assoprando no tubo para inflá-lo até estar apertado contra as costelas, depois deixando o ar sair. Por um momento Olivia sentiu a náusea subindo de novo à garganta. Pensou que encontraria Elsie e Edward porque eles tinham estado na varanda, deste lado do navio, virados para a costa. E mesmo tendo conhecido os dois há pouco tempo, eles haviam trazido todo o conforto e a familiaridade do lar. Ela percebia debilmente que tentar ajudá-los era uma tentativa canhestra de curar o passado: se os encontrasse e os salvasse, isso provocaria uma espécie de alquimia no trauma de seu passado, e tudo ficaria bem outra vez.

Olivia trouxe um bocado de gente de volta, não sabia quantas. Sentia-se no piloto automático, e nada daquilo parecia real. Chegou tarde demais para uma mulher; viu-a afundar, depois subir, depois afundar de novo. Quando Olivia a trouxe à superfície, o rosto dela tinha um tom azulado e havia espuma em volta da boca e do nariz. Olivia soprou o tubo para inflar o colete, enxugou a espuma do nariz da mulher e dos lábios azul-esbranquiçados e começou a fazer respiração boca a boca. A mulher ainda estava com os óculos escuros pendurados numa corrente dourada e usava uma blusa de atoalhado vermelho e branco com capuz. Depois da terceira respiração, a mulher tossiu e pareceu que ia ficar bem, mas

enquanto Olivia a arrastava até o quebra-mar, sentiu que ela morria. Não foi muita coisa. Foi como um tremor, e depois nada. Os paramédicos levaram-na para ressuscitado cardiopulmonar, mas Olivia sabia que ela estava morta.

Sentou-se perto de uma árvore, subitamente exausta. Um dos paramédicos se aproximou com um pouco d'água, conseguiu que ela vestisse a calça de ginástica de novo, pôs uma toalha em volta de seus ombros e esfregou suas mãos. Disse que ela deveria ir ao centro médico e a ajudou a ficar de pé. O celular no bolso de sua calça tocou enquanto ela andava.

— Ei, Olivia, escute, o OceansApart...

— Oi, Barry — respondeu cansada. — O Oceans se Parte.

— Escuta, você está aí? O que tem para nós?

Ela deu a Barry o que ele necessitava, entre as interrupções: o que tinha ouvido dos paramédicos, mergulhadores e da polícia, os fragmentos de lembranças que algumas pessoas tinham falado enquanto ela as trazia a terra.

— Bom. Alguma testemunha? Qual é, onde você está? Pode me conseguir alguém lá? No lugar?

Ela cruzou o olhar com o paramédico que a havia ajudado. Ele pegou o telefone, ouviu durante alguns segundos e depois disse:

— Sem dúvida o senhor parece um tremendo escroto. - Desligou o telefone e devolveu para ela.

Olivia deixou que os paramédicos medissem seus sinais vitais e cobrissem as queimaduras da mão. Comeu um pedaço de pão e tomou um pouco de bebida reidratante. Depois, com um cobertor sobre os ombros, levantou-se e andou por ali. No centro improvisado havia gente que sofrera queimaduras terríveis e pessoas que tinham quase se afogado, ou as duas coisas. Depois viu uma mulher de cabelos castanho-avermelhados sendo trazida numa maca. Ficou ali parada, pasma, dissolvendo-se, com a dor das últimas horas despertando de novo a dor do passado — como ser golpeada num ferimento antigo. Achou um canto vazio, puxou o cobertor sobre o corpo e se enrolou numa bola. Depois de longo tempo empertigou-se e enxugou o rosto com o punho.

— Você está bem, meu amor? - disse uma voz. — Quer uma xícara de chá?

— Aah, isso parece muito forte para ela, amor. Ponha mais um pouquinho de leite.

Ela ergueu os olhos, e ali, estendendo uma bandeja, estavam Edward e Elsie.

## Capítulo 10

Enquanto a escuridão ia caindo, Olivia entrou cambaleando no saguão do Delano, sentindo-se outra incompreensível peça de mobília/instalação/arte, com lama, sangue, entulho, algas e Deus sabe o que mais grudado no corpo. Teve uma visão de si mesma de quatro no chão, com uma cadeira ou um abajur nas costas. Andou insegura, com a visão turva, até o balcão de recepção.

— Pode me dar minha chave, por favor? Olivia Joules, quarto 703 — disse com a voz rouca.

— AhmeuDeus. AhmeuDeus — disse o recepcionista. — Vou ligar para o hospital. Vou ligar para a emergência.

— Não, não, eu estou bem, verdade. Só preciso... da minha chave e de um pouco... um pouco... um pouco.

Ela se virou, segurando a chave, procurando o elevador. Não podia ver onde o elevador estava. Então o mensageiro lindo estava segurando-a, e depois dois mensageiros, depois um branco total.

Por um segundo, quando acordou, sua mente estava limpa, mas então a lembrança do desastre inundou sua consciência num emaranhado de imagens: fumaça, metal, calor, água, e a sensação fria e úmida da carne morta, afogada, encostando na sua. Abriu os olhos. Estava num hospital. Tudo era branco, a não uma luz vermelha piscando ao lado da cama. Ela era Rachel Pixley aos quatorze anos, deitada numa cama hospitalar, olhando para um cruzamento de pedestres, correndo da banca de jornais com um saco de Maltesers e um exemplar da Cosmopolitan. Correndo para alcançar os pais. Houve um grito, um guincho de pneus. Fechou olhos, pensando numa mulher que vira na televisão depois da queda das torres gêmeas: uma mulher atarracada, do Brooklyn. Tinha perdido o filho e estava falando corajosamente. Depois disse: "Eu pensava que sempre quereria vingança: olho por olho, mas agora só penso: como é que o mundo pode ser tão cruel?" E sua voz se embargou no "cruel".

Na próxima vez em que acordou, Olivia percebeu que não estava num hospital, e sim no Del ano, e que a luz vermelha não era um monitor cardíaco, e sim a luz de recados no telefone.

"Oi Olivia! Espero que não esteja ligando cedo demais. É Imogen, do escritório de Sally Hawkins na Elan. Nós recebemos um e-mail e um telefonema de Melissa na Century PR sobre a história das aspirantes. É, Sally gostaria da matéria. Vamos fazer os arranjos para a viagem. Ligue quando acordar. Ah, e boa sorte com o OceansApart.

"Oi, aqui é Melissa. Falei com sua editora. Nós vamos fazer testes no Standard Hotel em Hollywood mais ou menos na semana que vem, por isso espero que você possa se juntar a nós."

"Olivia? É Pierre Ferramo. Estou no saguão. Será que você já está descendo para o nosso encontro?"

"Olivia? É o Pierre, são nove e quinze. Vou esperar você no terraço."

"Olivia, parece que você me esqueceu. Aconteceu um desastre terrível, talvez você tenha ouvido falar. Telefone para você mais tarde."

"Olivia, ah, meu Deus. É Imogen da Elan. Ah, meu Deus. Ligue para a gente. Ah, meu Deus."

"Olivia, é Kate. Só espero que você não tenha citado perto daquele navio. Ligue para mim."

A recepção do hotel, o médico, Kate, nada mais de Pierre. Kate de novo. E depois Barry.

"Onde você está? Escute, você pode ir para lá de novo? Há uma coletiva no cais às seis e quinze, horário daí. Nós temos um fotografo lá. Eu só precisava de você para conseguir algumas declarações, depois vá ao hospital para ver sobreviventes e famílias. Ligue para mim."

Ela procurou o controle remoto, ligou na CNN e se recostou no travesseiro.

"Agora mais informações sobre o OceansApart em Miami. Enquanto o número de mortos continua a crescer, investigadores no local dizem que há sinais de que a explosão possa ter sido causada

por um submarino, possivelmente de construção japonesa, cheio de explosivos. O submarino pode ter sido tripulado por terroristas suicidas. Repetindo, há sinais de que a terrível explosão contra o OceansApart pode ter sido obra de terroristas suicidas.”

A tira de texto embaixo dizia: “Explosão no OceansApart: 215 mortos, 189 feridos, 200 desaparecidos. O alerta contra terror foi elevado para vermelho.”

Ela saiu desajeitadamente da cama, andou rigidamente até o laptop aberto sobre a mesa e apertou uma tecla. Nada aconteceu. Olhou para ele. Estava com a tomada conectada, como tinha deixado. Mas não o havia desligado. Tinha deixado hibernando, como sempre fazia. Deveria ter voltado com o toque de uma tecla.

Ignorando a dor na mão e em todas as juntas, abriu as cortinas, encolhendo-se diante do jorro de luz branca, e olhou o quarto em volta. Foi até o armário, remexeu as roupas, depois abriu o cofre e verificou o conteúdo. Pegou a bolsa Louis Vuitton. Seus cartões de créditos estavam ali, o equipamento de sobrevivência, os cartões de visita — segurou a lateral de uma prateleira para se firmar —, a lista de convidados tinha sumido. A lista de convidados que ela tinha apanhado na festa.

Entrou cambaleando no banheiro, pegou o telefone ao lado do vaso e digitou o número da recepção.

— É Olivia Joules.

— Srta. Joules, como vai? A senhorita recebeu um bocado de telefonemas. O médico pediu que nós contatássemos assim que... Não senhora. Nós não deixaríamos ninguém entrar em seu quarto, a não ser os funcionários do hotel. A camareira, claro, arrumou seu quarto, mas...

Ela se olhou no espelho. O cabelo estava de pé como uma crista de um dos lados. Pegou a escova. Dela pendia um único fio de cabelo preto, muito comprido.

— É da camareira, sua idiota.

Olivia se sentou no chão do banheiro, segurando o telefone junto ao ouvido, grudada ao som da voz de Kate.

— Mas por que ela usaria minha escova? — A palavras de Olivia saíam num sussurro.

— Você sabe, você olha no espelho, o cabelo está meio desarrumado. As camareiras também têm orgulho.

— Mas desligar o computador?

— Talvez ela tenha desconectado por engano

— Se ele tivesse se desligado porque alguém puxou a tomada, teria dito: "Seu computador não foi desligado corretamente da última vez", quando eu liguei.

— Olivia, você está exausta e em choque. Volte para a cama durma um pouco e venha para casa. Você provavelmente vai achar a lista de convidados no bolso.

— Kate — disse ela com altivez —, eu não tinha bolso.

— Ninguém vai invadir um quarto de hotel para roubar uma lista de convidados de uma festa. Vá dormir de novo.

Seu olhar pousou no vestido justo que tinha usado na festa, sobre a cadeira, onde ela o havia jogado. Um bolso! Mas. Ah. Na verdade, lembrou-se sem graça, havia um bolsinho na bolsa. Bem, uma divisória tipo bolsinho. Pegou a bolsa de novo. A lista de convidados estava ali, enfiada na divisória.

Sentou-se à mesa e pousou a cabeça nos braços. Sentia-se perturbada, exausta, com medo e sozinha. Queria consolo. Queria alguém para abraçar. Pegou um cartão na mesa e digitou um número.

— Oi — era uma voz de mulher, com leve sotaque da Costa Oeste.

— Eu poderia falar com Pierre?

— Pierre não está. Quem quer falar com ele? — Era a tal de Suraya jogadora de cabelo.

— É Olivia Joules. Eu tinha combinado de me encontrar com ele

hoje cedo, mas...

— Claro. Quer deixar recado?

— Só... é... só diga que eu liguei para pedir desculpa por ter faltado ao encontro. Eu estava no cais quando o OceansApart explodiu.

— É. Bom. Isso foi mesmo uma merda.

*Uma merda?*

— Ele vai voltar mais tarde?

— Não, ele teve de deixar a cidade. — Havia alguma coisa estranha na voz dela.

— Ele saiu de Miami? Hoje?

— É. Ele tinha negócios urgentes em Los Angeles. Está fazendo testes para o filme. Quer deixar recado?

— Só diga que eu liguei e... é... pedindo desculpas pelo encontro. Obrigada.

Olivia desligou o telefone e se sentou na beira da cama, com o lençol apertado com força na mão, olhando direto em frente, sem ver. Estava pensando na noite anterior: Ferramo se inclinando perto dela no deque do telhado, enquanto ela lhe falava da matéria sobre o Oceans Apart e do encontro matinal com Edward e Elsie.

— Realmente não acho uma boa idéia... — a respiração dele contra sua bochecha —, porque espero que amanhã você esteja tomando o café da manhã... comigo.

Ela pegou o telefone e ligou para a Elan.

— Imogen? É Olivia. Estou bem. Escute, eu gostaria de ir a LA e fazer a matéria sobre as aspirantes. Agora mesmo. Assim que você puder. Me ponha no primeiro avião.

Enquanto Olivia olhava por cima do Arizona, o sol estava se pondo, transformando o deserto em vermelho. O grande rasgo do Gran Canyon já estava na escuridão. Pensou em todos os desertos que já havia sobrevoado, na África, na Arábia, e em todas as coisas que tinha visto. Pensou nessa guerra assimétrica que de repente havia tocado sua vida e no modo como ela estava enraizada em desertos na história e em desfeitas, reais ou imaginárias, que não podiam ser erradicadas por exércitos ou fanfarronadas. E se perguntou: *Será que Pierre Ferramo sabia que o navio ia explodir quando a beijou naquela noite?*

## Capítulo 11

Então o que de estava fazendo em Hollywood? Encanto o táxi, chacoalhava e pulava nos buracos indo em direção às colinas, Olivia baixou a janela, desfrutando o sentimento de liberdade e vaga ilegalidade que sempre sentia em Los Angeles. Era um lugar deliciosamente superficial. Olhou os outdoors gigantes o lado da estrada: "Procurando uma nova carreira? Seja uma estrela! Entre em contato com o Departamento do Xerife do Condado em LA". "Nós voltamos da desintoxicação e estamos prontos para a gandaia", dizia um anúncio de guia de TV. Um banco num ponto de ônibus tinha uma foto enorme de uma corretora imobiliária cabeluda e sorridente: "Valerie Babajian: sua anfitriã para Propriedade em LA." Um cartaz de uma estação de rádio dizia simplesmente: "O irmão de Jennifer Lopez, George", e outro, que parecia não estar anunciando nada, mostrava a pintura artística de uma loura platinada com vestido rosa justo, com um corpo parecido com o de Jessica Rabbit. "Angelyne" estava escrito embaixo em letras gigantes.

— Angelyne é atriz? - perguntou ela ao motorista de táxi.

— Angelyne? Não. — Ele riu. — Ela só paga por esses cartazes e depois aparece em festas, coisas assim. Faz isso há anos.

*Pierre deve odiar este lugar*, pensou. Enquanto os morros verde-acinzentados se aproximavam, com luzes piscando no crepúsculo eles passaram pelo Centro Médico Cedars-Sinai, com a estrela-de-Davi erguida ao lado.

"Eu sei o que ele está fazendo aqui", disse a si mesma de repente. O filme com aspirantes a estrelas é cascata. Eles vão fazer um atentado contra Los Angeles."

Sua mente começou a zumbir numa aceleração familiar: mísseis lançados do topo do parque para cães no Runyon Canyon, mergulhando nos escritórios dos executivos dos estúdios Fox; terroristas suicidas na final de American Idol; torpedos tripulados correndo a toda pelos esgotos. Sentia vontade de ligar para a CNN e

anunciar unilateralmente um alerta vermelho. “Ele é bonito, é sexy, mas está planejando mandar todos nós para o espaço: Pierre Ferramo...”

A placa do Standard Hotel na Sunset, numa declaração de subversão pirada, estava de cabeça para baixo. O hotel, que já fora um lar de idosos, fora recentemente convertido num templo do retro-chique de Hollywood. Raramente Olivia tinha visto tanta gente jovem e bonita reunida num só lugar falando em celulares. Havia garotas com calças de camuflagem e tops, garotas com vestidos justos e compridos, garotas com jeans de cintura tão baixa que o gancho ficava cinco centímetros abaixo do cós, garotos de cabeça raspada e cavanhaques, garotos de jeans justos que mostravam tudo que eles tinham, garotos de jeans largos com o gancho na altura do joelho. Havia poltronas de perspex, estilo casulo, suspensas em correntes. Carpetes crespos e fofos cobriam o chão, as paredes e o teto. Na parede atrás da recepção uma garota usando apenas roupa de baixo branca e simples estava dentro de uma caixa de vidro lendo um livro. Isso fez com que Olivia se sentisse uma acadêmica obesa de setenta anos que logo seria convocada a sair dali e ir para o Sub-Standard, mais adiante.

O recepcionista lhe entregou um recado de Melissa dando as boas-vindas a LA e dizendo que os testes começariam de manhã, e que grupo seria achado facilmente no bar e no saguão. De novo o mensageiro insistiu em acompanhá-la ao quarto, apesar da falta de bagagem. A cabeça dele fez com que ela se lembrasse de um quadro magnético de criança, do tipo em que você acrescenta barbas e bigodes a um rosto usando recortes de metal. O garoto, ou melhor, homem, tinha cabelo preto tingido, cavanhaque, costeletas compridas e óculos estreitos, de aro preto. Era uma aparência ridícula. A camisa estava aberta quase até a cintura, mostrando um peito do tipo Action-Man.

Ele abriu a porta do quarto. Havia uma cama baixa, um banheiro de ladrilhos laranja, um piso azul forte e um enorme pufe branco. Talvez eu não devesse pintar o apartamento de branco,

pensou Olivia. *Talvez eu devesse fazê-lo mais anos setenta com um monte de cor e um cosulo de perspex pendurado no...*

— O que achou do quarto? — perguntou o mensageiro.

— É como estar no cenário de Barbarella — murmurou Olivia.

— Acho que isso foi antes de eu nascer.

Sacaninha metido. O mensageiro tinha definitivamente uns trinta anos. Possuía olhos azuis inteligentes, que não combinavam com os pêlos faciais estilo fashion victim. Ele pôs sua mala na cama como se fosse um saco de papel. O corpo dele também não combinava com os pêlos faciais. Mas puxa, isso aqui era LA: mensageiro/ator/fisiculturista/inteligente: sei lá o quê.

— Então — disse ele, abrindo a janela panorâmica como se fosse uma cortina de filó. Um jorro de som os atacou. Embaixo, a área da piscina estava em pique de festa total, refletores acesos, música martelando. Mais além ficava a silhueta de LA: uma palmeira iluminada, um letreiro de néon dizendo APARTAMENTOS EL MIRADOR, uma caixa de jóias feita de luzes.

— Parece que vou descansar um bocado - disse ela.

— De onde está vindo?

— Miami.

Ele segurou sua mão com firmeza, de modo autoritário, como um profissional, olhando as queimaduras.

— Andou fazendo fondue?

— Pudim Yorkshire.

— O que aconteceu?

— Eu queimei.

— O que traz você a LA?

—As palavras "ar de mistério" não significam nada para você?

Ele soltou um riso curto.

— Gosto do seu sotaque.

—Todo mundo fala assim no lugar de onde eu vim.

— Você trabalha aqui? É atriz?

— Não. O que você está fazendo aqui?

— Estou tendo mensageiro de hotel. Está a fim de uma bebida mais tarde?

— Não.

— Certo. Mais alguma coisa que eu possa fazer por você?

*Sim, esfregar óleos doces nos meus ossos doloridos e mudar o curativo de minha pobre mão queimada, seu parrudo maravilhoso, loucamente forte e com cara de intelectual.*

— Estou bem.

— Certo. Se cuida.

Ela o olhou sair, depois fechou a porta, trancou e passou a corrente. Estava começando a se sentir um homem de família numa viagem de negócios a um país estrangeiro: gente bonita, jovem e tentadora em toda parte, atraindo-a para fora do caminho da... bem, de quê? De uma matéria de revista sobre atrizes? Não. Isso não. Ela estava aqui numa missão. Talvez uma missão de jornalismo investigativo — algum tipo de missão, definitivamente.

Desfez as malas, colonizando o quarto. Guardou as coisas de valor no cofre, pensou um momento e depois tirou seu pote de pó facial luminoso Angel Dust. Era coisa muito boa, que dava à pele um tom sedoso, refletindo a luz. Passou cuidadosamente o pó em cada número do cofre, tipo James Bond. Bem, James Bond provavelmente não daria aos números um brilho sedoso, refletindo a luz. Mas mesmo assim.

Então ligou a CNN

“ E as principais manchetes de novo. Enquanto a contagem de mortos continua a subir, acredita-se que a explosão do OceansApart ontem em Miami, que tirou a vida de mais de duzentos pessoas, foi de fato obra de terroristas da al-Qaeda. A contagem atual é de 215 mortos, 475 feridos e mais de 250 desaparecidos. Você sofre de falta de controle na bexiga?”

A imagem tinha mudado inexplicavelmente, mostrando uma mulher de cabelos grisalhos fazendo uma demonstração de dança de salão para uma sala cheia de gente. Olivia desligou a TV, exasperada. Por que eles não podiam dar alguma dica de onde o boletim de notícias terminava e onde começavam os anúncios de remédios para incontinência.

Ligou para a recepção e perguntou se o Sunday Times de Londres já havia chegado: só na tarde seguinte. Ela abriu o laptop e procurou o jornal on line.

Havia uma manchete gigantesca: O OCEANS SE PARTE. Eles tinham usado sua manchete! Ela examinou a página, empolgada procurando sua assinatura. A assinatura no topo era de Dave Rufford e Kate O'Neil. Kate! Mas e o nome dela? Havia um monte das declarações que ela havia tomado e parágrafos inteiros da descrição que ela tinha feito. Talvez seu crédito estivesse no fim. Dizia: "Informações adicionais dos repórteres do Sunday Times." Ela fez uma busca por Olivia Joules. Não tinha recebido credito em lugar nenhum.

— Ah, dane-se — falou decididamente. — Pelo menos não estou morta. Nem Elsie nem Edward. — Ela abriu a porta dupla, de modo que o som da diversão subiu do deque da piscina, e se sentou à mesa. Tinha sido a ética protestante do norte que a ajudara a escapar da terra da ética protestante do norte. Olivia se apegou ao trabalho para sentir segurança, como se ele fosse sua lata de sobrevivência.

À meia-noite se recostou, espreguiçou-se e decidiu considerar o dia encerrado. A mesa estava coberta dos espólios de Miami: a lista da festa, cartões de visita, números de telefone rabiscados atrás de recibos de cartão de crédito, um diagrama tentando descobrir algum significado a partir de conexões que não faziam sentido.

Clicou a Avizon.com em sua lista de favoritos. Era um site chinfrim de agência de atrizes/modelos, que ela havia encontrado no meio do número horrendo de 764.000 respostas para "Atrizes Los Angeles". Ali estava Kimberley Alford, numa página inteira de Kirstens, Kelleys e Kims espantosamente semelhantes fazendo biquinhos provocativos para a câmera, para os produtores observarem pensativos e o resto do mundo bater punheta. Clicou no nariz de Kimberley e a foto de beicinho apareceu na página inteira, com suas credenciais:

Nível de modelo: profissional

Nível de atriz: profissional

Aparência étnica: cherokee/romena

Em seguida o tamanho do busto, dos sapatos, a qualidade dos dentes ("excelente").

Habilidades profissionais: patins, sapateado, fala cinco línguas.

Tem

uniforme de chefe de torcida próprio.

Embaixo havia a mensagem pessoal de Kimberley, em quatro linhas:

*"Jogo nas onze. Sei cantar, dançar, representar, posar e tocar guitarra! Estou no caminho certo, e esperando que se abra a porta do estrelato. Representar está no meu sangue. Meu pai operou o canhão de luz no Oscar durante vinte e cinco anos. Se você acender seu canhão em cima de mim, eu farei você explodir!"*

Olivia balançou a cabeça e procurou Travis Brancato, o aspirante com olhos de lobo. Seu cartão de visitas levou-a a um site chamado Enclave, citando o desafortunado Travis como "administrador de crescimento para estilo de vida".

O que é Enclave?

A Enclave é uma novíssima interface baseada na ciência da informática estabelecida numa proposta qualitativa baseada no incremento de valor. Através do seu programa único de melhoria do estilo de vida, a Enclave permite que os clientes aumentem os ganhos dos investimentos em qualidade do estilo de vida para alcançar o máximo de prazer.

Os clientes permitem que a Enclave administre um orçamento mínimo anual de US\$500.000 destinado ao estilo de vida, para orientar e direcionar onde o dinheiro é gasto e para negociar a compra de conceitos, experiências, bens e serviços baseados na qualidade.

Desde ingressos para um importante evento esportivo, uma estréia ou cerimônia de premiação, um exemplar de um raro disco antigo do Floyd, até uma mesa no mais novo restaurante da moda em Paris, muitos dos principais executivos, atores de cinema, produtores e executivos fonográficos de LA já estão desfrutando da

maximização científica de interfaces de prazer oferecida pela Enclave.

Olivia se recostou na cadeira e riu. Parecia que a idéia era que os clientes "dariam" a Travis meio milhão de dólares por ano para gastar, e em troca receberiam ocasionalmente dois ingressos para um jogo ou um CD grátis. Ela só conseguiu ser atendida por uma secretária eletrônica no telefone de serviço vinte e quatro horas por dia da Enclave. Presumivelmente todos os administradores de estilo de vida estavam ocupados administrando centenas de milhares de dólares em maximização de prazer baseado em ciência da informática para poder atender ao telefone.

Procurou Ferramo de novo no Google. Nada.

## Capítulo 12

O bar interno do Standard tinha um certo tema de deserto: as paredes eram cobertas com um friso de papel de parede, do chão ao teto, estampado com iúcas. Havia dois peixes suspensos — por algum motivo — no teto. Olivia sentou-se desfrutando de seu café da manhã e do sol que jorrava da área da piscina. Sem dúvida os testes estavam para começar. Um rapaz suando no calor com grossas calças de camuflagem e gorro de lã estava andando entre as garotas, segurando uma prancheta e com uma expressão bastante confusa.

Olivia viu Kimberley antes de Kimberley ver Olivia. Seus peitos absurdamente grandes e petulantes balançavam numa fina frente-única acima dos quadris inexistentes, que estavam envoltos numa versão em miniatura de saia de babados, em tecido cru. Horivelmente cônica de como era atraente, estava enfiando e tirando o dedo da boca como um cruzamento entre uma criança de cinco anos e uma rainha pornô. De repente começou a falar consigo mesma.

— Eu preciso, tipo, arranjar alguma coisa. Não quero mais ser garçonne... Ah, sim, ela ficou com o meu videobook e disse para ligar, e depois não atendeu ao meu telefonema. Me deixou esperando dez minutos. Puxa, eu ouvi três músicas sabe?

Dois homens passaram, ignorando completamente a perfeição seminua de Kimberley. Mulheres que fariam cabeças virar em Londres e Nova York mal pareciam garantir um segundo olhar em LA. Era como se tivessem um tatuagem na testa, dizendo: "Aspirante a atriz/modelo. Vou entediar você com sonhos de carreira: instável." O *beautiful people* em Miami era muito mais divertido, pensou Olivia. Em LA sua beleza e seminudez parecia estar dizendo: "Olha só isso! Agora faça de mim uma estrela de cinema!" Em Miami elas só queriam trepar.

— Então — continuou Kimberley — , quando eu finalmente me encontrei com ela, ela ficou tipo me ouvindo, sabe? Disse que o

modo como eu estava na fita, que eu não sou... tipo... — a voz de Kimberley ficou no ar, arrastada — suficientemente comercial.

Havia um fio se projetando de seu ouvido. Então, pelo menos, ela não era completamente insana. Mas mesmo assim Olivia estava começando a sentir pena.

—Tudo bem — disse Kimberley corajosamente. — Estou pensando que talvez eu pudesse fazer, tipo, trabalho de parte de corpo, sabe? É que nem dublê de corpo, mas eles só usam partes de você.

*Mas e quanto a hoje?, pensou Olivia. E quanto aos testes com Pierre. Eu pensei que vocês todos estavam à espera de um grande papel.*

Foi até Kimberley e disse olá. Kimberley respondeu com o tipo de ar defensivo que presumia que todo mundo que dissesse olá estava tentando lhe dar um soco.

— Olivia Joules. Nós nos conhecemos em Miami. Sou jornalista da Elan.

Kimberley ficou olhando um segundo, falou rapidamente ao telefone de cabeça:

—Tenho de ir. — Depois ligou um sorriso ofuscante e partiu para o texto do: — Ah, meu Deus.

— Onde está Demi? - perguntou Olivia, assim que a incrível natureza das coincidências tinha sido abordada. - Ela não vai fazer teste para o filme também?

Um gelo estranho pareceu entrar no ambiente.

— Ela andou dizendo coisas sobre mim? Quer dizer, você sabe eu não vou dizer nada tipo... ruim, sobre Demi. Ela disse alguma coisa? Você sabe? Quer dizer, honestamente? Acho que ela tem um problema. Mas eu não sou o tipo de pessoa que fala alguma coisa ruim sobre os outros.

Olivia ficou confusa, tentando deduzir quanto tempo fazia desde a festa em que as duas eram as melhores amigas. Dois dias.

— Quer dizer, ela ainda está em Miami, com aquele cara português?

— Não faço idéia.

Mas a atenção de Kimberley tinha se desviado. Ela vira alguém chegando e começou a ajeitar os peitos na frente-única, como uma tigela de frutas para uma foto. Olivia acompanhou seu o ar e se pegou encarando direto os olhos de Pierre Ferramo.

Ele estava vestido como produtor de filmes de LA, com óculos escuros, jeans, paletó azul-marinho e camiseta branquíssima. Mas seus modos eram régios como sempre. Estava flanqueado por dois rapazes alvoroçados e de cabelos escuros, que tentavam lidar com um ajuntamento crescente de aspirantes ao teste. Ignorando o séquito, ele foi diretamente até Olivia.

— Srta. Joules — disse ele, tirando os óculos —, você está dois dias atrasada, no hotel errado e na cidade errada, mas, como sempre, é um prazer vê-la.

Seu olhar líquido se incendiou no dela. Por um segundo Olivia ficou sem fala, dominada pelo tesão.

— Pierre. — Kimberley bamboleou até ele e envolveu seu pescoço com os braços. Um rápido ar de nojo atravessou as feições de Ferramo. — Será que a gente podia... tipo, ir agora mesmo? Eu estou muito... tipo, pirada, sabe?

— Os testes vão começar logo — disse ele, desemaranhando-se. — Você pode subir e se preparar, se quiser.

Enquanto Kimberley se soltava, balançando a bolsa no quadril, Ferramo descartou os auxiliares e falou com Olivia numa voz baixa e ansiosa:

— Você faltou ao compromisso.

— Primeiro fui dar uma corrida até o porto...

Ele se sentou diante dela.

— Você estava lá?

— Bem em frente, na beira d'água.

— Você se machucou? — Ele segurou sua mão e examinou o curativo. Olivia gostou do modo como ele fez isso, como um doutor. — Você teve atendimento médico? Precisa de alguma coisa?

— Estou bem. Obrigada.

— E como foi parar nas vizinhanças da explosão?

— Eu estava correndo. Costumo correr de manhã. Estava tentando dar uma boa olhada no navio. Você conhecia alguém a

bordo?

Ela observou o rosto dele, como um detetive observando um marido sofredor fazer um apelo ao seqüestrador da esposa desaparecida. Ferramo não se abalou.

— Não, felizmente não.

E quanto a Winston, seu consultor subaquático?

— Eu conhecia.

— Conhecia? — Ele baixou a voz, chegando mais perto dela. — Sinto muito. Eram pessoas que você conhecia bem?

— Não. Mas eram pessoas de quem eu gostava muito. Sabe fez aquilo?

*Teria havido um vislumbre de reação diante da estranheza da pergunta?*

— Alguns dos grupos terroristas de sempre reivindicaram a responsabilidade. Tem as marcas da al-Qaeda, claro, mas veremos. — Ele olhou em volta. — Não é o lugar nem a hora para esta discussão. Vai ficar aqui alguns dias?

Um dos rapazes apareceu atrás dele, segurando papéis.

— Sr. Ferramo...

— Sim, sim. — Voz diferente, áspera, autoritária, descartando.

— Um momento. Estou numa conversa, como você pode ver.

Ele se virou de novo para Olivia.

— Será que podemos remarcar nosso encontro? — rremarcarr nosso encontrro. Ele não parecia nem um pouco francês.

— Vou ficar alguns dias aqui.

— Quer jantar comigo? Quem sabe amanhã?

— É... sim, eu...

— Bom. Você está hospedada aqui? Eu ligo e faço os arranjos. Até lá. É um prazer ter você aqui. Sim... sim. — Ele se virou para o rapaz, que estava segurando um documento com ar de quem pedia desculpas.

Olivia ficou observando enquanto ele olhava o documento e depois ficava de pé, voltando para os aspirantes.

— Na verdade nós devemos terminar até as quatro. — *Shukran*. Ele devolveu o papel. — E depois podemos nos reunir para discutir as segundas chamadas.

*Shukran* . Olivia balançou a cabeça, olhando para a mão tentando não trair qualquer reação. *Shukran* era obrigado em árabe.

## Capítulo 13

— Venha para casa — disse Kate, de Londres. — Venha para casa agora. Ligue para o FBI e entre no próximo avião.

Olivia sentou-se trêmula no pufe prateado, empurrado com força contra a porta do quarto.

— Mas da última vez que nos falamos você disse que eu estava tirando conclusões apressadas.

— A única evidência que você ofereceu foi que ele era "lânguido". De algum modo você deixou de lado o fato de que ele tentou persuadi-la a não ir ao OceansApart na noite antes do navio explodir.

— Não pensei nisso antes. Pensei que era a parte de um papo furado para me convidar para o café da manhã. Você sabe, meio tipo: "Devo telefonar ou dar uma cutucada em você?"

— Você é literalmente inacreditável. Escuta. Ele mentiu. Ele disse que era francês e depois começou a falar árabe.

— Ele só disse uma palavra. De qualquer modo, só porque ele é árabe não significa que seja terrorista. Pode estar evitando exatamente esse tipo de preconceito. Estou fazendo uma matéria. A Elan está pagando as despesas.

— Eles vão entender. Você pode pagar de volta. Venha embora.

— Os homens da al-Qaeda não tomam champanhe nem se cercam de mulheres lindas seminuas. Usam camisa xadrez e ficam em apartamentos feios em Hamburgo.

— Inacreditável. Olha. Cala a boca. Você está completamente cega pelo tesão. Entre no próximo avião e eu ligo para o FBI por você. E para o MI6.

— Kate — disse Olivia em voz baixa. — Esta matéria é minha. Fui eu que encontrei.

Houve silêncio por um segundo.

— Ah, meu Deus. E o negócio da assinatura, não é? Foi o Barry. Ele disse que seria uma assinatura conjunta. Eu liguei para ele

quando vi e dei a maior bronca.

*Então por que nao ligou pra mim também?*

— Ele disse que tiraram o seu nome para economizar espaço. Você não faz parte dos funcionários fixos. Não estou tentando roubar sua matéria. Só venha embora e fique em segurança.

— Eu tenho de ir — disse Olivia. — Eu deveria estar nos testes.

Empurrou a conversa com Kate para o fundo da cabeça e começou a trabalhar febrilmente numa nova lista, que tinha dois Cabeçalhos:

1. Motivos para pensar que Pierre Ferramo é um terrorista da al-Qaeda tramando para explodir LA.

2. Motivos pelos quais é preconceituoso, Imaginativo demais ou errado de qualquer outro modo achar que Pierre Ferramo é um terrorista da al-Qaeda tramando para explodir LA.

Parou, com a caneta na boca. Olivia se via como uma pessoa humanitária, liberal-igualitária. E na verdade, como disse a Kate, ele não estava se comportando como um verdadeiro soldado da jihad com suas garrafas de champanhe Cristal, mulheres lindas e roupas caras.

Deu um sorriso sério, lembrando-se de um amigo que tinha namorado uma das irmãs de Bin Laden antes que o nome Osama I Bin Laden ficasse inextricavelmente associado a atrocidades terroristas. A família Bin Laden era enorme, rica, culta, com glamourosas ligações internacionais, e a irmã era muito chique. O amigo tinha lhe perguntado sobre a reputação do irmão como uma ovelha negra.

— Ah, honestamente — tinha respondido a irmã —, o pior que se pode dizer de Osama é que ele é socialmente difícil.

## Capítulo 14

Você pode estar vindo das luzes brilhantes de LA, mas aqui no deserto vai descobrir quem você realmente é, o que você significa... significa.

— Certo. Pára aí, pára aí.

Olivia simpatizava com os diretores. Não teria a mínima idéia do que dizer a uma atriz que estava fodendo com as falas, a não ser: "Poderia fazer isso... melhor?" Mas esse diretor não parecia ter nada a dizer. Olhou debilmente para Alfonso, que estava ali com alguma função indeterminada, abriu a boca como se fosse falar, fechou de novo, e depois disse:

— Hmm.

Olivia olhou para o diretor, perplexa. O nome dele era Nicholas Kronkheit. Não parecia ter feito nada além de dirigir dois videoclipes de estudantes na Universidade de Malibu. Por que escolhê-lo?

— Certo — interveio Alfonso, autoritário. — Vamos de novo, neném, do início.

O roteiro, escrito por Travis Brancato, era... bem... preocupante, para dizer o mínimo. Intitulado *Fronteiras do Arizona*, era a história de um astro de cinema de Hollywood que percebia que Hollywood não tinha significado e fugia para o deserto, onde se apaixonava por uma garota navajo e descobria a felicidade e a realizará fazendo caixas ornamentais de linha da vida. Enquanto Kimberley — com peruca escura e trançada fazendo o máximo para trazer a cherokee que havia nela — se prepara para dizer as falas de novo, Olivia saiu da sala com um estranho passo lateral, de caranguejo, que nunca tinha usado antes. Parecia uma expressão espontânea e inconsciente de culpa e um pedido de desculpas por achar aquilo tudo tão desesperado.

Sentou-se no bar, tomando leite gelado através de um canudinho e ponderando os vários motivos pelos quais a produção de *Fronteiras do Arizona* não fazia sentido. Será que Ferramo iria

financiar pessoalmente aquela coisa toda? Nesse caso, por que tinha escolhido um idiota tão mal qualificado como diretor? Se estava procurando financiamento com outras pessoas, por que teria contratado um diretor e começado a montar o elenco antes de envolver um estúdio? E por que não tinha notado que o roteiro era uma merda total?

— Oi!

Olivia levou um susto e se engasgou com o leite diante da força bruta da chegada de Melissa.

— Como estão os testes? Como foi a entrevista com Nicholas?

Felizmente não havia necessidade de responder quando Melissa estava falando.

— Olha, aqueles são os nossos surfistas. Não são bonitinhos? Ficaram ensaiando na praia a manhã inteira e agora vão dizer as falas. Você vem olhar? Tenho certeza que vai precisar de um pouquinho disso para a matéria.

Um punhado de rapazes de cabelos louros descoloridos comiam com os olhos a garota de hoje, que estava de roupa de baixo na caixa de vidro atrás da recepção.

— Ah, e essa é a nossa professora de voz, Carol. Já conhece?

A mulher parecia interessante e bem legal. Na verdade tinha o rosto cheio de rugas, o que parecia totalmente deslocado do Standard. Era como ver alguém de camisa velha e amarrotada numa sala cheia de roupas imaculadamente passadas a ferro. Olivia começou a imaginar o recepcionista correndo e gritando: "Ah.Meu.Deeeeus. Me dá isso! A gente manda passar!"

— Prazer em conhecê-la — disse a enrugada.

— Você é inglesa! — respondeu Olivia.

— E você também. Do nordeste? Nottingham? Norte de Nottingham?

— Worksop. Você é boa.

— Então! — interveio Melissa. — Marquei o seu jantar com Pierre para amanhã à noite. Esta tarde quero que você fale com os surfistas e depois haverá drinques no início da noite com alguns dos outros rapazes.

— Com licença, srta. Joules. — Era o recepcionista. — É só para dizer que temos a sua hora para um facial com Michael Monteroso no Alia Klum amanhã às três e quinze. Eles têm uma política de cancelamento de vinte e quatro horas, por isso preciso lhes dar número de cartão de crédito. O custo é de quatrocentos e quinze dólares.

— Quatrocentos e quinze dólares? — perguntou Olivia.

— Ah, tenho certeza que podemos conseguir que Michael lhe dê um tratamento de brinde — disse Melissa — E Kimberley e algumas das outras garotas vão se encontrar com você aqui as oito, vão levar você para sair e mostrar alguns dos lugares da moda.

— Não, tudo bem, eu não aceito brindes — disse Olivia. — E acho que talvez tenha de faltar aos drinques de hoje. Tenho de dar uns telefonemas.

Melissa fez uma feia careta interrogativa, com a cabeça de lado.

— Não posso escrever só sobre esta produção, você sabe! — disse Olivia numa voz calorosa. — Há tantas coisas interessantes acontecendo aqui, não acha?

## Capítulo 15

— Que cidade, por favor? — disse a voz do outro lado da linha.  
— Los Angeles — respondeu Olivia, tamborilando o lápis na mesa.

— E o número que você está procurando?  
— Do FBI.  
— Perdão?  
— Do FBI.  
— Não estou vendo isso na lista. É uma empresa ou um número particular?

Olivia partiu o lápis ao meio. Tinha quinze minutos antes da hora em que deveria se encontrar com Kimberley para uma noitada e ainda não havia se maquiado.

— Não, o FBI. O Bureau Federal de Investigação. Você sabe: policiais, detetives, Arquivo X, odeia a CIA, lembra?

A outra linha começou a tocar. Ela ignorou.

— Ah, certo. — Um riso. — Entendi. Aqui está o número.

— O numero que você quer será automaticamente discado apertando-se o um, agora — disse uma voz eletrônica e trêmula. — Será feita uma cobrança adicional.

— Alô, aqui é o Bureau Federal de Investigação — disse outra voz gravada. Misericordiosamente, a outra linha parou de tocar. — Por favor, ouça cuidadosamente a seguinte lista de instruções. Se está ligando para possibilidades de emprego, aperte um; para casos existentes, aperte dois...

Droga. A outra linha começou a tocar de novo. Ela apertou a espera e pegou a linha dois.

— Olivia? É Pierre Ferramo.

— Ah, é... oi, Pierre — trinou ela, toda alegre. *Só estou ligando para o FBI na outra linha para dizer que você é um terrorista da al-Qaeda.*

— Está tudo bem?

— Sim! Ótimo. Por quê?

—Você parece meio... tensa?

— Foi um longo dia.

— Não vou atrapalhar você. Só queria me certificar de que o jantar de amanhã está combinado. Eu odiaria que a gente se desencontrasse de novo.

— Sem dúvida. Estou ansiosa por ele.

— Excelente. Mandarei alguém pegá-la às seis e meia.

*Seis e meia? E meio cedo para um jantar, não é?*

— Vai ser ótimo.

— E como foram os testes?

Quando ele desligou, o FBI também tinha desligado.

— Oi. É do FBI? Eu só queria informar uma suspeita que tenho com relação ao OceansApart. — Olivia estava andando de um lado para o outro no quarto, ensaiando em voz alta. — Provavelmente não é nada, mas talvez fosse bom vocês verificarem um homem chamado Pierre Ferramo e...

— Oi, aqui é Joules. É a CIA? Terrorismo internacional, por favor. Eu tenho uma pista quente sobre o OceansApart. Ferramo, Pierre Ferramo. Árabe, certamente, possivelmente do Sudão...

Não podia fazer isso. Sentia-se como se estivesse para fazer um teste e perdido a motivação. Ela era Rachel Pixley de Worksop, sendo levada pela fantasia, e a telefonista iria simplesmente rir; ao mesmo tempo ela era uma traiçoeira Mata Hari marcando jantares com seu amante assassino e depois o entregando aos seus chefes.

Decidiu sair com Kimberley e as colegas e dar o telefonema para FBI na manhã seguinte. Poderia pedir o serviço de quarto e ganhar amanhã.

## Capítulo 16

Pierre Ferramo estava usando boina verde, falando pela al-Jazeera:

— Ela é uma porca infiel. A barriga dela é gorda demais para ser grelhada. Deve ser assada.

Um telefone tocava ao fundo. Kimberley Alford pegou uma cebola dentro de sua frente-única e começou a cortá-la, sorrindo para a câmera, com sangue escorrendo entre os dentes. O telefone continuava tocando. Olivia procurou-o no escuro.

— Oi, Olivia? É Imogen da Elan. Estou com a editora para falar com você.

Ela acendeu a luz e se sentou ereta na cama, puxando a camisola por cima dos peitos, passando a mão no cabelo e olhando loucamente o quarto em volta. Sally Hawkins. Editora da Elan. Logo de manhã cedo. Depois de uma noite inteira de... você sabe... tipo, Kimberley e seus... tipo, amigos. O horror, o horror.

— Ela já vai falar. — A voz de Imogen tinha aquele tom secretarial de "não preciso ser mais legal com você porque você caiu em desgraça".

— Olivia? — A voz dura de Sally Hawkins estilo "eu sou muito ocupada e importante". — Desculpe ligar para você tão cedo. Acho que temos uma reclamação.

— Uma reclamação?

— Sim. Eu soube que você ligou para o FBI e sugeri que investigassem Pierre Ferramo.

— O quê? Quem lhe disse isso?

— Nós não sabemos a fonte, mas a Century PR está absolutamente furiosa, e com motivo, se, de fato, você ligou para o FBI. Eu disse a Melissa que tinha certeza que, se você tivesse alguma preocupação com relação ao pessoal dela, teria ligado primeiro para nós.

Olivia entrou em pânico. Não tinha ligado para o FBI, tinha? Ou melhor, tinha, mas não conseguiu falar, ou melhor, tinha, mas

colocou na espera e não disse nada.

— Olivia? —Tom frio, maldoso.

— Eu... eu...

— Nós trabalhamos muito de perto com a Century num monte de entrevistas e fotos com celebridades. A temporada de prêmios está chegando, e para isso estamos contando tremendamente com eles, e, verdade...

— Eu não liguei para o FBI.

— Não?

— Bem, eu liguei, mas não consegui falar com ninguém. Não entendo porque... — Desculpe — disse rispidamente Sally Hawkins.  
— Isso realmente não está fazendo sentido. Você ligou ou não ligou?

— Bom, eu comecei a ligar, mas...

Olivia estava olhando o release da Century PR para o filme de Ferramo. Pierre Feramo, dizia: Feramo com um erre. Não era de espantar que não conseguisse encontrá-lo no Google. Ela havia escrito o nome errado, porcaria. Ah, meu Deus. *Não entre em pânico*. — Olivia, você está bem?

— Sim, sim, é só que... eu... eu...

Enfiando o telefone entre o ouvido e o ombro, ela foi até a mesa e digitou Pierre Feramo no Google. Havia 1567 registros. Minha nossa.

— Certo. Sei. — Agora a editora estava falando como se ela fosse uma criança retardada. — Certo. Você teve uma experiência muito apavorante em Miami. Entendo isso. Acho que o melhor a fazer é tirar um bom descanso por algumas horas e vir embora. Você fez alguma pesquisa para a matéria?

Olivia estava olhando a primeira página dos 1567 registros do Google: crédito de produtor num curta francês que ganhou a Palma de Ouro; fotografado com uma modelo no "Oscar da industriado perfume"; citado no Miami Herald depois do lançamento do Creme de Phylgie.

— Sim. Não, verdade, estou bem. Quero terminar a matéria.

— Bem. Nós achamos que seria melhor se você voltasse para casa. A Century PR não está feliz com a idéia de você continuar

trabalhando com o pessoal deles. De modo que talvez você possa escrever suas anotações e mandar por e-mail para Imogen, e eu peço que marque um voo para você esta tarde.

— Mas, escute, eu não disse nada ao FBI...

— Acho que tenho de desligar, Olivia. Tenho uma reunião por telefone. Vou mandar Imogen ligar para você com os detalhes do voo. Certifique-se de mandar a apuração.

Olivia olhou o quarto em volta, incrédula. Não tinha ligado para o FBI, tinha? Só tinha ensaiado que ia ligar para o FBI. Será que eles haviam aperfeiçoado a leitura do pensamento das pessoas através das linhas telefônicas? Não. A CIA, possivelmente, mas não o FBI. Sentou-se na cama. Certamente, não. A única pessoa que sabia que ela ia ligar para eles era Kate.

Olivia estava digitando furiosamente, escrevendo o máximo sobre a matéria das aspirantes que conseguiu no curto tempo antes de ser tão cruelmente demitida. A intervalos de minutos mudava para um documento chamado Kate: FÚRIA: LIBERAÇÃO DA e liberava.

“Não acredito que você fez isso comigo, porra. Eu pensava que nossa amizade era baseada na confiança, na lealdade e...”

Mais três parágrafos da matéria sobre as aspirantes. De volta a FÚRIA: LIBERAÇÃO DA: "Kate, espero não estar tirando conclusões injustamente, mas não entendo..."

De novo a história das aspirantes. Kate: FÚRIA: LIBERAÇÃO DA: "escuta, sua puta do inferno, que porra foi essa de me ferrar dizendo a eles que eu liguei para a porra do FBI quando eu não liguei, sua porra de..."

De volta à matéria. Digitou um último parágrafo e leu. Fez algumas mudanças, passou o corretor ortográfico, apertou "enviar", depois chutou a perna da mesa.

Não era justo. Não era justo. Num súbito momento de fúria cega, pegou o telefone e ligou para o número da casa de Kate. Estava na secretária eletrônica, mas ela decidiu ir em frente mesmo assim.

— Oi, sou eu. Escuta, a Elan acabou de ligar e me demitir por ter ligado para o FBI falando de Feramo. Eu não liguei para o FBI. A

única pessoa que sabia que eu estava ao menos pensando em ligar para o FBI era você. Não acredito que você quis me tirar da matéria para poder, para poder... A voz de Olivia falhou. Estava realmente magoada, realmente magoada. Desligou o telefone e se sentou no pufe, piscando e enxugando uma lágrima com o punho. Olhou em frente por longo tempo, com o lábio inferior tremendo, depois foi até a mala marrom e verde-oliva, pegou um pedaço de papel muito velho, amassado A dobrou cuidadosamente e sentou-se de novo no pufe com ele.

*Regras de Vida, por Olivia Joules*

- 1) *Nunca entre em pânico. Pare, respire, pense.*
  - 2) *Ninguém está pensando em você. Eles estão pensando em si mesmos, assim como você.*
  - 3) *Nunca mude o corte ou a cor dos cabelos antes de um acontecimento importante.*
  - 4) *Nada é tão ruim ou tão bom quanto parece.*
  - 5) *Faça o que deseja que lhe façam, isto é, não matarás.*
  - 6) *É melhor comprar uma coisa cara de que você realmente goste do que várias coisas baratas de que você gosta só um pouco.*
  - 7) *Praticamente nada importa: se você se chatear, pergunte-se: isso realmente importa?"*
  - 8) *A chave do sucesso está em como você se levanta do fracasso.*
  - 9) *Seja honesta e gentil.*
  - 10) *Só compre roupas que façam você sentir vontade de dançar um pouco.*
  - 11) *Confie nos seus instintos, e não em sua imaginação hiperativa.*
  - 12) *Quando estiver assolada pelo desastre, verifique se é realmente em desastre fazendo o seguinte: a) pense: "Ah, foda-se", b) Olhe o lado e, se não der certo, olhe o lado engraçado.*
- Se nenhuma das duas coisas der certo, talvez seja um desastre, então*
- passa para os itens 1 e 5.*

13) *Não espere que o mundo seja seguro ou que a vida seja justa*

14) *Às vezes você tem simplesmente de seguir a corrente.*

*e então a nova regra, de Elsie, no final:*

15) *Não se arrependa de nada. Lembre-se que não havia outra coisa que poderia ter acontecido, dado quem você era e o estado do mundo naquele momento. A única coisa que você pode mudar é o presente, então aprenda com o passado.*

*e então a aplicação prática de Olivia para isso:*

16) *Se você começar a se arrepender de alguma coisa e a pensar "eu deveria ter feito..." sempre acrescente: "mas aí eu poderia ter sido atropelada por um caminhão ou explodida por um torpedo japonês tripulado".*

*Nada é tão ruim ou tão bom quanto parece. Havia sempre uma duas delas que se destacavam. Confie nos seus instintos, não na sua imaginação hiperativa. Será que ela realmente achava, nas entranhas, que tinha sido Kate?*

Não. Não achava. E a informação não tinha vindo do FBI, porque ela nunca chegou a falar com o FBI. O único lugar de onde a informação poderia ter vindo era daqui mesmo, de dentro do quarto. Começou a verificar sistematicamente as luminárias, o telefone, debaixo da mesa, nas gavetas. Qual seria a aparência de um grampo? Não fazia idéia. Seria como um microfone? Teria pilhas? Riu. Ou seria mesmo como um grampo de cabelo?

Pensou mais um pouco, depois pegou o telefone de novo e ligou para informações:

— A Spy Shop, na Sunset Boulevard. Spy Shop. S.P.Y. Sabe, espiões? James Bond? Kiefer Sutherland? Homossexuais que estudaram em escolas caras na Inglaterra nos anos trinta?

Meia hora depois estava olhando para um grande rego de bunda que se projetava de debaixo de sua cama.

—Tudo beeem. Aí vamos. Este é basicamente o seu problema

Olivia recuou alguns passos enquanto o rego de bunda começava a se retorcer na sua direção. Connor, o especialista em contra-espionagem, ajoelhou-se desajeitadamente, segurando alegre a cobertura quadrada da tomada do telefone com a mesma expressão sorridente usada pelos técnicos em todo o mundo — técnicos de informática, instrutores de mergulho, instrutores de esqui, pilotos — quando encontram alguma coisa que só outro técnico entenderia, mas que têm de explicar a um leigo.

— É um MP dois-ponto-cinco com um pilger. Provavelmente ele levou dez segundos, se tinha um DSR.

— Fantástico. — Ela tentou corajosamente lhe dar algum tipo de reforço emocional. Fantástico. Bem... então isso estava grampeando a linha telefônica?

— Ah, não. Ah, não. Isso é só um microfone. Só um simples quatro-por-dois. — Certo. Então ele de só captava o que eu dizia? Eles não tinham como saber se eu estava falando ao telefone ou não?

— Você entendeu. Eles podiam captar o tom de discagem, mas... — O técnico sugou o ar por entre os dentes e olhou para a cobertura da tomada telefônica, depois balançou a cabeça. — De jeito nenhum. Não com um gimper. Eles provavelmente só captariam o que você disse. Quer que a gente faça mais alguma coisa?

— Não, não. Eu dou uma passada mais tarde e pego o resto das coisas.

Ela tinha pedido um detector de grampos disfarçado de calculadora, uma caneta de tinta invisível, um capuz de proteção contra ataques químicos, uma máquina fotográfica digital incrivelmente fina e minúscula e, infantilmente, mas muito mais empolgante, um anel espião com um espelho que você podia virar para ver atrás de você. Era um excelente conjunto de coisas para combinar com a lata de sobrevivência.

Depois que o sujeito da contra-espionagem saiu, ela ligou imediatamente para Kate e deixou um recado:

— Sou eu. Desculpe. Desculpe mesmo. Piração. Acontece que o quarto estava grampeado. Eu lhe devo uma grande margarita quando voltar. Ligue para mim.

Depois começou a andar de um lado para o outro, tentando não entrar em pânico. Não era mais um jogo, e não era sua imaginação hiperativa. Alguma coisa realmente ruim estava acontecendo, e alguém estava atrás dela. Olhou de novo para as Regras de Vida, aspirou fundo, pensou: Ahfoda-se, e tentou imaginar a coisa inteira transformada numa piada divertida para contar a Kate.

## Capítulo 17

Trinta e oito minutos depois ela estava na Rodeo Drive, deitada debaixo de um lençol numa sala branca com seis jatos separados de vapor muito quente sibilando em seu rosto.

— É... você tem certeza que esses negócios de vapor não têm problema? Eles parecem meio...

— São perfeitos, confie em mim. Nós precisamos engendrar uma temperatura radiante para microcolapsar os alimentadores celulares e estimular...

— Certo. Eles não vão deixar manchas vermelhas enormes, vão?

— Relaxe. Você vai ficar lindérrima.

Ela estava sentindo minúsculos movimentos de sucção por todo o rosto, como se um monte de minipiranhas desdentadas tivessem sido soltas sobre ele, junto com os seis bicos de Bunsen.

— Michael — disse Olivia, decidida a conseguir pelo menos alguma coisa útil com a hedionda experiência de quatrocentos e quinze dólares. — Como conhece o Travis?

— Travis? Quem é Travis?

— Você sabe, Travis. O cara que você me apresentou em Miami.

— Você acaba de vir de Miam!?! Está com jet-lag? I u poderia ionizar seu rosto.

— Não, obrigada. Ele é um ator/escritor, não é?

— Ah, aquele cara. Certo.

— Ele é o cara que escreveu o roteiro do filme de Feramo.

— Está brincando comigo. O filme de Feramo foi escrito por Travis? Você gostaria de levar um frasco de Creme de Phylgie? O grande é muito econômico; você leva duzentos mililitros por apenas quatrocentos e cinquenta dólares.

— Não, obrigada. O que há de errado com o Travis escrever o filme? Ai! O que você está fazendo?

— Estou tirando a resistência inicial de sua epiderme. Você deveria tentar a ionização. Mesmo que não esteja com jet-lag, é um excelente esfoliante rejuvenescedor, hipoalergênico, totalmente livre de radicais livres...

— Não, obrigada.

— ...com extratos de plantas que promovem o equilíbrio biocólico.

— Como conheceu o Travis?

— Travis? — Michael Monteroso riu. — Travis?

— O que há de tão engraçado?

— Travis pega o dinheiro do salão e leva ao banco. Ele trabalha numa firma de segurança. Você tem um técnico facial que trabalha na sua pele regularmente?

— Não, na verdade, não — disse ela, momentaneamente perturbada pela pergunta.

— Se quiser, eu lhe dou o meu cartão. Na verdade eu não deveria trabalhar fora do salão, mas para clientes especiais eu posso ir em casa.

— Você é muito gentil, mas eu não moro aqui.

Os bicos de Bunsen pararam, e ela se sentiu acalentada pelo cheiro de eucalipto e pelo fluxo constante de conversa fiada, até u, estado meio sonolento. Tentou lutar contra isso e ficar alerta.

— Eu poderia ir ao seu hotel.

— Não. Então, como é que todos vocês se conheciam, todo o pessoal da festa?

— Na verdade eu não conheço. Só ajudo com o facial para os eventos. Acho que alguns deles se conheceram no hotel de mergulho em Honduras. Você sabe, a propriedade de Feramo nas ilhas por lá. Bom, isto que eu estou colocando em você é eucalipto orgânico e óleo de mamona. Na verdade eu uso uma variedade de produtos orgânicos, livre de aditivos. Vou lhe fazer um pote para você levar.

— Quanto custa?

— Duzentos e setenta e cinco dólares.

Olivia tentou não sorrir.

— Só o facial está bem, obrigada — disse com firmeza.

Quando entrou no vestiário, olhou-se no espelho e soltou um suspiro horrorizado. Seu rosto estava coberto por pequenos círculos vermelhos, como se tivesse sido atacada por uma criatura com tentáculos ou minúsculos parasitas famintos tentando sugá-la, com os rabos balançando. Coisa que, de certa forma, tinha acontecido.

Eram quinze para as seis. Teria de sair para o jantar com Feramo dentro de quarenta e cinco minutos. Estava começando a ficar muito apavorada e continuava coberta de manchas vermelhas. Graças a Deus existia base corretiva. Às seis e quinze Mac dava para vê-las. Ela estava vestida, penteada, maquiada e pronta por fora, mas por dentro não estava nem um pouco. As palmas das mãos suavam e o estomago ficava sendo tomado por espasmos de medo. Tentou parar, respirar, pensar, agir com calma. Tentou pensar em opções positivas: Feramo não sabia nada sobre o telefonema ou o grampo no quarto. Talvez tivesse sido o mensageiro enxerido e falador, e músculos inchados e estranhos pêlos faciais. Talvez o mensageiro trabalhasse para os tablóides sensacionalistas e tivesse pensado que uma celebridade iria para o quarto de Olivia, por isso tinha plantado o grampo e depois a havia dedurado para Melissa. Talvez Feramo soubesse do telefonema e quisesse lhe dizer que entendia por que ela estava suspeitando, e depois explicasse tudo que dissesse que na verdade era um cientista intelectual/doutor meio sudanês, meio francês, que fazia filmes como hobby e estava enjoado de todo o absurdo e queria viajar pelo Terceiro Mundo com Olivia, curar os doentes e mergulhar.

Quando estava pronta para sair, tinha conseguido se obrigar a pensar que tudo estava completamente OK. Estava ótimo. Ela simplesmente teria um jantar divertido e depois voltaria a Londres e começaria a reconstituir os restos esgarçados de sua carreira jornalística.

Depois saiu do quarto e perdeu completamente a tranqüilidade outra vez. O que ela estava fazendo? Estava doida? Ia jantar, sozinha, não sabia onde, com um terrorista da al-Qeda que sabia que ela sabia sobre ele. Não havia opção positiva. Feramo não queria que ela jantasse. Queria jantá-la. Mesmo assim, pelo menos as manchas no seu rosto não apareciam.

A porta do elevador se abriu.

— Ah, minha cara, o que aconteceu com o teu rosto?

Era a enrugada professora de voz, Carol,

— Ah, nada. Eu... é... fiz um facial - disse Olivia, entrando. —  
Você está trabalhando com os atores no teste?

— É, bem. Não só com o pessoal do teste.

Olivia encarou-a rapidamente. Ela parecia perturbada.

— Ah, verdade? Então não está trabalhando só com os atores?

— Ela decidiu arriscar um pouco de ousadia. — Trabalha com o resto da equipe também?

Carol olhou-a direto nos olhos. Parecia estar pensando num monte de coisas que não podia dizer.

— Sempre achei que só os atores precisavam de aulas de voz — disse Olivia lepidamente.

— As pessoas mudam de sotaque por todo tipo de motivos, não é?

A porta do elevador se abriu no saguão. Suraya estava atravessando a linha de visão das duas, radiante contra as paredes brancas.

— O que você acha? — disse Olivia em tom de conspiração, assentindo na direção de Suraya. — Malibu com um toque de Bombaim?

— Hounslow — disse Carol. Ela não estava sorrindo.

— E Pierre Feramo? — sussurrou Olivia enquanto saiam do elevador. — Cairo? Cartum?

— Não sou eu que vou dizer, não é? — replicou Carol, animada demais, jamais afastando o olhar do de Olivia. De qualquer modo, tenha uma ótima noite. — Ela deu um sorriso quebradiço e, puxando o cardigã em volta do corpo, foi na direção do manobrista.

## Capítulo 18

Olivia se aproximou da recepção e pediu para tirarem todas as cobranças desde sua chegada e todas as cobranças futuras da conta da Elan, e trocou para o seu cartão de crédito. Aquela viagem estava ficando cara, mas uma garota tem o seu orgulho. Enquanto esperava, o mensageiro enxerido, de cavanhaque e músculos, apareceu.

— Vai embora, srta. Joules? — Ele não era nem um pouco tipo mensageiro. Havia nele uma coisa inteligente demais e confiante demais. Talvez fosse um brilhante jovem matemático ganhando dinheiro nas férias universitárias. Não: velho demais.

— Ainda não.

— Gostando da estada?

— Sim, a não ser pelo microfone no quarto — disse em voz baixa, olhando o rosto dele.

— Perdão?

— Você ouviu.

O recepcionista voltou, no momento em que um perfume vagamente familiar, horrivelmente doce, invadiu suas narinas. Olivia se virou. Era Alfonso, com os pêlos do peito se projetando de baixo da camisa pólo, que desta vez era rosa.

— Olivia, eu estava começando a achar que você não apareceria nunca. Ia ligar para o teu quarto.

A tensão acumulada irrompeu num jorro de irritação.

— Por quê? Vai jantar também? — disse rispidamente.

Por um segundo Alfonso pareceu magoado. Ele era um cara divertido. Todo untuosidade e fanfarronada, mas ela tinha a sensação de que, por dentro, sofria de baixa auto-estima.

— Claro que não. O sr. Feramo simplesmente queria se certificar de que você chegaria em segurança. O carro a está esperando.

— Ah. Certo. Bem, obrigada — disse ela, sentindo-se um pouco má.

— Meu Deus, o que aconteceu com o seu rosto?  
Ia ser uma noite longa.

Alfonso levou-a para fora e orgulhosamente apontou para o "carro". Era uma limusine branca, do tipo que o pessoal de fora da cidade usa para subir e descer o Sunset Boulevard em noites de farra, usando perucas coloridas. Enquanto o motorista mantinha a porta aberta, Olivia entrou, ou melhor, caiu dentro, tropeçou no calombo do meio e se pegou olhando para um par de sapatos Gucci salto-agulha. Seus olhos subiram passando por delicados tornozelos azeitonados e um vestido de seda rosa-pardo para descobrir que estava compartilhando a limusine com Suraya. O que era isso?

— Olá, de novo — disse Olivia, tentando se arrastar para o banco enquanto recuperava alguns vestígios de dignidade.

— Oi. Meu Deus! O que aconteceu com o seu rosto?

— Eu fiz um facial — disse ela, olhando nervosa ao redor enquanto a limusine ronronava pela Sunset.

— Ah, não. — Suraya começou a rir. — Você foi ao Michael, não foi? Ele é um cascadeiro. Venha cá.

Ela abriu a bolsa, inclinou-se e começou a passar sombra corretiva no rosto de Olivia. Era um momento estranhamente íntimo. Olivia estava espantada demais para protestar.

— Então, você e Pierre, hein? — A voz de Suraya não combinava com a beleza elegante. Ela parecia drogada e soava estranhamente comum. — Vocês dois estão transando?

— Minha nossa, não! É só um jantar amigável! — Havia em Suraya alguma coisa que estava transformando Olivia num caloroso exemplar do Guia Feminino.

— Ah, qual é — engrolou Suraya, inclinando-se para diante. — Ele acha você muito inteligente.

— Que ótimo! — disse ela toda animada.

— Claro. — Suraya olhou pela janela, dando um sorriso torto consigo mesma. — Então você é jornalista, certo? A gente deveria sair para fazer compras.

— Claro — disse Olivia, tentando deduzir a lógica daquilo.

— Vamos à Melrose. Amanhã?

— Eu tenho de trabalhar — disse ela, pensando em como seria pouco encorajador experimentar roupas com uma modelo de um metro e oitenta e três e quarenta e cinco quilos. — O que você faz?

— Sou atriz — disse Suraya sem dar importância.

— Verdade? Você vai participar do filme do Pierre?

— Claro. Filme, cascata, tanto faz. Você realmente acha que ele é de verdade? — disse Suraya em tom de conSPIração. — Quer dizer, o Ferramo. — Ela abriu a bolsa e verificou o próprio reflexo, depois se inclinou para a frente de novo. — E então? — perguntou, enfiando a mão no joelho de Olivia e dando um aperto.

Olivia começou a entrar em pânico. Será que eles estavam planejando uma hedionda farra sexual estilo anos setenta como parte da cortina de fumaça estavam passando pelo palácio cor-de-rosa do Beverly Hills Hotel. Ela queria abrir a janela e gritar: “Socorro, socorro! Estou sendo seqüestrada.”

— Pierre? Eu o acho muito atraente. Nós vamos a um restaurante?

— Não sei. Restaurante, comida para viagem, tanto faz. Mas acha que ele é mesmo produtor de cinema?

— Claro — disse Olivia em tom chapado. — Por quê? Você não acha?

— Imagino que sim. Quanto tempo vai ficar em LA? Gostou do Standard?

Se ela estava tentando obter informações, não era muito boa nisso.

— E ótimo, mas não é o tipo de lugar em que dá vontade de pôr um biquíni. E como estar no cenário de SOS Malibu. Se bem que isso não seria problema para você.

— Nem para você — disse Suraya, descaradamente olhando seus seios. — Você tem um corpinho fantástico.

Olivia ajeitou o vestido nervosamente.

— Aonde nós vamos?

— Ao apartamento do Pierre?

— Onde fica?

— No Wilshire? Então, o que acha de eu ligar para o seu celular amanhã para combinar as compras?

— Ligue para o hotel — disse Olivia com firmeza. — Como eu disse, vou estar trabalhando.

Suraya parecia maligna quando não conseguia o que desejava. As duas caíram num silêncio desconfortável enquanto Olivia imaginava, mal-humorada, o que viria em seguida: Olivia amarrada com Suraya, costas contra costas, enquanto Alfonso andava empertigado em volta delas, vestido como um bebê com calça plástica, e Pierre Feramo ia e vinha, estalando um chicote. Se ao menos tivesse ficado no hotel e pedido serviço de quarto.

O apartamento de Pierre no Wilshire Regency Towers era o pináculo do luxo vertical. A porta do elevador se abriu no décimo nono andar revelando um templo em ouro e bege dedicado ao mau gosto moderado. Aqui a coisa era mais evidente: espelhos, mesas douradas, uma estátua de um jaguar em ônix preto. Havia apenas um elevador. Ela tirou o alfinete de chapéu da bolsa e escondeu na mão, olhando em volta à procura de outros meios de fuga.

— Quer um martini? — perguntou Suraya. Ela jogou a bolas casualmente no sofá quadrado, de brocado bege, como se morasse ali.

— Aah, não. Só uma diet Coke, obrigada — trinou Olivia estilo Guia Feminino.

Por que estou assim?, pensou indo até a janela. O sol ia começar a se avermelhar sobre as montanhas de Santa Monica e o oceano.

Suraya lhe entregou a bebida e ficou parada ridiculamente perto.

— Lindo não é? — ronronou romântica. — Você não gostaria de morar num lugar assim?

— Aah! Acho que isso me deixa meio tonta — caçoou a calorosa Olivia, afastando-se. — O que você acha dele?

— A gente se acostuma. Quer dizer... eu não moro mesmo aqui, mas... — Ah! Um relâmpago de chateação em seus lindos olhos escuros. Então Suraya morava ali. Ela havia se entregado.

— De onde você é? — perguntou Olivia.

— Los Angeles. Por quê? — Agora na defensiva.

- Pensei ter ouvido um sotaque inglês.
- Eu nasci na Costa Leste.
- Há quanto tempo conhece Pierre?
- Bastante. — Suraya engoliu sua bebida de uma vez só, afastou-se e pegou a bolsa. — De qualquer modo, tenho que dar o fora.
- Aonde vai?
- Sair. Pierre vai chegar logo. Fique á vontade.

Olivia viu a porta do elevador se fechar levando Sarava e prestou atenção ao gemido sibilo do movimento para baixo, até ter certeza de que ela havia ido embora. Agora tudo estava quieto, a não ser pelo zumbido do ar-condicionado. Ou o apartamento era alugado ou tinha sido mobiliado por um decorador louco. Não havia coisas pessoais — nem livros nem copos de caneta dentro —, só espelhos dourados, enfeites, variados animais selvagens de ônix e estranhas pinturas de mulheres sendo atacadas por serpentes e dragões compridos e finos. Prestou atenção, ajeitando o modo de segurar o alfinete, segurando a bolsa Louis Vuitton com força na outra mão. Havia um corredor do lado oposto ao elevador. Andou em silêncio pelo carpete fofo até lá, vendo uma fileira de portas fechadas. Com o coração martelando e dizendo a si mesma que, se fosse questionada, diria que estava procurando o banheiro, estendeu a mão para a primeira maçaneta e virou-a.

Viu-se num quarto enorme, onde uma das parede era totalmente janela. A peça central era uma cama de dossel, com as colunas em forma de cordas grossas, com abajures bulbosos de cada lado. De novo, não havia itens pessoais. Abriu uma gaveta, encolhendo-se quando ela rangeu: não havia nada dentro. Não conseguiu fechá-la estava agarrada. Xingando-se em silêncio, deixou-a aberta e continuou a busca na ponta dos pés. O banheiro era gigantesco espelhado, medonho, em mármore cor de rosa. Levava a um grande closet cheio de prateleiras de cedro, com uma ilha central para arrumar roupas. Mas não havia roupa nenhuma. Ela se encostou na parede e sentiu-a se mexer. Um painel — com cinco

centímetros de espessura, de aço — estava deslizando sem ruído para a esquerda revelando outro cômodo. Um cofre? Uma sala de pânico? As luzes se acenderam. Era maior do que o quarto e pintado de branco; sem janelas e vazio, a não ser por uma fileira de pequenos tapetes orientais encostados na parede. O painel começou a se fechar e, impulsivamente, logo antes que se fechasse totalmente, ela entrou depressa.

Ficou parada, com o coração batendo forte, olhando em volta, seria realmente uma sala de pânico? Aquilo seriam tapetes de oração? Virou-se para olhar a parede atrás dela. Havia três cartazes brancos com textos em árabe. Pegou a máquina fotográfica, pôs a bolsa no tapete, começou a fotografá-los e se imobilizou. Houve um e ruído do outro lado da parede deslizante: passos abafados! Havia alguém no quarto. Os passos pararam. Então da ouviu o som de alguém lutando para fechar a gaveta.

Os passos começaram de novo, lentos, ainda abafados, mas chegando mais perto. Sentiu-se como se estivesse presa debaixo d'água, sem ar. Obrigou-se a respirar, a ficar calma e pensar. Poderia haver uma segunda saída? Tentou visualizar o corredor do lado de fora: um longo trecho, depois uma porta. Outra suíte?

Ouviu o som dos passos no piso de mármore do banheiro e olhou de novo para o painel, notando a ligeira mudança no tom da parede, e depois examinou a parede do outro lado. Ali! Foi na ponta dos pés e encostou o ombro nele. Começou a abrir. Passou pela abertura, desejando que o painel se fechasse de novo, quase soluçando de alívio quando ele fez isso. Estava em outro closet, este cheio de roupas de homem. Havia um leve cheiro da colônia de Feramo. Eram as roupas dele: sapatos brilhantes, quase afetados; ternos escuros; camisas em tons pastel muitíssimo bem passadas; jeans muito bem dobrados; camisas pólo. Os pensamentos de Olivia chegavam aleatórios e rápidos enquanto ela andava rapidamente: *Meu Deus, ele tinha muita roupa para um homem. Muito arrumado, quase bicha. Ela realmente poderia bagunçar um closet assim. Como iria explicar sua saída no corredor?* Entrou no banheiro. Era isso: perfeito. Podia fingir que tinha ido usar o banheiro. Seu reflexo olhou de volta, de todos os ângulos. Ouviu o movimento suave, quase sem

ruído, do painel deslizante. Enfiou a máquina em miniatura na axila e deu a descarga. Talvez os bons modos mantivessem a pessoa fora do banheiro.

— Olivia? — Era Feramo.

— Espere um segundo! Não estou decente! — disse toda animada. — Tudo bem.

Sorriu tentando parecer o mais natural possível, com um braço escondendo a câmera em miniatura. Mas os olhos de Feramo estavam totalmente frios.

— Então, Olivia, vejo que você descobriu o meu segredo.

## Capítulo 19

Feramo passou por ela, fechou a porta do banheiro, trancou-a e se virou para encará-la.

— Você normalmente anda pela casa dos anfitriões sem permissão?

*Aceite o medo*, disse a si mesma. Não lute contra ele. *Use a adrenalina. Parta para o ataque.*

— Por que eu não deveria procurar um banheiro se você me convida para o jantar, manda que eu seja apanhada por uma deusa de mais um metro e oitenta e depois me deixa sozinha? - disse em tom acusador.

Ele enfiou a mão dentro do paletó.

— Imagino que isto pertença a você — disse, estendendo a bolsa Louis Vuitton. Merda. Ela havia deixado no chão quando estava tirando fotos dentro da sala secreta.

— Você me disse que era francês — disse ela bruscamente. — Fez o maior estardalhaço dizendo que falava com o coração. E depois mentiu para mim. Você não é francês, é?

Feramo encarou-a, impassível. Seu rosto, com a expressão neutra, tinha um ar de desprezo quase aristocrático.

— Você está certa — disse ele por fim. — Eu não contei a verdade.

Ele se virou e destrancou a porta. Ela pensou que iria desmaiar de alívio.

— Mas venha. Vamos nos atrasar para o jantar — disse ele, agora em voz mais agradável. — Conversaremos sobre essas coisas á mesa.

Ele abriu a porta, sinalizando para ela sair do quarto. A cama era enorme. Por uma fração de segundo houve um clarão ofuscante de desejo entre eles. Olivia entrou delicada no quarto — havia uma camisa na poltrona, livros junto da cama — e saiu no corredor. Ele fechou a porta e ficou entre ela e o elevador, sinalizando no outro sentido. Ela andou nervosa à frente dele, tentando passar raiva no

andar e desejando ter feito um curso de atriz. Curso de mergulho, curso de defesa pessoal, curso de línguas, curso de primeiros socorros: tinha passado a vida adulta perseguindo seu diploma universitário em habilidades de vida, mas nunca pensara em como seria útil saber representar.

No fim do corredor havia outra porta fechada. Feramo foi na frente para destrancá-la, e ela aproveitou a chance de enfiar a máquina fotográfica na bolsa enquanto ele abria a porta revelando uma escada.

— Para cima — disse ele.

Será que o sujeito estava tentando empurrá-la do telhado? Ela virou para olhá-lo, tentando avaliar se esse seria o momento de fugir. Quando seus olhos encontraram os dele, viu que Feramo estava rindo dela.

— Não vou comer você. Suba.

Aquilo era muito confuso. A realidade ficava entrando e saindo de foco. De repente, agora, com o riso dele, parecia um encontro de novo. No topo da escada ele abriu uma pesada porta corta-fogo, e houve um sopro de ar quente. Eles saíram num vento forte e num rugido tremendo. Estavam no topo do prédio, com o vasto panorama de Los Angeles em volta. O ruído vinha de um helicóptero parado no terraço, com as lâminas do rotor girando, a porta aberta, preparado.

— Sua carruagem espera — gritou Feramo acima do ruído.

Olivia estava dividida entre o medo e uma empolgação louca. O cabelo de Feramo voava para trás, como se ele estivesse diante de uma máquina de vento para tirar uma fotografia.

Olivia correu pelo concreto, mantendo-se abaixada para se desviar das lâminas do rotor. Ela entrou desajeitadamente no helicóptero, lamentando estar de vestido justo e sapatos desconfortáveis. O piloto girou e sinalizou para o cinto de segurança e os protetores de ouvido. Pierre estava no assento ao seu lado, fechando a porta pesada enquanto o helicóptero decolava, com o prédio encolhendo-se abaixo. Estavam indo na direção do oceano.

Era impossível falar por causa do barulho. Pierre não olhava para ela. Olivia tentou se concentrar na paisagem. Se esta seria sua

última hora, pelo menos iria passá-la olhando para alguma coisa bonita. O sol estava se pondo sobre a baía de Santa Monica, uma pesada bola laranja de encontro ao céu azul-claro, com a luz vermelha se refletindo na superfície vítrea do oceano. Seguiram a costa durante algum tempo, descendo contra a linha escura das montanhas na direção de Malibu. Podia ver a tira comprida do píer, o pequeno restaurante no final, construindo pela metade, e ao lado dele, na água, pequenas figuras pretas parecendo focas, pegando as últimas ondas.

Feramo se inclinou para a frente, instruindo o piloto, e o helicóptero girou para o mar aberto. Olivia pensou em sua mãe, há anos, quando tinha apenas quatorze anos, ralhando com ela por causa de seu sentimento de aventura, do interesse por garotos perigosos e pela vida no limite: “Você vai se encrencar; você não entende o mundo, só vê a empolgação. Você só verá o perigo quando for tarde demais.” Infelizmente o conselho só fora dado no contexto dos garotos católicos ou dos que tinham motocicletas.

O sol estava descendo atrás do horizonte, separando-se ao meio, um globo acima do outro como um número oito. Segundos depois de ter desaparecido, o céu em volta explodiu em vermelho e laranja, com as linhas das esteiras dos aviões aparecendo brancas contra o azul lá em cima.

Bem, ela não aceitaria isso. Não seria simplesmente jogada no meio do Pacífico sem ao menos uma despedida educada. Cutucou Feramo no braço, cheia de indignação.

— Para onde estamos indo?

— O quê?

— Para onde estamos indo?

— O quê?

Eles já eram como um casal geriátrico.

Ela se retorceu no banco e gritou no ouvido dele.

— PARA ONDE ESTAMOS INDO?

Ele riu.

— Você vai ver.

— QUERO SABER AONDE VOCÊ ESTÁ ME LEVANDO.

Feramo se curvou para dizer alguma coisa no seu ouvido.

— CATALINA — gritou ele.

Ilha Catalina — Uma ilha turística a uns trinta quilômetros da costa. Havia uma cidadezinha alegre na beira do mar, Avalon; o resto era área desocupada.

A noite caiu rapidamente. Logo um braço de terra escuro surgia das sombras. Longe, á esquerda, ela podia ver as luzes de Avalon — aconchegantes e receptivas, cascadeando até a pequena baía curva. Adiante deles havia apenas o negrume.

## *Capítulo 20*

### *Ilha Catalina, Califórnia*

O helicóptero estava descendo numa baía profunda, estreita, no lado da ilha voltado para o mar aberto, bem escondido da costa californiana e das luzes de Avalon. Ela viu vegetação, palmeiras sendo achatadas pelo vento do helicóptero. Quando pousaram, Feramo abriu a porta e pulou para fora, puxando-a e sinalizando para ela baixar a cabeça. As lâminas não pararam. Olivia escutou o som do motor crescendo de novo e se virou para ver o helicóptero decolando.

Ele guiou-a por um caminho até um cais. Não havia vento. O oceano estava calmo, com a linha íngreme dos morros de cada lado e o cais silhuetado em preto contra ela. Enquanto o ruído do helicóptero ia sumindo, houve silêncio a não ser pelos sons tropicais: cigarras, sapos, o barulho de metal contra metal no cais. Sua respiração estava saindo curta e rápida. Será que os dois estavam sozinhos ali?

Chegaram ao cais. Ela notou pranchas de surfe encostadas numa cabana de madeira. O que ele queria com pranchas de surfe? Catalina não será famosa pelo surfe. À medida que chegavam perto, Olivia percebeu que a cabana era um posto de mergulho, com tanques e equipamentos.

— Espere aqui. Eu preciso pegar uma coisa.

Enquanto os passos de Feramo se afastavam ela segurou o corrimão, sentindo-se fraca. Será que deveria simplesmente pegar um equipamento de mergulho e fugir? Mas se isso fosse, por alguma chance remota, apenas um encontro über romântico, parecia um comportamento meio extremo.

Foi na ponta dos pés até o posto de mergulho. Era bem-organizado: uma fileira de tanques, de vinte, presos em braçadeiras, coletes flutuadores e reguladores em ganchos; máscaras e pés-de-pato em pilhas arrumadas. Havia uma faca numa mesa de madeira rústica. Ela pegou-a e enfiou na bolsa, levando um susto ao ouvir os

passos de Feramo voltando. Sabia que estava correndo perigo de ser dominada pelo medo. Tinha de recuperar o controle.

Os passos estavam se aproximando. Aterrorizada, gritou:

— Pierre? — Não houve resposta, só o som dos passos, pesados e irregulares. Seria algum capanga ou pistoleiro contratado?  
— Pierre. É você?

Tirou a faca da bolsa e segurou às costas, tensa e pronta.

— Sim. — O tom líquido, com sotaque, de Pierre. — Claro que sou eu.

Ela exalou, com todo o corpo relaxando. Feramos saiu do escuro carregando um embrulho desajeitado, enrolado em preto.

— O que estamos fazendo aqui? — perguntou ela, irritada. — O que você está fazendo, me trazendo a um lugar isolado, me largando e não respondendo se é você quando está dando passos esquisitos? Que lugar é esse? O que está fazendo?

— Passos esquisitos? — Feramo olhou para ela, com os olhos lampejando, e subitamente tirou o pano preto do embrulho. Olivia achou que suas pernas iriam desmoronar. Era um balde de gelo com uma garrafa de champanhe e duas taças.

— Olha — disse ela pondo a mão na testa. — Isso é muito legal, mas você tem de ser tão melodramático?

— Você não parece o tipo de mulher que está procurando o previsível.

— Não, mas você não precisa me matar de medo para me fazer feliz. Que lugar é este?

— É um cais para barcos pequenos — disse ele, estendendo-lhe o pano preto. — Para o caso de você estar com frio. Eu deveria ter avisado que nós iríamos para o mar.

— Para o mar? — disse ela, tentando simultaneamente pegar o pano, que por acaso era muito macio, como se fosse feito das plumas de um pássaro raro, e esconder a faca nele.

Feramo assentiu para a baía, onde a silhueta de um iate podia ser vista deslizando sem ruído pela ponta da terra.

Olivia ficou aliviada ao descobrir que havia tripulação a bordo. Se Feramo ia matá-la, seria de pensar que fizesse isso quando os

dois estivessem sozinhos. E o champanhe seria um toque bem estranho.

Ela estava começando a se sentir ligeiramente mais relaxada, tendo conseguido esconder a fala de mergulho na bolsa Louis Vuitton, encoberta pelo xale ultrafino. Feramo estava parado junto dela na proa, ouvindo o fut-fut suave do motor levando-os para a escuridão do mar aberto.

— Olivia — disse ele, entregando-lhe uma taça. — Vamos brindar á nossa noite? Ao começo. — Ele bateu a taça contra a dela e a olhou atentamente.

— De quê?

— Você não se lembra de nossa conversa em Miami? No terraço? O começo do nosso conhecimento um do outro. — Ele ergueu sua taça e em seguida bebeu. — Então, diga. Você é jornalista. Por quê?

Ela pensou um momento.

— Eu gosto de escrever. Gosto de viajar. Gosto de descobrir o que está acontecendo.

Imaginou se todo esse desempenho se destinava a desequilibrá-la, fazendo-a se sentir ameaçada e aterrorizada num momento, e segura e mimada no outro, como fazer depilação a cera com uma esteticista boa de papo mas incompetente.

— E que lugares visitou em suas muitas viagens?

— Bem, não tantos quanto gostaria: América do Sul, Índia, África.

— Onde, na África?

— No Sudão e no Quênia.

— Verdade? Você esteve no Sudão? E o que achou de lá?

— Fantástico. Foi o lugar mais estrangeiro em que eu já estive. Era como Lawrence da Arábia.

— E as pessoas?

— Ótimas. — A dança ao redor do perigo no diálogo dos dois era empolgante.

— E Los Angeles? O que acha daqui?

— Deliciosamente superficial.

Ele riu.

— Só isso?

— Inesperadamente rural. É como o sol da França, só que com shoppings.

— E esse jornalismo que você faz, essa purpurina para revistas, é a sua especialidade?

— Purpurina? Nunca fui tão insultada na vida!

Ele riu de novo. Tinha um riso legal, meio tímido, como se fosse uma coisa que ele não se sentisse com muita permissão de fazer.

— Eu realmente quero ser uma correspondente estrangeira de verdade — disse ela, subitamente séria. — Quero fazer alguma coisa que signifique alguma coisa.

— O OcenasApart. Você fez a matéria? — Houve uma ligeira mudança de tom na voz dele.

— Humf. É, mais ou menos. Mas deram o crédito a outra pessoa.

— Você ficou magoada?

— Nããão. Foi uma coisa bem trivial, no contexto. E você? Gosta de LA?

— Estou interessado no que ela produz.

— O quê? Garotas lindas com peitos falsos gigantescos?

Ele riu.

— Por que não vem para dentro?

— Você está tentando ser ousado?

— Não, não. Para o jantar, quero dizer.

Um marinheiro de uniforme branco estendeu a mão para ajudá-la quando ela desceu a escada. O interior era de tirar o fôlego, ainda que um pouquinho cafona. Havia lambris de madeira brilhante e carpete bege, muito fofo, e um monte de latão. Era como uma sala, não uma cabine de barco. A mesa estava arrumada para dois, com toalha branca, flores e copos e talheres muito brilhantes, que, de modo frustrante, não eram folheados a ouro. A cabine era decorada com um tema hollywoodiano, e havia algumas interessantes fotos antigas de momentos de sets de filmagem: Alfred Hitchcock jogando xadrez com Grace Kelly, Ava Gardner enfiando os pés num balde de gelo, Omar Sharif e Peter O' Toole

jogando críquete no deserto. Havia uma vitrine com objetos dentro: uma estatueta do Oscar, um adereço de cabeça egípcio, um colar de pérolas com quatro voltas com uma foto da Audrey Hepburn em Bonequinha de luxo atrás.

— Esta é minha paixão — disse ele. — O cinema. Eu assisti a muitos filmes com minha mãe, muitos dos grandes filmes antigos. Um dia vou fazer um filme que será lembrado muito depois de eu estar morto. Se puder abrir caminho em meio a estupidez e ao preconceito de Hollywood.

— Mas você já fez filmes.

— Filmes pequenos, na França. Você não deve conhecê-los.

— Talvez conheça. Experimente.

*Isso foi um rápido ar de pânico?*

— Olha — disse ele —, este é um adereço de cabeça usado por Elizabeth Taylor em *Cleópatra*.

— Aquilo é um Oscar de verdade?

— É, mas sinto dizer que não é o mais notável. Meu sonho é obter uma das estatuetas dadas a Lawrence na Arábia em 1962. Mas por enquanto tenho de me virar com esta, que é um prêmio para melhor edição de som no final dos anos sessenta, que consegui achar no eBay.

Olivia riu.

— Fale mais de seu trabalho. Talvez eu tenha visto alguma coisa. Vejo um monte de filmes franceses na...

— E olha. Aquelas são as perolas que Audrey Hepburn usou em Bonequinha de luxo.

— As de verdade?

— Claro. Gostaria de usá-las durante o jantar?

— Não, não. eu ficaria ridícula.

Feramo tirou-as da vitrina e pôs no pescoço dela, prendendo-as com a habilidade de um cirurgião, recuando para avaliar o efeito.

Olivia se pegou sentindo uma pontada de síndrome de Cinderela, e ficou furiosa. Droga, ela estava impressionada com a porcaria do iate, com o apartamento, as perolas e o helicóptero. Sabia que fazia parte de uma longa fila de garotas que tinham sido cantadas com isso tudo, e não queria ser mais uma. Os sentimentos

ilusórios, ridículos, que podiam afligir uma garota nessas situações estavam borbulhando. Ela pensava: Eu sou diferente, não gosto dele pelo dinheiro, gosto por ele mesmo. Posso mudá-lo, ao mesmo tempo que se imaginava instalada no iate, uma criatura adorada, entrando na água para um ilimitado mergulho sem cobrança adicional pelo aluguel do equipamento, depois saindo para tomar uma chuva e prender as pérolas de Audrey Hepburn no pescoço.

Pára com isso, disse a si mesma. Pára, sua imbecil. Faça o que veio fazer aqui. “Pierre bin Feramo”, sentia vontade de gritar, podemos esclarecer isso? Você está me cantando ou tentando me apagar? Você é um terrorista ou um playboy? Acho que tentei colocar o FBI na sua cola ou não? Certo, ela iria muito bem enfrentá-lo.

Pierre — começou ela —, ou talvez eu devesse chamá-lo de M... M... — Ela começou a rir. — Mustafá?

A tensão estava tornando-a histérica. Ele a encarou com raiva por um momento, o que só lhe deu vontade de rir mais ainda. Sentia que estava sendo infantilmente abusada com Osama Bin Laden.

— Olivia — disse ele secamente — se isso continuar, eu terei de derrubar você.

— E me enterrar até a cabeça na areia?

— Tenho a impressão de que você acha que estou tentando recrutá-la como terrorista suicida. — Ele estava inclinado tão perto que ela quase podia sentir o gosto do seu hálito.

Ficou olhando o Oscar e o adereço egípcio na vitrine, tentando se acalmar.

— Por que mentiu para mim? — perguntou sem se virar.

Ele não respondeu. Ela se virou para encará-lo.

— Por que disse que era francês? Eu sabia que você era árabe.

— Sabia? — Ele pareceu bem tranquilo com isso, mesmo ligeiramente divertido. — Posso perguntar por quê?

— Bem, em primeiro lugar, o seu sotaque. Número dois, eu ouvi você dizer Shukran.

Uma pausa de um segundo.

— Você fala árabe?

— Sim. Como eu lhe disse, estive no Sudão. Gostei de lá... mas na verdade mesmo foram os seus sapatos e meias.

— Meus sapatos e meias?

— Meias de seda, finas, e sapatos brilhantes sem cadarço, muito tipo xeiue árabe.

— Devo me lembrar de trocá-los.

— Só se você estiver tentando esconder sua nacionalidade. Aquilo no seu apartamento era uma mesquita?

Os olhos com as pálpebras baixas não revelaram nada.

— Na verdade é uma sala de diversão. E pareceu um lugar ideal para privacidade e contemplação. Quanto á pequena... digamos... omissão sobre minha nacionalidade, eu estava tentando me livrar do estorvo dos estereótipos raciais. Nem todo mundo tem sua atitude positiva com relação a nossa religião.

— Isso não é meio como os políticos que fingem não ser gays? O fingimento em si tem o efeito de sugerir que há algo errado em ser gay.

— Está sugerindo que eu tenho vergonha de ser árabe?

Havia um leve tom de histeria na voz dele: uma ligeira falta de controle.

— Eu estou interessada em saber por que você mentiu sobre isso.

Ele fixou os olhos escuros e profundos nela.

— Eu tenho orgulho de ser árabe. Nossa cultura é a mais antiga do mundo e a mais sábia. Nossas leis são leis espirituais e nossas tradições estão enraizadas na sabedoria dos nossos ancestrais. Quando estou em Hollywood sinto vergonha não da minha ancestralidade, mas do mundo que vejo ao redor, a cobiça, o culto salivante á carne e á juventude, a ostentação da sexualidade em busca da fama e do ganho financeiro, a luxúria pelo novo na ausência de respeito pelo antigo. Esta superficialidade que você brinca de achar deliciosa não é doçura, e sim os próprios esporos da podridão dentro da fruta madura.

Olivia ficou imóvel, segurando a bolsa com força, pensando na faca que estava lá dentro. Sentia que a menor palavra mal aliviada

ou o menor movimento acionaria o gatilho da fúria cuidadosamente calculada dele.

— Por que os países mais ricos da terra são os mais infelizes?  
— prosseguiu ele. — Você sabe?

— Esta é uma generalização bastante estranha — disse ela em tom leve, tentando mudar o clima. — Quer dizer, algumas nações mais ricas do mundo são árabes. A Arábia Saudita está muito bem de vida, não é?

— Arábia Saudita, bah!

Ele parecia estar tendo algum tipo de batalha particular. Virou-se, depois olhou para trás, agora recomposto.

— Desculpe, Olivia — disse ele num tom mais gentil. — Mas passando tempo na América, como eu faço, freqüentemente me sinto... ferido... pela ignorância e pelo preconceito com que somos rotulados e insultados. Venha. Já chega. Não é a noite certa para esta discussão. É uma noite linda, e está na hora de comer.

## Capítulo 21

Meus Deus, como Pierre Feramo bebia. Depois de uma garrafa de champanhe Cristal, um Pomerol 82 e boa parte de um Chassagne-Montrachet96, ele estava pedindo um Reio della Valpolicella para acompanhar a sobremesa. Na maioria dos homens, pareceria que havia um problema. Num muçulmano, pareça absolutamente bizarro. Mas afinal, Olivia pegou-se pensando, digamos que durante a maior parte da vida Feramo nunca tenha bebido uma gota de álcool. Só digamos que ele tenha começado a beber recentemente, como uma cortina de fumaça. Como saberia que tinha problema? Como saberia que nem todo mundo bebia assim?

— Os muçulmanos não deveriam se abster de álcool? — perguntou ela.

Estava se sentindo cheia. A comida era soberba; escalopes com purê de ervilhas e óleo de trufa branca, peixe num molho com um pouquinho de curry...

— Ah, isso depende, isso depende — disse ele vagamente, enchendo a própria taça — Há interpretações diversas.

— Você mergulha desse barco?

— O que... se mergulho com os equipamentos? Sim. Bem, na verdade, não, não daqui, não pessoalmente. É frio demais. Gosto de mergulhar no Caribe, nos recifes perto de Belize e Honduras, e no Mar Vermelho. Você mergulha? — Ele fez menção de encher a taça dela, sem perceber que já estava cheia.

— Sim, eu adoro mergulhar, antes de vir estava pensando em sugerir uma matéria sobre mergulho para a Elan: mergulhar fora do circuito comum. Belize, Honduras. Também estava pensando no Mar Vermelho no Sudão.

— Mas, Olivia — disse ele, levantando as mãos expansivamente —, você precisa ir ao meu hotel em Honduras. Insisto. O mergulho nas Ilhas Bay é insuperável. Há paredões que descem por trezentos metros, túneis intrincados, a vida marinha mais

rara. Você precisa pedir á sua revista para deixá-la fazer uma cobertura. E depois vá ao Sudão. É maravilhoso lá, a visibilidade é a melhor do mundo. Totalmente intocado. Você precisa fazer isso. Precisa fazer imediatamente. Eu parto para Honduras amanhã. Você precisa telefonar para a sua revista e ir para lá, como minha convidada.

— Bem, há um problema.

— Problema?

— Eles me demitiram.

— Eles demitiram você?

Ela o olhou cuidadosamente, procurando sinais de blefe.

— É, alguém do seu escritório de RP ligou para a editora e reclamou que eu tinha ligado para o FBI sugerindo que investigassem você.

Só por um segundo ele perdeu a compostura, mas recuperou depressa.

— Você? Ligou para o FBI? Que ridículo.

— Exato. Eu não liguei. Mas alguém grampeou o meu quarto e me ouviu falando comigo mesma. Olha — disse ela, inclinando-se para a frente. — Pierre, eu vou ser honesta. Eu realmente fiquei pensando a seu respeito depois do que aconteceu em Miami. Quando nós estávamos juntos no deque no topo do seu prédio, você parecia muito decidido a que eu não fosse ao OceansApart na manhã seguinte. E depois do navio explodir, você saiu imediatamente da cidade. Você me disse que era francês, e depois eu o ouvi falar em árabe. Eu costumo me deixar levar um pouco e converso comigo mesma, conversas imaginárias, acho, porque passo muito tempo sozinha. Mas não posso entender quem teria grampeado o meu quarto.

— Tem certeza que ele foi grampeado?

— Encontrei um transmissor na tomada do telefone.

As narinas dele se alargaram.

— Minha cara Olivia — disse por fim —, sinto muito isso ter acontecido. Eu não tinha idéia. Não posso imaginar quem teria feito isso, mas, como você sabe, nós vivemos na época paranóica.

— É. E você pode ver como...

— Ah, sim, sim. Claro. Você é jornalista e lingüista. Tem uma mente inquisitiva. Eu próprio talvez suspeitasse. Mas presumo que, se você ainda tivesse essas suspeitas, não estaria aqui.

— Teria sido meio insensato ter vindo — disse Olivia, cuidadosamente evitando a mentira.

— E agora você perdeu o emprego.

— Bom, não era exatamente um emprego. Mas parece que o seu pessoal de RP ligou para eles furioso.

— Vou consertar isso imediatamente. Anote o telefone do contato do seu editor e vou telefonar de manhã. Sinto muito isso ter acontecido.

*Acho que estou me apaixonando por você, pensou ela. Mesmo se você for um terrorista. Eu sou uma daquelas mulheres que trabalham num programa auxilio internacional e se apaixonam pelo líder do exercito rebelde, ou que são seqüestradas e ficam caidinhas pelo seqüestrador. Tenho síndrome de Estocolmo. Vou terminar sendo citada num artigo curto no Woman's Hour.*

Ele segurou sua mão e olhou em seus olhos. Realmente era o homem mais lindo: gentil, charmoso, gracioso, terno.

— Você vem? A Honduras? — perguntou ele. — Eu lhe arranjo um avião e você será minha hóspede.

Ela tentou se obrigar a resistir.

— Não, não. você é muito gentil, mas nunca aceito hospitalidade quando estou escrevendo uma matéria. Interfere na imparcialidade. Eu posso achar uma barata na sopa, e aí onde é que nós estaríamos?

— Então esse convite para o jantar também vai interferir na sua imparcialidade?

— Só se eu estivesse escrevendo uma matéria sobre você.

— E não está? Srta. Joules, você me desaponta. Pensei que ia me transformar num astro.

— Tenho certeza que você é a única pessoa em LA que não está procurando estrelato.

*Pelo menos não nesta vida.*

— E acho que você é a outra.

Ele estendeu a mão e passou-a delicadamente sobre o malar de Olivia. Os olhos castanhos derretidos pareciam se cravar nos dele. O toque dos lábios dele nos seus lançou ondas de choque por todo o organismo.

— Srta. Joules — murmurou ele —, você é tão maravilhosamente, imperturbavelmente... inglesa.

Ele se levantou, segurou sua mão, fez com que ela se levantasse e guiou-a para o convés.

— Vai ficar comigo aqui esta noite? — disse Feramo, olhando-a.

— É cedo demais — murmurou ela, cedendo enquanto ele encostava sua cabeça contra o peito, envolvendo-a de modo protetor com os braços, com as mãos subindo para acariciar seus cabelos.

— Entendo. — O único som eram as batidas suaves das ondas na lateral do barco. — Mas vai se juntar a mim em Honduras?

— Vou pensar nisso — sussurrou ela, debilmente.

## Capítulo 22

### Los Angeles

— Que terminal?

O táxi de Olivia estava passando pelos campos de petróleo a caminho do aeroporto. Jumentos cor de areia balançavam a cabeça provavelmente, como se ela estivesse no sul do Iraque, não nos arredores de Los Angeles.

— Que terminal? — gritou outra vez o motorista de táxi. — Terminal? Internacional? Ou vôo doméstico? Que companhia aérea?

— Ah, ah, é... — Ela parou, não tendo idéia de para onde estava indo. — Internacional.

O sol estava se pondo em meio às nuvens com os detalhes e o esplendor de uma pintura a óleo, tendo o emaranhado dos fios telegráficos em silhueta. Ela sentiu um tremor de nostalgia prematura por Los Angeles e pelos Estados Unidos: os Estados Unidos dos desertos, dos postos de gasolina, das viagens por estrada e da reinvenção.

— Que companhia aérea?

*Ah, cale a boca, sentiu vontade de dizer. Eu ainda não decidi, porcaria.*

Obrigou-se a pensar com clareza e sensatez. Era um problema perfeitamente simples: tinha se apaixonado por um homem. Era o tipo de coisa que poderia acontecer a qualquer pessoa, a não ser que ele fosse um terrorista internacional. Os sintomas eram familiares: apenas trinta por cento de seu cérebro funcionavam. O resto era tomado por uma combinação de fantasia e flashback. Sempre que tentava se acalmar para avaliar a situação e pensar num plano, sua mente era assolada por imagens de todo um futuro com Feramo, a começar pelos mergulhos nas águas cristalinas do Caribe, seguido por trepadas em tendas beduínas no deserto do Sudão, concluindo com uma vida de casada estilo Grace Kelly e o príncipe Rainer, em iates, palácios etc., com Feramo, que, num

espantoso feito de ginástica mental, tinha se transformado de terrorista num importante diretor de cinema/filantropo e também possivelmente médico/cientista/outro profissional não especificado que também sabia consertar carros. Ela jamais deveria ter ido ao encontro em Catalina. Tentou desesperadamente se controlar. Eu não vou seguir um homem a toda parte, disse a si mesma. As mulheres evoluíram e aprenderam a fazer tudo que era trabalho masculino, eles reagiram regredindo. Nem conseguem mais consertar as coisas. Mas agora Feramo, vestido com uma atraente macacão, estava mexendo no motor do seu helicóptero, observado por mecânicos admirados. Com um giro final da chave inglesa, o motor rugiu, funcionando, enquanto os mecânicos aplaudiam e gritavam com empolgação. Feramo segurou-a pela cintura, virou sua cabeça para trás e beijou-a apaixonadamente, antes de levá-la a bordo do helicóptero.

O celular começou a tocar. A tela disse FORA DE ÁREA. Feramo! Tinha de ser.

— Sou eu — disse Kate. — Fui acordada por vibrações mentais transatlânticas. Você está para fazer alguma coisa ruim, não está?

— Não, não. Só... é... Pierre tem um hotel numa área de mergulho em Honduras e...

— Não ouse seguir aquele sujeito até Honduras. É insano. Para que você esteve trabalhando todos esses anos se vai simplesmente sucumbir aos encantos de um ridículo playboy estilo Dodi AL-Fayed? Ele provavelmente tem costas peludas. Daqui a quatro anos vai estar obrigando você a ficar em casa vestida de burca enquanto ele viaja pelo mundo trepando com aspirantes a atriz.

— Não é assim. Você não o conhece.

— Ah, por favor. Nem você. Venha para casa, Olivia. Conserte a sua situação no Sunday Times. Continue construindo sua carreira e uma vida que ninguém possa lhe tirar.

— Mas e se for verdade? E se ele for AL-Qaeda?

— Venha para casa mais depressa ainda. Você vai acabar sem cabeça, quanto mais sem carreira. E não, eu não estou tentando roubar sua matéria.

— Desculpe aquilo — disse Olivia sem graça.

— Tudo bem.

— Eu não estou planejando passar o resto da vida com ele. Só pensei em ter um pouquinho...

— Você não precisa ir até a porra de Honduras para ter “um pouquinho...” Pegue um vôo para Heathrow esta noite, e eu vejo você amanhã.

O táxi estava fazendo a curva de concreto em direção às áreas de embarque.

— Certo, chegamos. Terminal internacional — interrompeu o motorista. — Que companhia aérea?

— Aqui mesmo.

— Você é muito suscetível aos homens.

— Bem, pelo menos não me casei duas vezes — disse Olivia, tentando ao mesmo tempo sair do táxi, pagar ao motorista, pegar sua bolsa e encaixar o celular debaixo do ouvido.

— Isso porque você teve uma clareza prematura devido ao que aconteceu com sua família. Caso contrário estava casado aos vinte anos, como todo mundo da sua escola.

Olivia teve uma intuição súbita.

— Brigou com Dominic? — Disse ela, tentando indicar ao motorista que não tinha dado uma gorjeta de vinte dólares numa corrida que custou trinta.

— Eu o odeio.

— Ah, você quer dizer que a coisa ainda está de pé. Amor e ódio são a mesma coisa. O oposto do amor é a indiferença.

— Cala a boca. Eu o odeio. Então você vai chegar mais ou menos às três horas de amanhã, certo? Venha direto para cá;

— É, bem... eu ligo — disse Olivia em dúvida, indo para o terminal.

Olivia adorava viajar sozinha: em movimento, com uma mala pequena, responsável *apenas* por si mesma. Sorriu quando a porta automática deslizou para recebê-la. Como **elas sabiam** abrir? Isso fazia com que ela se sentisse muito importante.

Sentou-se numa fileira de cadeiras de plástico e olhou o mundo do aeroporto passar: uma família preocupada, usando sapatos

confortáveis, paletós em tons pastel e uniformes largos de turista, agarrando suas malas, olhando em volta temerosos, amontoados juntos, contra um mundo estranho. Uma garota mexicana gorda com um bebê, seguindo um rapaz de aparência raivosa. Pensou no que Kate tinha dito. Será que ela teria permanecido Rachel Pixley e tido uma vida comum se não fosse o acidente? Nããã, pensou. Não existia vida comum. A vida era frágil e estranha, e valia só alguns tostões. Cabia a gente encontrar a diversão.

Pegou um impresso amarrotado onde havia um e-mail e leu de novo.

De: editor@elan.co.uk  
Assunto: Pierre Feramo

Minha cara Olivia,

Hoje cedo fomos contatados por Pierre Feramo. O

sr. Feramo explicou que o pessoal dele cometeu um erro imperdoável que não foi culpa sua, de modo algum. Ele falou sobre você nos termos mais elevados e pediu que a recolocássemos imediatamente na matéria.

Nem sei como pedir desculpas. Nós recebemos o material que você mandou, e que é excelente. Acho que já há o bastante para fazer a matéria. Você gostaria de continuar pessoalmente ou preferiria passar para a matéria de Honduras que o sr. Feramo mencionou? Nós poderíamos, se você quisesse, mandar os redatores terminarem a matéria das "aspirantes" e a assinatura seria sua. Diga o que acha.

Desculpe de novo, e estou ansiosa para outras matérias soberbas suas no futuro.

Sally Hawkins  
Editora, Elan

Ela recolocou o impresso na bolsa e pegou o folheto da Expedia sobre informação de vôos. Havia um vôo da Virgin às 20h50 para Londres, e um vôo da AeroMexico para o La Ceiba em

Honduras às 20h40, com conexão na Cidade do México. Só precisava decidir.

## Capítulo 23

Mas infelizmente Olivia não conseguia decidir. Estava mergulhada na Terra da Indecisão, que ela sabia ser um lugar traiçoeiro onde poderia ficar vagueando durante dias, cada vez mais perdida num labirinto de prós, contras e possibilidades. Único modo de escapar era tomar uma decisão - qualquer decisão — e depois pelo menos poderia sair e ver direito.

Com a testa franzida na resolução mais séria, percorreu com o olhar a tabela de partidas para verificar o vôo para Londres: Acapulco, Belize, Bogotá, Cancún, Caracas, Guadalajara, Guatemala, La paz. O que estou fazendo?, pensou. Se voltar para Londres, vou ficar parada na chuva escrevendo matérias sobre salas de jantar.

Abriu o guia de Honduras. "Um paraíso de praias de areia branca e picos com florestas tropicais, rodeado pelas águas cristalinas do Caribe. As Ilhas Bay oferecem os mergulhos mais espetaculares do Caribe."

Mmm, pensou, folheando até achar Popayan, a ilha onde ficam o balneário de mergulho de Feramo.

"Popayan, a menor ilha do arquipélago, oferece uma volta ao Caribe nos anos cinquenta. Boa parte da população é uma mistura de negros, caribenhos, hispânicos e colonos brancos — descendentes diretos de piratas irlandeses naufragados. O único bar do povoado, o Balde de Sangue, é o centro de toda a fofoca e vida social."

Seus olhos se iluminaram. Parecia uma tremenda diversão. Então, lembrando-se das observações da mãe sobre empolgação e perigo, pegou outro livro sobre Al-Qaeda, e o abriu numa página marcada, um capítulo com o título "Takfiri".

Agentes da inteligência alertam que os membros do Takfiri, um braço da al-Qaeda, negam suas raízes islâmicas bebendo álcool, fumando e até mesmo tomando drogas, além de se relacionar com mulheres e se vestir em sofisticado estilo ocidental. Seus objetivos é

se fundir no que consideram sociedades corruptas com o objetivo de destruí-las.

O professor Absalom Widdett, um inglês estudioso do islã e autor de A improbabilidade da TV de Plasma do el-Obeid os descreveu como "devastadoramente implacáveis: o núcleo dos núcleos dos militantes islâmicos\*.

Olivia tinha tomado a decisão. Foi até a caixa de correspondência e pôs um envelope endereçado ao seu apartamento em Londres. Continha uma cópia em CD de seu disco rígido, inclusive com as fotos que tinha tirado na "sala de pânico" de Feramo.

— Uma passagem para La Ceiba, Honduras — disse á mulher do balcão.

— Só de ida ou ida e volta?

— Só de ida — falou, séria.

## *Capítulo 24*

### *América Central*

A viagem passou da limpeza do Lax para a loucura da América Central num ritmo atordoante. Olivia, cheia de empolgação, pensou que era como uma versão acelerada de uma exploração vitoriana: Burton ou Speke partindo de Londres para o Cairo com colarinhos engomados, depois mergulhando cada vez mais fundo no continente africano, perdendo a sanidade, as posses e os dentes.

O aeroporto da Cidade do México era louco: os bancos eram de couro de boi gasto; os homens passavam usando botas de caubói, sombreros e bigodes grandes; as mulheres bambolevavam com jeans apertadíssimos e saltos agulha, estufando blusas de cetim como apresentadoras de programas de jogos na TV, ao passo que os programas de jogos e vídeos de música nas telas grandes bordejavam o lado errado do pornô leve.

Olivia estava ocupada. Ligou para Sally Hawkins, disse que gostaria de fazer a matéria sobre mergulho, mas adiou para a dali alguns dias. Decidiu percorrer as Ilhas Bay incógnita e descobrir o que pudesse, antes de alertar alguém sobre sua presença. Comprou jeans baratos e um suéter, achou uma lanchonete e um banheiro e tingiu o cabelo de ruivo. Depois passou a usar o passaporte antigo (que, fraudulentamente, ela dissera que havia perdido ao mudar de nome) e se tornou Rachel Pixley. A idéia de comida de avião em geral lhe causava repulsa, mas aqui sentiu-se reduzida pelos cheiros e comeu um gigantesco prato de burritos com feijões fritos, molho, guacamole e molho de chocolate.

A conexão da ATAPA para La Ceiba em Honduras atrasou cinco horas, com a atmosfera no portão parecendo cada vez mais festiva. Quando o grupo variado de passageiros abordou o avião decrépito, o atraso tinha se transformado numa festa total, com sanduíches de isopor e rodadas de sinistras bebidas verdes batizadas com tequila. O homem ao lado de Olivia ficava oferecendo goles de tequila de

uma garrafa, mas, como ela explicou, estava cheia demais de feijões fritos ou *chocolat* para que coubesse mais alguma coisa. Depois de quarenta minutos de vôo, o filme idiota que tinha sido sonoramente ridicularizado pelos passageiros desapareceu da tela e a voz do comandante veio pelos alto-falantes — primeiro em espanhol, depois em inglês.

— Senhoras e senhores. Aqui fala o comandante. Lamento anunciar que este avião está com problemas e não vai posar em La Ceiba. Vamos para outro lugar. Logo informaremos. Tchau.

Olivia se convenceu imediatamente de que era um seqüestro. O tempo pareceu ralentar, como as pessoas diziam que acontecia quando a gente se afogava. Seu sentimento predominante, decidiu ela, era de tristeza: tristeza por nunca ter feito sucesso como jornalista e nunca ter assinado uma matéria importante. Tentou se a se lembrar das Regras de Vida, depois, mal-humorada, decidiu que elas não importavam se você estivesse morta. Animou-se, brevemente pensando numa reunião lacrimosa com os pais e o irmão, que estavam vestidos de anjos, com asas. Depois pensou: *Ah, diabo, se eu soubesse que isso ia acontecer, pelo menos teria trepado com Feramo naquele iate.*

## *Capítulo 25*

### *Tegucigalpa, Honduras*

Certo, já chega de chafurdar, disse animada a si mesma, enfiando a mão na bolsa para pegar o spray de pimenta e olhando para a cabine, tentando pensar num plano. O homem ao seu lado escondeu a garrafa de tequila. Dessa vez ela tomou um gole enorme, agradecida. Devolveu a garrafa e ficou perplexa ao vê-lo pegá-la com um riso animado. Olhando em volta, percebeu que ninguém estava se comportando de modo adequado a quem estivesse á beira da morte. A aeromoça ia pelo corredor com outra bandeja de bebidas espalhafatosas e uma nova garrafa de tequila.

— Tudo bem — disse o homem ao lado — Não se preocupe. As linhas aéreas ATAPA nunca sabe para onde vão. O nome significa Antes de Tudo Agarre um Pára-quadras. — E explodiu numa gargalhada.

O pouso em Tegucigalpa foi como um trator batendo num teto de aço corrugado. Mas mesmo assim os passageiros bateram palmas e saudaram o piloto. As primeiras gotas de chuva caíam enquanto eles subiam num ônibus precário, e logo, enquanto chocalhavam pelas ruas sujas da cidade passando por prédios coloniais meio desmoronando e barracos de madeira, uma tempestade tropical martelava o teto. Era um tanto aconchegante.

Olivia considerou o hotel El Parador como sendo do padrão mais elevado. A ponta do papel higiênico era impecável em termos de dobra aguda e bem-feita. O único problema é que o piso do banheiro estava sob cinco centímetros de água. O telefone, quando ela tentou falar com a recepção, gorgolejou em resposta. Ela desceu pessoalmente, pediu que lhe mandassem rapidamente um esfregão e um balde e voltou ao quarto, onde se sentou com as pernas cruzadas na colcha multicolorida e começou a organizar suas posses.

Espalhou as coisas á sua frente e começou a fazer duas listas:

Itens Essenciais para o Resto da Viagem e Itens Desnecessários. Agora os

Itens Desnecessários incluíam O suéter e os jeans medonhos (quentes demais) e a linda sacola de couro marrom Marc Jacobs deste ano (pesada demais, identificável demais e chique demais).

Houve uma batida na porta.

— Un momento, por favor — disse ela, escondendo o material de pesquisa e o equipamento de espionagem sob o cobertor. — Passe adelante.

A porta se abriu, seguida por um esfregão e uma sorridente garota hispânica segurando um balde. Olivia Fez menção de pegar o esfregão, mas a mulher balançou a cabeça, por isso as duas enxugaram o chão juntas, Olivia esvaziando o balde e a garota mantendo um fluxo contínuo de espanhol, principalmente sobre como havia diversão no bar lá embaixo. Quando o piso estava seco, as duas recuaram, sorrindo e admirando o trabalho. Olivia sentiu que se sentiria honrada — e esperava que não fosse neocolonialista — em substituir a gorjeta devida a este espírito feliz pela sacola de couro, além de algumas roupas e outros Itens Desnecessários. A garota ficou muito satisfeita, ainda que não o suficiente para sugerir que sabia que era uma Marc Jacobs desta temporada, ou talvez fosse simplesmente uma pessoa espiritual que não ligava para etiquetas. Abraçou Olivia e assentiu na direção do bar.

— Sí, si, más tarde — disse Olivia.

É melhor ficar longe das margaritas, disse Olivia a si mesma enquanto enfiava os objetos de valor no cofre e fechava os Essenciais para o resto da viagem na mala marrom e verde-oliva. Mas dane-se, pensou ao chegar ao pátio festivo. Todo mundo está caindo de bêbado. Tomou um gole de sua primeira margarita sensacional. Salud!

Um homem bonito, de cabelos brancos e bigode, ofuscantemente bêbado, cantava e tocava violão enquanto a multidão estrambótica de viajantes hippies, empresários e moradores do local o acompanhavam. Quando o inebriado mariachi começou a perder o rumo, foi abruptamente substituído por uma

salsa no último volume. Dentro de instantes a pista de dança estava cheia de moradores locais dançando exoticamente passos intrincados, detalhados, e com as torções indeterminadas dos gringos vestidos de camisetas com manchas de água sanitária. Olivia, que tinha namorado brevemente um venezuelano correspondente da Rueters e desenvolvido um queda pela salsa, ficou hipnotizada ao ver os dançarinos, provocados pelos ritmos, demonstrando a coisa de verdade. Através da massa de corpo, um sujeito de cabelos curtos, louros oxigenados, tinha atraído sua atenção. No meio de toda a festividade e das bebedeiras insensatas, ele ficou sentado a uma mesa, inclinado para a frente, com o queixo nas mãos, olhando a turba atentamente. Estava vestido com roupas largas tipo hip-hop, mas tinha a aparência muito fria e concentrada para ser mochileiro. Ele reapareceu alguns segundos depois, bem na frente dela. Não sorriu; simplesmente levantou uma sobrancelha na direção da pista de dança e estendeu a mão. Era um grande dançarino. Sensual. E atrevido. Não se mexia muito, mas sabia o que estava fazendo, e ela só precisava acompanhar. Nenhum dos dois falou, apenas dançaram, corpos próximos, o braço dele guiando-a para onde queria ir. Depois de umas duas músicas, um homem idoso, morador local, interveio com imensa cortesia. O louro cedeu o posto graciosamente. Na próxima vez em que Olivia espiou, ele havia sumido. Por fim parou de dançar. Enquanto estava ali parada, enxugando a testa, sentiu uma mão no braço. Era a camareira a quem tinha dado a bolsa.

— Volte para o seu quarto — disse a garota em voz baixa, em espanhol.

— Por quê?

— Alguém esteve lá.

— O quê? Você viu alguém?

— Não. tenho de ir — disse ela nervosa. — Vá dar uma olhada.

Depressa.

Ficando sóbria rapidamente, Olivia foi para o quarto. Pela escada, não de elevador. Enfiou a chave na fechadura, parou e abriu a porta depressa. O quarto era uma massa de sombras estranhas lançadas pelas luzes da rua atravessando as palmeiras e a telas

contra mosquitos na janela. Ainda na portas, ela estendeu a mão e acendeu a luz: nada. Prestou atenção de novo, fechou a porta depois de entrar e verificou o banheiro: de novo, nada. Foi até o cofre. Estava intocado. Então seu olhar pousou na mala. Estava parcialmente aberta; ela sabia que tinha deixado fechada. As roupas que tinha deixado dentro estavam desarrumadas. Passou a mão por baixo delas e encontrou o que parecia um saco plástico cheio de pó branco e, no mesmo instante ouviu passos no corredor. Abriu o saco, enfiou um dedo e passou na gengiva, confirmando as suspeitas, com um calafrio não desagradável, de que ele continha cocaína, uma quantidade notável de cocaína. Nesse momento os passos pararam diante de seu quarto, e houve gritos altos e batidas na porta.

— La policia! Abra la puerta!

— Un momento, por favor.

Era uma opção simples: abrir a porta para a policia com um grande saco de cocaína na mão ou pular direto do quinto andar.

## Capítulo 26

Pare, respire, pense. Entrou no banheiro e deu descarga no vaso. Com a descarga mascarando o som, levantou com cuidado a tela da janela e recuou. Mirando o mais longe possível, jogou o saco plástico com toda a força, pensando: Alguém aí fora vai descobrir que a noite ficou animada. Então — ouvindo um ruído distante de coisa batendo na água — recolocou a tela e abriu calmamente a porta.

Assim que viu os policiais, percebeu que eles não eram amedrontadores. Eram adolescentes espinhentos e pareciam pedir desculpas. Ela se sentou numa cadeira de espaldar reto olhando-os revistar o quarto, tentando decidir se sabiam o que estavam procurando e onde a coisa estaria. Seriam mesmo da polícia? Militares? Atores? Atores desempregados/gerentes de estilo de vida?

— Tudo está bien—disse um deles finalmente.—Gracias. Desculpenos.

— No tiene importancia — disse ela, o que não era estritamente verdade, mas afinal de contas Olivia era inglesa e acreditava no ar quente da educação, já que, como diz o Manual da boa moça: "Num pneu não existe nada além de ar, mas ele certamente faz as rodas girarem macias!"

— Un cigarillo? — disse o rapaz mais jovem, estendendo um maço.

—buchas gradas—respondeu ela, pegando o cigarro e se inclinando para a frente, para acender, Não fumava há anos. Aquilo bateu como se fosse um baseado. Ela desejou ter um pouco de tequila para oferecer aos policiais. Eles pareciam suscetíveis de ser embebedados e contar quem os tinha mandado.

— Por qué están aqui? — perguntou mesmo assim.

Os dois garotos se entreolharam e riram. Disseram que tinham recebido uma dica. Todos riram mais um pouco e terminaram os

cigarros, e os dois garotos saíram como se fossem antigos amigos dela que tinham passado para uma festa.

Quando teve certeza de que eles haviam saído, deixou-se afundar com as costas na porta. Por fim se obrigou a sair do poço de medo e confusão e se perguntou, segundo a Regra de Vida número sete: Isso realmente importa? A resposta, infelizmente, era sim. Decidiu ligar de manhã para a embaixada inglesa. Se houvesse uma embaixada inglesa.

Teve uma noite terrível, quente, ansiosa, insone. Ficou aliviada quando um galo começou a cantar, sinalizando que aquilo havia terminado. Quando o sol apareceu através das copas brilhantes das palmeiras, lançou uma luz frustrantemente pálida, e não o sol matinal intenso do Caribe. Ela abriu a janela, olhando para um porto tranqüilo e telhados de ferro corrugado, sentindo o cheiro do ar denso, cheio de temperos. Um grupo de mulheres falava e ria na rua abaixo. Havia uma música tacanha de mariachis vindo de um rádio. Percebeu que não houvera qualquer aviso aos passageiros sobre como ou quando poderiam chegar ao destino previsto. Imaginou se todos simplesmente ficariam ali para sempre, com a festa continuando dia após dia, até que não fizessem nada além de beber tequila e dormir sob as árvores, do alvorecer ao crepúsculo.

Na recepção, um pedaço de papel grudado na parede dizia:

Pasajeros de ATAVA para La Ceiba. El autobús saldrá del hotel al aeropuerto a las 9 de la mañana.

Já eram oito horas. O celular de Olivia, por acaso, não funcionava em Honduras. Ela pediu ao recepcionista para usar o telefone. Ele disse que os telefones não estavam funcionando mas que havia uma cabine pública do lado de fora. Mais adiante na rua, uma dilapidada placa azul e amarela com o que era um telefone ou uma cabeça de ovelha estava pendurada em ângulo, numa cabine de madeira.

Começou procurando num catálogo hondurenho, esperando uma longa e frustrante rodada de sinais de ocupado, ninguém atendendo, gritos e palavras soletradas repetidamente, culminando num tom de discagem. Em vez disso o telefone foi atendido

imediatamente por uma garota encantadora que falava inglês perfeito, lhe deu o número da embaixada inglesa e informou que ela abria às oito e meia.

Eram oito e quinze. Devia esperar? Ou correr de volta e fazer as malas, para não perder o ônibus? Decidiu ficar onde estava. Às oito e vinte e cinco, uma mulher com duas crianças pequenas apareceu, com ar de insistência. Olivia tentou brevemente ignorá-la, mas a decência venceu e ela cedeu o lugar. A mulher começou uma demorada discussão emocional. Às oito e quarenta e cinco ela estava gritando, e a criança menor chorava. Às oito e quarenta e oito as duas crianças estavam chorando, e a mulher bateu o fone contra a parede da cabine.

Olivia perderia a droga do ônibus e o avião e ficaria presa em Tegucigalpa. No fim, foi bem simples. Ela abriu a porta e disse:

—Você, fora. — E ligou para a embaixada.

— Alô, embaixada da Inglaterra.

—Alô, meu nome é — droga, o quê? — Rachel Pixley — disse rapidamente, lembrando-se de que esse era o nome que estava no passaporte usado ao marcar o vôo.

— Sim. Em que podemos ajudar?

Depois de explicar brevemente o problema, foi passada a um homem cuja voz inglesa demais a deixou subitamente lacrimosa. Era como esbarrar num papai inglês, ou num policial, depois de ter sido perseguida por bandidos.

— Hmmm — disse o sujeito quando ela terminou. — Vou ser honesto com você, isto não é incomum com relação ao vôo vindo da Cidade do México. Tem certeza que ninguém mexeu na sua mala por lá?

—Tenho. Eu tinha refeito a mala antes de sair do quarto. A droga não estava lá. Alguém entrou no meu quarto quando eu estava no bar. Estou preocupada com algumas pessoas que conheci em LA, um sujeito chamado Pierre Feramo e umas coisas estranhas que aconteceram... — Houve um ligeiro zumbido na linha.

— Pode esperar um minuto? — disse o sujeito da embaixada.  
— Tenho de atender a outro telefonema. Volto num instante.

Ela olhou nervosa para o relógio. Faltavam três minutos para as nove. Sua esperança era de que todos os passageiros estivessem de ressaca a ponto de todo mundo se atrasar.

— Desculpe — disse o homem, voltando ao telefone. — Srta. Pixie, não é?

— Pixley.

— Sim. Bem, olha. Não precisa se preocupar com o negócio da droga. Nós informaremos às autoridades competentes. Se tiver mais algum problema, telefone. Pode nos dar uma idéia de seu itinerário?

— Bem, eu estava planejando pegar o avião hoje para Popayan, ficar no povoado alguns dias, e depois talvez ir para o hotel de Feramo, o Islã Bonita.

— Maravilha. Bem, faremos todo mundo ficar atento a você. Por que não aparece aqui na volta e conta como tudo foi?

Quando ela desligou, olhou direto em frente por um momento, mordendo o lábio, concentrada. Será que o telefone realmente zumbiu quando ela falou de Feramo ou seria apenas sua imaginação hiperativa?

De volta ao hotel, o recepcionista informou que o ônibus tinha saído há dez minutos. Felizmente ela esbarrou na moça que havia ganhado a bolsa Marc Jacobs, que disse que pediria ao marido para levá-la ao aeroporto em sua van. Ele demorou um tempo para aparecer, e quando os dois chegaram chacoalhando ao setor de embarques já eram dez e vinte e dois. O avião estava marcado para sair às dez.

Enquanto Olivia corria pelo asfalto da pista, arrastando a mala atrás e acenando freneticamente, dois homens de macacão estavam começando a puxar a escada do avião. Eles riram ao vê-la e empurraram a escada de novo. Um deles subiu à Frente e bateu na porta até ela ser aberta. Quando Olivia entrou na cabine apinhada, houve aplausos esparsos. Seus colegas passageiros da noite anterior estavam pálidos e frágeis, mas ainda animados. Enquanto ela se deixava cair agradecida em seu lugar, o piloto estava indo pelo corredor e cumprimentando todo mundo individualmente. Ela se

sentiu bastante tranqüilizada até perceber que o sujeito era o bigodudo mariachi bêbado da festa de salsa na noite anterior,

No aeroporto de La Ceiba comprou uma passagem para Popayan e foi desesperada até a banca de jornais, mas não encontrou nenhum jornal estrangeiro, além de um exemplar velho de três semanas do Time. Pegou El Diário de La Ceiba e se deixou cair numa cadeira de plástico laranja no portão de embarque, esperando o anúncio do v o, folheando o jornal e tentando encontrar alguma novidade sobre o OceansApart. Sentiu-se ligeiramente animada ao ver seu parceiro de dança da véspera — o de expressão séria e cabelos curtos oxigenados. Ele a fazia se lembrar de Eminem. Tinha a mesma combinao de seriedade e subversão. Veio e sentou-se junto dela, estendendo uma garrafa de água mineral.

— Obrigada — disse ela, gostando do leve contato enquanto ele entregava a garrafa.

— De nada. — O rosto dele era quase inexpressivo, mas tinha olhos envolventes, cinza e com ar de inteligência, —Tente não vomitar agora — disse ele, levantando-se de novo e indo para a banca de jornais.

Concentre-se, Olivia, disse ela a si mesma. Concentre-se. Nós não somos uma mochileira tímida recém-formada no colegial. Somos uma correspondente estrangeira de alto nível e possível espiã internacional numa missão de importância global.

## Capítulo 27

A ilha de Popayan surgiu, e logo eles estavam descendo sobre um mar cristalino e turquesa na direção de brancas praias de coral e áreas verdes. O aviãozinho pousou com um sacolejo horrível, depois seguiu pela pista de terra e virou à esquerda sobre uma precária ponte de madeira, como se fosse uma bicicleta, antes de parar abruptamente perto de uma caminhonete vermelha enferrujada e de uma placa de madeira que dizia BEM-VINDO A POPAYAN: A ILHA ORIGINAL DO ROBINSON CRUSOÉ DE DANIEL DEFOE.

Houve um problema para abrir a porta. O piloto estava puxando-a por fora, e do lado de dentro um mochileiro hippie olhava a maçaneta com fascínio sem pressa, cutucando-a de vez em quando como se ela fosse uma lagarta. O sujeito louro se levantou, afastou o hippie, pegou a maçaneta, encostou o antebraço na porta e abriu-a.

— Obrigado, cara — murmurou o mochileiro sem graça.

Alguém tinha deixado um jornal inglês num banco. Olivia pegou-o, ansiosa. Do lado de fora, enquanto subiam na traseira da caminhonete, ela cheirou o ar, feliz, e olhou em volta.

Era divertido estar na traseira da caminhonete com todos os mochileiros. Eles chacoalhavam por um caminho arenoso, e depois chegaram à rua principal da Zona Oeste. Era como um cruzamento entre um filme de bague-bague e o Velho Sul. As casas eram de tábuas, com varandas. Algumas tinham balanços, outras, velhos sofás de aparência confortável. Uma senhora idosa, de cabelos brancos com permanente e usando um vestido amarelo, andava com um guarda-sol, com um sujeito alto, negro e extremamente bonito alguns passos atrás.

Olivia se virou de novo para a caminhonete e encontrou o louro encarando-a diretamente.

Onde vai ficar? — perguntou ele.

Na Pensão da Srta. Ruthie.

Você está aqui — disse ele, inclinando-se e batendo na porta do motorista. Ela viu os músculos por baixo da camisa do sujeito. Ele pulou do veículo para ajudá-la a descer, pegou sua mala e levou-a subindo os três degraus da varanda de madeira. — Aí está — disse ele, e estendeu a mão. — Morton C.

Obrigada. Rachel.

Aqui você vai ficar bem — disse ele, gritando por cima do ombro enquanto pulava na traseira da caminhonete. — Vejo você no Balde de Sangue.

Estava começando a chover quando Olivia bateu na porta amarela. Um cheiro quente de assado veio de dentro. A porta se abriu e uma senhora muito pequenina estava diante dela. Tinha pele clara e cabelos ruivos dourados, em caracóis, e usava avental. De repente Olivia sentiu-se num conto de fadas e pensou que iria entrar e achar um lobo vestido num agasalho de corrida com capuz vermelho, vários anões e um pé de feijão.

O que posso fazer por você? — A senhora tinha um forte sotaque irlandês. Talvez fosse verdade a história dos piratas irlandeses.

Queria saber se a senhora tem um quarto para algumas noites.

Claro — disse a srta. Ruthie. — Entre e sente-se. Vou lhe arranjar o café da manhã.

Olivia meio esperou que um gnomo saltasse oferecendo-se para ajudar com a mala.

A cozinha era construída totalmente de madeira, pintada com uma mistura estilos anos cinqüenta, em amarelo-prímula e verde-duende. Olivia sentou-se à mesa da cozinha enquanto a chuva martelava no telhado e pensou que um lar não tinha nada a ver com um prédio e que tinha tudo a ver com o modo como diferentes pessoas habitam o local. Tinha certeza que a srta. Ruthie poderia se mudar para a cobertura minimalista de Feramo em Miami e fazer com que ela virasse a cabana de Branca de Neve ou a Pequena Casa na Campina.

Comeu o desjejum composto de feijões fritos e pão de milho num prato com duas listras azuis, que a fez se lembrar da infância. A srta. Ruthie disse que havia dois quartos disponíveis, ambos dando

para o mar. Um ficava no primeiro andar, e o outro — que era uma suíte! — ficava no de cima. O primeiro equivalia a cinco dólares por noite, e a suíte, quinze. Ela escolheu a suíte. Tinha teto inclinado, um deque coberto e vista para três lados. Era como estar numa casinha de madeira no fim de um píer. As paredes eram pintadas de rosa, verde e azul. Havia uma cama de ferro e, no banheiro, papel de parede com um estampado repetido, dizendo / *I loveyou I loveyou I loveyou*. Mais importante, o papel higiênico era dobrado numa ponta impecável.

A srta. Ruthie lhe trouxe uma xícara de café instantâneo e um pedaço de bolo de gengibre.

—Vai mergulhar mais tarde, não vai? — perguntou a srta. Ruthie.

—Vou agora mesmo, assim que tiver desfeito as malas.

—Vá à barraca do Rik. Ele cuidará de você.

— Onde fica?

A srta. Ruthie só a encarou, como se ela fosse louca.

Olivia tomou o café com bolo no deque, com o jornal, e se deitou numa espreguiçadeira com flores desbotadas. Havia uma matéria intitulada EXPLOSÃO EM ALGECIRAS LIGADA ÀAL-QAEDA. Começou a ler, mas caiu no sono ao som da chuva caindo nas águas calmas da baía.

## Capítulo 28

Dezoito metros abaixo da superfície era como estar num sonho ou em outro planeta. Vestida com um maiô vermelho e usando equipamentos de mergulho, Olivia estava na borda de um precipício, um penhasco vertical caindo trezentos metros no abismo. Você podia simplesmente se jogar num salto-mortal e cair no ritmo que quisesse. Ela estava seguindo um baiacu laranja. Era uma coisinha linda, num laranja vivo em forma de uma bola de futebol, com enormes olhos redondos e cílios avermelhados, como algo saído de uma desenho da Disney. Um cardume de peixes extraordinariamente azuis e verdes irrompeu em volta dela como uma estamparia numa toalha dos anos cinqüenta. Dwayne, seu companheiro de mergulho, um hippie magro, de vinte e dois anos e cabelos compridos, bateu com os punhos um no outro para que ela verificasse o ar. Olivia levantou o mostrador. Cinqüenta minutos haviam se passado e pareciam cinco. Ela olhou para onde a luz do sol pintalgava a superfície. Levou um choque ao perceber que estava tão no fundo; sentia-se absolutamente em casa. Só era preciso se lembrar de não entrar em pânico e de respirar.

Subiu com relutância, seguindo a figura diáfana de Dwayne com sua juba flutuante, mantendo o ritmo lendo, sentindo o ar se expandirem seu colete flutuador, deixando-o escapar em jorros curtos. Rompeu a superfície e olhou, espantada, para o outro mundo: sol brilhante, céu azul, a fileira alegre de casas de madeira na praia, frustrantemente próxima. Sentira como se estivessem a cinco braças de profundidade, a um milhão de quilômetros da civilização, e agora a água era tão rasa que quase podiam ficar de pé.

Ela e Dwayne nadaram até o cais da Barraca de Mergulho do Rik, onde, segurando-se á borda da escada, os dois tiraram as mascaras, eufóricos com o mergulho. Jogaram os cintos de pesos na plataforma de madeira, soltaram os tanques e esperaram por ajuda para puxá-los. Havia um pequeno grupo amontoado nos bancos do

lado de fora da barraca, imersos em conversa. Ninguém os havia notado.

— Pessoal! O que há? — gritou Dwayne. Ele subiu o cais, depois ajudou Olivia a subir.

— Ei, Dwayne — respondeu um deles. — Viu alguma coisa ruim lá embaixo?

— Não cara. Está lindo. Água azul.

As pernas de Olivia estavam meio tremulas enquanto eles andavam pelas tábuas do cais. Fora um mergulho demorado. Dwayne estava enxaguando o equipamento num barril de água doce. Entregou a ela uma garrafa de água gelada.

— Você ficou loura — disse ele.

Ela levou a mão ao cabelo. Estava grosso de sal.

— Fica melhor do que o ruivo.

— E disseram que agüentava oito lavagens — disse ela, começando a jogar seu equipamento no barril.

— Ei, Rik. O que há? Aconteceu alguma coisa? — Perguntou Dwayne enquanto ele e Olivia iam até o grupo.

Rik, um canadense atarracado e bigodudo, era mais velho do que os outros. Tinha ar de professor universitário.

— Eles começaram nas bóias de marca cima da Caverna de Morge — disse Rik, abrindo espaço para Olivia, depois enfiando a mão num isopor e pegando um refrigerante para ela. — Frederic foi até lá com um punhado de clientes e encontrou um grupo do Arturo, que tinha mergulhado de um barco de Roatán, no túnel, vindo pelo outro lado. Arturo disse que tinha deixado uma bóia de marca, mas ela não estava lá quando Frederic mergulhou. Tinha de ser o pessoal de Feramo.

Olivia se enrijeceu ao ouvir o nome, mas tentou agir normalmente.

Outro sujeito entrou na conversa:

— No sábado alguém colocou uma bóia lá, quando não havia ninguém mergulhando. Arturo viu e mergulhou para verificar e não havia ninguém. O único modo de parar com isso é ficar o dia inteiro nos locais de mergulho com um barco.

— É, bem, a gente deveria fazer isso, e não somente com um barco — disse Dwayne em voz sombria, ameaçadora.

O grupo começou a se separar. Dwayne quis levá-la de volta à pensão da Srta. Ruthie.

— Sobre quem eles estavam falando? — perguntou ela com ar de inocência.

— Uns caras do hotel no Morro da Abóbora. Eles têm uma espécie de ecobalneário de luxo. Dizem que o dono é um xeique do petróleo. Eles estão tentando acabar com todas as outras empresas de mergulho e tomar conta das cavernas e túneis para os clientes deles. É um monte de merda.

— É um hotel para mergulhadores?

— Bem, é, mas acho que isso é cascara. Há um monte de mergulhadores profissionais e soldados lá. Tem uma porra de um píer gigantesco. Puxa, para que ele precisa de um píer daqueles em Popayan?

A mente de Olivia estava disparando.

— Soldadores? Dá para soldar debaixo d'água? O que eles usam nos maçaricos?

— Acetileno.

— É explosivo?

— É, se você misturar com oxigênio.

— Mesmo debaixo d'água?

— Ah, claro. Bom, já chegamos. Você vai ao Balde de Sangue esta noite?

— É... sim, Tudo bem — disse da vagamente. - Vejo você mais tarde.

Olivia retornou correndo ao quarto e folheou o jornal, procurando a matéria sobre o atentado em Algeciras que tinha visto antes. Houvera uma explosão num complexo de turismo e estava sendo atribuída à al-Qaeda.

“Investigações preliminares sugerem que a bomba era a base de acetileno. O acetileno é fácil de ser conseguido, e em geral é usado por mergulhadores na área de soldagem comercial.”

O Balde de Sangue era um lugar incrível. Era uma construção de madeira com chão de pedra, com bar de madeira e rústica e um

barman desdentado.

Havia três moradores do local sentados juntos ao balcão. As mesas e bancos estavam cheios de mochileiros.

A política sexual dos mochileiros era uma coisa que Olivia achava relaxante. As demonstrações óbvias de sexualidade ou de disponibilidade financeira eram rejeitadas. Você não sabe se daria bem numa festa de mochileiros usando frente-única e minissaia, assim como não se daria bem com um terninho da Marks & Spencers ou calças de borracha para pesca. As vestimenta padrão eram roupas desbotadas, puídas, que poderiam ter cabido quando eles saíram dos Estocolmo ou Helsinki, mas que depois de seis meses mergulhando, comendo arroz e ervilhas, e dos ataques de disenteria, agora estavam dois números acima do tamanho dos corpos.

Dwayne deu-lhe um aceno quando ela entrou, chamando-a para sentar-se com eles. Um riso alto veio dos três moradores locais no balcão. Ela olhou e viu que um deles estava contando uma piada e estava curvado, com a bunda virada para o ar.

O grupo de Rik abriu espaço para ela no banco de madeira. Um deles estava contando uma história de mergulho, cheia de jargões, que parecia envolver o pessoal de Feramo.

— Então ele pegou um deles na Mandíbula do Diabo sem deixar bóia, e o cara simplesmente cortou o ar dele.

Olivia perdeu a compostura no momento em que Morton C entrou no bar.

— Meu Deus. O que ele fez?

— Ele cortou o AS do cara...

Ela ficou olhando quando ele se juntou a um grupo no fundo do bar, cumprimentando os outros caras em estilo macho, como se fossem membros de uma gangue do sul de LA.

— ... e respirou o ar do colete flutuador dele...

Morton C pegou-a olhando-a levantou sua garrafa de cerveja. Houve uma pequena mudança em sua expressão, que poderia ter sido um sorriso.

— ... depois fez um ESA até conseguir se controlar e reabrir a válvula.

Um homem se aproximou da mesa, tinha um ar de hippie dos anos setenta: enorme bigode revirado para cima, cabelos compridos, careca no topo.

— Ei, Rik. Quer levar um grupo de barco até a Ilha do Sino?

— Algum motivo em particular?

O sujeito deu um sorriso lento, delicioso.

— A gente tem uma presença.

— Epa! Vamos lá. Você vem, Rachel-da-Inglaterra?

Acabou que um grande saco de cocaína tinha chegado ao litoral de Popayan na noite anterior e estava sendo dividido democraticamente entre os habitantes da Zona Oeste. Olivia se perguntou se seria o saco que ela havia jogado pela janela do hotel: tremendamente improvável, mas haveria uma agradável circularidade nisso.

A maior parte da clientela do Balde de Sangue foi para a ilha numa pequena flotilha de barcos de mergulho, um dos quais deu defeito no caminho. Olivia ficou excitada ao observar que Morton C é que foi resgatá-lo. Ele puxou o cordão de partida, mexeu no acelerador, depois tirou o motor de popa de dentro d'água. Depois de mexer durante alguns minutos, colocou-o de volta, puxou o cordão de partida algumas vezes e o motor se ligou perfeitamente.

Tinham dividido o pagamento para quatro litros de rum e uns oito de suco de laranja. Assim que chegaram á ilha, que tinha uns cem metros de largura e era desabilitado, acenderam uma fogueira e misturaram a bebida em cascas de coco. Inicialmente ela se lembrava das festas da escola, todo mundo deduzindo com quem gostaria de trepar mais tarde sob um verniz de tranqüilidade pontuado por jorros de riso nervoso. Houve cantos e violão, enquanto carreirinhas de caca eram batidas e baseados passados de mão em mão. As pessoas começaram a se sentar em volta da fogueira e Olivia se juntou a elas.

Pegou-se tremendamente consciente de Morton C, observando-o com o canto do olho e entrando ligeiramente em pânico quando o via com outra garota. Aquilo tudo era deliciosamente adolescente. Ele não deu sinal de conhecê-la, mas seus olhos se encontraram

algumas vezes, e ela soube. Ele se acomodou do outro lado da fogueira e ela tomou sua bebida, recusando a cocaína, mas dando um tapa ocasional num baseado de passagem e olhando o rosto sério dele á luz da fogueira. Dwayne se inclinou entrando em sua linha de visão, com o cabelo escorrido balançando acima de seu rosto.

— Rachel — sussurrou ele solenemente — , está vendo lá, aquelas árvores? Tem um helicóptero ali. Está vendo? Eles cobriram com lã de algodão. — Ele olhou em volta furtivamente e depois pulou na direção das árvores imitando um macaco.

Parecia que a cocaína estava tomando conta. Uma discussão agitada começou a sua direita, consistindo totalmente de pessoas concordando umas com as outras.

— É isso aí, é isso aí, cara! É isso aí, é isso aí.

— É, quero dizer, tipo, é... tipo, assim... tipo que nem...

— É o que eu estou dizendo! É exatamente isso que eu estou dizendo! É exatamente isso que eu estou dizendo!

Alguém começou a nadar na direção da fogueira, murmurando:

— ... os sentidos poderiam nos dar uma experiência de realidade que parece esta realidade. — Então enfiou o dedão no pé no fogo, xingou e caiu.

Olivia se deitou de costas e fechou os olhos. Alguém tinha trazido um aparelho de som e colocado musica ambiente francesa. O fumo era ótimo — muito leve, muito risonho, muito sensual.

— Você mudou o cabelo.

Ela abriu os olhos. Morton C estava sentado ao seu lado, olhando a fogueira.

— Foi o sol.

— É, certo.

Ele se inclinou para trás e se apoiou num cotovelo, olhando para ela, com o olhar indo até seu rosto. Poderia ter se inclinado mais alguns centímetros e beijado Olivia.

— Quer dar uma volta? — sussurrou ele.

Morton C ajudou-a a ficar de pé e guiou-a pela mão até a praia. Ela gostou da sensação da mão dele: áspera e capaz. O caminho rodeava uma pedra, fora das vistas da fogueira, e ele parou,

afastando o cabelo dela do rosto, olhando-a com aqueles olhos intensos, cinzentos, com a bela silhueta do malar e do maxilar delineados á luz da lua. Parecia adulto e durão, como se tivesse visto muita coisa. Segurou seu rosto e beijou-a, ousado, insolente, encostando-se nela de encontro á pedra. Beijava tremendamente bem.

Desceu as mãos cheio de confiança pelo corpo dela. Olivia rodeou o pescoço dele com os braços, bebendo o beijo, explorando os músculos de suas costas. Havia uma tira debaixo da camisa. Ela seguiu-a co os dedos na direção dos quadris, e o sentiu empurrar sua mão para longe.

— Você está armado?

— Não neném — sussurrou ele. — Só satisfeito em ver você.

— É um lugar bem estranho.

— Nós gostamos de surpreender — disse ele, enfiando a mão habilmente em seus jeans. Meu Deus, isso era realmente como ter dezesseis anos de novo.

Houve gritos. Dwayne apareceu rodeando a pedra. Olhou-os mastigando violentamente um chiclete. Pareceu realmente triste por um segundo e depois se virou.

— Ei, cara, o barco está voltando — falou em voz rouca.

Os dois se recompuseram, ajeitando as roupas. Morton C passou o braço em volta dela e os dois voltaram para se juntar aos outros. Ele deu um riso curto.

— Meu Deus, como vamos colocar esse pessoal nos barcos?

Rik estava trepado num coqueiro, talvez procurando um helicóptero, enrolado em lã de algodão ou não Dwayne estava correndo arisco pela praia, ainda mascando. Um grupo tinha ido para a laguna, onde estavam dançando na água, com os braços balançando acima da cabeça. Perto das brasas da fogueira, mais pessoas tinham se juntado á empolgada discussão-concordância e gritavam umas com as outras.

— É exatamente assim que eu vejo, é exatamente assim que eu vejo!

— Exato! É exatamente isso!

Morton C suspirou e começou a juntar todo mundo.

O vento tinha diminuído e o mar estava totalmente negro e calmo. O assunto da conversa passou para Feramo. Dwayne estava agitado, olhando para as luzes na extremidade da ilha, mascando freneticamente.

— Agora a gente tem de prestar atenção em toda porro de palavra que diz, por que nunca se sabe quem está trabalhando para eles e quem não está. Eu vou até lá amanhã, cara. Vou até lá e dar uma coisas para eles pensarem.

— Ei — disse Morton C. — Você está doidão, cara. Vá com calma.

— A gente devia enfrentar eles — insistiu Dwayne. — É uma loucura, cara. A gente conhece essas cavernas melhor do que eles. A gente devia enfrentar eles. — Ele olhou direto em frente, ainda mascando, com uma perna tremendo de modo maníaco.

Olivia estremeceu. Morton C puxou-a para perto, envolvendo os ombros dela com seu suéter.

— Você está bem? — sussurrou. Ela assentiu toda feliz. — Sabe alguma coisas sobre essas pessoas?

Ela balançou a cabeça, sem encará-lo. De repente estava realmente sem graça devido á ligação com Feramo.

— Só o que todo mundo diz. E você?

Alguém passou um baseado para ele e, dando uma tragada funda, Morton C balançou a cabeça. Olivia notou que ele soprou a fumaça direto, sem inalar.

— Mas gostaria de ver o lugar. E você?

— Eu ia. Pensei que seria bom para a minha matéria. Mas agora parece amedrontar.

— Você é jornalista? — Os dedos dos dois se tocaram enquanto ele entregava o baseado.

Dwayne ainda estava falando sobre Feramo e o Morro da Abóbora.

— A gente devia armar alguma coisa e dar um susto de verdade neles. Tipo de surpresa. Tipo fazer uma coisa realmente apavorante nas cavernas, para eles não voltarem.

— Para quem você trabalha?

— Sou freelance. Estou fazendo uma matéria sobre mergulho para a revista Elan. O que você está fazendo aqui...?

Olivia prendeu o lábio inferior entre os dentes quando Morton C passou a mão em seu joelho, apertando com o polegar enquanto subia a mão ligeiramente pela coxa.

Do lado de fora da pensão da Srta. Ruthie eles se embolaram nas sombras sob uma árvore. Por um segundo, olhando por cima do ombro dele, Olivia pensou ter visto uma cortina ser puxada dentro da pensão, uma cabeça em silhueta contra a luz de uma lâmpada. Encolheu-se de novo para as sombras.

— Eu posso entrar? — sussurrou ele em seu pescoço.

Com um tremendo esforço da vontade ela se afastou ligeiramente e balançou a cabeça;

Ele olhou para baixo, recompondo-se, com a respiração alterada, depois olhou de volta para ela.

— Nada de visitas noturnas, não é?

— Não sem uma dama de companhia;

— Vai mergulhar amanhã?

Ela assentiu.

— Que horas?

— Por volta das onze.

— Eu venho e procuro você depois.

De volta ao quarto ela ficou andando de um lado para o outro, frenética. A autonegação estilo freira era uma tortura. Não sabia quanto tempo mais conseguiria suportar.

## Capítulo 29

Enquanto Olivia andava pela rua principal na manhã seguinte, um galo estava cantando e o cheiro do café da manhã sendo preparado vinha das pequenas casas de madeira. Havia crianças brincando nas varandas, pessoas idosas cochilando nos balanços. Um homem lúgubre, de pele pálida e terno de papa-defunto ergueu o chapéu para ela. Ao lado dele havia uma garota negra de cabelos ruivos e uma criança de pele clara com nariz chato, lábios grossos e cabelos muito encaracolados. A mulher loura e pálida que ela tinha visto ao chegar estava andando elegantemente, ainda protegida pelo guarda-sol e pelo companheiro bonito. Olivia começou a imaginar que estava numa estranha terra de incesto e casamento interfamiliar, onde pais dormiam com os sobrinhos e tias-avós tinham casos secretos com jumentos.

Foi até uma loja de ferragens e material náutico que tinha visto na noite anterior, cheia de baldes de folha-de-flandres, rolos de corda e pias. Adorava a sensação de que nas lojas de ferragens tudo era útil e tinha preço sensato. Mesmo que você gastasse uma quantidade realmente grande de dinheiro, não seria desperdício ou extravagância. A placa acima da vitrine parecia algo saído de uma funerária da Chicago do século XIX: letras cheias de curvas e intrincadas que diziam Henry Morgan & Sons, agora se descascando, mostrando a madeira velha por baixo.

Dentro, um homem alto, de terno preto, estava medindo tirando de um grande tonel de madeira usando uma concha de metal — em Popayan, nada de Uncle Ben's em saquinhos. O sujeito murmurava para o cliente num sotaque irlandês tão forte quanto o da Srta. Ruthie. Olivia se curvou sobre o balcão, fascinada pela quantidade de coisas á venda: anzóis, maçaricos, cordas, bandeirinhas triangulares, braçadeiras, graxa de sapatos. Houve um barulho de sino quando a porta se abriu, graxa de sapatos. Houve um barulhão de sino quando a porta se abriu; a conversa parou abruptamente e uma voz com sotaque forte pediu cigarro.

— Nós estamos sem cigarro. Sinto muito.

— Você não tem cigarros? — Era uma voz gutural, com sotaque forte, o erre enrolado, o tê tão enfatizado que quase incorporou uma cuspida.

Rápida como um relâmpago, Olivia levantou o espelho de seu anel espião, louca de empolgação pela primeira chance de usá-lo. O homem, que estava de costas para ela, era baixo e com a cintura grossa, vestido de jeans e uma camisa pólo. Ela moveu a mão ligeiramente para enxergar melhor e ficou boquiaberta ao ver o cabelo muito encaracolado: era Alfonso. Baixou a cabeça rapidamente e olhou dentro de um armário, fingindo um interesse enorme num barômetro. Alfonso estava exprimindo algum ceticismo meio ameaçador sobre a suposta ausência de cigarros.

— Ah, mas certamente nós teremos um pouco na quinta-feira, quando o barco vier — disse o homem alto. — Tente com o Paddy, no Balde de Sangue.

Alfonso xingou e depois saiu da loja, batendo a porta e fazendo o sino tocar histericamente.

Houve um silêncio por um momento, e então o comerciante e o cliente começaram a conversar em voz baixa. Num determinado ponto ela captou “nas cavernas” e “as cabras do O’Reilly estão mortas”, mas pensou que poderia ser um ditado irlandês que tinha aprendido na escola, e se lembrou de não romantizar a situação.

Por fim se virou e pediu um rolo de barbante, um mapa da ilha, um saco de cenouras e uma faca grande, acrescentando casualmente:

— Ah, e um maço de cigarros.

— Claro. Que marca você quer? — disse o vendedor.

— Marlboro, Marlboro light e Camels — disse ele, lançando um olhar alegre para a rua.

Olivia acompanhou o olhar dele. Alfonso estava imerso numa conversa, mas Olivia não podia ver com quem ele falava. Ele se virou ligeiramente para a esquerda e ela captou um vislumbre de cabelos curtos oxigenados e uma calça larga estilo hip-hop. Segurou a beira do balcão, com as bochechas ficando vermelhas, sentindo uma pontada de dor. Era Morton C. Morton C estava mancomunado com

Alfonso. Sacana falso. Como ela podia ter sido tão idiota? Agora não poderia visitar Feramo. Feramo não quereria em se harém uma garota que casualmente havia de embolado com um dos seus lacaios. Ela conseguira arruinar todo o objetivo de sua vigilância com um patético lapso de autocontrole.

O segredo do sucesso está em como você sai do fracasso, disse a si mesma. Tinha duas horas antes do mergulho. Devia ser suficiente para chegar ao topo do Morro da Abóbora e ver o que estava acontecendo. Estava decidida a conseguir alguma coisa com isso.

Seguindo o mapa, deixou o povoado por um caminho com numerosas bifurcações e saídas; a cada ponto de confusão potencial ela deixava uma cenoura apontando o caminho de volta. Á sua frente. O Morro da Abóbora se erguia acima do mato baixo como uma pequena colina coberta de capim nos South Down, com um caminho arenoso subindo em ziguezague, exposto e desprotegido. Á direita, o mato baixo continuava por um vale estreito na lateral do morro. Á medida que chegava mais perto, agachou-se e apontou o binóculo, tentando focalizar. Uma figura surgiu vestida com roupas de camuflagem, carregando ao que parecia uma arma automática, e examinou a área. Ela pegou sua maquina fotográfica em miniatura e tirou uma foto. Isso é ultrajante, pensou. O Morro da Abóbora é terra comunitária. As pessoas deveriam ter o direito de andar por ali, e certamente deveriam poder fazer isso sem que homens apontassem metralhadoras. Olivia não concordava com armas de destruição, em massa, individual ou de qualquer outro tipo.

Largando uma cenoura para marcar o lugar, deixou o caminho principal e foi para o estreito vale coberto de mato á direita do morro. Marchava furiosamente, empurrando os galhos para o lado, a mente disparando com idéias do que Feramo estava aprontando em seu fraudulento "eco-hotel". Tinha certeza de que era baseado em acetileno e destinado a LA. Talvez ele estivesse treinando mergulhadores-soldadores para arranjar emprego nos sistemas de resfriamento de usinas de força, onde soltariam gigantescas bolhas

de acetileno e oxigênio e encostariam um fósforo á prova d'água nelas.

As arvores e o mato baixo iam quase até o cume. Em alguns lugares o chão era quase prumo. A subida deixou-a coberta por pequenos cortes e arranhões. Á medida que se aproximava do topo, seu animo aumentou, até ver que o caminho estava barrado por uma cerca de três metros com espetos na ponta. Se fosse para a esquerda, sairia do morro, á vista do guarda. Foi para a direita e chegou a uma fenda profunda. Havia uma laje do outro lado, com uma arvore crescendo a partir dela, sobre a qual havia uma escalada bastante fácil. Olivia analisou as coisas. Se não fosse pela queda de quinze metros abaixo, disse a si mesma, não pensaria duas vezes em pular a fenda. Pelo amor de Deus, tinha visto isso mil vezes, feito por princípios louros com malhas justas nos desenhos da Disney;

Antes que pudesse pensar direito, pulou e se viu do outro lado, escorregando numa substancia incrivelmente gosmenta e de cheiro revoltante. Só não caiu na ravina porque se agarrou á base da arvore, que também era coberta por aquela gosma nojenta. Quando virou a cabeça para olhar. Soube que havia alguma coisa ruim na gosma. Suas narinas não estavam suportando. Usando o treinamento proporcionado por inumeráveis banheiros fedorentos do Terceiro Mundo durante seus anos de viajante hippie, expeliu o ar com força e não respirou de novo até estar fora do alcance do fedor. Então, com os pulmões explodindo, virou a cabeça para o céu, fungou hesitante e depois respirou fundo o delicioso ar puro de Popayan, e começou a tirar as roupas.

Deitou-se de barriga para baixo, de sutiã e calcinha, e deixou a uma distância os jeans e a camiseta cobertos de gosma, para não sentir o cheiro. Estava fora de vista dos guardas, na lateral do morro, e espiando pelo binóculo e balneário de Pierre Feramo. Uma laguna de coral turquesa era cercada por uma perfeita praia branca salpicada de coqueiros e espreguiçadeiras de madeira com almofadas de linho creme. Uma grande estrutura com teto de palha, atrás, era obviamente a área de recepção e o restaurante. Um cais de madeira se estendia sobre a laguna. Levando a um bar com teto

de palha. De cada lado, duas outras passarelas se estendiam sobre a água, com três cabanas com teto de palha se projetando de cada uma. Cada cabana tinha uma varanda sombreada, com uma escada de madeira dando diretamente no mar. Mais seis cabanas de hospedes se espalhavam entre as palmeiras na praia. Mmm, pensou. Talvez eu deveria fazer uma visita, afinal de contas. Será que consigo uma das cabanas na água? Ou será que será mais legal eu ficar na beira da praia? Mas e os mosquitos da areia?

A clientela se esparramava nas espreguiçadeiras e nos bancos dos bares como modelos da Vogue. Um casal remava em caiaques atravessando a laguna. Havia um homem mergulhando. Duas garotas vadeavam até a beira do recife com equipamentos de mergulho, ajudadas por um instrutor. À direita do balneário havia um estacionamento, onde havia caminhões e escavadeiras, um compressor e tanques. Uma estradinha serpenteava em volta de uma ponta de terra. Mais além, um grande píer de concreto ultrapassava o coral até o ponto em que a água mudava de turquesa para um azul mais escuro. Ela pousou o binóculo e tirou mais algumas fotos. Depois encostou o binóculo de novo nos olhos, mas por algum motivo não pôde ver nada.

— Está virado ao contrário.

Ela começou a gritar, mas havia uma mão sobre sua boca enquanto a outra torcia seu braço às costas.

## Capítulo 30

Retorceu-se e se pegou olhando para os olhos cinzentos de seu ex-favorito.

— Ah, meu Deus, é você — grunhiu ela através dos dedos dele.

— O que está fazendo? — Morton C parecia levemente divertido, num contraste nítido com a mão sobre sua boca.

— Larga! — exigiu ela com o máximo de dignidade que pôde juntar aquelas circunstâncias.

Morton soltou sua boca e encostou um dedo na garganta de Olivia.

— Fale baixo. O que está fazendo aqui?

— Turismo.

— Com roupa de baixo?

— Também estou tomando banho de sol.

— Como chegou aqui cm cima?

— Eu pulei.

— Você pulou?

— É, e quase caí ali dentro. A laje esta coberta de gosma, e minhas roupas também.

— Onde elas estão?

Ouvia apontou. Morton C desceu a encosta. Ela pode ouvir pequenos sons e coisas mexidas. Começou a se virar.

— Eu mandei não se mexer. — Ele reapareceu na borda do morro. — Isto é seu? - perguntou, segurando uma cenoura.

Ela o olhou furiosa.

— Não fique mal-humorada agora. Venha aqui à laje, devagar. Sente-se naquela pedra.

Quando ela fez isso, percebeu que estava tremendo. Morton C cruzou os braços, tirou a camiseta e lhe entregou.

— Vista isso — disse ele.

— Não com o seu fedor.

— Vista. — Ele recuou de pé, olhando-a vestir a camiseta. — Você não é jornalista, é? O que está fazendo aqui?

— Eu lhe disse. Vim dar um passeio no Morro da Abóbora. Quería ver aquele lindo balneário.

—Você está doida?

— Por que eu não deveria verificar aquele lindo hotel? E se eu quiser me hospedar lá?

— Bem, você pergunta no lindo escritório de turismo no lindo povoado, e, se eles tiverem um lindo quarto, vão levá-la num lindo barco.

— Bem, então talvez eu faça isso.

—Bem, faça.

— De qualquer modo, o que você está fazendo aqui?

—Você é sempre tão difícil assim?

— Você trabalha para Feramo, não é?

— O que você precisa é voltar para o povoado sem ser vista, e se tiver algum bom senso não vai dizer nada sobre ter vindo aqui.

— Que coisa nojenta, ficar perto dos mergulhadores, fingindo ser da turma, depois entregando-os para aquele sujeito horrível, sinistro, como um dedo-duro.

— Não falo idéia do que está falando. Sua pela se sujou com aquela coisa?

— Minhas mãos, mas eu limpei.

Ele segurou suas mãos, manteve-as a uns sessenta centímetros do rosto e cheirou.

— Certo. Vá. Eu vejo você depois do mergulho.

Não, não vai ver, seu sacana, pensou furiosamente, sentada nos mangues e olhando pelo binóculo enquanto Morton fumais casualmente um cigarro com o guarda no topo do morro. Vou dar um último mergulho, depois vou à embaixada inglesa contar o que descobri e depois voltar para casa.

Quando Olivia apareceu para seu mergulho das onze horas, havia um grupo em volta da televisão velha na barraca do Rik, assistindo ao noticiário.

*"Elas são pequenas, são verdes, são fáceis de achar, mas estão para envenenar o mundo: as sementes de mamona!"*

*"Especialistas acreditam que essas sementes comuns podem ser a fonte do ataque com veneno na terça-feira no navio de cruzeiro Coyoba, um atentado que até agora tirou a vida de duzentos e sessenta e três passageiros. O atentado, supostamente obra da rede Al-Qaeda de Osama bin Laden foi feito com o veneno ricina, posto nos saleiros do restaurante do navio."*

Surgiu um dentista de jaleco branco.

*"A ricina, claro, foi a substância usada no chamado ' ataque do guarda chuva' na ponte Waterloo em Londres em 1978. O escritor dissidente búlgaro Georgi Markov foi morto por uma bala cheia de ricina disparada por um guarda-chuva. O problema da ricina — que é altamente tóxica para os humanos — é que a fonte do material, a semente de mamona, cresce em muitas regiões do mundo, e o veneno pode ser produzido sob muitas formas — em pó, como neste último ataque, mas também em cristal, líquido e até mesmo gel.*

— É isso que O'Reilly disse que eles estão plantando em cima do morro — disse Rik. — Ele acha que foi isso que envenenou suas cabras.

Pooooorra, pensou Olivia, cheirando a pele.

— Vou nadar um pouco — falou animada. — Está muito quente.

Correu até a beira do cais, tirou o short e pulou. Enquanto mergulhava fundo na lagoa, esfregando a pele, sua imaginação entrou em pique total: *Ricina, creme facial, será que Feramo estaria planejando envenenar o Creme de Phylgie de Devorée com veneno em gel? Então Michael Monteroso compraria para passar em suas clientes celebridades, e Feramo lentamente envenenaria metade de Hollywood antes de alguém suspeitar.*

Enquanto Olivia nadava de volta, Rik estava esperando na ponta do cais com o equipamento.

— A fim de pegar um túnel? - perguntou, mostrando os dentes brancos.

— Bem... — Olivia era totalmente contra mergulhar em túneis e naufrágios. Para ela, enquanto você ficasse respirando e não entrasse em pânico debaixo d'água, tudo bem. Se você entrasse num lugar onde pudesse ficar presa, a coisa não era tão simples.

— Eu preferiria fazer o paredão de novo.

— Bem, eu vou aos túneis. E Dwayne não está por aí. Se quiser mergulhar hoje, vai ter de fazer os túneis.

Olivia não gostava de ser mandada desse modo.

— Ótimo — disse, animada. — Então só vou nadar de novo mais um pouco.

— Certo. Certo. Nós não vamos entrar em nenhuma caverna ou túnel. Em vez disso eu poderia lhe mostrar alguma fenda.

Olivia tentou ignorar a imagem pouco atraente que isso conjurava em seu pensamento.

## *Capítulo 31*

Assim que chegou debaixo d'água, Rik se transformou num clássico Técnico Presunçoso. Era da mesma estirpe do sujeito da Spy Shop que tinha verificado seu quarto no Standard, ou o Presunçoso Técnico de Informática que mexe no seu computador com um riso de desprezo e um vocabulário composto por jargão ininteligível, como se fizesse parte de um mundo fabuloso que você não pode ter esperança de entender, dando-lhe um mero menu de delícias adequadas a uma criança de três a cinco anos, para curtir seu espanto infantil e depois rir de você com os amigos técnicos. De algum modo Rik estava conseguindo manter um riso tecniquesco apesar de estar a vinte e cinco metros debaixo d'água, com uma máscara na cara e um tubo de oxigênio na boca.

Olivia o acompanhou através de uma fenda e depois, quando percebeu que a fenda era na verdade um túnel e que estava ficando estreito demais para dar mela-volta, entrou num pânico tão grande que soltou o regulador da boca. Por alguns segundos violou a regra de ouro e começou a se agitar. E se Rik fosse um dos homens de Feramo também, e fosse matá-la ou levá-la a Alfonso, que faria uma circuncisão feminina nela? E se ela fosse agarrada por um polvo? E se uma lula gigante envolvesse os tentáculos nela e...

Calma, calma, respire, respire. Ela se controlou, deixando o ar sair lentamente, e se lembrou do que fazer; inclinar-se para a direita, passar a mão pela coxa, e o regulador estará pendurado ali mesmo — como realmente estava.

O túnel ia se estreitando de modo alarmante. Ela começou a ter fantasias sobre denunciar Rik às autoridades de mergulho e fazer com que ele fosse descredenciado. Será que os instrutores de mergulho podiam ser descredenciados? Ela não estava respirando direito. Uma combinação de medo e indignação estragava tudo. Teve de se obrigar a fazer o que tinha aprendido: respirar muito, muito devagar e profundamente, contra a intuição, como se, em vez de estar quase ficando presa num túnel subaquático, ela estivesse

deitada no fim de uma aula de ioga, imaginando uma bola de luz laranja passando pelo corpo. Logo estava ouvindo a própria respiração pesada, como um efeito sonoro num filme de terror.

Depois do que pareceu um tempo impossível de ser medido, emergiu na água azul. Estavam numa caverna enorme. Devia haver um buraco bastante grande em algum lugar acima, porque a água era clara e iluminada por raios de sol. Ela olhou para cima, tentando ver a superfície, mas só podia enxergar uma luz difusa. Cardumes de peixes coloridos disparavam numa direção e noutra. Era como estar numa incrível viagem de ácido. Nadou de um lado para o outro, esquecendo o tempo e a realidade, até que viu Rik na frente, batendo a mão no mostrador de ar, comunicando um sarcasmo tão paternalista a cada batida que ela sentiu que o ganho do mundo do mergulho tinha sido a perda do mundo da mímica.

Restavam-lhes quinze minutos. Ela não podia ver a entrada do túnel para voltar. Rik nadou adiante, apontou para o buraco e sinalizou para ela ir à frente. A volta demorou mais do que Olivia se lembrava. Alguma coisa parecia errada. Não reconhecia a rota. O medo voltou à superfície: Rik era um terrorista, Rik estivera conversando com Morton, Rik estava tentando se livrar dela porque ela sabia demais. Quando virou numa dobra do túnel, viu o que estava à frente e gritou em seu regulador, gritou e gritou até que ele caiu de novo de sua boca.

## Capítulo 32

Olivia estava cara a cara com um mergulhador cuja cabeça inteira estava coberta de borracha preta, afora buracos para os olhos e uma abertura que balançava e sugava em volta do regulador como uma boca de peixe. Por um segundo, na semi-escuridão do túnel, os dois se encararam, hipnotizados, como um gato e um peixinho dourado. Então o mergulhador tirou seu regulador da boca e encostou na dela, soprando bolhas, sustentando seu olhar até que sua respiração se estabilizou, depois pegou-o de volta e respirou uma vez. Ficou com os olhos firmes nos dela enquanto ela expirava na água, em seguida pôs o regulador de novo na boca de Olivia para deixá-la respirar outra vez.

O instinto de se sacudir e ofegar era avassalador. Eles estavam a vinte e cinco metros da superfície, debaixo de uma rocha. Ela podia sentir Rik atrás, agarrando e sacudindo freneticamente sua perna, empurrando-a. Será que ele pensava que ela havia simplesmente parado para observar a paisagem? Chutou com os pés-de-pato sinalizando para ele parar, enquanto o mergulhador levava suavemente o regulador à sua boca de novo.

*Mergulhar é uma luta constante contra o pânico.* A frase se repetiu em sua cabeça. Ela havia se estabilizado, estava respirando pelo regulador, mas outra onda de terror ia começando a dominá-la. Estava ensanduichada entre Rik e o homem de capuz na parte mais estreita do túnel. Mesmo que ela e Rik voltassem à caverna, talvez não chegassem a tempo. E se chegassem, talvez não encontrassem ar no topo; poderiam simplesmente morrer ali.

O homem de capuz levantou o dedo chamando sua atenção. Ela ficou com os olhos fixos nos dele, respirando o ar dele, enquanto ele estendia a mão ao longo de seu corpo. Então ele puxou a mão e levantou o regulador de Olivia. Ainda sustentando seu olhar como um instrutor que fizesse uma demonstração, o homem respirou por ele, depois o estendeu para ela. Ela pensou que havia algo familiar naqueles olhos, mas não podia perceber a cor. Quem seria? Pelo

menos não estava tentando matá-la ou, se estava, tendia a ter comportamentos que prejudicavam a si mesmo. O homem estendeu a mão de novo, encontrou seu mostrador, olhou e mostrou a ela. Nessa profundidade lhe restavam sete minutos de ar. Rik estava sacudindo sua perna freneticamente. Ela tentou virar a cabeça. Quando se virou para a frente de novo, o mergulhador estava se afastando, de costas, numa velocidade constante, como se estivesse sendo puxado. Ela começou a bater os pés e foi para a frente. Sentiu uma ardência enorme no ombro. Coral de fogo. Sentia uma ânsia enorme de chutar Rik na cara com o pé-de-pato. Se ela tivesse planejado entrar num túnel, teria posto roupa de borracha.

O túnel se alargou. A luz adiante tinha uma qualidade diferente. Ela não podia mais ver o mergulhador. Ia cada vez mais rápido, irrompendo no mar aberto, olhando para cima e vendo a luz e as bolhas da superfície enganosamente perto, virou-se para verificar Rik, que estava saindo do túnel, fazendo um círculo com o indicador e o polegar.

Ela desejou que houvesse um sinal para "Não graças a você, porra, seu sacana irresponsável".

Rik levantou o polegar sinalizando a subida, depois sacudiu a cabeça num movimento súbito, em pânico. Ela ergueu os olhos e viu a forma sombria de um tubarão.

O tubarão estava a uns seis metros acima deles. Olivia sabia que os mergulhadores calmos não tinham o que temer de um tubarão. Este estava se movendo rápida e deliberadamente, como se fosse na direção de uma presa. Houve uma agitação de movimento e água revolta, e então uma nuvem vermelha começou a se espalhar lentamente. Ela sinalizou para Rik se afastar. Os olhos dele estavam arregalados, aterrorizados. Olivia seguiu o olhar dele e viu alguma coisa caindo na direção deles, como um peixe grotesco com uma enorme boca aberta, arrastando tentáculos que pareciam algas. O objeto girou lentamente e revelou um rosto humano, a boca aberta num grito, sangue vermelho e brilhante saindo do pescoço, os cabelos compridos se arrastando atrás. Era a cabeça de Dwayne.

## Capítulo 33

Rik nadou passando por ela, sacudindo-se perigosamente, RL brandindo a faca e indo para o tubarão, Olivia estendeu a mão e agarrou a perna dele, puxando-o de volta. Levantou o mostrador, sinalizando com o pulso na frente da garganta para dizer que estavam sem ar, e apontou para cima. Ele olhou para a cabeça, ainda caindo no abismo, e depois se virou para segui-la. Olivia nadou suavemente para longe daquilo, verificando a bússola para saber a direção da costa, olhando se Rik ainda vinha atrás, sentindo a mudança no regulador, que lhe disse que o ar tinha quase acabado, lutando de novo contra o pânico. Havia sombras escuras acima deles. Mais predadores se moviam na direção do banho de sangue. Ela começou uma subida controlada, sem ar, exalando muito, muito lentamente, dizendo "Ahhh" em voz alta. Sentiu o ar no colete de flutuação se expandir e se apertar contra o peito, e descobriu a mangueira de liberação do ar, enchendo os pulmões com ele, descarregando-o lentamente na água, olhando para cima, vendo a luz mágica, as bolhas e o azul da superfície chamando, mais perto do que parecia, e se obrigou a se demorar: Respire, não entre em pânico, regule a subida pela velocidade da bolha mais lenta. Quando romperam a superfície, ofegando e com ânsias de vômito, ainda estavam longe da costa — a barraca de mergulho estava a uns bons trezentos metros de distância.

O que você fez com ele? — gritou Rik.

O quê? — perguntou ela, tirando a máscara e largando o cinto de peso, — O que está falando?

Ela deu o sinal de emergência para a costa e soprou seu apito. O grupo usual de caras estava sentado na frente da barraca.

Socorro! — gritou ela. — Tubarões!

O que você fez com ele? — disse Rik, soluçando. — O que fez?

O que está falando? — perguntou ela, furiosa. — Está maluco? Não era Dwayne que estava no túnel. Era alguém com máscara de borracha. Ele me deu ar e simplesmente disparou para trás.

Putá que o pariu. Isso é impossível. Ei! — Rik começou a gritar e a gesticular para a barraca. — Ei, venham para cá!

Ela olhou para trás e viu uma barbatana.

—Rik, cale a boca e fique parado.

Mantendo os olhos na barbatana, Olivia soprou o apito e levantou a mão de novo. Misericordiosamente, um sentimento de urgência tinha se comunicado ao pessoal da barraca. Alguém tinha ligado o motor do barco, figuras pulavam a bordo, e segundos depois o barco disparava na direção deles. A barbatana desapareceu debaixo d'água. Ela puxou as pernas para perto do corpo, flutuando como um cogumelo, pensando, *depressa, por favor, depressa*, esperando um súbito movimento muscular, a sensação da carne sendo rasgada. O barco pareceu demorar um tempo interminável para alcançá-los. *O que eles estavam fazendo? Drogados da porra.*

—Deixe os tanques, entre — gritou Rik, subitamente transforma

do de novo no instrutor capaz, à medida que o barco se aproximava. Olivia largou o tanque e os pés-de-pato, estendeu a mão para os braços que se estendiam sobre a lateral do barco e, lutando com os pés, subiu e se deitou no fundo, ofegando.

No cais, Olivia sentou-se no banco, com uma toalha em volta dos ombros, os braços envolvendo os joelhos. Todo o terrível ritual da morte e o que vinha em seguida estavam se desdobrando ao redor. No mar, uma gaiola de tubarão contendo Rik e outro cara estava descendo do barco numa busca claramente inútil para recuperar os restos de Dwayne. O único profissional médico de Popayan, uma velha parteira irlandesa, estava imóvel desamparada no cais, segurando sua bolsa. Ao som de sirenes, Olivia ergueu os olhos e viu um barco com luzes piscantes se aproximando: o barco médico de Roatán, a ilha grande.

Você deveria estar deitada, com certeza — disse a parteira, acendendo um cigarro. — Nós deveríamos estar levando você para a pensão da srta. Ruthie.

Ela deve ser entrevistada primeiro pela polícia — disse em tom grandioso o único policial de Popayan.

Olivia tinha uma leve consciência da conversa e das teorias que ganhavam força ao redor: Dwayne ainda estava doido da coca da noite anterior; tinha mergulhado sem um companheiro; estivera falando sobre dar uma lição ao pessoal de Feramo. Ele podia ter cometido um erro, cortado-se e atraído o tubarão, ou podia ter topado com alguém de Feramo e se machucado. As vozes baixaram quando começaram a falar na figura no túnel. Um dos rapazes tocou-a nervosamente no ombro, bem na queimadura de coral. Ela soltou um leve gemido.

—Rachel — sussurrou o rapaz —, desculpe perguntar, mas você tem certeza que não era o Dwayne que estava no túnel? Talvez o tubarão tenha puxado ele para trás.

Ela balançou a cabeça.

—Não sei. O cara estava usando roupa de borracha de corpo inteiro e máscara cobrindo a cabeça. Não acho que fosse Dwayne. Acho que, se fosse, ele me daria a entender. Os tubarões não nadam dentro de túneis, não é? E não havia capuz na... — sua voz embargou — ... na cabeça.

A srta. Ruthie estava trabalhando no forno quando ela voltou. Bandejas de pãezinhos e bolos estavam arrumadas no fogão e no aparador pintado de amarelo, e o cheiro era de canela e temperos. Lágrimas começaram a arder nas pálpebras de Olivia. Imagens infantis de conforto encheram sua mente: o chalé em Big-Ears, a casa dos Woodentops, sua mãe assando bolos quando ela voltava da escola.

—Ah, por Jesus, sente-se.

A srta. Ruthie correu até uma cadeira e pegou um lenço muito bem passado, com uma flor e uma inicial R bordadas num canto.

—Santa Maria, mãe de Deus — disse ela, pegando um bolo de aparência úmida numa forma. — Pronto. Agora vamos tomar uma bela xícara de chá. — Ela cortou uma grande fatia de bolo para Olivia, como se a única resposta para o avistamento de uma cabeça arrancada do corpo fosse um bolo macio e uma xícara de chá. O que, pensou Olivia dando uma mordida no bolo de banana mais delicioso e mais úmido, podia muito bem ser verdade.

Há algum vôo de saída hoje? — perguntou em voz baixa à srta. Ruthie.

Claro. Ele sai à tarde quase todo dia.

Como eu marco passagem?

Só deixe sua bolsa na escada da varanda, e Pedro vai bater na porta quando passar com a picape vermelha.

Como ele vai saber que tem de parar? Como ele vai saber que eu quero pegar o avião? E se estiver cheio?

De novo, a srta. Ruthie simplesmente a olhou como se ela fosse estúpida.

A batida na porta veio logo depois das três. A caminhonete vermelha estava vazia. Olivia ficou olhando enquanto sua adorada mala marrom e verde-oliva era colocada na carroceria, depois subiu na cabine, segurando o alfinete de chapéu na palma da mão, passando o polegar na parte de trás do anel espião, com a caneta de spray de pimenta enfiada no bolso da bermuda. O dia estava perfeito: céu azul, borboletas e beija-flores pairando acima das flores silvestres. A doçura era etérea, perturbadora. Viu a placa de Robinson Crusóe e a pontezinha levando à pista de pouso, e começou a juntar suas coisas, mas a caminhonete virou para a direita.

—Aqui não é o aeroporto — disse, nervosa, ficando firme no banco enquanto eles paravam num trecho de mato baixo perto do mar.

— *Que?* disse ele, abrindo a porta. — *No hablo inglés.*

— *No es ei aeropuerto. Quiero tomar el avión para La Ceiba.*

Sim, sim — disse ele em espanhol, pondo a bagagem no chão.

— Nas terças-feiras o vôo parte de Roatán. A senhora tem de esperar o barco. — O homem assentiu para o horizonte vazio. O motor ainda estava ligado. Ele esperou impaciente que ela descesse.

Mas não há nenhum barco.

— Vai estar aqui em cinco minutos.

Olivia saiu cheia de suspeitas.

Espere só alguns minutos — disse ele, e começou a subir de volta na cabine.

Mas aonde você vai?

Para o povoado. Está tudo bem. O barco vai estar aqui em alguns minutos.

Ele engrenou a caminhonete. Olivia ficou olhando desamparada enquanto o veículo se afastava chacoalhando, subitamente dominada pela exaustão, cansada demais para fazer qualquer coisa. Fazia muito calor. Não havia sinal de qualquer barco. Arrastou a mala até uma casuarina e sentou-se à sombra, espantando as moscas. Depois de vinte minutos ouviu um leve zumbido. Pulou de pé, examinando alegremente o horizonte com o binóculo. Era um barco, vindo rápido em sua direção. Sentiu-se louca de alívio, desesperada para ir embora. À medida que o barco se aproximava, viu que era uma lancha branca, vistosa. Não tinha visto nada igual em Popayan, mas afinal de contas Roatán era um centro turístico muito mais internacional. Talvez o aeroporto de Roatán tivesse sua lancha particular.

O piloto acenou, desligando o motor e trazendo o barco até o cais num arco perfeito. Era um barco lindo, grande, com bancos de couro branco e portas de madeira envernizada dando numa cabine abaixo do convés.

*Para ei aeropuerto Koatán?* — perguntou ela, nervosa.

*Si, senorita, suba abordo* — disse o piloto, amarrando o barco, jogando sua mala a bordo e estendendo a mão para ajudá-la a subir. Ele soltou a corda, acelerou o motor e partiu para o mar aberto.

Olivia ficou sentada inquieta na beira de um banco de couro branco, olhando para trás enquanto o litoral de Popayan se desbotava até a insignificância, depois olhando ansiosa o horizonte vazio adiante. A porta da cabine se abriu e ela viu uma cabeça morena, ligeiramente careca, coberta com cabelos pretos curtos e encaracolados, emergindo. O homem ergueu os olhos e um sorriso untuoso e insinuante se espalhou por suas feições.

## Capítulo 34

Olivia estava sentada no banco de couro na frente do barco, lutando contra crises de enjôo, a cabeça balançando para cima e para baixo como a de uma boneca de pano a medida que era golpeada no rosto, a intervalos de segundos, por uma onda. Enquanto isso Alfonso, também encharcado, estava de pé ao timão, vestido ridiculamente de camisa branca, bermuda branca, meias três-quartos e um quepe de capitão. Estava pilotando com pouca habilidade e rápido demais, contra o vento, de modo que o barco saltava e se chocava de frente contra cada onda. gesticulava, sem se importar, para o litoral à frente e, completamente inaudível com o ruído do motor, gritava coisas para ela.

*Como é que eu pude ser uma idiota tão grande?*, pensou ela, irritada. *A srta. Kuthie trabalha para Alfonso. A srta. Kuthie provavelmente envenenou o bolo de banana e cortou a cabeça de Dwayne. Ela é como o anão mau, de capa de chuva vermelha, em Don't Look Now. Vai reaparecer saindo da cabine com uma roupa de Chapeuzinho Vermelho e cortar minha garganta. O que eu posso fazer?* A resposta, percebeu, era nada. Ainda estava com o alfinete de chapéu na mão. A caneta de spray de pimenta estava no bolso mas, realisticamente, as chances de dominar dois homens corpulentos com uma caneta e um alfinete de chapéu não eram muito grandes.

Aonde nós vamos? — gritou. — Eu quero ir para o aeroporto.

É uma surpresa — disse Alfonso, animado. — É uma surpresa do sr. Feramo.

Pára, pára! — disse ela. — Diminua a velocidade!

Ele a ignorou, soltando um riso gorgolejante e chocando o barco contra outra onda.

Eu estou enjoando! — gritou ela, inclinando-se na direção da roupa branca impecável e fingindo ânsias de vômito. Ele saltou para trás, alarmado, e imediatamente cortou o motor.

Do lado de fora — disse Alfonso, balançando a mão. — Ali. Pedro. Água. Depressa.

Ela fez uma convincente mímica de vômito seco pela borda do barco — não foi preciso muita capacidade de representação — e se recostou, com a mão na cabeça.

Aonde nós vamos? — disse debilmente.

Ao hotel do sr. Feramo. É uma surpresa.

— Por que alguém não me consultou? Isto é um seqüestro.

Alfonso ligou o barco de novo, olhando para ela com seu sorriso untuoso.

—É uma linda surpresa!

Ela forçou o vômito a subir de novo. *Na próxima vez vou fazer de verdade*, disse a si mesma. *Bem na bermudinha dele.*

Enquanto rodeavam a ponta de terra, uma idílica cena de feriado se abriu diante deles: areia branca e mar turquesa, banhistas cabriolando e rindo na água rasa. Olivia sentiu vontade de correr para a terra e bater em todo mundo, gritando: "É maligno, maligno! Isso tudo é construído a partir do assassinato e da morte!"

O piloto da lancha se aproximou do timão, oferecendo-se para assumir o controle, mas Alfonso o empurrou impaciente, rugindo na direção do cais como se estivesse num anúncio de pastilhas para o hálito, gel de banho ou pasta de dentes. Na última hora percebeu que tinha avaliado mal. Virou para a esquerda, espalhando pessoas que mergulhavam com snorkel e por pouco não pegando um jet ski, fez um círculo desajeitado, agitando o mar, depois cortou o motor um pouquinho tarde demais, de modo que bateu no píer de qualquer modo, soltando um palavrão.

Habilidade de mestre — disse Olivia.

Obrigado. — Ele sorriu, sem notar a ironia. — Bem-vinda a La Islã Bonita.

Olivia soltou um suspiro pesado.

Assim que estava na superfície estável do píer, sentindo o sol secando as roupas encharcadas e o enjôo diminuindo, as coisas não pareceram tão ruins. Um rapaz charmoso, vestindo bermuda até os joelhos, pegou sua mala e se ofereceu para levá-la ao quarto. Mensageiros jovens e charmosos pareciam estar se tornando um

tema recorrente na viagem. Pensou naquele do Standard, com os olhos azuis brilhantes demais, grandes músculos, costeletas e cavanhaque, cujo rosto parecia desenhado num quadro magnético de criança, e fez uma anotação mental de procurar grampos no quarto. E subitamente lhe veio: Morton com o cabelo descolorido, curto e olhos cinza e inteligentes; o mensageiro do Standard com o corpo malhado, olhos azuis brilhantes que não combinavam com os pêlos faciais. Existia uma coisa chamada lentes de contato coloridas. Eles eram a mesma pessoa.

Tentando manter a compostura ao mesmo tempo que olhava cheia de suspeitas o mensageiro atual, acompanhou-o por uma série de passarelas de madeira com corrimões de corda. O balneário era fabulosamente ecológico, um paraíso de pés descalços — caminhos pavimentados apenas por cascas de árvore, painéis solares, placas esculpidas em madeira rotulando as plantas. Imaginou se haveria pés de mamona muito bem rotulados e fez uma anotação mental de sair para uma caminhada natural de manhã e procurar cabras mortas.

Seu quarto — ou melhor, sua pequena suíte com vista para o oceano — ficava afastado da praia, sobre palafitas na borda da floresta. Ficou desapontada por não ser uma das cabanas no mar, mas até mesmo Olivia percebia que, nessas circunstâncias, talvez não fosse apropriado pedir uma mudança de quarto. A construção era totalmente de madeira e palha, com as roupas de cama e os mosquiteiros em tons suaves de branco e bege. Havia jasmims nos travesseiros. As paredes eram de tábuas, deixando a brisa do mar juntar forças com o ventilador de teto. O banheiro tinha modernas ferragens cromadas, uma funda banheira de hidromassagem, de louça, e chuveiro separado. Era tudo muito chique. Mas o papel higiênico não estava dobrado com uma ponta bem-feita. De fato, não havia qualquer dobra nele. A extremidade estava simplesmente caída encostada no rolo.

— O sr. Feramo pediu que a senhorita se juntasse a ele para o jantar às sete horas — disse o rapaz com um sorriso maroto.

*Ele vai me envenenar, pensou ela. Feramo vai me envenenar com ricina no sal. Ou vai me servir a cabra envenenada de O'Keilly.*

*Ou soltar uma bolha de oxigênio-acetileno e botar Jogo em mim.*

Que ótimo. Onde? — perguntou tranqüilamente.

Na suíte dele — disse o rapaz com uma piscadela. Olivia tentou não estremecer. Odiava pessoas que piscavam.

Obrigada — falou debilmente. Não sabia se deveria dar uma gorjeta, mas, decidindo errar para o lado da generosidade, entregou-lhe uma nota de cinco dólares.

—Ah, não, não — disse ele com um sorriso. —Aqui nós não acreditamos em dinheiro. *É, certo.*

Foi excelente tomar um banho de chuveiro decente: um chuveiro de ultimíssimo tipo, estilo água da chuva, alta potência, com jatos laterais e uma cabeça cromada do tamanho de um prato de jantar. Demorou bastante, lavando o cabelo com os produtos de alto nível, ensaboando-se, enxugando e passando hidratante, depois se enrolou no exótico roupão creme e andou pelo piso de madeira até a varanda, onde borrifou repelente de mosquitos nos pulsos e tornozelos, esperando que também funcionasse contra mergulhadores assassinos seqüestradores islâmicos.

Agora estava escuro, e a selva cheia de barulhos de sapos e cigarras. Tochas iluminavam os caminhos até o mar, as piscinas brilhavam em turquesa através das palmeiras e o ar estava doce com o jasmim e as frangipanas. Tentadores perfumes de comida vinham da área do restaurante, junto com o murmúrio de vozes contentes. Era o rosto sedutor do mal, disse a si mesma, marchando decididamente de volta para o quarto para pegar a calculadora/detector de grampos que tinha comprado na Spy Shop no Sunset Boulevard.

Tirou-o da mala com alguma empolgação, depois olhou-o, franzindo a testa. Não conseguia se lembrar o que era preciso fazer. Tinha decidido jogar fora a embalagem de todo o equipamento de espionagem para proteger os vários disfarces, deixando de perceber a falha óbvia do plano: não teria mais as instruções. Lembrava-se vagamente de que tinha de digitar um código pré-combinado. Ela sempre usava 3637, que era a idade dos pais quando foram mortos. Digitou. Nada. Talvez fosse necessário ligar o equipamento primeiro. Tentou apertar o ON e depois digitou 2627, em seguida balançou-o

pelo quarto: nada. Ou não havia grampo ou aquela porcaria estava quebrada.

Pirou. Uma gota d'água tinha se somado às tensões cumulativas do dia, e Olivia se pegou jogando a pequena calculadora passional-mente para o outro lado do quarto, como se ela fosse responsável por tudo: a cabeça de Dwayne, Morton C, a srta. Ruthie, o estupra-dor subaquático de capuz, a estranha gosma no morro, o seqüestro, tudo. Fechou-se no armário com as costas na porta e se enrolou numa bola.

De repente ouviu um bip minúsculo. Levantando a cabeça, abriu a porta do armário e engatinhou na direção da calculadora. Estava funcionando. A pequena tela tinha se iluminado. Foi assolada por um jorro de afeto pela minúscula geringonça. Não era culpa do detector de grampos/calculadora. Ele estava fazendo o máximo possível. Digitou o código de novo. O equipamento começou a vibrar ligeiramente. Empolgada, ficou de pé e começou a andar pelo quarto, estendendo a calculadora como se fosse um detector de metais. Não conseguia se lembrar de como se sabia quando aquilo descobria um grampo. Ela soltou outro bip, como se tentasse ajudar. Era isso! O negócio soltaria um bip se detectasse alguma coisa e começaria a vibrar cada vez mais à medida que chegasse mais perto do grampo. Tentou balançá-la na direção das tomadas elétricas: nada. Não havia tomadas de telefone. Experimentou os abajures: nada. Depois sentiu a vibração mudar. A vibração levou-a a uma mesinha de centro, de madeira, com um vaso de pedra incrustado no centro, do qual emergia um cacto atarracado. A calculadora praticamente começou a pular de sua mão, completamente empolgada consigo mesma. Olivia tentou olhar debaixo da mesa, mas era uma coisa pesada, parecendo uma caixa. Será que deveria estripar o cacto com a faca? Certamente seria satisfatório. Ela odiava cactos. Plantas espinhentas eram *mau feng shui*. Mas era errado destruir vida. De qualquer modo, o que o cacto ouviria? Com quem ela iria falar? Olhou para a plantinha atarracada. E se tivesse uma câmara também? Abriu sua mala, tirou um fino suéter preto, fingiu que ia vesti-lo, depois mudou de idéia e jogou-o casualmente sobre a mesa, cobrindo o cacto.

Eram vinte para as sete. Decidiu que poderia muito bem tentar ficar bonita. Uma garota em dificuldades tinha de usar todos os recursos à disposição. Secou o cabelo e jogou-o para trás diante do espelho, numa imitação da irritante Suraya, murmurando provocadora:

— Deixa meu cabelo mais brilhante e mais fácil de pentear!

A combinação de água do mar, sol e os restos da tintura vermelha tinham-no transformado num lindo louro com luzes. Sua pele também tinha captado um certo brilho solar, apesar das camadas de filtro. Não precisava de muita maquiagem, só um pouco de corretivo para baixar o tom do nariz vermelho. Pôs um vestido preto fino, sandálias e jóias, e se examinou ao espelho. Todo o efeito era bastante bom, decidiu, pelo menos para o fim de um dia de merda como aquele.

Certo, Olivia, você está pronta — falou séria, depois pôs a mão na boca, preocupada com a hipótese de o cacto ter captado.

Esta noite tinha de representar. Tinha de apresentar a Feramo a mulher que ele queria que ela fosse. Tinha de fingir que não tinha beijado nenhum jovem louro de olhos cinzentos e disfarçado, que não tinha visto cabeças sem corpo, que não entendia nada da ligação entre os atentados da al-Qaeda e o acetileno, e que nunca tinha ouvido a palavra "ricina". Conseguiria? Seria como "não mencione a guerra" ao jantar com um alemão. "Poderia passar a ricina, por favor?" "*Ri-se na ilha um bocado, não é?*"

Começou a dar um risinho. Minha nossa, seria possível que estava histérica? O que ela *esta.vafazendo?* Ia jantar com um *envenenador*. Sua mente disparava louca, tentando pensar em estratégias anti-envenenamento aprendidas nos filmes: trocar de copos, comer apenas da mesma bandeja do anfitrião. Mas e se os pratos já viessem prontos? Ficou imóvel um momento e depois se deitou no chão, repetindo o mantra:

— Minhas intuições são o meu guia; eu controlo minha histeria e minha imaginação hiperativa.

Estava começando a se acalmar quando houve uma batida trovejante na porta. *Ah, não, ah, não. Eles vão me levar para ser apedrejada*, pensou, levantando-se, calçando as sandálias de tiras e

chegando à porta no momento em que a batida maníaca soou de novo.

Uma senhora pequena e gorducha, de avental branco, estava parada do lado de fora.

— Quer que eu prepare a cama? — perguntou ela com um sorriso maternal.

Enquanto a mulher entrava no quarto, o mensageiro apareceu na porta atrás dela.

— O sr. Feramo está pronto para recebê-la.

## Capítulo 35

Pierre Feramo estava reclinado num sofá baixo, com as mãos pousadas no colo com um ar de poder controlado. Usava roupas frouxas, de linho azul-marinho. Seus olhos lindos, líquidos, olhavam-na impassivelmente por baixo das sobancelhas belamente arqueadas.

— Obrigado — disse ele, dispensando o rapaz com um gesto. Olivia escutou a porta se fechar, enrijecendo-se quando a chave foi virada na fechadura.

A suíte de Feramo era suntuosa, exótica, totalmente iluminada por velas. Havia tapetes orientais no chão, tapeçarias ornamentadas nas paredes e um cheiro de incenso que instantaneamente a levou de volta ao tempo passado no Sudão. Feramo continuou a encará-la de modo assustador. O instinto lhe disse para assumir o controle do clima.

—Olá! — disse toda animada. — Que bom ver você de novo!

A luz trêmula, Feramo parecia Ornar Sharif em *Lawrence da Arábia* quando estava com o sangue quente.

—Esta é uma suíte linda — disse ela, tentando olhar em volta como quem estivesse apreciando. — Mas no nosso país é educado se levantar quando um convidado entra, especialmente quando você a seqüestrou.

Ela viu um levíssimo tremor de confusão passar sobre as feições dele, rapidamente substituído por um olhar pétreo. *Ah, dane-se, seu sacana mal-humorado*, pensou. Na mesa diante dele havia uma garrafa de champanhe Cristal gelando num balde de prata, junto com duas taças e uma bandeja de canapés. Ela notou com interesse que era a mesma mesa que existia em seu quarto, até mesmo com o cacto cravado no meio.

— Isso é legal — disse ela, sentando-se e lançando-lhe um sorriso

enquanto olhava as taças de champanhe. — Posso ser a mãe?

O rosto de Feramo se suavizou por um segundo. Ela percebeu que estava se comportando como uma dona-de-casa do norte da Inglaterra no chá em homenagem ao vigário, mas parecia estar se dando bem. Então a expressão dele mudou e ele fixou-a com um olhar feroz, como uma ave de rapina entediada. *Certo*, pensou ela, *dois podem jogar esse jogo*. Sentou-se e olhou de volta. Mas infelizmente alguma coisa na improvisada competição de olhares lhe deu vontade de rir. Olivia podia sentir o riso borbulhando a partir do estômago, e de repente ele explodiu pelo nariz, por isso teve de pôr a mão na boca, sacudindo-se descontrolada.

—Chega! — rugiu ele, saltando de pé, o que somente a fez rir mais ainda.

Ah, meu Deus, agora ela realmente tinha estragado tudo. Precisava parar. Respirou fundo, ergueu os olhos e depois desmoronou em risos de novo. Assim que uma coisa parecia tão engraçada, quando realmente não se devia rir, a gente estava condenada. Era como rir na igreja ou numa reunião na escola. Até mesmo a idéia de ele pegar uma espada e cortar sua cabeça parecia hilariante, enquanto ela visualizava a cabeça ricocheteando no chão, ainda rindo, com Feramo berrando.

Desculpe, desculpe — falou, controlando-se, com as duas mãos cobrindo a boca e o nariz. — Certo, certo.

Parece que você está desfrutando a vida.

Bem, você também desfrutaria, se tivesse escapado por pouco de morrer três vezes num dia.

—Peço desculpas pelo comportamento de Alfonso com o barco.

—Ele quase matou um punhado de gente que estava mergulhando com snorkels e um sujeito num jet ski.

A boca de Feramo se retorceu estranhamente.

Foi culpa daquele barco desgraçado. A tecnologia ocidental, apesar de todas as promessas, é projetada para fazer os árabes de tolos.

Ah, não seja tão paranóico, Pierre — disse ela em tom leve. — Eu realmente não acho que esta seja a primeira prioridade no

projeto das lanchas modernas. Mas, de qualquer modo, como vai? É um prazer vê-lo.

Ele a encarou incerto.

—Venha, vamos brindar! — disse ele, estendendo a mão para abrir

o champanhe. Ela ficou olhando, mexendo no alfinete de chapéu escondido no tecido da roupa, tentando avaliar o que estava acontecendo. Esta era a sua grande chance de embebedá-lo e descobrir o que ele estava aprontando. Olhou a sala em volta: havia um lap-top fechado sobre a mesa.

Feramo parecia bastante desesperado para mergulhar no champanhe, mas estava tendo problema com a rolha. Sem dúvida não tinha muita prática em abrir garrafas de champanhe nem em foder com as coisas. Olivia se pegou imobilizada num sorriso encoraja-dor, como se esperasse que um homem muito gago conseguisse dizer a próxima palavra. De repente a rolha saltou pela sala e o champanhe jorrou, molhando toda a mão dele, a mesa, os guardanapos, o cacto e os canapés. Um palavrão estranho brotou dos lábios de Feramo, enquanto começava a agarrar as coisas e derrubá-las.

Pierre, Pierre, Pierre — disse ela, começando a enxugar a poça de champanhe com um guardanapo. — Calma. Está tudo bem. Eu só vou pegar essas... — disse ela, pegando as taças e indo para o bar — e... lavar, para ficarem bem limpas. Aah, que taças lindas. São de Praga? — Ela continuou falando enquanto as lavava em água quente, depois enxaguava bem e enxugava a parte de baixo.

Você está certa — disse ele. — São de fino cristal da Boêmia. Evidentemente você é uma conhecedora da beleza. Como eu. — Diante disso Olivia quase começou a rir de novo. Sem dúvida a mente árabe podia ser tão piegas quanto o canal de compras.

Recolocou as taças na mesinha de centro, garantindo que a que tinha sido de Feramo agora fosse sua. Observou-o cuidadosamente, em busca dos gestos de um envenenador sem habilidade, mas em vez disso viu apenas a ansiedade de um alcoólico antes do primeiro gole da noite.

—Vamos brindar ao nosso encontro — disse ele, entregando-lhe sua taça. Em seguida olhou-a nervosamente por um momento, depois engoliu o champanhe como um cossaco numa competição de quem bebia mais vodca.

*Será que ele sabe que não se deve beber champanhe assim?*, pensou ela. Aquilo fez com que se lembrasse da mãe de Kate, abstinência durante toda a vida que, se servisse um gim-tônica a alguém, enchia o copo quase até o topo com gim puro e quase que só um pingo de água tônica.

—Venha, vamos comer. Temos muito a conversar.

Enquanto ele se levantava para ir até o terraço, Olivia esvaziou sua taça no cacto. Feramo puxou a cadeira para ela, como os garçons fazem. Ela se sentou, esperando que ele a empurrasse para a frente, só que de algum modo ele não fez isso e ela se sentou no nada, caindo no chão. Pensou que ia começar a rir de novo, até que olhou para cima e viu a intensidade da humilhação e da fúria dele.

Está tudo bem, Pierre, está tudo bem.

Mas o que você quer dizer? — Enquanto ele se erguia acima, ela o imaginou comandando um batalhão de *mujahedins* nas montanhas do Afeganistão, andando de um lado para o outro acima dos prisioneiros, mantendo a fúria sob controle, e depois arrebentando-os com uma metralhadora.

Quero dizer, é engraçado — disse ela com firmeza, começando a se levantar, notando, para seu alívio, que ele se apressava em ajudá-la. — Quanto mais uma situação é armada para ser perfeita, mais engraçada fica quando algo dá errado. As coisas não *devem* ser perfeitas.

Então isso é bom? — disse ele, com o traço do sorriso de um menininho aparecendo.

Sim, é bom. Certo, vou me sentar na cadeira, e não debaixo dela, e vamos começar de novo.

Peço desculpas. Estou mortificado. Primeiro o champanhe, e depois...

Shh. Sente-se. Você não poderia ter arranjado um modo melhor de me deixar confortável.

—Verdade?

—Verdade — disse ela, pensando: *Agora eu não preciso me preocupar com a hipótese de ser envenenada a cada vez que tomo um gole.* — Eu estava intimidada quando entrei. Agora nós sabemos que somos apenas seres humanos e não temos de fingir que somos elegantes e perfeitos, e podemos simplesmente nos divertir.

Ele segurou sua mão, beijando-a apaixonadamente. Era como se alguma coisa em Olivia atuasse como um gatilho para ele. Suas mudanças de humor não faziam sentido. Ele era perigoso, sem dúvida. Mas ela não tinha muitas opções. Talvez, se simplesmente juntasse coragem e seguisse o próprio nariz, pudesse manter o controle da situação. Especialmente se estivesse sóbria e Feramo bêbado.

Você é uma mulher maravilhosa — disse ele, olhando-a quase arrasado.

Por quê? Porque sou boa em lavar taças?

— Porque é gentil.

Ela se sentiu péssima.

Ele engoliu outra taça de champanhe, recostou-se e puxou com força um grosso cordão vermelho-escuro, fazendo soar um sino. Imediatamente a chave girou na fechadura e três garçons apareceram trazendo tigelas fumegantes.

— Deixem, deixem — rosnou Feramo enquanto eles adejavam, obviamente aterrorizados. — Eu mesmo sirvo.

Os garçons pousaram os pratos e saíram correndo, trombando-se na pressa.

— Espero que você goste do jantar — disse Feramo desdobrando o guardanapo. — É uma grande iguaria na nossa terra.

Ela engoliu em seco.

O que é?

Cabrito com curry.

## Capítulo 36

Quer mais vinho? — perguntou Feramo. — Eu tenho um St-Estèphe oitenta e dois que acho que vai combinar com o cabrito.

—Perfeito. — Havia uma grande figueira num vaso, posto convenientemente ao lado dela. Enquanto ele se virava para escolher uma

garrafa, ela rapidamente jogou na bandeja uma colherada de cabrito de seu prato e esvaziou a taça no vaso de planta.

—... e um Puligny-Montrachet noventa e cinco para a sobremesa.

Meu predileto — murmurou ela em tom suave.

Como eu estava dizendo — Feramo serviu o vinho antes mesmo de se sentar —, a separação entre o físico e o espiritual é a fonte dos problemas no Ocidente.

Hmm. Mas o negócio é que você tem um governo religioso, que recebe suas dicas de uma divindade, não do processo democrático. O que poderia impedir qualquer maluco que assume o poder de dizer que é a vontade de Deus que ele gaste todo o dinheiro que seria destinado à comida no país em dezoito palácios para si próprio?

O partido Ba'ath de Saddam Hussein não é um exemplo de governo religioso.

Eu não estava dizendo que era. Só peguei um exemplo no ar. Só estou dizendo: quem decide qual é a vontade de Deus?

Ela está escrita no Corão.

Mas as escrituras são abertas às interpretações. Você sabe, o "não matarás" de um homem é o olho por olho de outro. Você não pode realmente achar que está certo matar em nome da religião.

Você é pedante. A verdade não exige sofisticação. Ela é clara como o sol que se ergue sobre a planície no deserto. O fracasso da cultura ocidental é evidente o tempo todo. Nas cidades, na mídia, nas mensagens ao mundo: a arrogância, a estupidez, a violência, o medo, a busca insensata do materialismo vazio, o culto à

celebridade. Veja as pessoas que você e eu presenciamos em Los Angeles; lascivas, vazias, vaidosas, indo aos bandos se alimentar das promessas de riqueza e fama como os gafanhotos no sorgo.

—Você parece estar gostando da companhia delas.

Eu as desprezo.

Então por que as emprega?

Por que eu as emprego? Ah, Olivia, você não é do tipo delas, por isso não entenderia.

Experimente. Por que você iria querer se rodear de garçonetes, seguranças, mergulhadores e surfistas que querem ser atores, se os despreza?

Ele se inclinou para a frente e passou o dedo devagar pelo lado do pescoço de Olivia. A mão dela apertou o alfinete de chapéu.

—Você não é como eles. Não é um gafanhoto, e sim um falcão.

— Ele se levantou, indo para trás dela. Começou a acariciar seu cabelo, o que lhe provocou arrepios na nuca. —Você não é como eles, e portanto deve ser capturada e domada até só querer voltar para o dono. Você não é como eles — sussurrou em seu pescoço — e portanto não é lasciva.

De repente ele envolveu seus cabelos com a mão e puxou sua cabeça para trás com força.

—É?Você está aberta às investidas de outro homem, aos beijos, escondida, no escuro?

—Ai, larga — disse ela, afastando a cabeça. — Qual é o problema com os homens nesta ilha? Vocês são completamente malucos. Nós estamos no meio do jantar. Quer parar de ser tão esquisito, por favor, sentar-se e dizer do que está falando?

Ele parou, com a mão ainda em seu cabelo.

—Ah, qual é, Pierre, nós não estamos num pátio de escola. Você não precisa puxar meu cabelo para fazer uma pergunta. Agora venha, sente-se de novo e vamos comer a sobremesa.

Houve outra hesitação momentânea. Ele estava andando em volta da mesa como uma pantera.

Por que não veio a mim como prometeu, meu pequeno falcão, meu *saqr*?

Porque eu não sou um pequeno falcão. Sou uma jornalista profissional. Estou escrevendo sobre mergulhos fora dos locais da moda. Não posso cobrir as Ilhas Bay inteiras indo direto para o hotel mais luxuoso.

—Também é necessário verificar os instrutores de mergulho do local?

—Claro.

—Na verdade — disse ele gelidamente — eu acho que você tem perfeita consciência do que eu estou falando, Olivia. Estou falando de Morton.

Pierre, você sabe que o que os rapazes ocidentais fazem nas festas, especialmente quando consumiram um bocado de rum e cocaína grátis, é tentar beijar as garotas. Isso não é um crime digno de apedrejamento em nossos países. E pelo menos eu o empurrei para longe — disse ela, arriscando uma mentirinha. — Quantas garotas você tentou beijar desde que eu o vi pela última vez?

De repente ele sorriu, como um menininho que ganhasse os brinquedos de volta depois de um chique.

—Está certa, Olivia. Claro. Outros homens irão admirar sua beleza, mas você voltará ao seu senhor.

Meu Deus, ele era pirado.

—Escute, Pierre. Primeiro, eu sou uma garota moderna e não tenho senhores. — Ela estava pensando muito rápido, deduzindo como trazer a conversa de volta aos trilhos. — Segundo, se duas pessoas vão ficar juntas, elas têm de compartilhar valores, e eu acredito firmemente que matar é errado. Então, se você não se importa, nós podemos resolver isso agora.

—Você me desaponta. Como todos os ocidentais, você é suficientemente arrogante para admitir apenas sua visão ingênua e parcial. Considere as necessidades do beduíno nos desertos duros e implacáveis. A sobrevivência da tribo deve estar acima da vida de um indivíduo.

—Você apoiaria um ataque terrorista? Eu preciso saber.

Ele se serviu de outra taça de vinho.

—Quem, no mundo, prefere a guerra à paz? Mas há ocasiões em que a guerra se torna uma necessidade. E no mundo moderno

as regras bélicas mudaram.

—Você aceitaria... — começou ela, mas sem dúvida Feramo já estava cheio desse assunto.

Olivia! — disse ele repleto de jovialidade. —Você praticamente não comeu! Não gostou?

Ainda me sinto meio enjoada da viagem de lancha.

Mas você precisa comer. Precisa. É uma grande ofensa.

Na verdade eu adoraria mais um pouco de vinho. Vamos abrir o Puligny-Montrachet?

Funcionou. Feramo continuou a beber e Olivia continuou a jogar seu vinho na figueira do vaso. Ele permaneceu lúcido, seus movimentos impressionantemente coordenados, mas a paixão e a eloquência cresceram. E ela sempre se sentia à beira do precipício de alguma violenta mudança de humor. Tudo era espantosamente diferente da personalidade pública controlada, digna. Ela imaginou se estaria testemunhando os efeitos de alguma ferida psicológica, algum problema oculto como o seu: um trauma antigo, a morte de um dos pais, talvez?

Foi surgindo um mapa em retalhos do passado dele. Feramo tinha estudado na França. Fez referências que sugeriram a Sorbonne, mas não foi específico. Foi mais expansivo com relação aos estudos em Grasse, na Cote d'Azur, onde foi treinado como "nariz" na indústria de perfumes. Houvera um longo período no Cairo. Houve um pai que ele parecia desprezar e temer ao mesmo tempo. Nenhuma outra menção à mãe. Olivia achou difícil levá-lo a falar de seu trabalho como produtor de cinema na França. Era como conseguir que um dos garçons/produtores no bar do Standard falasse de sua última produção. Claramente havia uma enorme quantidade de dinheiro borbulhando em volta de sua família e sua vida, e ele havia circulado muito pelo mundo: Paris, St-Tropez, Monte Carlo, Anguilla, Gstaad.

—Você já esteve na Índia? — perguntou ela. — Eu adoraria ir ao Himalaia, ao Tibete, ao Butão — *não hesite* —, ao Afeganistão. Esses lugares parecem intocados e misteriosos. Você já esteve lá?

Na verdade, no Afeganistão, sim, claro. E é selvagem e lindo, cru e feroz. Eu vou levar você lá, e nós vamos cavalgar, e você verá

a vida dos nômades, a vida de minha infância e de meus ancestrais.

O que você estava fazendo lá?

Quando era jovem eu gostava de viajar, como você, Olivia.

Tenho certeza que você não estava viajando como eu. — Ela riu, pensando: *Qual é, meu chapa. Você estava treinando nos campos? Estava treinando para o OceansApart, para alguma outra coisa? Agora? Logo? Está tentando me tornar parte disso?*

Ah, mas eu estava. Nós vivíamos como pobres, em barracas. Minha pátria é a terra dos nômades.

O Sudão?

—A Arábia. A terra dos beduínos, do que é gracioso, hospitaleiro, simples e espiritual. — Ele tomou outro grande gole de Montrachet. — O homem ocidental, com sua luxúria pelo progresso, vê apenas o futuro, destruindo o mundo em sua busca cega de novidade e riqueza. Meu povo vê que a verdade está na sabedoria do passado, e essa riqueza está na força da tribo. — Ele serviu mais vinho, inclinando-se para a frente e segurando a mão dela. — E é por isso que eu devo levá-la para lá. E, claro, será perfeito para a sua matéria sobre mergulho.

Ah, eu não poderia. Não. Teria de conseguir que a revista me mandasse.

Mas é o melhor mergulho do mundo. Há penhascos e quedas que descem a setecentos metros, pináculos de coral subindo como torres antigas do piso do oceano, cavernas e túneis. A visibilidade é insuperável. É puríssima! Puríssima! Você não verá outro mergulhador durante toda a estada.

Alguma coisa na última garrafa de vinho parecia ter liberado o escritor de viagens em Feramo.

—As formações em pináculo se erguem de grandes profundezas, atraindo a vida marinha em números inacreditáveis, inclusive grandes espécies pelágicas. É uma extraordinária experiência em technicolor: tubarões, arraias, barracudas, atuns com dentes de cachorro, peixe-palhaço, anêmonas.

Então há um monte de peixes! — disse ela toda animada.

Amanhã nós vamos mergulhar *à deux*. Não com a sua ressaca, de jeito nenhum.

E há lugares bons para ficar?

Na verdade a maioria dos mergulhadores fica em casas-barco. Eu próprio tenho vários barcos residenciais. Mas você, claro, terá toda a experiência beduína.

Parece maravilhoso. Mas só posso realmente escrever sobre aquilo que os leitores possam fazer.

Deixe-me contar sobre Suakin. Suakin, a Veneza do Mar Vermelho. Uma cidade de coral se desfazendo, o maior porto do Mar Vermelho no século XVI.

Depois de escutar durante mais vinte minutos de elogios ininterruptos, ela começou a achar que o papel de Feramo na al-Qaeda poderia ser entediante até a morte. Ficou olhando as pálpebras caídas dele, como uma mãe olha o filho, tentando avaliar o momento em que pode transportá-lo em segurança para o berço.

—Vamos voltar para dentro — sussurrou ela, ajudando-o a se sentar num sofá baixo, onde ele afundou com o queixo no peito. Prendendo o fôlego, imaginando se realmente ousaria fazer isso, chutou os sapatos longe e foi na ponta dos pés até a mesa onde estava o laptop. Abriu-o e apertou uma tecla, para ver se o computador estaria meramente hibernando, como o dono. Droga, estava desligado. Se o ligasse, será que ele faria algum som, um acorde ou, que Deus não permita, o som de um pato grasnando?

Olivia se imobilizou quando Feramo suspirou estremecendo e mudou de posição, passando a ponta da língua nos lábios como um lagarto. Ela esperou até a respiração dele se acalmar de novo e em seguida decidiu ir com tudo. Apertou o botão de ligar e se preparou para tossir. Houve um leve zumbido e então, antes que ela pudesse tossir, uma voz feminina no computador disse:

—Epa!

Feramo abriu os olhos e se sentou empertigado. Olivia pegou uma garrafa d'água e foi até lá.

—Epa — disse ela. — Epa, você vai ter uma tremenda ressaca se não beber um pouco d'água.

E levou a garrafa até os lábios dele. Ele balançou a cabeça e empurrou a garrafa para longe.

—Bem, não me culpe se tiver uma dor de cabeça terrível de manhã — disse ela, voltando para o computador. —Você deveria beber um litro d'água pelo menos e tomar uma aspirina. — E continuou com um fluxo constante de papo maternal enquanto se sentava diante do computador e verificava a tela de abertura, tentando manter a calma. Ali não havia nada, a não ser ícones e aplicativos. Olhou por cima do ombro. Feramo estava dormindo a sono solto. Olivia clicou na AOL, depois foi imediatamente ao "Favoritos".

Olhou os dois primeiros.

*Hydroweld: para soldar dentro d'água*

*Aparador de pêlos para o nariz e cortadores de unhas a preço de oferta.*

—Olivia! — Ela literalmente pulou dois centímetros acima da cadeira. — O que você está fazendo?

*Calma, calma, ele tomou quase quatro garrafas de vinho.*

Estou tentando verificar meu e-mail — disse sem levantar a cabeça, ainda clicando no computador. — Ele está numa rede sem fio ou a gente tem de plugar numa tomada de parede?

Saia daí e venha cá.

Não se você vai ficar dormindo — disse ela, tentando ao máximo parecer carrancuda.

Olivia! —A voz dele soou amedrontadora de novo.

Certo, certo, espera aí. Só vou desligar — disse ela apressadamente, saindo da AOL enquanto Feramo se levantava. Ela fez uma expressão inocente e se virou para encará-lo, mas ele estava indo para o banheiro. Olivia atravessou rapidamente a sala, abriu um armário e viu um punhado de fitas de vídeo, algumas com etiquetas escritas a mão: *Lawrence da Arábia, Oscar 2003, A Academia de Paixão da Srta. Watson, Glórias Visuais da Área da Baía.*

O que você está fazendo?

Procurando o frigobar.

Não há frigobar. Isso aqui não é um hotel.

Eu achei que *era* um hotel.

Acho que está na hora de você voltar para o seu quarto. — Ele parecia alguém que tivesse começado a perceber como estava bêbado. Suas roupas estavam amarrotadas, os olhos injetados.

Você está certo. Eu estou muito cansada — disse Olivia, sorrindo. — Obrigada por um jantar maravilhoso.

Mas ele estava cambaleando pelo quarto, procurando alguma coisa, e meramente acenou despedindo-se.

Era uma ruína do homem digno, hipnotizante, com quem ela havia ficado tão impressionada no hotel em Miami. *O vinho é a urina de Satã*, pensou enquanto voltava ao seu quarto. *Quando será que vão inaugurar a jilial dos AA na al-Qaeda?*

## Capítulo 37

Foi uma noite hedionda, insone. Não tinha comido nada desde o pedaço de bolo da srta. Ruthie há doze horas, e, apesar do luxo do quarto, não havia frigobar: nem Toblerone, nenhum vidro de castanhas de caju, nenhum saco gigante de M&M. Virou a cabeça para um lado e para outro na fronha, que parecia do mais fino linho egípcio de três mil fios ou sei lá o quê, mas nada ajudou.

As cinco da manhã sentou-se empertigada e deu um tapa na própria testa. Cavernas! A al-Qaeda vivia em cavernas em Tora Bora! Feramo provavelmente estava escondendo Osama bin Laden e Saddam Hussein numa caverna sob Suakin. Provavelmente havia um sonho erótico de Donald Rumsfeld na formade armas de destruição em massa numa caverna debaixo dela agora mesmo, tudo muito bem rotulado com PROPRIEDADE DE S. HUSSEIN: EXPLODIRÁ EM 45 MINUTOS.

Por fim, quando a madrugada começava a diluir a escuridão sobre o mar, ela afundou em sonhos confusos: corpos sem cabeça vestidos com roupa de borracha, a cabeça de Osama Bin Laden caindo pelo oceano com seu turbante, enquanto falava sem parar sobre tanques de quinze litros, as virtudes das roupas de mergulho feitas de neoprene, coletes flutuadores, dinamarqueses e cintos de pesos australianos.

Acordou com um sol luminoso, o ruído de pássaros tropicais e pontadas de fome. Havia o cheiro intenso e úmido que dizia "férias". Vestiu o roupão de algodão e os chinelos e foi para a varanda. Era uma manhã de domingo perfeita, quase sem nuvens. Podia sentir o cheiro de uma café da manhã tardio.

As placas prometendo CLUBE levaram-na a um bar rústico onde um punhado de beldades jovens riam e brincavam juntas. Ela hesitou, sentindo-se a menina nova na escola, depois reconheceu uma voz familiar, tipo Garota do Vale.

— Quer dizer, eu, tipo... hoje em dia me entendo muito mais do que nunca saca?

Era Kimberley com uma pilha gigantesca de panquecas no prato, brincando preguiçosa com o garfo sobre elas e não demonstrando qualquer interesse em comê-las. Olivia teve de se controlar para não mergulhar em cima.

— Kimberley! — disse toda animada, entrando no grupo. — Que ótimo ver você! Como vai o filme? Onde conseguiu essas panquecas?

Foi umas das maiores comilanças de sua vida. Olivia consumiu ovos mexidos com bacon, três panquecas de banana com xarope de bordo, um bolinho de blueberry, três fatias pequenas de pão de banana, dois sucos de laranja, três cappuccinos e um Blood Mary. Enquanto comia, tentando controlar a empolgação, percebeu um número cada vez maior de rostos familiares de Miami e LA. Além de Kimberley, havia Winston, o lindo negro instrutor de mergulho — que, graças a Deus, tinha escapado da carnificina no OceansApart —, Michael Monteroso, o técnico facial, e Travis, o ator/escritor/administrador de estilo de vida com olhos lupinos. Todos exibiam seus corpos fabulosamente lubrificadas e malhados em volta do bar e da piscina. Era um campo de recrutamento, ela tinha certeza, era a versão al-Qaeda de Butlins. Winston estava deitado numa espreguiçadeira tendo uma conversa em voz alta com Travis e Michael Monteroso, que estava sentado junto ao balcão.

— Foi o ano do Valentino vintage, com a tira branca? — perguntou Winston.

— Isso foi no Oscar — disse Michael em tom altivo. — No Globo ela estava com um frente-única Armani azul-marinho. E fez aquele discurso sobre os queridos. Todo mundo precisa de um querido para dizer: 'Como foi o seu dia, querida?' Benjamin Bratt faz isso por mim."

— E seis semanas depois eles se separaram.

— Eu fiz a segurança na estréia de Onze homens e um segredo, e estava pensando: eu não posso pedir a Julia Roberts para abrir a bolsa, e ela simplesmente abriu a bolsa para mim.

— Você ainda faz esse tipo de coisa? — disse Travis o ator, com o prazer pelo infortúnio alheio brilhando nos olhos azuis lupinos.

— Não mais — disse Winston rispidamente. — Você ainda dirige o furgão para aquela empresa no sul de LA?

— Não.

— Pensei que ainda dirigia — disse Michael.

— Bem, só tipo... meio expediente.

— Que empresa é? — perguntou Olivia.

— Ah, é tipo... não é grande coisa. — Travis parecia drogado. — É uma merda, cara, mas dá para ganhar um bom troco. Se você fizer, tipo, Chicago ou Michigan e dormir no furgão, pode embolsar a ajuda de custo, mas, tipo... as melhores coisas sempre vão para os caras mais antigos.

— Como é o nome? — perguntou ela, mas se arrependeu instantaneamente. Ficou parecendo demais uma jornalista ou policial. Felizmente Travis, o ator, parecia doidão demais para notar qualquer coisa.

— A empresa de segurança? Carrysure. — Ele bocejou, levantou-se do banco e foi até uma mesa perto de uma palmeira, onde várias velas queimavam no que parecia uma gigantesca escultura de cera. Enfiou um baseado meio fumado na boca, acendeu de novo e começou a manipular a cera, moldando-a em estranhas formas aleatórias.

— O que ele estava fazendo? — perguntou Olivia em voz baixa. Michael Monteroso revirou os olhos.

— Um bolo de cera. Libera a criatividade.

Olivia olhou para trás dele e respirou fundo rapidamente. Morton C estava passando pelo bar, com a roupa de mergulho, de borracha, abaixada até a cintura, os músculos saltando. Estava carregando um tanque de mergulho em cada ombro e era seguido por dois rapazes morenos, de aparência árabe, carregando coletes e reguladores.

— Eu estava no Ocas naquele ano — disse Kimberley. — Era guardadora de lugares. Sentei atrás de Jack Nicholson.

Olivia viu quando Morton C notou-a e desviou o olhar, furiosa de duas caras. Não precisa pensar que iria recuperar seu afeto

agora. Pegou a máquina fotográfica miniatura e tirou algumas fotos disfarçadamente.

— Não brinca! — estava dizendo Winston. — Aquele pessoal que, tipo... ocupa o lugar enquanto Halle Berry vai ao banheiro?

Olivia cutucou Michael, assentindo para as costas de Morton.

— Quem é ele? — perguntou.

— O cara louro? É algum tipo de, tipo... instrutor de mergulho ou sei lá o quê, saca?

— Meu pai me consegue o trabalho porque ele faz o canhão seguidor — estava dizendo Kimberley com orgulho. Na segunda vez foi para Shakira Caine, mas ela só, tipo... foi ao banheiro durante um intervalo. Mas no ano passado eu me sentei na primeira fila durante toda a primeira metade.

— Alguém viu Pierre?

— Alfonso disse que ele ia descer, tipo... pro almoço, café da manhã, sei lá. Ei! Ali está o Alfonso. Ei, cara. Venha tomar uma bebida.

A figura simiesca de Alfonso, sem camisa, vinha na direção deles. Olivia se pegou incapaz de olhar as costas peludas dele sem sentir enjôo.

— Acho que vou nadar um pouco — disse ela enquanto descia do banco, começando a ter medo de se afogar com o peso das panquecas.

Mergulhou na água límpida, nadando com força, prendendo o fôlego pelo maior tempo possível e chegando à superfície cem metros adiante. Tinha vencido uma disputa de nado embaixo d'água na escola, em Worksop Bath, antes da competição ser abolida porque alguém ficou tonto. Chegou à tona, alisando o cabelo para trás, para não parecer louca, mergulhou de novo e foi o máximo que pôde, rodeando a ponta de terra até ver o píer de concreto. Aqui o mar era mais escuro e mais agitado; ela estava se aproximando do lado da ilha voltado para o vento. Começou a nadar rápido até ficar diante do píer. Este não parecia estar sendo usado. Uma cerca alta, de arame farpado, bloqueava a entrada pelo lado do hotel. Havia

tanques e um barracão de depósito perto da praia, e uma prancha de surfe que parecia ter sido cortada ao meio.

Do outro lado do píer havia uma longa praia golpeada por ondas de cristas brancas. Havia um pequeno barco ancorado a uns cem metros da areia, subindo e descendo. Um mergulhador ficou de pé na plataforma da popa e desceu na água, seguindo por mais três. Ela mergulhou de novo e nadou na direção deles. Quando voltou à tona, o último dos quatro mergulhadores estava começando a descer. Pensando que eles ficariam lá embaixo por um tempo, começou a nadar para o píer e, ao olhar de novo, ficou surpresa, vendo que os três tinham voltado à superfície mais perto da costa. A pose deles era familiar enquanto esperavam na água, como focas. Então um deles começou a nadar depressa na direção de uma onda e subiu numa prancha. Surfistas! Ela olhou fascinada enquanto eles seguiam a onda em formação, ziguezagueando na curva interna. Chegaram em terra, rindo juntos, e partiram na direção do píer. De repente um deles gritou e apontou para ela.

Olivia mergulhou certa de um metro e meio na direção do píer de concreto. Seus pulmões estavam explodindo, mas ela continuou até rodear o píer e então voltou a superfície, ofegando. Agora os surfistas não estavam visíveis. Mergulhou de novo e nadou outra vez para o hotel, até a água ficar mais calma, quente e azul, e chegou sobre um fundo arenoso, de volta ao abrigo da baía.

Voltou à superfície aliviada, boiando de costas tentando recuperar o fôlego. Havia uma plataforma flutuante adiante. Nadou lentamente até lá, subiu e se deixou cair no tapete de grama artificial.

Era uma plataforma flutuante maneira. O tapete de grama artificial era azul — do mesmo tipo que havia na piscina do Hotel Standard em LA. Ela se espreguiçou, recuperando o fôlego olhando o céu onde a lua já era visível. Relaxou, sentindo o sol na pele, a balsa subindo e descendo suavemente com as ondas a água batendo de leve na lateral.

Foi acordada abruptamente do devaneio. havia uma mão apertando sua boca com força. Instintivamente puxou o alfinete de

chapéu do biquíni e cravou-o com força no braço, que saltou em choque e afrouxou o aperto apenas o suficiente para ela se livrar.

— Não se mexa. — Ela reconheceu a voz.

— Morton, o que há com você? Andou assistindo a muitos filmes de ação?

Ela se virou e, pela primeira vez na vida, se pegou olhando para o cano de uma arma. Era estranho, realmente. Tinha imaginado como seria, e, no caso, era uma sensação estranha, de realidade reversa. Isso fez com que pensasse: É exatamente como num filme, assim como a gente vê uma paisagem linda e pensa que parece um cartão-postal.

— O que havia naquela agulha? Os olhos cinza de Morton C estavam gélidos, malignos. Ele estava se segurando na balsa com um cotovelo, ainda apontando a arma.

— Essa coisa nunca vai dar um tiro — disse ela. — Esteve na água

— Deite-se de barriga para baixo. Isso mesmo. agora... — Ele se inclinou para a frente. — O que havia na porra daquela seringa?

Morton estava apavorado. Dava para ver nos olhos.

— Morton — disse ela com firmeza — , é um alfinete de chapéu. Eu estou viajando sozinha. Você me amedrontou. Agora está me amedrontando mais ainda. Afaste essa arma.

— Me dá o alfinete.

— Não. Me dá a arma.

Ele empurrou o cano da arma com força contra o seu pescoço e agarrou o alfinete com a outra mão.

— Isso é muito grosseiro. Eu poderia facilmente me levantar e gritar, você sabe.

— Você iria demorar demais, e eles nunca iriam descobri-la. Que porra é isso? — Ele estava olhando o alfinete.

— Um alfinete de chapéu. É um truque velho da minha mãe, para afastar agressores sexuais.

Ele piscou, depois soltou seu riso curto.

— Um alfinete de chapéu. Bem, é fantástico. — Aposto que não queria ter sacado a arma, não é? Os olhos verdes disseram que ela estava certa. Ha ha, pensou Olivia.

— Cale a boca e fale — disse Morton. — O que está fazendo aqui? — Eu gostaria de saber. Fui seqüestrada por Alfonso. — Sei disso. Mas o que está fazendo em Popayan? Para quem trabalha?

— Já disse. Sou jornalista freelance.

— Qual é. Uma jornalista freelance de moda que...

— Eu não sou uma jornalista de moda.

— Jornalista de perfume, tanto faz. Uma jornalista de perfume que é lingüista?

— No nosso país — disse ela, sentando-se indignada — nós reconhecemos a necessidade de falar outras línguas. Temos consciência de que existem outras nacionalidades. Gostamos de poder conversar com pessoas dos outros países, e não somente falar em voz alta.

— Quais são as línguas? Algaravia? Cascatês? Blablanhol? Linguagem do amor?

Ela riu, mesmo contra a vontade.

— Qual é, Morton, guarde essa arma, Não acho que seu chefe vá ficar muito satisfeito se descobrir que você andou enfiando uma arma na minha garganta.

— Esta é a menor das suas preocupações.

— Não estou falando de mim. O que você estava fazendo naquele túnel?

— Que túnel?

—Ah, não venha com essa. Por que matou Dwayne? Um hippie inocente como ele, como pôde?

Ele a encarou perigosamente. — Por que está seguindo Feramo? — Por que você está me seguindo? Você não é muito bom em cobrir suas pistas, é? Aquela barba e bigode falsos que você estava usando no Standard eram os piores que eu já vi na vida. E se ia colocar um saco de coca no meu quarto de hotel em Tegucigalpa, não foi a coisa mais inteligente ficar sentado me olhando cinco minutos antes, depois desaparecer e voltar de novo.

— Você nunca pára de falar? Eu perguntei: por que esta seguindo Feramo? — Está com ciúme?

Ele soltou um riso curto, incrédulo. — Ciúme? De você?

— Ah desculpe. Eu esqueci. Pensei que você podia ter me beijado porque ficou a fim de mim. Esqueci que você era um escroto cínico e de duas caras.

— Você precisa ir embora. Eu vim aqui avisar. Está entrando em águas profundas.

Ela o encarou no mar.

— Se não se importa que eu diga, isso é meio tipo o roto zombar do esfarrapado.

Ele balançou a cabeça.

— Como eu disse, você é fluente em algaravia. Escute. Você é uma garota inglesa legal. Vá para casa. Não se meta em coisas que não entende. Tire esse rabo daqui.

— Como?

— Oliviaaaaaaaa!

Ela se virou para trás e olhou. Feramo estava gritando da parte rasa, andando em sua direção com água até a cintura.

— Espera aí — gritou ele. — Eu estou indo.

Olivia se virou de novo para Morton C, mas dele só restavam bolhas.

Feramo se aproximou da balsa com a precisão de um tubarão, num poderoso nado livre, e subiu atleticamente. Era musculoso e perfeitamente triangular; pele azeitonada clara e feições finas, devassadoras de encontro á água clara. Ela desejou que Morton não tivesse desaparecido, para ter um de cada lado na balsa — um moreno, um louro, ambos estonteantes na água azul — e escolher o mais bonito.

— Olivia, você está maravilhosa — disse Feramo, sério. — Maravilhosa. — A água azul evidentemente fazia bem a ela também. — Deixe-me chamar um barco e pedir umas toalhas — disse ele, pegando no bolso um bip à prova d água. Em minutos uma lanha parava perto deles. Um esguio rapaz hispânico, com short de banho desligou o motor, entregou-lhes toalhas fofas e ajudou Olivia a subir a bordo.

— Está bom, Jesus — disse Feramo, assumindo o volante. E com isso Jesus foi para a parte de trás do barco e simplesmente

saltou, ereto, como se fosse andar de volta pela água.

Feramo se virou para verificar que ela estava sentada em segurança no banco do carona e gentilmente levou o barco numa curva ampla através da baía e saiu rodeando a ponta de terra.

— Desculpe ter deixado você sozinha o dia inteiro — disse ele.

— Ah, não se preocupe. Eu também dormi até tarde. Ficou de ressaca?

Enquanto falava, ela estava tentando avaliar o humor de Feramo, procurando qualquer coisa que pudesse usar para manipulá-lo e ir embora.

— Não, não foi ressaca — disse ele rispidamente. — Eu me senti como se tivesse sido envenenado. Meu estômago estava se revirando como as entranhas de um macaco, e eu sofri uma dor de cabeça tão feroz que era como se fosse uma braçadeira de metal penetrando no crânio.

— Bem... Pierre. É isso que os médicos chamam de ressaca. — Não seja ridícula. Não pode ser.

— Por quê? — Se fosse uma ressaca — disse ele imperiosamente —, ninguém que tivesse passado por isso beberia álcool de novo.

Ela virou o rosto para esconder o riso. Sentia-se como uma esposa cujo o marido insiste em que sabe exatamente para onde está indo, quando vai para o lugar totalmente errado. Isso a fez sentir-se mais forte. Ele era apenas um homem. Agora Olivia tinha duas opções. Podia se concentrar em obter mais informações ou poderia se concentrar em ir embora. Mas a simples psicologia sugeria que, quanto mais informações extraísse, menos chance teria de ir embora.

— Eu preciso partir — disse ela rapidamente.

— Isso não é possível — disse ele, sem afastar o olhar do horizonte.

— Pára, pára com isso — disse ela, permitindo que uma nota de histeria surgisse na voz. — Eu preciso ir. De repente ela sabia exatamente o que fazer. Ia chorar. Em circunstâncias normais nunca pensaria em descer tão baixo, mas: a) esta era uma situação muito pouco ortodoxa, b) ela não queria morrer e c) tinha a sensação de

que uma coisa com a qual Feramo não conseguiria lidar era uma mulher chorando.

Pensou em sua malfadada matéria sobre os gafanhotos no Sudão quando em vez disso tinha tentado cobrir os animais passando fome. Um funcionário do Ministério da Informação do Sudão tinha se recusado peremptoriamente a deixá-la entrar no zoológico até que, acidentalmente, ela começou a chorar de frustração, e nesse ponto ele cedeu, abriu o portão e insistiu em lhe dar uma vista guiada, como se ela fosse uma criança de três anos que tinha ganhado um presente de aniversário. Mas aquilo fora acidente. Ela trabalhava com o princípio de que nunca usaria deliberadamente as lágrimas para conseguir o que queria, e se elas a dominassem por acidente iria se certificar de ir ao banheiro antes que alguém visse. Mas no zoológico de Cartum não havia banheiro feminino.

Agora, porém, estava planejando usar as lágrimas a sangue frio. Era uma questão de vida, morte e segurança global. Mas será que o fim justificava os meios? Assim que você violasse um princípio aonde isso iria parar? Num minuto você estava chorando para manipular um homem, no outro estaria matando hippies. Ah. foda-se, pensou, e explodiu em lágrimas.

Pierre Feramo olhou-a alarmado. Ela soluçava e gorgolejava. Ele desligou o motor. Ela chorou mais alto. Ele se encolheu, olhando em volta procurando ajuda como se estivesse sob o ataque de Scuds guiados por laser.

— Olivia, Olivia, pare, por favor. Eu imploro, não chore.

— Então me deixe ir para casa — disse ela através de um mar de lágrimas.— ME DEIXE IR PARA CASA. — Ela começou praticamente a uivar, imaginando se ele lhe ofereceria um papel em Fronteiras do Arizona ao lado de Kimberley e Demi.

— Olivia... — começou ele, e deixou no ar, olhando-a desamparado. Não parecia ter a capacidade de simplesmente consolar alguém.

— Eu não suporto. Não suporto ficar presa. — E então, num jorro inspirado, declarou passionalmente: — Eu preciso ser livre, como um falcão. — Em seguida espiou por baixo das pálpebras para

ver que efeito estava causando. — Por favor, me deixe ir, Pierre. Me deixe ser livre.

Ele estava agitado. Suas narinas se alargaram ligeiramente, a boca se virou para baixo nos cantos. Ele a fez lembra-se ainda mais de Bin Laden.

— Ir para onde? Você não gosta da minha hospitalidade? Nós não deixamos você confortável aqui?

Olivia sentiu perigo na voz dele, nervos á flor da pele e desfeitas de parte a parte.

— Eu preciso ir até você por livre e espontânea vontade — disse ela, suavizando-se, chegando mais perto. — Preciso ir por opção.

E desmoronou de novo, dessa vez de verdade.

— Eu não me sinto segura aqui Pierre. Estou cansada, aconteceram muitas coisas estranhas: o navio explodindo, a cabeça de Dwayne sendo arrancada a mordidas. Simplesmente não me sinto segura. Preciso ir para casa.

— Você não pode viajar agora. O mundo não está seguro. Deve ficar em segurança comigo, saqr, até eu a ter treinado para voltar sempre.

— Se você quiser que eu volte, deve me deixar livre. Livre para voar como a águia — disse ela, e depois imaginou se não teria passado do ponto.

Ele se virou para o outro lado, com a boca numa expressão de desprezo.

— Muito bem, saqr, muito bem. Vou libertá-la e testá-la de novo. Mas você deve ir depressa. Deve partir hoje.

Feramo levou-a pessoalmente ao aeroporto de Roatán na lancha branca. Desligou o motor enquanto ainda estavam longe da praia, para dizer adeus.

— Gostei de ter tido você como hóspede, Olivia — disse ele, tocando seu rosto com ternura. — Vou partir para o Sudão daqui a alguns dias. Vou telefonar para você em Londres e arranjar para você se encontrar comigo, e vou mostrar a vida dos beduínos.

Olivia assentiu em silêncio. Tinha lhe dado o numero errado.

— Então, saqr, você vai começar a me entender melhor. E não vai querer partir de novo.

Feramo a encarou de um modo quente, insano. Olivia pensou que ele poderia tentar beijá-la, mas em vez disso ele fez a coisa mais estranha. Pegou seu dedo indicador, enfiou-o na boca e chupou-o, bruscamente, obsessivamente, como se fosse uma teta e ele fosse um porquinho faminto.

## Capítulo 38

Enquanto o vôo Roatán-Miami decolava, Olivia não podia acreditar no que tinha acontecido nem que tinha ido embora. Sentia-se como se tivesse sofrido o ataque de um animal selvagem, um ladrão ou uma tempestade violenta, que, de súbito, sem motivo aparente, tivesse ido embora. Não era tranquilizador. Tentou dizer a si mesma que tinha sido tudo obra sua, que sua brilhante manipulação de Feramo lhe garantira a liberdade. Mas sabia que não. Era apenas a sorte. E a sorte podia mudar.

De uma coisa tinha certeza: recebera um aviso e um adiamento da pena. Tinha chegado muito perto do fogo e, felizmente, havia escapado apenas chamuscada. Agora estava na hora de ir para casa agir de modo seguro.

Sua confiança aumentou na razão direta de sua distancia de Honduras. Falcão é o cacete, disse a si mesma enquanto embarcava no vôo de Miami para Londres apenas trinta segundos antes da hora. Eu escapei das mandíbulas da morte através de minha brilhante manipulação psicológica, e agora estou livre. Enquanto o avião começava a descer sobre Sussex, sentiu-se dominada por um alívio lacrimoso. Olhou as colinas verdejantes, a terra úmida e as castanheiras, vacas, igrejas cobertas de líquen, casas de madeira, enxugou uma lágrima do rosto e disse a si mesma que estava em segurança.

Mas quando passou pelo controle de passageiros e viu soldados com armas lembrou-se que a gente nunca estava em segurança. As pessoas se juntavam ao redor de aparelhos de televisão no caminho para o setor de bagagens. Houvera outro alerta contra o terror há algumas horas. O metrô de Londres estava fechado. Quando entrou na alfândega, as portas da área de desembarque se abriram e ela viu os rostos empolgados das pessoas que esperavam, e se pegou irracional mente com esperanças de que alguém estivesse esperando por ela, o rosto de alguém se abrindo num sorriso, correndo para pegar sua mala e levá-la para casa; ou

pelo menos que houvesse alguém com um cartaz dizendo OLIVIA JEWELS e o nome de uma empresa de táxis. Cai na real, disse a si mesma. Você não quer ser levada para casa em Worksop e ter de preparar o jantar, quer? Mas na verdade alguém estava esperando por ela. Na alfândega foi puxada, revistada, algemada e levada ao centro de interrogatório no Terminal Quatro. Duas horas depois ainda estava lá, com o equipamento de espionagem espalhado na mesa à sua frente: binóculo, anel espião, máquina fotográfica em miniatura, detector de grampos, caneta com spray de pimenta. Seu laptop tinha sido levado para exame. Sentia como se tivesse contado a história trezentas vezes.

— Sou jornalista freelance, trabalho ocasionalmente para a Elan o Sunday Times. Fui a Honduras cobrir áreas de mergulho.

As perguntas que eles fizeram sobre Feramo a deixaram nervosa. Como sabiam? Será que a embaixada tinha dado a dica? De qualquer modo, os policiais da alfândega de Sua Majestade estavam atirando no alvo totalmente errado. Achavam que ele traficava drogas e que ela era cúmplice.

— Ele deu o número de telefone a você?

— Deu

— Pode nos passar?

— Isso não vai me colocar sob ameaça?

— Vamos nos certificar de que não coloque. Deu seu número a ele?

— Quase. Mudei uns dois dígitos.

— Vamos precisar desse número também. O que você deu a ele.

Seu número verdadeiro não consta da lista, não é?

— É.

— Bom. Por que continuou a segui-lo? Está apaixonada por ele?

Ela começou a contar suas teorias de terrorismo, mas sentiu que estava lidando com as pessoas erradas. Eles não a estavam levando a sério. Eram da alfândega. Estavam procurando drogas.

— Quero falar com alguém do MI6 — disse ela. — Preciso de alguém que lide com terrorismo. Preciso de um advogado.

Finalmente a porta se abriu e uma figura alta entrou envolta em perfume, cabelo e roupas de arrasar. A mulher sentou-se à mesa, curvou a cabeça, segurou o cabelo e o jogou para trás, cascateando nos ombros, numa cortina preta brilhante.

— Então, Olivia, nós nos encontramos de novo. Ou será que devo chamá-la de Rachel?

Olivia demorou um segundo até perceber que reconhecia a mulher e mais um segundo para perceber de onde. — Hmm — disse Olivia. — De que será que eu devo chamar você?

## Capítulo 39

### Londres

— Vou perguntar de novo — disse Suraya num tom irritante de professora primária. — E desta vez quero a resposta certa. — Ela estava estonteantemente linda como sempre, mas tinha perdido o sotaque da Costa Oeste e substituído por um inglês pedante de internato para meninas ricas. A reação inicial de Olivia para a revelação de que Suraya era uma espiã foi pensar: Essa mulher nunca poderia ser agente secreta: ninguém jamais lhe diria nada porque ela é também uma Puta Secreta puta. Mas então se lembrou de como os homens podiam ser estúpidos quando as mulheres eram lindas.

— Eu contei a todo mundo umas trezentas vezes. Sou freelance. As vezes trabalho para a revista Elan e para o Sunday Times, quando eles não estão putos comigo por causa de alguma coisa.

— Nasceu em Worksop. — Suraya começou a ler seu dossiê em tom autoritário. — Testemunhou a morte dos pais e do irmão mais novo numa travessia de pedestres aos quatorze anos.

Olivia se encolheu: vaca horrível, cruel.

— Abandonou a escola antes de se formar. Trocou o nome para Olivia Joules. Começou a investir usando o seguro de vida dos pais aos dezoito anos. Muitas viagens. Pequeno apartamento em Primrose Hill. Jornalista freelance, principalmente estilo e viagens; ambições de cobrir notícias importantes. Toca piano, fala francês fluente, espanhol e alemão passáveis, um pouco de árabe. Muda de aparência e de cor de cabelo com regularidade. Visitas freqüentes aos Estados Unidos e várias cidades européias. Outras visitas à Índia, Marrocos, Quênia, Tanzânia, Moçambique e Sudão. — Parou, para concluir em seguida: — Atualmente sem relacionamentos. Então, para quem está trabalhando?

— Para quem roce está trabalhando? — replicou Olivia rispidamente.

— MI6 — devolveu Suraya estilo Exocet.

— Você pôs o grampo no meu quarto no Standard?

Suraya jogou o cabelo num gesto depreciativo e começou a ler o dossiê de novo.

— Rachel Pixley, escrevendo com o nome Olivia Joules, é considerada pela editoria do Sunday Times como alguém com imaginação hiperativa. — Ela fechou o dossiê e ergueu os olhos com um sorriso maligno. — Então isso explica os brinquedinhos, não é? — disse ela, sinalizando para o equipamento de espionagem com ar superior. — Ilusões de Jane Bond.

Olivia sentiu vontade de bater na cabeça dela com um sapato. Como ousava insultar seu equipamento de espião?

Respire, respire, calma, disse Olivia a si mesma. Não se rebaixe ao nível da bruxa horrorosa.

— Então conte — disse Suraya. — Gostou de dormir com ele? Olivia baixou os olhos um momento, recuperando a compostura.

Estava ótimo, absolutamente ótimo. A teoria de Olivia era que era possível dividir as mulheres em dois grupos: as que eram do Time das Meninas e as Putas Secretas. Se uma mulher fizesse parte do Time das Meninas, podia ser linda, inteligente, rica, famosa, sensual, bem-sucedida e popular como a porra, e mesmo assim você gostaria dela. As mulheres no Time das Meninas tinham solidariedade. Eram conspiradoras e colocavam na mesa todas as merdas que faziam para que todas compartilhassem. As Putas Secretas eram competitivas: mostravam-se, tentavam derrubar as outras para parecer que eram boas, careciam de humor e de um sentimento de ridículo, coisas que pareciam OK na superfície, mas que se destinavam a fazer você se sentir realmente te mal; não suportavam quando não recebiam atenção suficiente e jogavam o cabelo. Os homens não sacavam tudo isso. Achavam que as mulheres se desentendiam porque tinham ciúme. Trágico, realmente. — E então? — insistiu Suraya com um sorriso superior. — Gostou ou não?

Olivia sentiu vontade de gritar: "Ah, vai se foder, sua vaca ridícula", mas conseguiu se segurar cravando o polegar na palma da mão.

— Acho que o mais perto que cheguei foi vê-lo de calção de banho — falou.

— Ah, verdade? E? — Era bem largo — disse Olivia em voz doce. — De modo que, desculpe desapontar, mas não posso lhe dizer muito mais. Tenho certeza que você encontrou todas as informações necessárias com sua própria pesquisa. De qualquer modo, por que o interesse?

— Isso é da nossa conta, da sua é apenas nos contar mais — disse ela, como se Olivia fosse uma menina de sete anos. — Agora sugiro que me conte exatamente por que o estava seguindo.

Calma, calma, respire, não perca a cabeça, disse Olivia a si mesma.

Veja o lado bom. O fato de o MI6 ter chegado inicialmente na forma dessa Puta Secreta horrível e metida a besta, que joga o cabelo, não tem nada a ver. Eles estão levando você a sério. Cedo ou tarde alguém num vagão de trem vai baixar o jornal, convidar você para o chá com biscoitos em Pimlico e fazer a pergunta.

— Imagino que você acha que olhar para o espaço assim é uma técnica inteligente — disse Suraya, contendo um bocejo. — Na verdade é muito infantil.

— Você passou muito tempo aprendendo a interrogar pessoas? Elas lhe disseram que o melhor modo de dobrar as pessoas era realmente dar nos nervos delas?

Suraya congelou um momento, de olhos fechados, palmas abertas diante do corpo, respirando pelo nariz.

— Certo, certo, congelar imagem — disse ela. — Voltar a fita, certo? Vamos começar de novo. — E estendeu a mão. — Pax?

— O quê?

— Você sabe: pax, certo: significa paz em latim.

— Ah! Certo, certo. Quer dizer, às vezes eu, tipo... sonho em latim

— Então olha — disse Suraya, ainda mantendo o forte tom inglês —, vamos deixar bem clara a situação aqui. Nós estivemos vigiando Feramo e o pessoal dele em busca de drogas. Você sabe, Miami, Honduras, LA. Parecia uma conexão bastante óbvia. Pelo que descobrimos com nossas investigações, Feramo está limpíssimo: é

um playboy internacional com uma queda por garotas sem muita coisa no cérebro.

— Você está se desmerecendo.

— O quê? De qualquer modo, você mencionou algumas suspeitas sobre terrorismo. Gostaríamos que nos dissesse em que essas suspeitas se baseiam.

Mas Olivia não iria contar a Suraya em que elas se baseavam, pelo menos não tudo. Esperaria até ser interrogada por alguém que ela pelo menos suportasse.

— Bem, em primeiro lugar, eu não acreditei que ele fosse francês. Pensei que era árabe.

— Por quê?

— Pelo sotaque. E depois, quando o OceansApart explodiu, acho que eu, talvez de modo injusto, juntei algumas pistas estapafúrdias ligando-o ao atentado. E quando descobri a conexão com mergulho, pensei: aah, talvez eles tenham usado mergulhadores para explodir o navio. Idiotice, verdade, mas cá estamos.

Bom, pensou Olivia, se ela estivesse fazendo a investigação, sua pergunta seguinte seria: E o que você acha agora?

Em vez disso, uma ligeira curva de satisfação levantou o canto da boca de Suraya.

— Sei — disse ela, e se levantou, pegando o dossiê de Olivia. Estava usando uma saia muito chique, curta, estilo anos setenta, com costura pespontada, que parecia Prada, e um suéter superfino tricotado em seda, num elegante tom de caqui. — Com licença um momento — disse Suraya com um sorriso, e saiu da sala levando o dossiê. Olivia pôde ver a palavra Gucci tecida no tricô nas costas do suéter. Deviam pagar muito bem no MI6, pensou. Ficou sentada olhando a sala em volta, imaginando que Suraya teria ido falar com seu superior. A qualquer segundo voltaria com uma idosa figura estilo M, que iria se inclinar para a frente e murmurar: "Bem-vinda ao MI6, agente Joules. Agora vá até a Gucci pegar o kit."

A porta se abriu e Suraya reapareceu.

— Vamos liberar você — disse num tom rápido e definitivo sentando-se.

Olivia se deixou afundar na cadeira, frustrada.

— Vou precisar disso aí de volta e do meu laptop — falou, começando a juntar seu equipamento de espionagem.

— Vamos reter isso por alguns dias — disse Suraya, estendendo a mão para impedi-la.

— E o meu laptop?

— Também. Você irá recebê-lo de volta em breve.

— Mas eu preciso dele para trabalhar.

— Pode pegar um de substituição e uma cópia de seu disco rígido na saída. Vamos contatá-la em alguns dias quando pudermos devolver a máquina. Enquanto isso, Rachel — Suraya tinha claramente aprendido alguma coisa de modelo de comportamento com a diretora de sua escola metida a besta —, tenho certeza que você sabe da importância de não mencionar isso a ninguém. Não aconteceu nada de mau, mas no futuro lembre-se que é uma idéia extremamente tola se envolver com qualquer questão relacionada a drogas. Desta vez você saiu com facilidade, mas no futuro pode haver conseqüências mais sérias.

— O quê? Foi o pessoal da embaixada que me disse ser seguro ir a Popayan. Eles disseram que não faria mal eu ficar no hotel de Feramo.

— Bem, como é que eles iriam saber? — disse Suraya. — De qualquer modo, com licença, tenho de ir. Eles vão lhe dar outro laptop na saída.

## Capítulo 40

Só quando estava de novo no ambiente familiar de seu apartamento — a garrafa plástica de detergente na pia, o aspirador de pó no armário do corredor, a lenha McNuggets no cesto perto da lareira — é que Olivia notou exatamente como tinham sido extraordinários os acontecimentos dos últimos dias. Incrivelmente, em menos de duas semanas que tinha saído de Londres. O leite que havia deixado na geladeira azedara, mas a manteiga estava absolutamente ótima.

Todas as coisas das quais Olivia adorava escapar indo para os quartos de hotel estavam aqui: uma secretária eletrônica com trinta e um recados, a correspondência se empilhando na entrada, o armário do corredor cheio de coisas que ela não tinha conseguido jogar fora. Fazia um frio de rachar; o boiler tinha se desligado, e ela teve de se esfalfar apertando o botão de ignição repetidamente, lembrando-se de como Morton C tinha puxado a corda de partida do barco na ida para Bell Key, até que a coisa de repente se ligou e a fez dar um pulo. Ficou parada na cozinha segurando uma lata de feijões cozidos Heinz, com todas as pistas e teorias, imaginações loucas e suspeitas das últimas semanas girando na cabeça como roupas numa máquina de lavar. O MI6 cometeu um erro me deixando sair, pensou. Eles deveriam estar me usando.

Olhou pela pequena janela da cozinha para a cena familiar: o apartamento do outro lado com um pedaço de tecido em vez de cortina, e o andar de baixo, onde o homem andava pelado. Na rua viu um sujeito abrir a porta do carona de um Ford Mondeo e entrar ao lado do motorista. Os dois olharam para sua janela, depois, vendo-a, desviaram rapidamente o olhar. Não foram embora,

Amadores, pensou, dando-lhes um acenozinho, imaginando quem tinha tomado a má decisão de emprego: Feramo ou o MI6. Acendeu o fogão, tirou um pão do freezer, preparou feijões com torradas e caiu no sono diante de EastEnders.

No dia seguinte só acordou ao meio-dia. A primeira coisa que fez foi verificar a janela da cozinha. Os homens no Ford Mondeo ainda estavam lá. Ela só estava imaginando onde teriam ido mijar á noite, e esperava que não tivesse sido em sua porta, quando o telefone tocou.

— Olivia? É Sally Hawkins. Estou tão aliviada por você ter voltado em Segurança. — Isso era estranho. Olivia percebeu que Sally não tinha como saber que ela estava de volta, a não ser que os serviços de segurança ou Feramo tivessem dado a dica. — Como vai? Como foi a matéria em Honduras?

— Bem, e... Acho que talvez a gente precise conversar a respeito

— disse Olivia, franzindo a testa, tentando deduzir o que estava acontecendo

— Só voltei ontem à noite.

— Pierre Feramo telefonou para mim. Acho que ele falou com você. Ele nos ofereceu uma viagem ao Mar Vermelho para fazer a outra parte da matéria sobre mergulho em lugares fora do circuito. Nós estamos muito a fim. Só queria me certificar de que você gostaria de fazer a viagem, você sabe, para a gente poder... Isso era esquisito demais. Sally Hawkins parecia apavorada. — Claro — disse Olivia em tom casual. — Parece bem empolgante, e dizem que os mergulhos são fantásticos. Talvez eu precise de uns dias para me situar, mas sem dúvida estou a fim.

— Bom, bom. — Houve uma pausa. — É... só mais uma coisa, Olivia. — Ela parecia estranhamente inexpressiva, como uma péssima atriz lendo as falas. — Há um sujeito que eu gostaria que você conhecesse, que escreveu para nós algumas vezes no passado. É especialista em coisas árabes. Por acaso ele está em Londres hoje. Poderia ser uma boa idéia vocês se encontrarem para tomar chá e trocar algumas... é... dicas de viagem.

— Claro — disse Olivia, fazendo uma cara do tipo "ela está louca" para o espelho.

— Excelente. O Brooks, na St James' .Você conhece? Na esquina do Ritz.

— Eu encontro.

— Três e meia. Professor Widgett.

— Ah, sim. Eu li o livro dele sobre a sensibilidade árabe. Pelo menos, parte.

— Excelente, Olivia. Bom, bem-vinda. E me ligue amanhã de tarde.

Olivia desligou o telefone e estendeu a mão para a gaveta do criado-mudo. Ia precisar de outro alfinete de chapéu.

Agora havia dois homens diferentes vigiando sua porta, num Honda Civic marrom estacionado do outro lado da rua.

Levantou uma das mãos para eles, ligou seu novo computador do MI6 e procurou Professor Widgett: arabista, no Google.

## Capítulo 41

Widgett era um distinto professor da All Souls e autor de quarenta livros e mais de oitocentos artigos sobre vários assuntos relacionados ao Oriente Médio, inclusive O Ocidente sinistro: a mente árabe e a espada de dois gumes da tecnologia Lawrence da Arábia e da pequena suíte: o ideal beduíno e hospitalidade urbana e A Diáspora árabe: ontem e amanhã.

Ela passou umas duas horas conectada, lendo o que pôde encontrar sobre o trabalho dele, depois se vestiu para um dia de fevereiro. Parecia estranho colocar malha justa, botas e casacão, mas até que gostou. Olhou pela janela. Os sombras ainda estavam lá. Foi para os fundos do apartamento, subiu na janela do quarto e desceu pela escada de incêndio, pulou o muro do quintal de Dale no térreo, passou pelo correio e saiu na agitada rua principal de Primrose Hill. Não havia sinal de alguém seguindo-a. Quem quer que fossem, não eram muito bons.

O Brooks era o tipo de lugar que ainda não aceitava damas, a não ser acompanhadas de um sócio, e oferecia refeições de três pratos com tira-gosto picante como sobremesa. Tinha portaria, chão de lajotas preto-e-branco e um verdadeiro fogo de carvão numa ornamentada lareira vitoriana. Um porteiro com rosto marcado de nicotina, colete e casaca puídos levou-a à biblioteca.

— O professor Widgett está bem ali, senhorita — disse ele.

A sala estava silenciosa, a não ser pelo tique-taque de um relógio de armário. Havia quatro ou cinco velhos sentados nas gastas poltronas atrás de exemplares do FT ou do Telegraph. Havia outra lareira acesa, um globo antigo, paredes cobertas de livros e um monte de poeira. *Aah, eu gostaria de trazer um pedaço de pano e um vidro de lustra-móveis para cá,* pensou Olivia.

O professor Widgett se levantou. Era imensamente alto e velho. Fez com que ela pensasse num poema que tinha aprendido na escola, que começava assim: "Webster estava bastante possuído pela morte / E via o crânio debaixo da pele." O crânio de Widgett era

quase visível sob a pele translúcida parecendo de papel e do padrão de veias azuis nas têmporas.

Mas no segundo em que ele começou a falar, Olivia se lembrou de como é ridícula a ânsia de paternalizar os idosos. Widgett não era um velho cavalheiro gentil e alegre. Enquanto ele falava, ela viu em seu rosto a ruína do lindo devasso que ele devia ter sido: os lábios cheios e sensuais, os olhos azuis hipnotizantes — zombeteiros, marotos, frios. Podia vê-lo galopando num camelo, com um cachecol enrolado na cabeça, atirando contra algum forte do século XIX no deserto. Havia alguma coisa teatral nele: quase afrescalhada, mas distintamente heterossexual.

— Chá? — perguntou ele, erguendo uma sobrancelha.

O modo como o professor Widgett servia o chá fez com que ela se lembrasse de alguém fazendo uma experiência de química numa sala de aula. Era um tremendo desempenho: leite, coador de chá, água quente, manteiga, creme, geléia. De repente ela percebeu por que os ingleses gostavam tanto de seu chá. Isso lhes dava coisas com as quais ficar mexendo quando estavam falando de assuntos que poderiam se desgarrar para a difícil área da emoção e do instinto.

— Ahm... está forte demais para você? Quer mais água quente?

O professor Widgett fungava e bufava entre perguntas sobre o que ela conhecia do mundo árabe, o que parecia estranhamente irrelevante para uma matéria de viagem sobre mergulhos fora dos lugares da moda. Qual tinha sido a experiência dela sobre o mundo árabe? Qual, segundo seu ponto de vista era o fato que motivava a jihad? Alguma vez ela achou estranho que não houvesse equipamento de uso geral no ocidente — nenhuma TV, nenhum computador, nenhum carro — fabricado por um país árabe? Um pouquinho mais de leite? Deixe-me pegar o bule. Ela achava que isso era desdém árabe pelo trabalho manual ou produto do preconceito ocidental? Isso seria, será que ela achava, uma fonte inerradicável de ressentimento árabe contra o ocidente, dada a ânsia insaciável dos árabes por usar e possuir as novas tecnologias? Mais um pouco de leite e açúcar? Já teve um caso amoroso com um

árabe? Ah, meu Deus, esse negócio parece mijo de gato. Vamos pedir outro bule ao garçom.

— Professor Widdett, Sally Hawkins contatou o senhor ou o senhor a contatou e pediu que ela me contatasse?

— Ela é uma atriz terrível, não é? — disse ele, tomando um gole de chá. — Absolutamente péssima.

— O senhor é do MI6?

Ele mordeu um pedaço de bolo, examinando-a com seus olhos azuis frios, insolentes.

— Meio canhestra, minha cara — disse ele ao seu modo ligeiramente fresco. — Tradicionalmente a gente espera que o espião faça a pergunta.

Widdett tomou mais um pouco de chá e comeu mais bolo, examinando-a.

— Então... — Ele se inclinou dramaticamente, pondo as mãos velhas e ossudas sobre as dela, e disse num sussurro de palco: — Você vai nos ajudar?

— Vou — sussurrou ela de volta. — Agora você terá de vir.

— Para onde?

— Para a casa segura.

— Durante quanto tempo?

— Não sei.

— Achei que era o seu pessoal que estava vigiando o meu apartamento.

— É. É com os outros que eu estou preocupado.

— Ah, sei — disse ela, recompondo-se por um momento. — E as minhas coisas?

— Coisas, Olivia, coisas. Nunca devemos nos permitir ficar ligados a coisas.

— Concordo. Mas mesmo assim há coisas de que eu vou precisar se tiver de ir.

— Faça uma lista. Eu mandarei alguém... — ele acenou vagamente — pegar as "coisas",

— Por que o senhor não me pegou no aeroporto e economizou todo esse trabalho?

— Asneira operacional, querida - disse ele, levantando-te.

## Capítulo 42

Widgett tinha a postura de um sultão. Caminhava pelas ruas entrecruzadas de St James, elegante num longo sobretudo de cashmere, encarando qualquer um que atravessasse seu caminho com um olhar de falcão ou desejoso, dependendo da pessoa. Olivia pensou em como ele devia ter sido fascinante aos quarenta anos. Podia se imaginar andando pelas mesmas ruas com ele, num vestido de noite e dançando no Café de Paris.

— Aonde vamos? — perguntou, começando a temer que Widgett não fosse do MI6, mas apenas louco.

— Para o rio, querida.

Ele guiou-a por uma rota complicada pelas ruas secundárias de Whitehall até saírem no Embankment. Uma lancha da polícia estava esperando. Ao ver Widgett, os policiais, em vez de colocá-lo em uma ambulância com camisa-de-força, ficaram em posição de sentido. Isso era tranquilizador.

— Sujeitos bonitos, não são? — disse ele, entregando-a aos homens na lancha.

— Onde fica a casa segura? — Não precisa saber. Jante e tenha uma noite de sono. Eu estarei com você de manhã. — Em seguida deu um aceno elegante para os policiais e desapareceu na multidão.

Imediatamente a lancha se afastou da margem e entrou na corrente

central do Tamisa, ganhando velocidade e saltando na correnteza.

Enquanto subiam o rio, o Big Ben e o Parlamento apareceram em silhueta contra o céu enluarado. Olivia estava de pé na proa, com o coração saltando de empolgação e o tema de James Bond tocando na mente. Ela era uma espiã! Pôs os dedos na forma de uma arma e sussurrou:

— Pou! Pou! — Então o barco bateu com força numa onda e um jorro de água densa e marrom do rio bateu em seu rosto. Ela decidiu passar o resto da viagem na cabine.

Dentro havia um policial à paisana.

— Paul McKeown — disse ele. — Sou o elemento de ligação da Scotland Yard com os serviços de segurança. Então, o que achou de Widgett?

— Não sei. Quem é ele?

— Não brinca. Você sabe quem ele é.

— Sei que trabalha para o MI6 e que é um arabista conhecido. Só isso.

— Absalom Widgett? Ele foi um verdadeiro espião da velha escola, o James Bond da época. Seduzia a mulher e as filhas de todo mundo. Trabalhou por todo o Oriente Médio e Arábia. Costumava

fingir que era um gay especialista em tapetes orientais. Durante anos teve uma loja na Portobello Road e uma cadeira em Oxford. Era absolutamente brilhante. Uma lenda.

— Ele é chefe de alguma coisa? — Foi. Esteve em postos bem altos. Mas ficou desencantado nos anos setenta. Nunca ficou claro o que aconteceu, se foi a mulher de alguém, a bebida, o ópio ou alguma briga ideológica. Ele era muito da velha escola: amigos na base, falando gíria nativa, confiando no instinto, esse tipo de coisa. Achava que toda a nova tecnologia era a pior coisa possível para acontecer no serviço de inteligência. De qualquer modo, independentemente de que tenha acontecido, foi erro da parte de alguém. A seção árabe nunca mais foi a mesma, e eles o tiraram da aposentadoria em 12 de Setembro de 2001.

Olivia assentiu pensativa.

— Você me diria aonde eu estou indo?

— Não tenho permissão. Não se preocupe. Acho que vai achar bastante confortável.

Em Hampton Court ela foi tirada do barco, levada a um helicóptero e, depois de uma viagem curta, posta num carro com janelas escuras, que ronronou pelas ruas campestres de Berkshire e dos Chilterns. Atravessaram a M40 e ela reconheceu a estrada do contorno de Oxford, depois mergulharam fundo no campo em Cotswold, vislumbrando lareiras acesas e cenas aconchegantes

através das janelas de pubs e chalés. Depois estavam seguindo os muros altos de uma propriedade no campo, e Olivia escutou o som de cascalho debaixo das rodas enquanto um portão de ferro fundido se abria lentamente, com os faróis apontando para um caminho comprido.

Era o tipo de viagem que ela imaginava que terminaria com um mordomo uniformizado abrindo a porta e segurando uma bandeja de prata com Bloody Marys, ou um anão careca numa cadeira de rodas, com um gato nos joelhos sendo acariciado por uma garra de metal.

De fato foi recebida por um mordomo, um homem excessivamente cortês e de uniforme, que lhe informou que suas malas já haviam chegado e levou-a, subindo alguns degraus de pedra, até um corredor magnífico. Pinturas a óleo cobriam as paredes de lambri, e uma ampla escada de madeira escura levava ao andar de cima.

Ele perguntou se Olivia queria jantar ou uma "bandeja quente" no quarto. Ela não tinha certeza do que seria uma "bandeja quente", mas a imagem conjurada por isso era tão divertida — camarões em conserva, queijo derretido, Gentleman's Relish, bolo de cereja — que decidiu que gostaria de uma, muito obrigada.

Ao ver a cama, perdeu todo o interesse no ambiente ao redor e se afundou, exausta, entre os lençóis brancos engomados, notando para sua intensa alegria que havia uma bolsa de água quente com uma manta xadrez exatamente na posição certa para os pés;

Olivia jamais descobriu o conteúdo da bandeja quente. A próxima coisa que viu foi a manhã, e tinha a síndrome do viajante, sem se lembrar de onde estava. Estendeu a mão para o abajur ao lado da cama. O quarto estava escuro, mas a luz forte do sol chamejava nas bordas das cortinas grossas. Estava numa cama de dossel com pesadas colchas de chintz. Podia escutar ovelhas. Não parecia ser Honduras.

Girou as pernas e se sentou na beira da cama. Sentia dores por todo o corpo. Estava desidratada e péssima. Foi até a janela, abriu as cortinas e se pegou olhando para um esplêndido jardim campestre inglês: gramados, cercas vivas bem podadas em fileiras

organizadas, um terraço de pedra cor de mel diretamente abaixo. Degraus cobertos de musgo, com uma falsa urna grega de cada lado, levavam ao gramado onde havia arcos de croquê. Para além do gramado ficavam colinas macias, verde-acinzentadas, muros de pedra e fumaça subindo de chaminés em telhados cinza amontoados em volta de uma torre de igreja.

Virou-se de volta para o quarto. Milagrosamente, sua mala marrom e verde-oliva estava ali, contendo os itens que ela havia requisitado de seu apartamento ao professor Widgett. Havia um envelope embaixo da porta. Continha um mapa da propriedade, um número para telefonar quando estivesse pronta para o café da manhã e um bilhete que dizia: Comparecer à sala de operações assim que tiver comido.

## Capítulo 43

### *Casa segura do M16, Cotswolds*

Olivia piscou diante da tela do computador. Estava sentada num cubículo numa sala cheia de computadores e operadores. Um técnico estava examinando as fotos que ela fizera com sua câmera digital.

— O que é isso exatamente? — perguntou ele.

— É... — A foto era de um torso masculino negro e musculoso e das coxas emergindo de um short de banho vermelho e bem preenchido. — Podemos ir em frente? — perguntou ela animada.

— Lindo enquadramento — disse uma voz masculina. Ela se virou. Era o professor Widgett, olhando para o volumoso short de banho vermelho.

— Eu estava fotografando com a máquina na cintura - disse ela, debilmente.

— É óbvio. Ele tem um nome ou só um código de barras? — perguntou Widgett.

— Winston.

— Ah. Winston.

— Podemos olhar a próxima agora?

— Não. Então, todos esses em volta da piscina de Feramo são os aspirantes? O que estavam fazendo ali? Prestando serviço a ele?

— Não sei.

— Não. — Ele olhou para a tela e suspirou, como se estivesse entediado, e se virou para ela com a cabeça de lado. — Não, nós raramente sabemos. Mas o que você acha? O que fareja? — Ele a espiou, arregalando os olhos e parecendo bem assustador por um momento. — O que suas entranhas lhe dizem?

— Acho que ele estava recrutando. Acho que ia usá-los para alguma coisa.

— Eles sabiam disso? Sabiam para quê?

Olivia pensou um momento.

— Não.

— Acho que tem alguma coisa a ver com Hollywood. — Ela olhou de novo para o short volumoso. — Feramo odeia Hollywood, e todos eles vivem por lá. Podemos passar para outra foto?

— Muito bem. Se for preciso, vamos. Próxima, Dodd. Ah, minha nossa, o que temos aqui?

Olívia sentiu vontade de bater com a cabeça direto na mesa à sua frente. Em que estivera pensando? A próxima foto era um close de um V de borracha preta com um zíper em cada borda. Um abdome liso, duro como pedra, emergia da borracha.

— Minha nossa. Esta tudo meio bagunçado — disse Olivia, percebendo que estava olhando para um close do baixo-ventre de Morton C.

— Eu não diria exatamente isso, querida — murmurou Widgett.

— Experimente a próxima. Eu vou poder deduzir quem é.

O técnico soltou um suspiro pesado e foi em frente. Era Morton C de novo, desta vez de costas, com a roupa de mergulho abaixada até a cintura e mostrando seu tronco impecável. Morton C estava olhando por cima do ombro, numa pose que lembrava estranhamente uma pin-up dos anos cinqüenta.

— Muito sedutor — disse Widgett. — Ele não é sedutor — disse ela, piscando com raiva, humilhada. — É o cara sobre quem falei, que sacou uma arma para mim.

Ele é nojento. A boca de Widgett se retorceu, achando divertido.

— Aah! Nojento? É ele que trabalha para Monsieur Feramo, não é? E em que função? Como cafetão? Garoto de programa?

— Bem, parecia que Feramo o havia contratado muito recentemente para fazer viagens de mergulho com os aspirantes. Para ser honesta, acho que ele estava jogando todo mundo contra todo mundo. Estava fingindo ser da turma dos mergulhadores. Confraternizava com todo mundo no bar e no barco. Só estava usando todo mundo. Widgett se inclinou para a frente, levantou as sobrancelhas de modo malicioso e sussurrou:

— Você transou com ele?

— Não, não transei — sibilou Olivia, olhando furiosamente para a tela. A coisa realmente irritante era que Morton C parecia atraente demais. Tinha aquela expressão perigosa, concentrada, que atraía seu olhar em Honduras.

— Que pena. Sujeito interessante.

— Ele é um nojento superficial e de duas caras. É pouco melhor do que uma prostituta comum.

Houve uma tosse leve no fundo da sala. O professor Widgett examinou concentradamente as unhas enquanto uma figura se levantava de uma das cabines com computadores, uma figura familiar com roupas pouco familiares: terno escuro elegante, gravata e camisa afrouxadas no colarinho. O cabelo curto não estava mais oxigenado.

Widgett olhou em volta.

— "Pouco melhor do que uma prostituta comum", é o que ela disse. disse.

— Sim, senhor — disse Morton C.

— Com o que mesmo ela acertou você? — perguntou Widgett.

— Um alfinete de chapéu, senhor — respondeu Morton C secamente, emergindo da cabine.

Widgett se desenrolou e ficou de pé.

— Srta. Joules, quero apresentar Scott Rich, da CIA, anteriormente do Serviço Marítimo Especial e um dos astros mais brilhantes do MIT, o Instituto de Tecnologia de Massachusetts. — Widgett estava enfatizando exageradamente os tês e esses, como se fosse Laurence Olivier no palco do Old Vic. — Ele vai ficar no comando de nossa operação atual. Ainda que estivesse apenas ligeiramente atrás de você em captar o nosso alvo.

— Bem-vinda à operação — disse Scott Rich, assentindo comum leve nervosismo para Olivia.

— Bem-vinda à operação? — perguntou ela. — Como você ousa!

— Perdão?

— Não olhe para mim com esse tom de voz. Você escutou. — Desculpe isso — disse Widgett ao técnico de informática. — Uma situação ligeiramente confusa está começando.

— O que você estava fazendo?

— Vigilância — disse Morton C/Scott Rich da CIA.

— Eu sei disso. Quero dizer, o que voce estava fazendo? Se estava trabalhando para a CIA, por que não me disse?

— Algumas pessoas poderiam dizer que você deveria ter adivinhado.

— Pensei que estava trabalhando para Feramo.

— O mesmo — disse Scott Rich.

— O que você... está sugerindo...? Como você ousa?

— Longe de mim... — murmurou Widdgett para o técnico de informática como se eles estivessem num círculo de costura. — Mas ela não acabou de chamá-lo de prostituta comum?

— Se eu contasse a você, você poderia contar a ele.

— Se você me contasse, a gente poderia ter descoberto o que ele estava fazendo. Eu teria ficado.

— Concordo com ela — disse Widdgett, ainda na voz de fofoqueiro, para o técnico de informática. — Não posso imaginar o que ele estava fazendo ao tirá-la tão depressa. Alguma idéia equivocada de cavalheirismo.

— Cavalheirismo? Cavalheirismo? — disse Olivia. — Você me usou desde o momento em que pôs os olhos em mim.

— Se eu realmente quisesse usá-la, teria feito com que ficasse.

— Você teria me usado antes disso se eu tivesse deixado, e você sabe perfeitamente bem do que estou falando.

— Certo, certo — disse Widdgett, e Olivia ouviu a autoridade em sua voz. O clarão de frio distanciamento em seus olhos lhe disse que em seu tempo ele havia dado ordens de fazer coisas duras. — Resolvam-se, e eu verei vocês dois na escada para o gramado da frente. Vocês vão encontrar Wellingtons e Barbours na sala de botas.

— Não faço idéia do que você está dizendo — disse Scott Rich.

— Botas e capas de chuva, Rich. Não podemos deixá-lo andar no mato vestido de garçom, podemos?

A governanta estava esperando do lado de fora da sala de operações.

Olivia e Scott Rich seguiram-na pela escadaria escura, ladeada de lambris, até a cozinha, onde havia mesas de madeira escovada, tubos aquecidos e cheiros de assado. A sala de botas também estava quente e tinha lambris de encaixe macho-e-fêmea, pintados de branco, com botas, cachecóis, meias e capas bem enfileirados em ganchos e prateleiras. Era tranqüilizador e reconfortante, mas não o suficiente.

— Por que matou Dwayne? — sibilou Olivia, calçando um par de meias grossas e botas verdes.

— De que está falando? — disse Scott Rich, enfiando um suéter preto pela cabeça. — Eu não matei Dwayne, meu Deus!

— Não finja que foi o tubarão — disse ela, enfiando-se num agasalho de lã.

— Se você realmente quer os detalhes mórbidos: Dwayne foi sozinho atrás dos mergulhadores de Feramo. Houve uma briga debaixo d'água. Alguém pegou uma faca. Os tubarões estavam chegando. O pessoal de Feramo puxou-o para dentro do barco. Eu estava seguindo à distancia. A próxima coisa que vi foram pedaços de Dwayne caindo por cima do barco, e cada predador deste lado de Tobago vindo para o lugar. E, a propósito, seu suéter está pelo avesso e de trás para a frente.

Ela olhou para baixo, incerta, depois tirou-o e vestiu de novo.

— Foi você que pôs a cocaína na minha bolsa em Tegucigalpa, não foi? — disse ela, enquanto Scott Rich abria a porta para deixá-la sair.

— Não.

— Não minta.

Ele parecia um senhor rural. Olivia percebeu que provavelmente estava parecendo uma esposa de senhor rural. O ar frio a acertou com um choque.

Os dois viraram a esquina e toda a beleza da casa se revelou: uma mansão elisabetana com altas chaminés quadradas e janelas com caixilhos e vidro, perfeitamente proporcionada, feita de pedra de Cotswold cor de mel.

— Eu não pus a coca no seu quarto.

— Então quem foi? E o que estava fazendo naquele túnel? Quase me matou.

— Matei? — disse Scott Rich. Widdgett estava esperando-os nos degraus. Viu-os e foi encontrá-los no meio do gramado, com o sobretudo e o cachecol voando. — Salvei sua vida naquele túnel. Eu lhe dei meu ar. Vocês é que foram os idiotas, mergulharam sem deixar uma bóia de marca.

— Ah, meu Deus. Vocês dois não estão discutindo, estão? — disse Widdgett quando se juntou a eles. — Venham, vamos para o mato. Olivia, quando voltarmos à casa você terá de assinar o Juramento de Segredos Oficiais. Certo?

— Sim, senhor — tagarelou Olivia, empolgada. — Sem dúvida, senhor.

— Siiim, eu achei que você gostaria de segredos — disse Widdgett. — Tudo o que ouvir aqui fica aqui, certo? Caso contrário, será levada para a Torre.

Era um dia frio de inverno e o ar estava repleto dos cheiros campestres da Inglaterra, principalmente esterco. Olivia seguiu os dois espiões por um caminho em meio aos bosques, sentindo cheiro da terra úmida, de cogumelos apodrecendo, pisando em poças com as botas impermeáveis, lembrando-se da alegria de estar bem agasalhada num dia frio. Notou uma câmera presa numa árvore, depois outra, e então, através da terra enevoada, uma cerca de alta segurança com quatro camadas de arame farpado em cima e um soldado vestido de camuflagem atrás. Scott Rich parou e olhou para ela.

— Tenho certeza que nenhum de nós dois quer invadir seus pensamentos particulares — falou —, mas você planejou acrescentar alguma coisa a esta conversa ou só vai ficar brincando nas poças? — Eu não consigo ouvir, consigo? Vocês ficam andando na frente e me deixam tentando acompanhar.

— Ah, meu Deus, eu não suporto — disse Widdgett, virando-se. — É como as cenas de abertura de uma comédia romântica ruim.

No frio, o rosto de Widdett parecia ainda mais velho. As veias vermelhas se destacavam na pele, e havia um círculo azulado embaixo de cada olho. Ele quase parecia morto: um cadáver ambulante.

— Há duas perguntas fundamentais — disse Scott Rich ignorando-o. — Uma: o que eles estão planejando? Nós captamos informações de bate-papo que apontam para...

— Ah, meu Deus, informações de salas de bate-papo. Odeio essa expressão — disse Widdett. — Informações de salas de bate-papo. Informações de salas de bate-papo. Informações de salas de retardados, é o que é. Precisamos é de homens na base. Seres humanos com reações humanas a outros seres humanos.

— Estamos captando informações de salas de bate-papo que apontam fortemente para iminentes ataques em Londres e Los Angeles. — Além de Sydney, Nova York, Barcelona, Cingapura, San Francisco, Bilbao, Bogotá, Bolton, Bognor e em qualquer outro lugar de onde as pessoas mandam e-mails ou freqüentem salas de bate-papo — murmurou Widdett.

Scott Rich baixou as pálpebras ligeiramente. Olivia estava começando a aprender que freqüentemente esse era o único sinal de que ele estava irritado.

— Certo. Nós tivemos um ser humano real lá. Ela é toda sua — disse ele, encostando-se numa árvore.

Widdett pareceu que estava ruminando, mordendo o lábio ou talvez a dentadura falsa. Fixou-a com os olhos azuis.

— Duas perguntas. Primeira: o que Feramo tem dentro da manga? Segunda: eles estão traficando explosivos do falso hotel em Honduras para o sul da Califórnia. Como estão levando?

— Era isso que eles estavam fazendo em Honduras?

— Sim — disse Scott Rich, inexpressivo. — Como você sabe?

— Porque eu achei C4 em cima daquela caverna de onde você estava saindo.

Olivia baixou os olhos, franzindo a testa, pensando em si mesma nadando na caverna e só olhando os peixes e pensando em suas cores brilhantes. — Então... agente Joules — disse Widdett. — Alguma idéia por trás dessa fachada estonteante? Ela olhou-o,

incisiva. Sua mente não estava funcionando direito. Tudo aquilo tinha ficado importante demais. Ela queria muito ser bem-sucedida como espiã.

— Preciso pensar — disse em voz baixa. Widgett e Scott Rich se entreolharam. Olivia sentiu desapontamento de um e desdém do outro. — Vamos em frente? — disse Widgett.

As duas figuras descombinadas foram andando, falando sério, uma precariamente alta, com o cachecol ao vento, o sobretudo balançando, gestos teatrais, a outra poderosa, contida, cheia de autocontrole. Olivia ia atrás, arrasada. Sentia-se como um prodígio musical que tinha subido ao palco, feito alguns ruídos débeis e guinchados num violino e deixado todo mundo na frustração. A tensão de toda aquela experiência bizarra tinha começado a pressioná-la. Sentia-se exausta e tensa, infantil e inútil. Respire, respire, calma, calma, não entre em pânico, disse a si mesma, tentando se lembrar das Regras de Vida.

*Jamais entre em pânico. Pare, respire, pense.  
Nada é tão ruim ou tão bom quanto parece.  
Quando estiver dominada pelo desastre, pense: "Ah, foda-se!"  
A chave do sucesso está em como você se recupera do fracasso.*

— Com licença! — disse ela, correndo para alcançá-los. - Com licença. Eu sei como eles estão entrando com os explosivos!

— Ah, que bom — disse Widgett. — Diga.

— Eles levam por terra através de Honduras, depois sobem pela costa do Pacífico, de barco.

— E, nós tínhamos conseguido deduzir até aí — disse Scott. — A questão é como eles colocam a coisa nos Estados Unidos.

— Acho que eles transferem para iates chiques e lacram dentro de pranchas de surfe, nos iates ou na propriedade de Feramo em Catalina.

Scott Rich e Widgett pararam de andar e olharam-na. — Então eles levam as pranchas de surfe, no iate, para perto da costa da Califórnia. Depois colocam pesos e largam embaixo do mar, no fundo

ou presas numa linha. Depois os surfistas deles descem com equipamento de mergulho, pegam as pranchas, largam os tanques e surfam até a praia em Malibu, levando as pranchas cheias de explosivos nos furgões.

Houve silêncio total.

— Hmm, esplêndida peça de pensamento lateral — disse Widgett.

— Baseada em...?

— Eu os vi treinando em Honduras. Nadei em volta da ponta de terra em Popayan e vi quando eles droparam e depois vieram surfando.

— Não era isso que você deveria estar procurando, Rich? — perguntou Widgett. — Ou estava ocupado demais tirando o borgonha dela de seu grampo eletrônico? Puligny-Montrachet, não era? — Cale a boca, por favor, senhor. — Então você colocou um grampo na figueira de Feramo? — perguntou Olivia.

— E no cacto dele. E no seu cacto, já que estamos falando disso.

— E você colocou um suéter sobre um, uma taça de champanhe Cristal no outro e um borgonha branco no terceiro. Louis Jadot noventa e seis, não era?

— Noventa e nove — disse Olivia.

— Deve ter doído jogá-lo fora — observou Widgett.

— Doeu.

— Ei, Karl. — Scott estava falando ao telefone. — Mande a seção H verificar os surfistas na costa do sul da Califórnia, certo? Concentrem-se na laguna de Malibu. Verifiquem as pranchas, podem ter C4 dentro. E ponha algumas pessoas em Catalina, disfarçadas, verificando os píeres de barcos. Onde era a propriedade dele, Olivia? Olivia? A propriedade de Feramo em Catalina?

— Ah, é... Era à direita de Avalon.

— Direita?

— Leste. Norte, talvez; você sabe, à direita, quando a gente está vendo Catalina a partir de LA. Virando a esquina no lado do mar, na direção do Havaí.

Scott Rich suspirou.

— Verifiquem todos os locais de desembarque — falou ao telefone.

— Muito bom. Então isso está resolvido — disse Widgett. — E quanto ao alvo. Alguma idéia?

Olivia contou suas teorias sobre o creme facial com ricina, as bolhas de acetileno nos tubos de resfriamento das usinas nucleares, os ataques aos estúdios.

— Mas isso é amplo demais — disse ela. — Preciso passar mais tempo com Feramo para estreitar a busca.

— A coisa perfeita seria aceitar a oferta dele, de ir ao Sudão — disse Widgett. — Seria fascinante, sob qualquer circunstancia.

— Ele seria louco se a levasse até lá — observou Scott.

— Obrigada — disse Olivia, pensando que talvez Scott não fosse tão mau, afinal de contas.

— Quer dizer, porque é óbvio que você iria entregá-lo. Como entregou.

— Ele confia em mim. Acha que eu sou o seu falcão. Scott soltou um ruído.

— O que foi, Scott, Rich, Morton, ou sei lá qual é o seu nome? — Sim, Rachel, ou Olivia, ou Pixie, ou sei lá que porra é o seu hoje...

— Ah, Deus nos céus — arengou Widgett, pegando um lenço e enxugando a testa. — É comum os espiões assumirem múltiplas identidades. Quero dizer, alguns de nós passaram duas temporadas inteiras como travestis no Hotel Catarata de Assuã.,

— Espiões, sim — disse Scott Rich.

— E é isso que torna a Srta. Joules tão interessante. Ela é uma espiã natural. Agora a questão é, se Pierre Feramo — ele disse o nome com um exagerado sotaque francês — telefonasse como prometeu e chamasse você para a toca de beduíno dele nas colinas do Mar Vermelho, você iria?

— Sim — disse Olivia solenemente.

— Iria? — perguntou Scott Rich, fixando-a com seus intensos olhos cinzentos. — Mesmo que a única motivação dele fosse matá-la?

— Se ele quisesse me matar, teria me matado em Honduras.

— Ah, sem dúvida — disse Widdett. — Um sujeito poderia ter um monte de motivos perfeitamente bons para querer levar a agente Joules para o deserto. Sem dúvida você leu As mil e uma noites, Rich. Livro profundamente erótico. Uma garota levada por um beduíno poderia estar ansiosa pelas noites mais imaginativas na tenda dele, posso apostar.

— E depois o quê? - perguntou Scott Rich, caminhando, furioso.

## Capítulo 44

Fazia cinco dias desde que Olivia deixara Feramo nas Ilhas Bay, e ele não tinha ligado. A equipe, que agora infelizmente parecia incluir Suraya, a Puta Secreta, tinha se entocado numa sala do porão desde o café da manha. Através de complexas manobras eletrônicas, Scott Rich tinha roteado o número que Olivia dera a Feramo passando pela Sala de Operações Técnicas, de modo que, se Feramo ligasse, falaria diretamente com eles. O relógio da Sala de Operações era do tipo funcional, de plástico, que Olivia lembrava da época da escola: mostrador branco, números pretos e um ponteiro dos segundos vermelho. Na escola ela costumava ficar olhando o relógio, tentando mentalmente fazer os ponteiros irem na direção das duas horas. O ponteiro vermelho, dos segundos, chegou ao lugar. Eram quatro da tarde, nove da manhã em Honduras na quinta manhã desde que — com um dedo tremendamente chupado — ela havia se separado de Feramo.

Scott Rich, o professor Widdett, Olivia, o técnico Dodd e Suraya revezavam-se, com vários graus de sutileza ou ostentação, olhando o relógio e — na mente de Olivia — todos pensavam a mesma coisa: Ela inventou. Ele não estava interessado nela. Ele não ia ligar.

— Rich, meu caro amigo. Você tem certeza absoluta que o número foi grampeado direito? — disse Widdett, pegando uma torrada com foie gras que ele havia pedido para trazerem. — Você parecia estar apertando uma quantidade enorme de botões.

— Sim — disse Scott Rich sem erguer os olhos do computador.

— Ele não vai ligar, não é? — perguntou Suraya.

— Você deveria ligar para ele — disse Scott Rich.

— Isso iria afastá-lo — insistiu Olivia. — Ele tem necessidade de caçar.

— Eu pensei que você era o falcão dele — disse Scott Rich. — Ou seria um papagaio?

Scott se virou para o outro lado e começou a conversar com o técnico, ambos se concentrando na tela. A metade mostrava as fotos

de Feramo tiradas por Olivia. A outra era uma seqüência de imagens de conhecidos terroristas da al-Qaeda. De vez em quando eles paravam e fundiam as fotos para colocar Feramo de turbante com uma Kalashnikov, Feramo de camisa xadrez num bar em Hamburgo, Feramo com nariz diferente, Feramo de camisolão com o cabelo em pé.

— Na verdade eu concordo com Scott — disse Suraya, pondo sobre a mesa as compridas pernas vestidas de jeans. Se ele não ligar, não há sentido em eu ligar para ele, porque significa que ele perdeu o interesse.

— Honestamente — disse Suraya, rindo —, isso aqui não é o programa Encontro às cegas. Você só está sendo insegura. Ele realmente gosta de você. Pierre prefere mulheres fortes. Ela definitivamente deveria ligar para ele.

Scott Rich se inclinou para a frente, com os cotovelos nos joelhos, o queixo pousado nos polegares, e olhou para Widgett com a mesma concentração intensa que tinha espantado Olivia no bar em

Honduras.

— Então, o que acha? — disse ele a Widgett.

Widgett coçou a nuca e sugou o ar por entre os dentes.

— Há um velho ditado sudanês: "Aonde quer que o homem e a mulher estejam presentes, o diabo é o terceiro." A imagem árabe estereotipada da mulher é quase de um animal: altamente sensual e disposta a ter intercuro com qualquer homem, como se só pensassem nisso.

— Verdade? — disse Scott Rich, recostando-se, dando um riso de desprezo para Olivia.

— Em alguns lugares persiste até hoje o sentimento de que um homem e uma mulher juntos vão inevitavelmente fazer sexo.

Furiosamente, Olivia se pegou voltando à noite em Bell Key: Morton C beijando-a, apertando-se contra ela, enfiando a mão em seus jeans. Captou o olhar dele por um segundo e teve a impressão desconcertante de que ele estava pensando na mesma coisa.

— Foi feita uma pesquisa, não muito tempo atrás — prosseguiu Widgett. — Foi perguntado a um grupo de árabes sudaneses: "Se

— você voltasse para casa e encontrasse um homem estranho, o que faria? A resposta foi quase unânime: "Iria matá-lo."

— Meu Deus — disse Scott Rich. — Lembre-me de não ir para lá como encanador.

— Daí a obsessão com a castidade em algumas culturas árabes: o véu, as burcas, a remoção do clitóris. A mulher é totalmente erotizada: um objeto a ser protegido se for nossa, e perseguida e conquistada se não for.

— Certo, então se aos olhos de Feramo Olivia é uma fera insaciável do amor, por que ela não pode simplesmente ligar? — perguntou Scott Rich. — Mas espere, como funciona o sexo fora do casamento no islã?

Olivia olhou-o, pensando: *Você realmente deveria ter se dado ao trabalho de descobrir essas coisas.*

— Bom, é aqui que a coisa fica interessante — disse Widdett. Particularmente com Feramo e todo o romantismo beduíno, querendo colocá-la em seu cavalo e galopar para o pôr-do-sol no deserto. O ethos beduíno é anterior ao islã. Ele é fundamental para a psique. Se você olhar *As mil e uma noites*, verá que o modo de pensar, a mentalidade nômade beduína, está acima da moralidade. Quando as conquistas sexuais do herói são resultados de sua coragem, inteligência ou beleza, elas não são consideradas imorais, e sim heróicas.

— Exato. Portanto ele precisa dobrar minha vontade e me dominar — disse Olivia. — Ele não vai se sentir exatamente heróico se eu telefonar e der o número do meu vô. Scott Rich entregou-lhe o telefone. — Ligue. — Bem... então a discussão que nós acabamos de ter foi sem sentido?

— Ligue para ele. Não diga nada sobre ir para lá ou sobre falcões. Só diga que você voltou em segurança e agradeça pelos vinhos finos e pela suíte no hotel.

— Humm — disse Widdett, espiando Scott com olhos azuis gélidos e mastigando sua torrada.

— Ele não vai ligar para Olivia — disse Scott Rich, irritado. — Não vai convidá-la ao Sudão, e nós não precisamos de que ela vá ao

Sudão. É ridículo. Eu só preciso saber onde ele está. Ligue — disse ele, estendendo o telefone.

— Claro — respondeu Olivia em voz doce. — É só discar? — Não, eu faço isso por você — disse ele, carrancudo, virando-se de volta para a fileira de telas e teclados, dando um olhar rápido e desconcertado por cima dos ombros antes de ir com o técnico até alguma zona de interferência eletrônica, apertando e verificando equipamentos e trocando olhares de quem sabia das coisas. Apesar de todo o seu exterior maneiro, Scott Rich era um nerd enrustido. Olivia tentou imaginá-lo com uma pança e uma grande camiseta amarela com alguma coisa estúpida escrita, bebendo cerveja com os colegas.

Ele girou na cadeira.

— Está preparada?

— Claro — disse ela em tom petulante, encostando o telefone no ouvido. — Diga quando.

Botões foram apertados. O telefone começou a tocar. Olivia sentiu um tremor de pânico crescendo.

— Alô? — disse ela, com a voz falhando.

— Oi — uma voz de mulher —, meu nome é Berneen Neerkin. Estou ligando da MCI Worldcom. Nós gostaríamos de apresentar nosso novo pacote de milhas aéreas...

Telemarketing! Olivia tentou controlar as feições. O infalível deus da tecnologia Scott Rich tinha cruzado os fios. Sentiu um bolha de riso subindo enquanto captava um vislumbre do rosto dele.

Tentou pensar em alguma coisa séria, como a morte ou fazer um corte de cabelo realmente horroroso, mas nada deu certo. Começou a se sacudir e não conseguia se lembrar de qual era a posição normal para seu próprio rosto.

Scott Rich ficou de pé. Olhou para ela muito sério, como um professor com um aluno recalcitrante. Isso só a fez rir mais. Ele balançou a cabeça e se virou de novo para o computador.

— Vou pegar um copo d'água — engasgou Olivia, vermelha como uma beterraba, e saiu cambaleando para o corredor, onde se encostou na parede, sacudindo-se de tanto rir, enxugando os olhos. Enquanto ia para o banheiro, a graça daquilo tudo continuava

dominando-a. Só quando jogou água no rosto e ficou ali alguns minutos sentiu que tinha exorcizado a última bolha de riso, e mesmo assim não ficou totalmente segura.

Enquanto voltava pelo corredor, escutou vozes altas vindas da Sala de Operações Técnicas.

— Olha, nós não podemos fechar todo o estado da Califórnia.

Nós temos o C4, temos a ricina, temos uma possível conexão com mergulhadores profissionais. Aonde isso nos leva? A Califórnia é três vezes maior do que seu país pequeno, escuro, ignorante. — É, certo, certo — disse a voz de Widgett. — Por onde começamos? Somente no sul da Califórnia temos grandes portos na Área da Baía, em Ventura, Los Angeles e San Diego. Temos quatro locais com usinas nucleares e centenas de quilômetros de túneis para transportar água, sistemas de esgoto e de drenagem sob cada grande cidade. Temos aquedutos, pontes, reservatórios, represas e bases militares. O que você propõe que a gente faça? Evacuar o estado? É uma agulha num palheiro. Nossa única chance é arrebentar essa célula do Takfiri e descobrir o que eles estão tramando. Agora.

— Escute, meu jovem, se você arrebentar a célula, o perigo é o plano ou o dispositivo, o que quer que seja e onde quer que esteja, já esteja no lugar. Eles saberão que estão ferrados e vão detoná-lo antes da hora. Minha intuição é que vocês não vão conseguir nada, de qualquer modo, porque nenhum deles está a par de todo o esquema das coisas. A única pessoa que pode saber mais é Feramo, e é por isso que as pessoas no poder o tiraram de Honduras ao primeiro sinal de problema. Se eu fosse você, mandaria seu pessoal fechar qualquer projeto não essencial de manutenção e reparo subaquático agora mesmo, e mandaria seus colegas de lá verificar empregados, escolas de mergulho comercial, qualquer coisa suspeita.

— Você faz alguma idéia da escala dessa operação? Nós só precisamos encontrar Feramo. Se o encontrarmos, poderemos dar uma olhada na porcaria do laptop dele. Nós não precisamos de Olivia.

— Escute, Rich, se pudermos deduzir o que os sacanas estão armando sem gastar trinta milhões de dólares e reduzir todo o leste do Sudão a uma pilha de entulho fumegante ao custo da garota, devemos ir em frente.

Ninguém ouviu Olivia se esgueirar de volta para a sala.

— Senhor, ela é uma civil. Este não é um caminho ético.

— Ela é uma agente e está disposta a ir. E é inteligente demais. Vou pegá-la para o Serviço quando isso terminar, se...

— Se ela ainda estiver viva?

Olivia tossiu de leve. Quatro pares de olhos se viraram para encará-la. Uma fração de segundo depois o telefone tocou.

— Meu Deus! Meu Deus! — Dodd, o técnico, começou a entrar em pânico, mexendo-se, tentando achar botões. — É ele. É Feramo.

## Capítulo 45

Scott se agachou ao lado de Olivia, escutando por fones de ouvido. Sustentou o olhar dela, firme, tranquilizador, como tinha feito no túnel debaixo d'água, depois sinalizou para ela ir em frente.

— Alô?

— Olivia?

Ouve uma atividade frenética enquanto Scott Rich e o técnico tentavam rastrear o telefonema. Ela fechou os olhos e girou a cadeira para ficar de costas para os dois. Tinha de se relacionar com Feramo como antes, caso contrário não daria certo.

— Onde você está? - perguntou ela para economizar o trabalho deles. — Ainda está na ilha?

— Não, não. Estou indo para o Sudão.

Olivia piscou, confusa. Por que ele estava lhe contando isso num celular? Sem dúvida Feramo não poderia ser tão idiota. As velhas dúvidas retornaram. Talvez ele não fosse um terrorista, afinal de contas.

— Na verdade eu não posso falar por muito tempo porque o avião já vai partir.

— Para Cartum?

— Não, para o Cairo.

— Que fantástico! Vai olhar as pirâmides?

— Não terei tempo. Vou simplesmente visitar alguns colegas de negócios e levá-los de avião até Port Sudan. Mas, Olivia você vai me visitar, como combinamos?

A aceleração da atenção atrás dela era quase tangível. "Isso!", sentiu vontade de gritar, dando um soco para o alto. "Isso!"

— Bem, não sei. Eu realmente gostaria de ir. Conversei com Sally Hawkins e ela ficou a fim, mas eu realmente preciso conseguir mais encomendas de matérias para dividir os...

— Mas isso não importa, Olivia. Você vai como minha convidada. Eu farei os arranjos.

— Não, não. Você não pode fazer isso, eu lhe disse. Ah, e muito obrigado por sua hospitalidade em Honduras.

— Mesmo eu tendo de seqüestrar você para forçá-la a aceitar?

— Bem...

— Olivia, meu vôo já vai sair. Tenho de desligar, mas telefono para você do Cairo. Você vai estar nesse número amanhã, mais ou menos à mesma hora?

— Vou.

— Mas espere. Eu vou lhe dar um número. São de agentes da minha empresa de mergulho na Alemanha. Eles vão organizar seus vôos para Port Sudan e conseguir os vistos. Tem uma caneta aí?

Quatro canetas diferentes saltaram diante dela. Olivia escolheu a antiga Parker dourada do professor Widgett.

—Tenho de ir. Adeus, saqr.

Scott Rich estava sinalizando para ela fazer com que ele continuasse falando.

— Espere aí. Quando vai chegar ao Sudão? Não quero chegar lá e não achar você.

— Vou estar em Port Sudan depois de amanhã. Há um vôo de Londres na terça-feira, via Cairo. Você pode pegá-lo?

— Vou tentar. — Olivia riu. — Você é tão dramático!

— Adeus, saqr.

O telefone foi desligado.

Ela se virou para o resto do grupo, tentando não dar um risinho superior.

Scott e o técnico ainda estavam apertando coisas. Widgett deu-lhe um olhar rápido, aprovador e vagamente lascivo.

— Rich? — rugiu ele. — Peça desculpas.

— Me desculpe — disse Scott Rich sem erguer os olhos. Depois terminou o que estivera fazendo, girou na cadeira e olhou-a, serio.

— Me desculpe, Olivia.

— Obrigada — disse ela, e, num jorro de calor e liberação da tensão acrescentou: — Eu gosto de gente que pede desculpa assim, direto, em vez daquele papo tortuoso passivo-agressivo tipo "Sinto muito você ter achado que..." com os dedos cruzados às costas, e

que não é desculpa coisa nenhuma e põe a culpa em nossa própria compreensão imprecisa da situação.

— Bom — disse Widdett. — Agora, e esta é sempre a pergunta número um dos espões: ele falou sério? Isso é sério?

— Sei — respondeu Olivia. — Por que ele ligaria de um celular para dizer que está indo ao Sudão se ele for de verdade, que dizer, um terrorista de verdade?

— Bem, eu sempre disse que ele não é — disse Suraya. — Ele é um playboy que brinca de fazer contrabando, mas não é terrorista.

— Você conseguiu mais alguma coisa com essas comparações de fotos? — perguntou Widdett a Scott.

— Não. Nada. Nenhuma ligação com a al-Qaeda.

— Há uma coisa que eu não disse — falou Olivia, hesitante. Os olhos cinza e frios encontraram os seus.

— É?

— É. É só que... vocês poderiam verificar a mãe dele. Acho que ele pode ter uma mãe européia, talvez alguém vagamente ligada a Hollywood. Você sabe, pai sudanês ou egípcio e mãe européia, e acho que ela pode ter morrido quando ele era novo.

— Por que está dizendo isso, Olivia?

— Bom, ele mencionou a mãe, e é só que... algumas vezes ele reage a mim de um modo estranho, como se eu o fizesse lembrar alguém. E quando se despediu em Roatán ele... — Ela franziu o rosto. — Ele enfiou meu dedo na boca e chupou, mas de um modo maníaco, como se fosse uma teta e ele fosse um porquinho.

— Meu Deus — disse Scott Rich. — Mais alguma coisa? — perguntou Widdett.

— Bem, sim. Só uma coisa. Ele é alcoólatra.

Quatro pares de olhos estavam encarando-a de novo.

— Ele é alcoólatra. Não sabe disso, mas é.

— Mas ele é muçulmano — disse Scott Rich.

— Ele é um takfiri — corrigiu Olivia.

Pararam para o jantar. Enquanto todo mundo estava juntando suas coisas e saindo, Olivia sentou-se frouxa á mesa, pensando no telefonema. Widdett estava sentado diante dela, com a boca

ligeiramente torcida. Tinha um ar de nojo permanente com o mundo, o que Ouvia achava revigorante.

— A sua integridade; isso é a mosca na sopa — disse ele com voz rouca. Os olhos azuis estavam frios, como um peixe. De repente saltaram para a vida. — Por isso você é uma boa espiã — disse ele, inclinando-se sobre a mesa, franzindo o nariz — As pessoas confiam em você, o que significa que você pode traí-las.

— Eu não me sinto bem.

— O que também é bom demais. Nunca se sinta bem. A corrupção da pessoa boa através da crença na própria bondade infalível é a armadilha humana mais perigosa. Assim que você tiver dominado todos os seus pecados, o orgulho é o pecado que vai dominá-la. Uma pessoa começa a decidir que é boa porque toma boas decisões. Em seguida se convence de que qualquer decisão que toma deve ser boa, porque ela é uma boa pessoa. Assim você tem Bin Laden derrubando as torres gêmeas e Tony Blair invadindo Bagdá. A maioria das guerras no mundo é causada por pessoas que acham ter Deus ao seu lado. Sempre fique com as pessoas que sabem que são falhas e ridículas.

## Capítulo 46

Agora o relógio estava correndo. De repente havia um envolvimento de alto nível dos dois lados do Atlântico e um novo ar de seriedade permeava a operação. Olivia tinha três dias para se preparar antes da partida. Estava passando rapidamente por um intenso programa de treinamento em técnicas de espionagem, uso de armas, sobrevivência no deserto e equipamento especializado.

Estavam no que tinha sido a sala de jantar dos serviçais, com todo o equipamento de Olivia espalhado numa comprida mesa de refeitório. Ela estava inspecionando um secador de cabelos que tinha sido alterado com ampolas contendo gás dos nervos conectadas diante do elemento de aquecimento.

— E o meu secador de verdade?

O professor Widgett suspirou.

— Eu sei que o senhor fez um esforço enorme, professor — disse

ela —, mas como vou Secar o cabelo?

— Hmm. Entendo o que está dizendo. É concebível que possa viajar com dois secadores?

Olivia ficou em dúvida.

— Na verdade, não. Vocês não poderiam fazer o negócio do gás dos nervos numa escova de enrolar? Ou talvez num spray de perfume?

Houve uma fungadela. Ela ergueu os olhos na defensiva. Scott Rich estava encostado no portal, dando um risinho.

— Minha cara Olivia — disse Widgett, ignorando Scott —, estamos tentando acertar com toda a coisa feminina e assim por diante, mas esta é uma operação no deserto. Sem dúvida, numa expedição dessas, a pessoa normalmente iria se virar sem um secador de cabelos, não é?

— Bem, sim, mas não se eu tiver de seduzir o chefe de uma célula da Al-Qaeda — explicou com paciência.

— Você é maluca — disse Scott, empertigando-se e entrando na discussão.

— Bem, para vocês é fácil dizer. — Ela olhou para a careca de Widgett e para os cabelos curtíssimos do risonho Scott Rich. — Os homens gostam de mulheres com aparência natural. — Errado. Eles querem mulheres com a aparência que têm quando terminaram de fazer o cabelo e a maquiagem para parecerem naturais. Eu realmente acho que nessa situação o secador de cabelo é uma ferramenta mais importante do que a arma de gás dos nervos. — Aceito seu ponto de vista, Olivia. Vamos procurar alguma alternativa — disse Widgett rapidamente.

Ela estava com a sensação de que ele vinha pegando leve porque sentia culpa em sacrificá-la, o que não era um pensamento encorajador.

— Bom — disse Widgett —, tenho a lista do seu equipamento usual, e tentamos nos ater a ela ao máximo possível. — Ele pigarreou.

— Cosméticos: brilho labial, lápis labial, bálsamo labial, sombra para os olhos, lápis de sobrancelha, pincéis, blush, corretor, pó sem brilho, pó — ele fez uma ligeira pausa—, "brilho luminoso" rímel "toque radiante", curvador de cílios.

— Meu Deus — disse Scott.

— Tudo fica em embalagens muito pequenas — disse Olivia na defensiva.

— É, mas na verdade é uma pena — observou Widgett. — Nós estamos tentando manter o seu kit normal externamente idêntico porque o pessoal dele obviamente verificou tudo nos Estados Unidos, mas faríamos uma coisa muito melhor com essas coisas em tamanho normal. De qualquer modo: perfume, loção para o corpo, musse, xampu, condicionador.

— Eles devem ter isso tudo no hotel — disse Scott Rich.

— Os xampus de hotel deixam o cabelo esquisito. E, de qualquer modo, eu não vou para um hotel. Vou para uma tenda.

— Então use leite de jumenta.

— Itens mecânicos — continuou Widgett. — Itens de sobrevivência, rádio de ondas curtas, microcâmera digital, binóculo e

as roupas e sempre: calçados, roupas de banho e — Rich não precisa comentar, por favor — roupa de baixo.

— E acessórios — acrescentou Olivia ansiosamente.

— Certo, certo. Bom — disse ele, indo para o outro lado da sala e acendendo uma luz. — Nós preparamos um arsenal bastante amplo baseado nesses itens. Na verdade é bem interessante preparar um kit para uma mulher.

— Vocês devem ter feito isso antes. — Não exatamente nessas circunstâncias. A lista total era de dar medo. Ela realmente precisaria se concentrar para não misturar as coisas. A maioria de seu material tinha sido convertido em armas se não de destruição em massa, pelo menos de destruição de curto alcance, específica. O anel tinha recebido uma maligna lâmina curva que saltaria no segundo em que ela apertasse a unha do polegar contra um dos diamantes. Os óculos escuros Chloé tinham uma serra espiral numa perna e uma finíssima adaga com agente dos nervos na outra. Os botões de sua blusa Dolce tinham sido substituídos por serras circulares em miniatura. Havia um creme labial que na verdade era uma bomba temporariamente ofuscante, e uma minúscula bola de blush que, quando o pavio fosse aceso, emitia gás que poderia apagar uma sala cheia de homens durante cinco minutos.

— Bom. E depois eu vou ter minhas coisas antigas de volta?

— Se isso acontecer como eles esperam, sim — disse Scott. — Você vai fazer uma farra de Gucci, Tiffany e Dolce & Gabana à custa do governo de Sua Majestade.

Ela riu de orelha a orelha.

Um de seus brincos Tiffany em forma de estrela do mar continha um minúsculo farol de localização por GPS, que rastrearía seus movimentos por toda a expedição.

— Isto aqui é novo em folha, topo de linha — disse Widgett. — O menor já produzido. Funciona até debaixo d'água, até uns três a cinco metros.

— E debaixo do solo?

— Improvável — disse Widgett, sem encará-la. O outro brinco de estrela-do-mar continha uma pílula de cianeto.

— E agora a pistola — disse Scott Rich.

Ela os encarou, pasma. Eles tinham examinado as adagas e estiletos, o cinto retro anos setenta Dolce, feito de moedas de ouro de verdade para tirá-la de alguma encrenca, a fina adaga e a seringa de tranqüilizante transformadas em suportes de sutiã. Tinha rejeitado o broche com o dardo de tranqüilizante argumentando que qualquer mulher com menos de sessenta anos usando um broche pareceria imediatamente suspeita.

— Eu não vou usar uma pistola.

Eles a encararam com expressão vazia.

— Isso vai me causar muito mais encrenca do que me salvar. Por que eu teria uma pistola se fosse jornalista de viagens? E, de qualquer modo, Feramo sabe que eu não acredito em matar.

Scott Rich e Widgett trocaram olhares.

— Deixe-me explicar uma coisa — disse Scott. — Isto não é um encontro romântico. É uma operação militar altamente perigosa, intencionalmente mortal e extremamente cara.

— Não, deixe eu explicar uma coisa — disse ela, tremendo. — Eu sei como isso é perigoso, e mesmo assim estou fazendo. Se um dos seus agentes especialmente treinados pudesse fazer o que vocês estão me mandando fazer, vocês iriam mandá-lo. Vocês precisam de mim como eu sou. Foi assim que eu cheguei tão longe nisso, sendo o que eu sou. Então calem a boca e deixem que eu faça do meu modo ou vá seduzir Pierre Feramo você mesmo no deserto do Sudão.

Houve silêncio. Widgett começou a cantarolar uma musiquinha,

— Pom, pom, pom. Pom, pom, pom. Mais alguma pergunta, Rich? Mais alguma idéia instigante? Mais algum comentário útil? Ou podemos ir em frente? Bom. Agora vamos ver como você dispara uma arma, Olivia, e mais tarde tomaremos uma decisão sobre se iremos lhe dar uma.

## Capítulo 47

Scott Rich estava de pé atrás de Olivia, com as mãos sobre as dela em volta da arma, colocando seu corpo na posição correta.

— Você vai absorver o coice através dos braços sem se encolher. E então, muito suavemente — Scott pôs o dedo dela no gatilho —, sem fazer força — ele pôs o dedo suavemente em cima do dela —, você vai puxar o gatilho. Pronta? E a porta se abriu bruscamente. Era Dodd.

— Desculpe interromper, senhor. Scott deu um suspiro pesado.

— O que é?

— Há alguém ligando repetidamente para o celular da srta. Joules, e o professor Widdett acha que ela deve ligar de volta agora mesmo.

Não quer que a considerem desaparecida.

Scott sinalizou para Olivia pegar o telefone.

— Vou tocar o último recado. Tive de colocar no viva voz, srta. Joules. Tudo bem?

Olivia assentiu. Scott se recostou na parede, com os braços cruzados.

— Olivia. É Kate de novo. Onde você está, porra? Se for se mandar para Honduras depois da sua "transazinha" com aquele ridículo playboy estilo Dodi al-Fayed, vou arrancar suas tripas. Liguei pra você cem vezes. Se não me ligar de novo até á noite, vou informar à policia que você desapareceu.

— Eu digito o número para você — disse o técnico.

— É... certo. Poderia não colocar no viva-voz, por favor?

— Claro.

— Kate, oi — disse ela sem graça. — É Olivia. Um jorro de indignação irrompeu do telefone.

— Bom, de qualquer modo — disse Kate empolgada quando terminou de soltar os bichos. — Você trepou com ele?

— Não — respondeu Olivia, olhando para os dois homens.

— Deu um amasso?

Olivia tentou pensar. Tinha dado algum amasso em Honduras?

— Sim. Foi ótimo, só que... bem... não era ele... — e deixou o resto no ar, olhando embaraçada para Scott.

— O quê? Você seguiu o cara até Honduras e depois deu um amasso com outro? Você é literalmente inacreditável.

— Shh — sussurrou Olivia. — Olha, eu não posso falar agora.

— Onde você está?

— Eu não posso...

— Olivia, você está legal? Se não estiver, é só dizer "não" e eu contato a polícia.

— Não! Quer dizer, sim, eu estou legal.

Scott se inclinou e lhe entregou um bilhete.

— Espere um minuto. O bilhete dizia:

*Diga que você está tendo um encontro erótico — que está perfeitamente bem mas que está no meio das coisas, e que liga para ela amanhã. Nós faremos uma visita a ela para explicar.*

Ela ergueu os olhos para Scott, que levantou as sobrancelhas de modo sensual e assentiu, encorajando.

— O negócio é que estou tendo um encontro erótico. Estou perfeitamente bem mas estou no meio das coisas. Eu ligo amanhã e conto tudo.

—Você é um horror. E quanto a Osama bin Feramo?

— Eu conto amanhã.

— Certo. Contanto que você esteja bem. — Parecia ter dado certo. — Tem certeza?

— Tenho. Eu adoro você. — A voz de Olivia se embargou ligeiramente.

Nesse momento teria dado muita coisa para estar com Kate e duas margaritas.

— Adoro você também, sua doida incorrigível.

Olivia olhou para o bilhete e riu. Scott tinha assinado:

*Exclusivamente seu — S.R*

## Capítulo 48

Olivia estava sentada diante da lareira, aconchegada, olhando para um prato de trufas gordas cobertas de chocolate ralado. Sabia que era educado esperar, mas a pressão estava começando a incomodá-la. Estendeu a mão e enfiou duas na boca. As conversas com Feramo, gravadas diariamente, estavam fazendo com que se sentisse esquisita. Precisava se concentrar nas lembranças do OceansApart para manter a decisão. Tinha acabado de enfiar outra trufa na boca quando a porta se abriu e Widgett entrou, seguido por Scott Rich.

— Está com alguma coisa na boca, agente Joules? — disse Scott secamente, sentando-se no sofá e abrindo mapas junto à bandeja de chá.

— É melhor você deixar que eu cuide disso, ou vai fazer com que ela desista — disse Widgett, acrescentando como um aparte a Olivia: — Ele não tem nenhum afeto nem compreensão pela África.

— Vai ser preciso mais do que ele para me fazer desistir — disse Olivia. — Eu gosto do Sudão.

— Bom. Então aqui estamos vendo as colinas do Mar Vermelho. Agora a área é predominantemente árabe, mas seis por cento da

população é de beja. Os "Fuzzy-Wuzzies" de Kipling. Um punhado de nômades, com cabelos espantosamente verticais. Tremendamente ferozes e resistentes. Se você puder tê-los de seu lado, ficará bem em qualquer crise. Os que devem ser vigiados são os nômades beduínos rashaida, com antenas parabólicas nas tendas e gigantescos veículos de tração nas quatro rodas, cuidando dos rebanhos de camelos. São contrabandistas. Ninguém pode pegá-los. Um pessoal hilariante. Eu sempre tive uma certa queda por eles. — É aqui que eu acho que as cavernas podem estar — disse Olivia, assentindo e apontando para o mapa.

— Ah, Suakin, o porto de coral arruinado. Lugar maravilhoso. — Feramo me contou tudo a respeito. Acho que o pessoal da al-Qaeda

está escondido aí. Acho que eles entram nas cavernas subaquáticas, como em Honduras.

— Estamos examinando isso — disse Scott Rich. — Bin Laden era muito íntimo do regime sudanês em meados dos anos noventa.

— Eu sei — disse Olivia em voz baixa.

— Quando os sudaneses finalmente chutaram Bin Laden em noventa e seis, em teoria os campos e células foram desmontados, mas a hipótese mais provável é que tenham passado para a clandestinidade.

— Ou para baixo d'água — disse Olivia.

— Exato — concordou Widgett empolgado. — Então seu objetivo primário é descobrir especificamente o que ameaça o sul da Califórnia. O objetivo secundário é descobrir quem Feramo está escondendo ou visitando.

— Mas ainda não é tarde demais para desistir — disse Scott Rich. — É importante você saber no que está se metendo. Ainda não sabemos quem é Feramo. Mas sabemos que tipo de anfitriões em geral você estará encontrando. Port Sudan — de apontou o mapa — fica do lado oposto de Meca. O Irã tem bases alugadas em Port Sudan e Suakin. De modo que há milhares de soldados iranianos treinando, acampamentos rebeldes do NDA e várias hidrelétricas ao norte, um monte de interesses diferentes vindos da Eritreia ao sul um punhado de nômades loucos nas montanhas e a al-Qaeda, se você quiser, debaixo d'água. Ainda está a fim de umas pequenas férias românticas?

— Bom, eu achei bem legal da última vez! — disse Olivia, animada, para irritá-lo. — Estou ansiosa. Especialmente com todos os meus novos acessórios.

— Excelente. Coma outro chocolate — disse Widgett.

— Olivia, aquilo lá não é seguro — insistiu Scott Rich.

— Seguro? — disse ela, com os olhos chamejando. — Quando alguma coisa é segura? Qual é, você sabe. E como mergulhar no oceano saltando do penhasco.

— É — disse ele em voz baixa. — Eu sei. Algumas vezes você só precisa se jogar da beirada, neném, e rolar.

## *Capítulo 49*

### *Cairo, Egito*

À medida que o avião se aproximava do Cairo, Olivia ia pensando: Eu gostaria de congelar esse momento e lembrá-lo para sempre. Sou uma espiã. Sou a agente Joules. Estou numa missão para o governo inglês. Estou na classe executiva, tomando champanhe com castanhas aquecidas no microondas.

Teve de se impedir de dar um risinho pouco chique enquanto passava pelo controle de passaportes. Era fantástico estar viajando de novo. Longe da atmosfera colegial da mansão, sentia-se capaz e livre como um pássaro que não pertencia à família dos falcões. O vôo de conexão para Port Sudan estava atrasado em seis horas. Aah, pensou. Eu nunca vi as pirâmides. O GPS só iria captar o sinal de seu brinco quando ela chegasse ao Sudão. Saiu da alfândega e pulou num táxi.

Na casa segura em Costwolds, Scott Rich ia partir para a base Brize Norton, da RAF. Pegaria um vôo da RAF até o porta-aviões USS Condor ancorado no Mar Vermelho, entre Port Sudan e Meca. Estava com as malas prontas e preparado, e tinha um hora de sobra. Estava sozinho na Sala de Operações Técnicas, trabalhando no computador com apenas uma luz acesa.

Recostou-se enquanto fazia a busca, franzindo os olhos e se espreguiçando, e depois se inclinou para a frente de novo, olhou o resultado e se imobilizou. Enquanto fotografias e informações começavam a aparecer na tela, ele pegou o telefone dentro do paletó e ligou para Widgett.

— Sim, o que é, rapaz? Eu estou no meio do jantar. A voz de Scott Rich estava trêmula.

— Widgett. Feramo é Zaccharias Attaf.

Houve um segundo de pausa.

— Ah, Deus no céu. Tem certeza?

— Tenho. Precisamos trazer Olivia de volta da África. Agora.

— Estarei com você dentro de segundos.

O taxi de Olivia estava numa avenida de duas pistas, costurando assustadoramente entre ambas. Havia um enfeite de Natal pendurado no retrovisor e uma guirlanda de náilon azul-clara arrumada sobre o painel. O motorista se virou para olhá-la, lançando um sorriso e fazendo brilhar um dente de ouro.

— Quer tapeet? — O quê?

— Tapeet? Eu consegue preça muito bom. Minha irmão tem loja tapeet. Muita perto. Não vai mercado. Na mercado homem muito mau. Tapeet de minha irmão muito lindo.

— Não. Não quero tapete. Quero ir às pirâmides, como eu disse.

Cuidado! — gritou ela, enquanto os carros começavam a balançar de um lado para o outro, com as buzinas tocando.

O motorista se virou de novo para a frente, xingando, fazendo um gesto grosseiro pela janela.

— Pirâmides. Gizé. Vamos às pirâmides e depois voltamos ao aeroporto.

— Pirâmide muita longe. Não bom. Está escuro. Não ver. Melhor comprar tapeet.

— E a esfinge?

— Esfinge é OK.

— Então vamos à Esfinge, certo? E voltamos ao aeroporto

— Esfinge é OK. Muito antiga.

— É — disse ela em árabe. — Antiga. Bom.

Ele saiu da avenida de pista dupla numa velocidade louca, mergulhando numa escura área residencial composta de ruas empoeiradas e casas de barro. Olivia baixou as janelas, respirando empolgada os cheiros da África: lixo apodrecendo, carne queimada, temperos, esterco. Por fim, o táxi parou atrás de um labirinto de ruas sem luz. O motorista desligou o veículo.

— Onde fica a Esfinge? — perguntou Olivia, sentindo uma pontada de alarme, abrindo o gancho do anel. O motorista riu.

— Não longe — disse ele, incomodando-a com o hálito fedorento. De repente ela percebeu a total imbecilidade de seu

comportamento. Que negócio era esse de fazer turismo numa missão daquelas? Pegou o celular. Dizia FORA DE ÁREA.

— Esfinge muito bonita — disse o motorista. — Você vem comigo. Eu mostra.

Ela o olhou atentamente, decidiu que o sujeito estava dizendo a verdade e saiu do táxi. Ele pegou um objeto comprido, que parecia um cassetete. Olivia acompanhou-o pela rua escura, sentindo-se extremamente em dúvida. Havia areia sob seus pés. Ela adorava o cheiro seco do ar do deserto. Quando viraram uma esquina, o motorista encostou um fósforo no cassetete, transformando-o numa tocha luminosa. Ergueu-a no alto e apontou pela escuridão.

Olivia ficou boquiaberta. Estava olhando para um par de gigantescas patas de pedra cobertas de poeira. Era a Esfinge sem barreiras, sem pagar ingresso, ali, no meio de uma praça poeirenta, rodeada por baixas construções arruinadas. À medida que seus olhos se acostumavam à escuridão, toda a forma familiar começou a se revelar, menor do que ela havia imaginado. O motorista, levantando a tocha acesa encorajou-a a subir nas patas. Ela balançou a cabeça, achando que, se não fosse ilegal, certamente não era correto, e em vez disso decidiu acompanhá-la ao redor do perímetro, tentando captar um sentimento de séculos e mais séculos de antigüidade.

— Certo — disse ela, sorrindo. — Muito obrigada. Agora é melhor voltar ao aeroporto.

Poderia não ter sido a decisão mais sensata, mas ela estava tremendamente feliz por ter vindo.

— Quer tapeet agora?

— Não. Não quero tapete. Aeroporto.

Viraram a esquina para voltar ao carro, e o chofer xingou alto.

Havia outro carro parado junto ao táxi, com os faróis acesos. Figuras saíram da escuridão, vindo na direção deles. Olivia se encolheu nas sombras, lembrando-se de seu treino contra seqüestros: os primeiros momentos da tentativa de seqüestro são fundamentais, no seu território, não no deles, quando você tem a última chance de escapar. Os homens estavam se concentrando no motorista. Soaram vozes acaloradas. Ele parecia estar tentando

acalmá-los com um sorriso untuoso, falando muito depressa, indo para o táxi. Olivia tentou se fundir às sombras. Estava a cem metros da Esfinge, pelo amor de Deus. Tinha de haver mais gente em algum lugar. Uma das figuras na sombra viu-a e pegou seu braço. Ao mesmo tempo o motorista entrou no táxi e ligou o motor.

— Ei, espera! — gritou Olivia, começando a correr para ele. Agora faça barulho, faça uma confusão, chame atenção enquanto ainda está num local público. — Socorro! — começou a gritar. — Socooooorro!

— Não, não — disse o motorista. — Você vai com ele. Homem muito bom.

— Nãããão! — gritou ela, enquanto ele engrenava o carro e partia. Um braço rude a conteve enquanto ela tentava correr atrás do carro, cujas luzes de ré desapareceram no labirinto de ruas.

Olivia olhou para os seus captores. Eram três: homens jovens com roupas ocidentais.

— Por favor — disse um deles, abrindo a porta do carro. — Faruk tem de pegar outro cliente. Você vem conosco. Vamos levá-la ao aeroporto.

Enquanto o homem a segurava, ela o golpeou com o gancho do anel, livrando-se enquanto ele gritava de dor, começando a correr, gritando, como tinham ensinado, de um modo que não deixaria dúvidas de que estava sendo atacada.

— Socorro, ah, meu Deus, por favor, socorro. Socooooorrol

Em Cotswolds a noite estava úmida e ventava. Na pista da base Brize Norton da RAF, Scott Rich gritava ao telefone, tentando ser ouvido acima do rugido do motor a jato.

— Onde, diabos, ela está? Eu perguntei onde ela está?

— Não faço a mínima idéia. O vôo foi adiado em seis horas. Suraya mandou Fletcher, no Cairo, vigiá-la: mensagens com a telefonista etc.etc.

— Suraya?

— É. Alguma coisa errada com isso? Scott Rich hesitou. Um auxiliar chegou perto tentando empurrá-lo para dentro do avião. Scott sinalizou para ele ficar longe e encontrou no abrigo do hangar.

— Quero que você me dê a palavra de que vai ordenar a volta de Olivia.

Widgett deu um riso estranho.

— Você está pedindo para um espião lhe dar a palavra?

— Zaccarias Attaf é um psicopata. Ele matou dezoito mulheres exatamente nessas circunstâncias. Ele fica obcecado, como está por Olivia, e quando elas não conseguem cumprir sua fantasia insana, seja ela qual for, ele as mata. Você viu as fotos.

— Vi. Parece que ele tem uma tendência a chupar pedaços das mulheres. Tem certeza que é ele? Como chegou a isso?

— Foi o que ela disse sobre a mãe de Feramo e o negócio de chupar o dedo. Não há fotos de Attaf, como você sabe, mas todo o resto combina. Tire-a do caso. Traga-a para casa. Ela não é uma profissional. Onde ela está agora? Fazendo compras? Fazendo as unhas? Você não pode mandá-la para um psicopata sabendo disso.

— Um psicopata que também é um dos principais estrategistas da al-Qaeda.

Scott Rich baixou as pálpebras. Você parece considerá-la totalmente dispensável.

— Meu caro amigo, a srta. Joules é absolutamente capaz de cuidar de si. Todos nós arriscamos o pescoço em nome do bem maior. Esse é o nosso negócio.

Calma, não entre em pânico, respire, calma não entre em pânico, respire.

Isso realmente importa? Sim. Ah, porra, sim. Olivia tentava manter a cabeça no lugar e pensar enquanto o carro dos seqüestradores chacoalhava pela escuridão das ruas labirínticas. Eram homens de Feramo, isso estava claro. Ela havia fracassado na primeira parte do treinamento de seqüestro permitindo que eles a colocassem no carro. A próxima coisa que lhe tinham ensinado era "humanizar o relacionamento com os captores". Bem, honestamente, tinha pensado na ocasião, até que ponto você pode ser óbvia? Enfiou a mão na bolsa procurando o maço de Marlboro que tinham lhe dado e estendendo para o rapaz que a enfiou no carro. — Cigarro?

— Não. Não fumo. Faz mal — disse ele rapidamente.

— Certo — disse ela, assentindo com fervor. Idiota. Era uma idiota. Eles provavelmente eram muçulmanos devotos. E agora? "Um gole de uísque, Maomé? Um vídeo de sacanagem?"

Houve uma mudança na rua lá fora: mais luz, figuras, um jumento, uma bicicleta. De repente eles saíram das ruas escuras para um iluminado mercado ao ar livre. Havia uma multidão, ovelhas, tiras e luzes minúsculas, música e cafés. O carro parou na entrada de um beco escuro. O motorista se virou. Ela fechou o punho, com o anel do gancho para fora, segurando o alfinete de chapéu na outra mão.

— Tapete — disse o novo motorista. — Quer compra tapete? Eu dá bom preço, especial pra você.

— Sim— sussurrou ela, recostando-se no banco, olhos fechados, tremendo de alívio. — Muito bem. Eu compra tapete.

Infelizmente foi considerado necessário comprar um tapete bem grande. Enquanto o carro rugia aproximando-se do aeroporto, trinta e cinco minutos antes da decolagem, o tapete se projetava precariamente de cada lado da mala do carro. Olivia estava tão tensa que tinha de cravar as unhas nas palmas das mãos numa tentativa de não gritar coisas sem sentido como: "Pelo amor de Deus, coooooorrrrrre."

Então havia luzes piscando, sirenes, carros de polícia, barricadas e uma fileira de luzes de ré. Era uma barreira enorme. Sua boca estava seca. Ela havia escapado da morte, mas, como costuma acontecer, seu alívio fora substituído imediatamente por outra coisa preocupante: perder o vôo e portanto ferrar com a missão. Sentiu-se tentando acelerar o carro inclinando-se para a frente enquanto eles reduziam a uma velocidade de lesma. Sem dúvida houvera um acidente. Havia um corpo de homem caído no asfalto, uma poça de sangue escuro escorrendo da boca, um policial riscando seu contorno com giz. O motorista se inclinou para fora da janela e perguntou o que tinha acontecido.

— Tiro — gritou o motorista por cima do ombro para Olivia. — Olivia tentou não pensar nisso. Enquanto o carro parava perto da

área de embarque, ela quase jogou os cinquenta dólares combinados com o motorista, pegou a bolsa, saltou e disparou para o terminal, indo até o balcão. Infelizmente os dois jovens começaram a segui-la, carregando o tapete.

— Eu não quero o tapete, obrigada — gritou ela por cima do ombro. — Levem de volta. Podem ficar com o dinheiro. — Ela chegou ao balcão da Sudan Airways e jogou seu passaporte e o bilhete. — Minha mala já foi embarcada. Eu só preciso do cartão de embarque.

Os jovens jogaram triunfantemente o tapete na esteira de bagagem.

— Quer embarcar esse tapete? — perguntou a balconista da Sudan

Airways. — É tarde demais. Terá de levar esse tapete como bagagem de mão.

— Não, eu não quero o tapete. Olha — disse Olivia virando-se para os jovens —, podem levar o tapete. Não há espaço no avião. Podem ficar com o dinheiro.

— Você não gosta tapete? — O rapaz pareceu arrasado.

— Eu adoro o tapete, mas... olha. Certo. Obrigada, muito bem Por favor, vão embora.

Os rapazes não foram. Ela entregou uma nota de cinco dólares a cada um. Eles partiram.

A mulher da companhia aérea começou a digitar no computador como o pessoal de terra costuma fazer nos aeroportos quando você está atrasada para um vôo — como se estivessem escrevendo um poema contemplativo, parando para olhar a tela como se

procurassem a palavra ou expressão exata. — É... com licença — disse Olivia. — É muito importante que eu não perca o vôo. Eu não quero o tapete. Não preciso embarcá-lo.

— Espere aqui — disse a mulher, que se afastou e desapareceu. Olivia sentiu vontade de engolir o próprio punho. Eram nove e dez..A tela de partida para o SA24S para Port Sudan dizia PART 21h30. EMBARQUE PORTÃO 4A. ÚLTIMA CHAMADA.

Ela estava a ponto de sair correndo e tentar passar sem cartão de embarque quando a mulher voltou com uma expressão sepulcral, acompanhada por um homem de terno.

— Tudo bem, srta. Joules? - disse o sujeito num leve sotaque do leste de Londres. — Eu vou levá-la ao avião. Isto é seu? — perguntou ele, pegando o tapete.

Olivia começou a protestar, depois desistiu e simplesmente assentiu cansada. O homem passou com Olivia e o tapete pelas filas e pela segurança, levando-a a uma sala perto do portão de embarque.

Em seguida fechou a porta.

— Meu nome é Brown. Sou da embaixada aqui. O professor Widgett quer falar com você.

O coração dela se apertou. Ele havia descoberto. Ela havia falhado na primeira tentativa. Brown digitou um número e lhe entregou o telefone.

— Onde, diabos, você esteve? — berrou Widgett. — Comprando tapetes?

— Desculpe, senhor. Foi um erro terrível.

— Agora não importa. Não importa. Esqueça. Um homem que nunca comete um erro nunca faz nada.

— Prometo que não vai acontecer de novo.

— Certo. Se isso a faz se sentir melhor, uma certa imprevisibilidade de movimentos não é coisa má. O agente que tínhamos acertado para encontrá-la levou um tiro.

Ah, meu Deus. Ah, meu Deus.

— Era dele o corpo que eu acabei de ver no caminho do aeroporto? Foi minha culpa? Eles estavam tentando me pegar?

Um despachante com uma jaqueta amarela luminosa enfiou a cabeça na porta.

— Não, não tem nada a ver com você — disse Widgett.

— É melhor desligar — murmurou Brown. — Eles já vão fechar as portas.

— Professor Widgett, o avião já vai partir.

— Certo, muito bem. Vá agora — disse Widgett. — Não vá perder o vôo depois de tudo isso. Boa sorte e... bem... com...

Feramo... provavelmente é melhor concordar com a pequena fantasia dele sobre você, enquanto puder.

— O que o senhor quer dizer?

— Ah, você sabe... esses caras que constroem uma garota, colocam num pedestal, são inclinados a ficar meio malignos quando o edifício imaginário desmorona. Só... bem... mantenha-o onde você quer que ele esteja. Fique com a cabeça no lugar. E lembre-se, Rich está pertinho, no Mar Vermelho.

Olivia correu para o avião, descobrindo o tapete enfiado em seus braços quando as portas se fecharam. Tentou em vão colocá-lo no armário do alto, sob o olhar maligno da aeromoça; somente quando o capitão ligou o sinal de APERTEM OS CINTOS e eles estavam deixando as luzes do Cairo para trás, ela teve tempo para digerir o que Widgett tinha dito. Percebeu que o caminho mais inteligente seria não ter embarcado no avião.

## *Capítulo 50*

### *Port Sudan, Litoral do Mar Vermelho, Leste do Sudão*

Scott Rich estava no convés do navio de mergulho USS Ardeche esperando as luzes do vôo de Olivia aparecerem no céu noturno. A costa do Sudão, pintalgada com as tremulantes luzes vermelhas de fogueiras no deserto, era uma forma negra contra a escuridão do céu. O mar estava absolutamente calmo. Não havia lua, mas o céu explodia de estrelas.

Ouviu o rugido do motor a jato antes que as luzes aparecessem, enquanto o navio começava a descida sobre Port Sudan. Desceu abaixo do convés e apertou interruptores, fazendo o painel de controle à sua frente zumbir ao ser ligado. Dentro de alguns minutos o GPS captaria o sinal do brinco de Olivia. Abdul Obeid, agente da CIA, segurando um cartaz do Hilton, iria pegá-la no Desembarque e levá-la ao porto onde uma lancha esperava. Antes da primeira luz do amanhecer, ela estaria a bordo do USS Ardeche e fora do alcance de Feramo.

O rosto de Scott Rich se abriu num sorriso raro quando uma luz vermelha piscou na tela. Ele apertou um interruptor. — Nós a pegamos — falou. — Ela está no aeroporto

Enquanto Olivia seguia a fila de passageiros sonâmbulos para o desenxabido salão da alfândega, pegou-se entrando em seu modo usual para aeroportos africanos, como tartaruga hibernando. Viu os caras do controle de passaportes em suas cabines de fórmica marrom, afogando-se em pedaços de papel. Sempre ficava pasma ao pensar em como eles conseguiam rastrear alguma coisa sem computadores, mas de algum modo conseguiam. Na única vez em que tentou entrar em Cartum sem o visto correto passou doze horas no aeroporto. E na vez seguinte, eles de algum modo se lembraram

e a enfiaram na jaula de novo. Quando chegou à frente da fila e entregou seus papéis, o homem atrás do balcão olhou-os, aparentemente inexpressivo, e disse:

— Um momento, por favor.

*Merda*, pensou, tentando manter uma expressão agradavelmente inócua. Não havia coisa mais estúpida do que perder as estribeiras com um policial na África. Alguns minutos depois o homem reapareceu, acompanhado por um atarracado policial com uniforme militar caqui, o cinto apertado demais em volta da pança.

— Venha comigo, por favor, srta. Joules — disse o homem atarracado, mostrando os dentes brancos. — Bem-vinda ao Sudão. Nossos honrados amigos estão esperando-a.

O bom e velho MI6, pensou ela, enquanto o policial a levava para uma sala particular.

Um homem vestido com djellaba branco e turbante apareceu à porta e se apresentou como Abdul Obeid. Ela lhe deu um leve cumprimento cúmplice. Tudo estava acontecendo de acordo com o plano. Esse era o agente local da CIA. Ele iria levá-la ao Hilton, dando-lhe uma arma no caminho (que ela havia decidido perder o mais cedo possível) e informações atualizadas que incorporassem qualquer mudança de planos. Ela telefonaria para Feramo, descansaria uma noite no Hilton, prepararia seu kit e iria encontrá-lo de manhã. Abdul Obeid a acompanhou até um estacionamento na lateral do escritório, onde um elegante carro de tração nas quatro rodas esperava, com chofer atrás do volante.

— Ouviu dizer que o Manchester ganhou a Copa? — disse ela, acomodando-se no banco de trás enquanto o veículo rugia para fora do estacionamento. Abdul deveria responder: "Nem me fale disso porque eu torço para o Arsenal", mas não falou nada. Ela sentiu uma ligeira pontada de inquietação.

— O hotel fica longe? — perguntou.

Ainda estava escuro. Eles iam passando por barracos com telhado de ferro corrugado. Havia figuras dormindo ao lado da rua, cabras e cães vadios mexendo no lixo. O Hilton ficava perto do mar e do porto, mas eles estavam indo para as colinas.

— Este é o melhor caminho para o Hilton? — perguntou cheia de hesitação.

— Não — disse abruptamente Abdul Obeid, virando-se para fixá-la com um olhar aterrorizante. — E agora você deve ficar quieta.

Cento e trinta quilômetros ao leste, no Mar Vermelho, a meio caminho entre Port Sudan e Meca, todo o poder dos serviços de inteligência americano, britânico e francês estava reunido no porta-aviões USS Condor, concentrados no paradeiro de Zaccharias ttaf e da agente Olivia Joules.

Na sala de controle do navio de mergulho USS Ardeche, Scott Rich estava olhando sem expressão para a pequena luz vermelha em sua tela. Apertou um botão e se inclinou para a frente, para o microfone.

— Ardeche para Condor, temos um problema. O agente Obeid não conseguiu fazer contato no aeroporto. A agente Joules está viajando a cento e vinte quilômetros por hora para oeste, na direção das colinas do Mar Vermelho. Precisamos de forças de terra para interceptar. Repito: forças de terra para interceptar.

Olivia calculou que deviam estar a uns sessenta quilômetros ao sul de Port Sudan, e um tanto no interior do país, seguindo a linha de colinas paralelas ao mar. Há muito tinham deixado a estrada, e ela estava consciente do terreno irregular, da terra subindo íngreme á esquerda e dos cheiros do deserto. Tinha feito várias tentativas de extrair alguma arma de sua mala até que Abdul Obeid pegou-a fazendo isso e jogou a bolsa no banco de trás. Ela havia avaliado os possíveis benefícios de matar ou atordoar o motorista, e decidiu que havia pouco a ganhar. Melhor deixar que ela a levasse a Feramo, se era o que estava fazendo. Scott Rich estaria em sua trilha.

O veículo parou guinchando. Abdul abriu a porta e puxou-a para fora grosseiramente. O motorista tirou sua mala do banco de trás e jogou-a no chão, seguida pelo tapete, que parecia ter se tornado ainda mais incomodo e bateu com um ruído forte.

— Abdul, por que está fazendo isso? — perguntou ela.

— Eu não sou Abdul.

— Então onde está Abdul?

— No tapete — disse ele, subindo de volta no carro com o motorista e batendo a porte. — O sr. Feramo vai encontrá-la aqui quando quiser.

— Espera — disse Olivia, olhando horrorizada para o tapete. — Espera. Vocês não vão me deixar aqui com um cadáver, vão?

Em resposta o veículo começou a dar marcha a ré, executou uma curva dramática com o uso do freio de mão e partiu rugindo na direção de onde tinha vindo. Se ela tivesse uma arma, poderia ter atirado nos pneus. Não tendo, desistiu, sentou-se frouxa na mala e ficou olhando as luzes de ré do quatro-por-quatro até desaparecerem, e o rugido do motor sumiu totalmente. Houve o grito de uma hiena, e depois apenas o vasto silêncio do deserto. Olhou para o relógio. Pela hora local, eram três e meia da madrugada. O amanhecer viria em menos de uma hora, seguida por doze horas de implacável sol africano. Era melhor fazer alguma coisa.

A medida que os primeiros raios do sol se esgueiravam por cima das rochas vermelhas atrás dela, Olivia olhou cautelosa para o seu trabalho manual. Abdul estava enterrado debaixo de uma fina cobertura de areia. Inicialmente ela havia colocado uma cruz de gravetos junto à cabeça, porque era o que pareceria normal numa sepultura. Depois percebeu que isso era um tremendo furo nessa região e trocou por um crescente feito de pedras. Também não tinha certeza se isso estaria certo, mas pelo menos era alguma coisa.

Tinha levado seus pertences a uma boa distância, tentando escapar do cheiro e da aura da morte. Sua canga estava esticada entre duas pedras, para fazer alguma sombra. O pedaço de plástico estava aberto na terra rochosa abaixo, e nele havia uma cadeira feita com sua mala e um suéter enrolado. As brasas de uma pequena fogueira ardiam ao lado. Olivia estava cuidando do seu coletor de água: uma sacola de plástico esticada sobre um buraco que tinha cavado na areia, com pedras fazendo peso no centro. Levantou-a fazendo cair cuidadosamente as últimas gotas d'água, e tirou a lata de sobrevivência de baixo. Havia um centímetro de água fria no fundo. Bebeu-a lentamente, com orgulho. Com os

suprimentos que tinha na mala poderia sobreviver aqui durante dias. De repente ouviu cascos à distancia. Levantou-se e correu para o abrigo, remexeu na bolsa e achou o binóculo no fundo. Olhando por ele, viu dois cavaleiros, talvez três, com roupas coloridas. Eram rashaidas, não bejas.

*Espero que seja Feramo, pensou. Espero que ele tenha vindo me pegar. Espero que seja ele.*

Passou um pente no cabelo e verificou seu equipamento. Temendo separar-se do kit, tinha posto o máximo de armas possível no corpo — dentro do sutiã, no forro do chapéu e nos bolsos da camisa e da calça. Os absolutamente essenciais estavam no sutiã — a adaga e a seringa de tranqüilizante no lugar do reforço de arame. A flor no centro escondia outra minúscula serra circular, e no forro ela havia escondido a microcâmera digital, a bola de blush-difusor de gás, um isqueiro à prova d'água e o bálsamo labial, que na verdade era uma bomba de luz.

Comeu uma barra de cereais, enfiou outra na calça e verificou o conteúdo de sua pochete: maçarico Maglite, canivete suíço, bússola. Rapidamente desmontou o coletor de água, guardou a lata de sobrevivência e enfiou isso também na pochete, junto com a sacola de plástico.

Enquanto os sons de cascos iam aumentando, ela se concentrou em seu treinamento — manter o ânimo elevado olhando o aspecto positivo; manter a mente alerta e a adrenalina bombeando preparando-se para o pior — quando ouviu um tiro. Não teve tempo de olhar nem de pensar, enquanto se jogava no chão.

## Capítulo 51

Pouco depois das nove da manhã o calor era insuportável. O Mar Vermelho estava plano e vítreo, as rochas vermelhas da margem se refletindo na água azul. Na sala de operações do USS Ardeche, um cheiro de bacon fritando vinha da cozinha. Scott Rich estava sentado, curvado sobre a mesa, enquanto a voz sibilante de Hackford Litvak, chefe da operação militar americana, escorria do sistema de som.

— Não tivemos qualquer movimento nas últimas quatro horas. A possibilidade de encontrá-la com vida está diminuindo rapidamente. O que acha, Rich?

— Afirmativo. Com toda a probabilidade ela está morta — disse ele, sem se mover da posição curvada.

— Ah, não seja tão dramático. — A voz afrescalhada de Widdgett irrompeu do painel. — Morta? São apenas nove da manhã. Ela nunca foi de acordar cedo. Provavelmente está dormindo a sono solto com um beja.

Scott Rich se empertigou, com um tremor de vida retornando a sua expressão.

— Esse GPS em particular é sensível num grau sem precedentes. Ele capta movimentos durante o sono, e em certos alcances pode detectar a respiração.

— Ah la-ra-ri-ra-rá. Tem certeza que aquela porcaria não está quebrada?

— Professor Widdgett — ronronou Hackford Litvak de modo assustador. — Em novembro de 2001 o seu serviço de segurança britânico nos repreendeu por ter demorado a reagir a informações de que Bin Laden estava escondido nas montanhas do sul do Afeganistão.

— Certíssimo — disse Widdgett. — Um punhado de idiotas. O nosso pessoal estava pronto para entrar lá, mas ah, não, vocês tinham de fazer isso. Quando terminaram de discutir sobre quem deveria ter a honra, Bin Laden tinha dado no pé.

— E é por isso que desta vez queremos agir imediatamente.

— Como é aquela expressão inglesa? — disse Scott em voz baixa no canal privativo de Widdett. — Ser vítima das próprias maquinações?

— Ah, cale a boca — disse Widdett.

— Professor Widdett? — disse Hackford Litvak.

— Sim, eu ouvi. Esta é uma situação totalmente diferente. Temos um agente no local, e o alvo tem confiança nela e marcou um encontro com ela. Ela é nossa melhor chance não somente de encontrá-lo mas de descobrir o que ele está tramando. Se vocês forem para lá com as armas disparando, neste caso eu temo, literalmente, que não teremos nada. Esperem. Dêem uma chance a ela.

— Está sugerindo que devemos dar uma chance a uma agente morta?

— Meu Deus, Litvak, você parece uma máquina.

— Qual é a sua opinião, Rich? — perguntou Litvak

Scott Rich piscou. Fazia muito tempo desde que se sentira incapacitado pelas emoções. Inclinou-se para a frente com a mão no botão do microfone, e parou um segundo, pensando.

— Senhor, acho que deveria mandar os seals da marinha para as cavernas de Suakin. E colocar imediatamente agentes disfarçados nas colinas para recuperar o GPS e — uma pausa de uma fração de segundo — o corpo.

— Minha nossa — disse Olivia. — Perdi meu brinco.

Segurando a orelha vazia, puxou as rédeas com força para fazer o garanhão parar e baixou os olhos, pasma, para a areia.

O rashaida atrás dela diminuiu o passo da montaria, gritando para seu companheiro parar.

— Tem problema? — perguntou ele, trazendo o cavalo para perto do dela.

— Eu perdi meu brinco — disse Olivia, apontando primeiro para uma orelha, depois para a outra, numa ilustração útil.

— Ah — disse o beduíno, parecendo genuinamente preocupado. — Quer eu procura?

Enquanto o outro rashaida, que estava cavalgando à frente, parava o cavalo e começava a trotar de volta, Olivia e o primeiro rashaida olharam para trás, pela paisagem de areia e cascalho que tinham passado as últimas cinco horas atravessando.

— Acho que não vamos encontrar — disse ela. — Não — concordou o beduíno. Continuaram a olhar. — Muito dinheiro, ele custa?

— É. — Ela assentiu com intensidade e franziu a testa. Minha nossa. Isso era muito ruim. O GPS custava muito, muitíssimo dinheiro. Eles não ficariam satisfeitos com isso. E não poderiam achá-la.

Pensou um momento. Havia uma chance de ligar o transmissor do rádio de ondas curtas. Suas ordens eram para não desperdiçar a bateria e usá-lo apenas quando estivesse transmitindo uma mensagem importante, mas sem dúvida esta era uma mensagem importante, não era? Sua mala estava no cavalo do outro rashaida. O mais apavorante dos dois, que vestia manto vermelho e turbante preto. Era o Policial Rashaida Mau. O Policial Rashaida Bom, apesar da aparência feroz, estava se mostrando uma gracinha.

— Muhammad! — gritou ela. Os dois homens ergueram os olhos. Infelizmente ambos se chamavam Muhammad. — É... será que eu podia pegar minha mala? — disse ela, sinalizando para a garupa do cavalo do Policial Rashaida Mau. — Preciso pegar uma coisa. Ele a encarou um momento, alargando as narinas. — Não! — falou, virando o cavalo de novo para o caminho adiante. — Vamos. — Ele bateu com os calcanhares, estalou o chicote e disparou, e diante disso os outros dois cavalos relincharam empolgados e dispararam atrás.

Até então o contato de Olivia com níveis mais elevados de montaria tinha se limitado a ocasionais dois minutos em trilhas para pôneis. A parte interna de suas coxas estava tão assada que ela não sabia como poderia continuar. Havia experimentado todas as posições concebíveis: levantando-se, sentando-se, deslizando para trás e para a frente com o cavalo, deslizando para cima e para baixo com o cavalo, e tinha conseguido apenas se assar em todos os ângulos possíveis, de modo que não restava um milímetro de suas

pernas que não doessem. Os Muhammads, como camelos, não pareciam exigir comida nem bebida. Ela havia comido três barras de cereais desde o amanhecer. Mesmo assim a coisa toda lhe parecia uma aventura. Em que outra ocasião galoparia sozinha pelo Saara com dois rashaidas, sem ser atrapalhada por guias de turismo, jipes da Abercrombie & Kent, alemães gordos e pessoas tentando vender cabaças e querendo que você pagasse para elas dançarem?

Mas então o Policial Rashaida Mau ordenou que parassem. Trotou uma pequena distância à frente e desapareceu atrás de um afloramento de rochas. Quando voltou, ordenou que Olivia desmontasse e vendou-a com um pano preto áspero e fedorento.

No USS Ardeche, Scott Rich estava direcionando a equipe de terra para o GPS. Três agentes separados, vestido, como bejas, iam sem aproximando a cavalo num movimento de pinça. A linha de Widgett, na Inglaterra, estalou.

— Rich?

— O que é? — disse Scott Rich, com as pálpebras baixando perigosamente.

— Sabe a agente Steele, Suraya?

— Sim?

— Está trabalhando para Feramo.

— Qual é a fonte?

— Um informante em Tegucigalpa. Ele foi preso por outra acusação. O pobre idiota tentou reivindicar imunidade diplomática dizendo que trabalhava para nós. Contou que tinha plantado um saco de pó branco no quarto de Joules a pedido nosso e que depois alertou a polícia. O pessoal consular colocou os agentes locais na trilha que levou direto a Suraya Steele.

— Onde ela está agora?

— Sob custódia. Sendo interrogada. Parece que falou com Feramo ontem à noite. Talvez tenha sido para o melhor, não é? Parece que eles apagaram a agente Joules bem depressa. Não houve tempo para Feramo, você sabe, pegar...

Scott apertou o interruptor com o polegar, cortando Widgett no meio da frase.

Olivia passou o último trecho da viagem agarrada ao Muhammad Policial Bom na garupa do cavalo dele. Assim que saíram do piso plano do deserto e viraram para as colinas, a rota havia ficado íngreme e cheia de pedras. Olivia, em seu próprio cavalo mas vendada, tornara-se um perigo para si mesma e para todo mundo em volta. Mas o Policial Bom Muhammad estava sendo muito doce e gentil, encorajando-a, dizendo que o sr. Feramo a estava esperando, que tudo ficaria bem e que haveria iguarias quando ela chegasse.

Horas depois Olivia iria se lembrar que, mesmo nesse ponto, vendada e cativa, estava idiotamente ignorante da gravidade de sua situação. Caso se deixasse levar menos pela aventura, poderia ter tentado se aproveitar mais do Muhammad Bom, apertando os braços um pouco mais na cintura dele, encostando-se mais perto, usando o desejo dos rashaidas por mercadorias de alto preço oferecendo-lhe as moedas de ouro de seu cinto D&G. Mas estava meio tonta devido ao calor e ao jet-lag, empolgada e otimista. Sua imaginação estava na recepção que teria: Feramo com uma garrafa de champanhe Cristal gélida e uma iguaria beduína preparada para o fim da viagem — talvez uma festa iluminada por tochas com dançarinos, arroz perfumado e três vinhos franceses de boa safra — numa tenda que lembraria os locais mais elegantes de Marrakesh apresentados na Condé Nast Traveller.

Quando se sentiu passando do sol para a sombra, foi um alívio.

Quando o Policial Bom Muhammad desmontou e a ajudou a descer, mesmo que suas pernas mal conseguissem se esticar ou sustentar seu peso e que a parte interna das coxas estivesse assada a ponto de provavelmente estar pretas, ela reluziu de prazer. Ouviu vozes, masculinas e femininas. Sentiu cheiro de almíscar e a mão de uma mulher segurar a sua. A mão estava guiando-a para a frente.

Olivia sentiu o roçar de tecidos macios contra o braço. A mulher pôs a mão em sua nuca, forçando-a a dobrá-la enquanto Olivia batia a cabeça numa pedra. Havia mãos atrás dela, apertando-a para a frente. Estava passando por uma entrada estreita, áspera. Cambaleou insegura, sentindo que o chão descia íngreme e percebendo, mesmo através da venda, que estava na escuridão. O

ar era frio e úmido. Cheirava a ranço e mofo. A mulher tirou a mão da sua nuca. Quando Olivia se levantou totalmente, o passo leve da mulher recuou. Somente quando Olivia escutou o som áspero de um objeto pesado sendo movido atrás dela percebeu o que estava acontecendo. Pela primeira vez na vida, pare, respire, pense não adiantava. Sua mala estava com os Muhammad. Quando começou a gritar e agarrar a venda, uma mão segurou com força seu rosto, jogando-a contra a pedra. Ela estava presa no subsolo sem comida nem água, na companhia de um louco.

## Capítulo 52

Bem, pelo menos não estou sozinha, pensou, obrigando-se a ver o lado positivo enquanto estava caída na terra, lutando para ficar de pé, verificando com a língua se os dentes ainda estavam no lugar. Tentou tirar a venda.

— Deixe!

Seu coração começou a bater freneticamente no peito, a respiração saindo em haustos curtos, entrecortados. Era a voz de Feramo, e no entanto não parecia Feramo.

— Pierre? — disse ela, tentando se sentar,

— Putain! — A voz gélida veio de novo. — Salope. — Ele acertou de novo sua bochecha.

Isso foi a conta.

— Ai! — disse ela, tirando a venda e piscando furiosamente no escuro. — Que diabos você acha que está fazendo? Qual é o seu problema?

Como ousa? O que ia achar se eu batesse em você?

Ela tirou o alfinete de chapéu de dentro da calça e estava quase de pé quando houve o estalo de um chicote e ela sentiu o couro ardente no braço.

— Pára com isso! — gritou, e correu para a figura vista com dificuldade no escuro, cravando o alfinete na carne, agarrando o chicote antes de recuar.

Agora seus olhos estavam se acostumando à escuridão. Feramo estava agachado à frente, envolto no manto colorido dos rashaidas.

Seu rosto estava horrível, a boca se remexendo e se retorcendo, os olhos enlouquecidos.

— Você está bem? — Inesperadamente as palavras dela saíram com ternura. De perto, Olivia sempre teve problema para se separar da humanidade de outra pessoa. — O que há de errado? Você está péssimo. — Ela estendeu a mão gentilmente e tocou o rosto dele. Sentiu que Feramo ficava mais calmo enquanto acariciava o rosto

dele. Ele pegou sua mão, moveu-a para a boca e começou a chupar. — Bem, Pierre — disse ela depois de um tempo. — Acho que agora já chega. Pierre? Pierre? O que acha que está fazendo? — Ela arrancou o dedo da boca de Feramo e começou a cuidar da mão dolorida.

A expressão dele mudou perigosamente. Ele se levantou, mais alto do que ela, arrancou a minúscula cruz de diamante e safira de seu pescoço e jogou-a no chão.

— Deite-se. Deite-se de rosto para baixo. Com as mãos nas costas.

Ele amarrou suas mãos com uma corda. Houve um bip.

— Sente-se.

Feramo estava fazendo uma varredura com um detector parecido com uma haste de plástico. Pegou o alfinete de chapéu, o cinto e a pochete contendo o maçarico e a lata de sobrevivência. Agarrou o brinco que restava, o que tinha a pílula de cianeto, depois arrancou o anel de gancho do seu dedo e jogou no chão. Seguiu a blusa e rasgou-a, de modo que os botões serra-circular caíram no chão rolando em todas as direções.

— Onde está o GPS?

— O quê?

— O GPS. O equipamento de rastreamento. O que o seu pessoal está usando para seguir você? Não finja inocência. Você me traiu.

Ela se encolheu, com medo. Como ele sabia?

— O seu erro, Olivia, foi acreditar que todas as mulheres lindas são traiçoeiras e malévolas como você.

Suraya. Tinha de ser ela. A Puta Secreta: agente secreta dupla.

Feramo arrastou Olivia por longo tempo através de um túnel baixo e estreito, segurando uma lanterna. Sempre que ela tropeçava, ele puxava a corda como se ela fosse um jumento. Olivia tentou se desligar da situação e observá-la. Tentou se lembrar de seu treinamento na mansão, mas em vez disso via Suraya instruindo-a, com um riso superior, nos truques da profissão — a arte de passar segredos, esconder filmes em caixas de vasos sanitários, trocar pastas com estranhos, dar sinais secretos deixando janelas meio

abertas e colocando vasos de flores. Ela devia estar realmente se divertindo. Olivia voltou o pensamento para as Regras de Vida.

*Nada jamais é tão bom ou ruim quanto parece. Veja o lado positivo e, se isso não der certo, veja o lado engraçado.* Pensou em contar a Scott Rich que ela era o falcão de Feramo e imaginou a reação divertida dele se pudesse vê-la agora: a mula ou a cabra de Feramo, amarrada com uma corda. Ainda tinha uma chance. Ainda não estava morta. Feramo era pirado e instável, e portanto as coisas poderiam mudar. Se ele quisesse matá-la teria feito isso na caverna. Talvez ela o matasse primeiro, pensou, enquanto ele puxava a corda de novo. Tinha bastante armas no sutiã Wonderbra.

No instante seguinte bateu com a cabeça numa pedra. Feramo xingou e puxou a corda. O túnel tinha feito uma virada súbita.

Havia luz e uma mudança no ar e... e... ela sentiu cheiro de mar!

Enquanto seus olhos se ajustavam à nova luz, viu que o túnel se alargava transformando-se numa caverna. Havia equipamento de mergulho bem-arrumado em prateleiras e ganchos: tanques, roupas de borracha, coletes flutuadores.

No USS Ardeche, Scott Rich estava olhando o radar, monitorando a aproximação de uma lancha.

— Rich? — A voz melosa de Litvak escorreu do alto-falante. — Recebi uma mensagem. Qual é o problema?

— Eles acharam o GPS a cerca de trinta quilômetros a oeste de Suakin. Além de um rashaida bancando o amigável e dizendo que poderia levá-los até Olivia, a cavalo, por cinqüenta mil.

— Cinqüenta mil?

— Ela está com Feramo. Eu autorizei. Estou indo.

— Você precisa ficar no Ardeche. Está comandando a operação de inteligência.

— Exato. Estou comandando a operação de inteligência. Nós precisamos de seres humanos no local. Estou indo.

— Sabia que você acabaria entendendo meu ponto de vista — disse a voz de Widdett. — Cale a boca — reagiu Scott Rich. — Você deveria estar dormindo.

Feramo estava com Olivia amarrada a ele, seis metros abaixo d'água, sem ar. Ela se lembrou de um crocodilo que afunda com a presa e volta quando está pronto para comê-la. Feramo estava fazendo-a respirar com seu regulador de reserva — quando decidia deixá-la. Era uma coisa louca, mas boa. Olivia precisava de toda a energia mental para controlar a respiração, para soltá-la devagar e não prendê-la. Isso a colocou num ritmo lento e tirou o pânico da mente. Permitiu-se um momento para captar a beleza extraordinária em volta. Feramo estava certo. Era a melhor paisagem subaquática que ela já vira. A água era azul e cristalina, a visibilidade estonteante. Mesmo tão no fundo as rochas eram vermelhas, e na direção do mar aberto ela via pináculos de coral subindo do abismo. Pegou Feramo olhando e sorriu, fazendo um O com o polegar e o indicador para mostrar sua aprovação. Houve uma expressão calorosa nos olhos dele. Feramo estendeu o regulador de reserva e lhe deu mais ar. Sinalizou para ela ficar com ele, e os dois nadaram juntos, compartilhando o ar, seguindo a linha dos penhascos, parecendo um casal apaixonado. Talvez tudo fique bem, disse ela a si mesma. Talvez eu possa fazer com que ele mude.

Um enorme pedestal de coral se projetava da costa, sustentado por uma haste baixa e estreita, comida pela corrente. Feramo sinalizou para ela descer e nadar por baixo da rocha. Era enervante; havia apenas um metro ou um metro e vinte entre a rocha e o leito do mar. Feramo nadou a frente dela, arrancando o regulador de reserva, e de repente se levantou no leito do mar, com o topo do tranco aparentemente se fundindo à rocha. Olivia ergueu os olhos e ofegou. Acima dela havia uma abertura quadrada e uma sala branca, iluminada por luz elétrica.

Feramo estava subindo à sala. Olivia tateou o fundo com os pés-de-pato, ficou em pé e rompeu a superfície, tirando a máscara sacudindo o cabelo, ofegando no ar.

Havia um garoto árabe vestido com calção de banho, que ela reconheceu do Islã Bonita. Ele pegou o equipamento de mergulho com Feramo e lhes entregou toalhas.

— É incrível — disse Olivia. — O que é esse lugar?

Feramo mostrou os dentes brancos com orgulho.

— A pressão do ar é mantida exatamente na mesma pressão da água, portanto a água nunca sobe acima deste ponto. É perfeitamente seguro.

E fácil de escapar, pensou ela, até que ele a levou através de uma sólida porta deslizante de aço, aberta por um código digitado, e depois por outra, entrando num banheiro. Ele deixou-a para tomar um banho e disse para vestir o djellaba branco que iria encontrar lá dentro.

Feramo a estava esperando quando ela saiu. Seu rosto estava raivoso de novo.

— E agora, Olivia, está na hora de eu deixá-la por um tempo. Meu pessoal tem algumas perguntas para você. Aconselho a dar qualquer informação de que eles precisem, sem resistência. E depois você será trazida a mim para se despedir.

— Despedir? Para onde eu vou?

— Você traiu minha confiança, saqr — disse ele, recusando-se a encará-la. — E portanto devemos nos despedir.

## Capítulo 53

Olivia se sentia como se tivesse dormido muito tempo. Inicialmente era um sentimento turvo, não desagradável, mas enquanto recuperava a consciência as sensações voltaram. As partes queimadas na sua mão eram agonizantes, e havia novos machucados nas costas. Era como se tivesse passado uma noite inteira girando numa secadora de roupas. Havia um saco sobre sua cabeça. Cheirava a fazenda, celeiros, incongruentemente reconfortante. Suas mãos estavam amarradas, mas, epa, havia uma minisserra circular atrás da flor na presilha do sutiã.

Fez algumas tentativas de alcançar o sutiã com os dentes, percebendo como devia estar ridícula, uma criatura de manto branco com um saco na cabeça tentando comer o próprio peito. Desistiu e afrouxou o corpo de encontro à parede. Havia vozes não muito longe, e o zumbido alto do sistema de fornecimento de ar pressurizado. Esforçou-se para escutar as vozes. Estavam falando em árabe.

Eu vou sair dessa, disse a si mesma. Vou sobreviver. Sugou o ar, puxando o saco-capuz para dentro da boca, e começou a morder. Em pouco tempo tinha um buraco pequeno. Usando a língua e os dentes, e depois o nariz, lentamente alargou-o, até quase poder enxergar. Houve passos. Ela se abaixou em silêncio até ficar deitada com o rosto no chão, escondendo o buraco. Os passos entraram na sala, a centímetros dela, e depois recuaram.

Preciso alcançar o sutiã. Preciso alcançar o sutiã. Continuou mastigando o saco, cuspidando fios e palha. Baixou a cabeça e empurrou o buraco para cima até ele estar diante dos olhos. Bingo! Podia ver! Teve de se controlar para não gritar: "Isssso! Isssso!"

Estava num corredor cortado na rocha e iluminado por tiras fluorescentes. Havia cartazes na parede, cobertos de texto em árabe e um calendário ocidental que, por algum motivo, tinha a foto de um trator. Havia uma data circulada em vermelho. Escutou vozes; vinham de trás de uma cortina pendurada na passagem em arco à

esquerda. Havia alguma coisa cutucando suas costas. Ela girou. Uma válvula se projetava de um fino tubo de metal que descia pela parede da caverna. Ela olhou para dentro do manto, para o sutiã — o fecho era na frente, o que poderia ser útil.

Muito devagar, em silêncio, girou até ficar de frente para a válvula e rasgou o saco, expondo mais o rosto. Depois mudou de posição, empurrou a válvula contra o fecho do sutiã e apertou. Nada. Tentou de novo, e de novo, e depois tentou espremer os ombros e os peitos juntos, para diminuir a pressão, e se inclinou para a frente de novo. O sutil saltou, aberto, Era um tremendo alívio não ter toda aquela parafernália cutucando-a por dentro dos bolsos internos do sutiã. Encostou uma taça do sutiã na válvula para empurrá-la para cima, e depois de apenas três tentativas pegou a borda da renda preta com os dentes.

Estava incrivelmente satisfeita consigo mesma, tão satisfeita que quase se permitiu rir e largar o sutiã. Virou-se rápido demais fazendo sua sandália raspar no chão. As vozes pararam na sala ao lado. Ela estava imobilizada, com metade de um sutiã preto na boca como um cachorro segurando um jornal. Passos pesados começaram a vir na sua direção. Ela sacudiu o saco de novo em cima do rosto e se deitou. Os passos chegaram muito perto. Um pé cutucou suas costelas. Ela estremeceu e virou a cabeça ligeiramente, o que pensou ser um toque realista. Os passos recuaram. Ela não se mexeu até que as vozes recomeçassem.

A taça do sutiã ainda estava virada pelo avesso, presa nos dentes. Devagar puxou-o de dentro do djellaba e, ainda usando os dentes, virou-se para prendê-lo sobre a válvula. Era tremendamente desconfortável, mas conseguiu se retorcer de volta e empurrar a corda que prendia suas mãos contra a serra. Foi um trabalho horrível, lento. Houve um momento terrível em que o sutiã saiu da válvula e ela teve de refazer todo o processo de prendê-lo de novo. Mas por fim a pequena serra cortou fibras suficientes para ela soltar as mãos e desamarrar os tornozelos.

Olhando ansiosamente para a cortina, destampou o bálsamo labial que tinha guardado no sutiã. Ajustou o temporizador para três segundos, recolocou a tampa e, apontando cuidadosamente, rolou-o

pela fenda entre a cortina e o chão. Então se encolheu, com os olhos muito fechados, apertando o rosto entre os joelhos e os braços. Mesmo assim o clarão foi quase ofuscante. Houve gritos e ruídos de coisas se chocando atrás da cortina.

Saltou de pé, correi até a cortina e abriu-a. Naquela fração de segundos uma cena espantosa. Havia doze homens agarrando os olhos, cegos, chocando-se em pânico. Havia fotografias e diagramas nas paredes. Pontes — a Ponte do Porto de Sidney, a ponte Golden Gate, a Tower Bridge em Londres, outra ponte cruzando um porto amplo, com arranha-céus ao fundo. Havia sete fotos no total. Numa mesa no centro da sala havia o que parecia a base de um pequeno pedestal redondo virado para ela, e ao lado um pedaço de metal de forma irregular, dourado por fora, oco por dentro, como um pedaço de um Papai Noel de chocolate. Pensou em pegá-lo para usar como arma. Então, embaixo da mesa, sentado de pernas cruzadas num tapete, viu uma figura barbuda inconfundível, alta. Estava perfeitamente imóvel, olhos fechados, ofuscado pelo clarão como todos os outros, mas totalmente calmo e totalmente aterrorizante. Era Osama Bin Laden.

Olivia tinha segundos. Fotografou as pontes primeiro — percebendo no meio tempo que o flash da máquina não estava funcionando. Depois tentou uma bela foto de grupo. Depois tentou Osama Bin Laden. A câmera era tão minúscula que não dava para ver o que estava fazendo — tinha de adivinhar. E era difícil enxergar qualquer coisa depois do clarão. Mas tinha certeza que era ele.

O homem mais perto de Olivia reagiu ao som do obturador e se virou para ela. Ela acendeu o pavio da minúscula bola de gás e rolou-a no centro da sala, recuou pela cortina e correu. Eles poderiam ver de novo dentro de alguns minutos, mas o gás iria derrubá-los por mais cinco.

Assim que saiu da ante-sala e virou a esquina, parou, encostou-se na parede e tentou ouvir. O corredor era de pedra pintada de branco, estendendo-se nas duas direções até onde dava para ver. Era difícil ouvir por causa do sistema de ar comprimido,

mas o som à esquerda parecia ter uma qualidade diferente. Seria o som do mar ou de máquinas?

Decidiu ir para lá. Enquanto subia correndo a leve inclinação, aquilo começou a parecer familiar, e, sim, ali estava o banheiro onde tinha tomado banho e, a distância, a porta de metal. À medida que chegava mais perto, percebeu que ela estava entreaberta sustentada por um corpo, como uma mala enfiada no meio das portas de um elevador. Era Feramo, machucado, semiconsciente. Parecia que estivera tentando escapar. Ela passou por cima, depois hesitou. Pôs o rosto perto do dele. Seus olhos estavam ligeiramente abertos. Ele respirava com dificuldade.

— Me ajude — sussurrou ele. — Habitibi, socorro. Ela tirou a adaga que funcionava como suporte do sutiã e apontou para a garganta dele, como tinham lhe ensinado, direto contra a artéria carótida.

— O código — sibilou, dando-lhe um soco. — Diga o código da porta.

— Você me leva junto? Olivia piscou para ele por um momento. — Se você for bom. Feramo mal podia falar. Olivia não podia deduzir o que tinham feito com ele. O que ele estivera pensando ao trazê-la aqui?

— O código — disse ela. — Anda, ou você morre. — A coisa pareceu idiota quando falou.

— Dois quatro seis oito. — Ele mal podia sussurrar. — Dois quatro seis oito? — perguntou ela, indignada. — Isso não é meio óbvio? As duas portas têm o mesmo código?

Ele balançou a cabeça e grasnou: — Zero nove onze. Ela revirou os olhos: Inacreditável.

— Leve-me com você, saqr, por favor. Ou me mate agora. Eu não posso suportar a dor e a indignidade do que eles vão fazer.

Olivia pensou um segundo, enfiou a mão no sutiã e pegou a seringa de tranqüilizante que formava o suporte da outra taça.

— Está tudo bem, é só temporário — disse ela, vendo os olhos apavorados de Feramo. Em seguida levantou o djellaba que ele estava usando e expeliu o ar da seringa. — Lá vai! — disse, como uma matrona, enfiando a agulha na nádega dele.

Uau, a coisa funcionava rápido. Ela digitou 2468 e o tirou de entre as portas. Logo antes de elas se fecharem, teve uma última idéia, tirou as sandálias dele e as empurrou entre as portas, deixando uma abertura de doze centímetros, estreita demais para se atravessar mas suficientemente larga para deixar a água entrar. Arrastando Feramo de costas, com o braço bom, digitou 0911 na próxima porta, sentindo uma grande leveza de espírito quando elas se abriram para revelar a sala de entrada, muito clara, o equipamento de mergulho e o quadrado de água do mar. Dessa vez enfiou um par de pés-de-pato entre as portas.

Tirou seu djellaba e parou por um segundo no limiar da Terra da Indecisão. Deveria simplesmente mergulhar na água como estava, nadar até a superfície e sair fora, ou usar equipamento? Pegou o colete de flutuação, cinto de pesos e tanques, e montou todo o kit. Estava entrando na água quando olhou de volta para Feramo. Ele parecia digno de pena, desmoronado e dormindo como uma criancinha triste. Pegou-se imaginando todos os homens autoritários que tentam organizar o mundo — americanos, ingleses, árabes —, um bocado de menininhos fodidos: os americanos mandões e brigões, querendo ser os astros do beisebol; os ingleses, saído de escolas caras, pedantemente decididos a ser os certinhos; e os árabes, frustrados, reprimidos pelos pais, arengando incoerentemente porque não há nada pior do que ser desacreditado.

— Ele vai ser mais útil vivo do que morto — disse a si mesmo banindo os sentimentos de ternura.

Tentando ouvir o som de alguém se aproximando, tirou o manto dele, parando por um segundo essencial para admirar o corpo sublime cor de azeitona, verificou se haveria cortes que pudessem atrair tubarões e descobriu que ele estava limpo. Colocou peso e colete flutuador, enfiou-o numa máscara que cobria toda a cabeça e rolou-o para dentro d'água, deixando-o boiar no quadrado da entrada. Havia um medidor de pressão na parede. Ela pegou um tanque e bateu no medidor, quebrando o vidro, depois pegou um pedaço de vidro para rasgar o tubo. Imediatamente houve uma mudança no zumbido. Ela olhou para o quadrado de água onde Feramo estava flutuando. Estava começando inconfundivelmente a

subir. Isso! Isso! Com o tempo a água alcançaria as luzes e daria um curto na eletricidade, e com todo aquele oxigênio pressurizado isso poderia até mesmo explodir todo o lugar. E se isso não acontecesse a água entraria num jorro e todos se afogariam. Hah!

Entrou na água, deixando sair o ar do colete flutuador de Feramo para fazê-lo afundar, depois, segurando o terrorista tranqüilizado, começou a nadar, saindo de baixo do pedestal de rocha, arrastando-o com a mão boa, numa gratificante reversão de papéis. Eu sou bem esperta, verdade, disse a si mesma.

Infelizmente não tinha lhe ocorrido que poderia estar escuro. Mergulhar à noite, especialmente sem luz e com uma adaga minúscula em vez de um arpão, não era grande idéia. Não queria chegar à superfície muito perto da costa, para o caso de a al-Qaeda ter vigias. Não queria chegar à superfície muito longe por causa dos tubarões. Não queria acabar com todo o ar, para o caso de ter de mergulhar de novo.

Nadou direto para longe da costa, a uma profundidade de três metros, durante uns trinta minutos, depois veio à tona e deixou sair o ar do colete de Feramo para que ele ficasse boiando neutro a uns sessenta centímetros abaixo da superfície. Depois encolheu as pernas e montou nele. Se os tubarões viessem se alimentar, poderiam comê-lo primeiro. Só podia ver escuridão: nenhuma luz, nenhum barco. Se os tubarões ficassem longe, ela poderia flutuar ali em segurança até o amanhecer. Mas e depois? Deliberou se deveria soltar Feramo e nadar de volta à costa ou mais para longe no mar. Estava terrivelmente exausta. Sentia-se começando a cair no sono, quando de repente a força de um objeto vivo, enorme, rompeu a superfície vindo de baixo dela.

## Capítulo 54

— Há alguma coisa lá embaixo.

Scott Rich estava no banco do navegador do Black Hawk olhando o monitor de busca de calor. O barulho eletrônico que enchia a cabine era de enlouquecer, mas Rich estava totalmente sob controle, inclinado para a frente, concentrado, atento, ouvindo as informações simultâneas das forças de terra, de quatro patrulhas aéreas separadas e dos seals da marinha sob o comando de Hackford Litvak.

— Senhor, a patrulha de terra achou as roupas da agente Joules na extremidade do túnel. Nenhum sinal da agente.

— Mais alguma coisa? — disse Scott. — Sinais de luta? — As roupas estavam rasgadas e sujas de sangue, senhor. Scott Rich se encolheu.

— E qual é a sua posição agora?

— No litoral, senhor, num penhasco três metros acima do Mar Vermelho.

— Há mais alguma coisa que você pode ver daí?

— Não. Só equipamento de mergulho, senhor. — Você disse equipamento de mergulho?

— Sim, senhor.

— Então, droga, vista-o e entre na água. — Ele desligou o microfone e se virou para o piloto, apontando para a tela diante deles. — Ali. Está vendo? Vamos para lá. Agora.

Olivia gritou quando Feramo irrompeu da água, tentando arrancar sua adaga com uma das mãos e segurando sua garganta com a outra. Ela levantou a perna e deu-lhe uma joelhada nos bagos, livrando-se no segundo em que ele soltou sua garganta, nadando para longe e pensando rápido. Ele estivera debaixo d'água por mais tempo do que ela. Deveria estar sem ar — a ela restavam uns bons dez minutos. Podia mergulhar dez metros e despistá-lo.

Começou a descer colocando a máscara, liberando o regulador enquanto baixava, mas Feramo esticou a mão e segurou seu pulso. Ela gritou de agonia enquanto ele torcia a junta. Sentiu-se apagando, caindo na inconsciência bem-vinda. O ar estava escapando do colete de flutuação, os pesos estavam puxando-a para baixo, o regulador fora arrancado de sua boca. E de repente houve um matraquear portentoso no alto, e luzes fortes iluminaram a água. Uma figura mergulhou na direção dela, em silhueta contra a água verde fantasmagórica. Segurou-a, soltando o cinto de peso, e puxou-a para a luz.

— Falcão, realmente! — sussurrou Scott Rich em seu ouvido enquanto os dois rompiam a superfície, com as mãos fortes em volta de sua cintura. Você mais parece um girino.

E de repente Feramo subiu rugindo de novo, como uma baleia num especial da BBC, tentando acertá-los com a adaga minúscula.

— Flutue por um segundo, neném — disse Scott, enquanto agarrava o pulso de Feramo e o nocauteava com um único soco.

Olivia se inclinava nervosamente para fora do Black Hawk. Scott Rich continuava na água, tentando amarrar as mãos de Feramo, que estava embolado no cesto de içamento, mas o rotor ficava empurrando-o para longe.

— Deixe-o — gritou Olivia pelo rádio. —Volte para cima. Ele está inconsciente.

— Foi o que você pensou da última vez — foi a resposta de Scott. Olivia segurou a borda da porta aberta, examinando o círculo de luz na água em busca de predadores.

— Aqui, madame — gritou Dan, o piloto, entregando-lhe uma pistola. — Se vir um tubarão, atire nele, mas tente evitar o agente especial Rich.

— Obrigada pela dica — murmurou ela pelo rádio. De repente houve um estrondo surdo na direção da costa e imediatamente uma sirene começou a berrar no painel de instrumentos.

— Meu Deus! Vamos trazê-lo para cima, vamos trazê-lo para cima — gritou Dan enquanto um míssil iluminava o céu em volta deles.

— Scott! — gritou Olivia, enquanto o mar adiante parecia explodir numa enorme bola de fogo, lançando uma parede de ar que fez o helicóptero se sacudir.

Olivia mal podia respirar, mas segundos depois o rosto de Scott, fazendo uma careta, apareceu junto à porta, e o Black Hawk saltou para cima, fora do alcance do mar em chamas.

Estavam voltando para o porta-aviões. Fazia um calor de rachar. Scott e Olivia pingavam. Nenhum dos dois olhava para o outro. Olivia só estava usando sua roupa de baixo e uma camiseta da Marinha americana que o piloto tinha jogado para ela. Sabia que se encostasse o rosto na pele quente do pescoço de Scott, ou se sentisse aquela mão áspera e capaz roçando a pele de sua coxa, não poderia se controlar.

Houve uma explosão de fogo e uma série de pancadas violentas na fuselagem.

— Calma aí, neném — disse Scott. — Fomos acertados. Segure firme.

O helicóptero estremeceu e pareceu ter parado subitamente. Então se sacudiu de modo horrível e mergulhou direto, jogando-os no piso. Houve um estrondo metálico e uma sacudida. Scott se virou na direção dela, segurando-a enquanto o motor gritava e o piloto lutava para recuperar o controle da aeronave. Adiante, Olivia viu a água escura correndo para eles, e depois a cor mais clara do céu e depois água de novo. O piloto estava xingando e gritando:

— Temos de ejetar, temos de ejetar!

Scott segurou-a com força, apertando sua cabeça contra o peito, tentando voltar para o assento com ela, gritando em seu rádio acima do barulho.

—Tudo bem, Dan, fique firme. — E então, para Olivia, acima do rugido do chacoalhar: — Segure-se em mim, neném.

Independentemente do que acontecer, fique se segurando o máximo que puder.

A metros da água, subitamente, milagrosamente, Dan recuperou o controle. Eles pairaram precariamente por alguns instantes, estabilizaram-se e depois subiram de novo.

— Nossa, desculpe isso, pessoal — disse Dan.

No jorro de adrenalina e alívio, Olivia levantou a cabeça e viu os olhos cinzentos de Scott Rich olhando-a com ternura imensa.

Por um segundo atordoante ela pensou ter visto uma lágrima, então ele a puxou para perto, com paixão, a boca procurando a sua, mãos gentis subindo por baixo da camiseta da marinha.

— O USS Condor está quinhentos metros adiante, senhor — disse Dan. —Vamos descer?

— De outra volta no quarteirão, certo? - murmurou Scott no rádio.

Quando Olivia estava parada no vasto convés do porta-aviões, depois de ter dado as informações necessárias, tomado banho e comido, olhando uma última vez para a água calma e a noite estrelada, Scott Rich apareceu vindo das sombras.

— Acharam parte da perna de Feramo — disse ele. — Os tubarões o pegaram.

Olivia não disse nada, olhando para a costa de Suakin.

— Sinto muito, neném — disse ele, carrancudo, deixando-a com a confusão de sentimentos. Depois de alguns instantes acrescentou: — Mas não tanto quanto a Administração. E nem de longe tanto quanto sinto por não ter feito pessoalmente o serviço, com minhas

mãos nuas, ou talvez com os dentes, depois de ter extraído cada migalha de informação daquele sacana falso do modo mais doloroso possível.

— Scott! — disse Olivia. — Ele também era um ser humano.

— Um dia vou lhe contar exatamente que tipo de ser humano ele era, E o que poderia ter feito com você se...

— Feito comigo? O que quer dizer? Eu não teria deixado. Scott balançou a cabeça:

— Querem você de volta em LA, sabia? Precisam de que você ajude a dar uma olhada nos acompanhantes dele.

Ela assentiu.

— Você vai ou já está cheia de tudo isso?

— Claro que vou — disse ela, acrescentando, como se fosse uma idéia de última hora. — E você?

## *Capítulo 55*

### *Casa segura da CIA, Los Angeles*

Um falcão solitário deslizando em silêncio sobre Hollywood — acima do Teatro Kodak, cercado por cabos e furgões de TV; as buzinas do Sunset Boulevard; as festas pré-Oscar apinhando os poços iluminados de turquesa do Standard, do Mondrian e do Château-Marmont —, na direção da escuridão e dos gritos dos coiotes nos morros, poderia ter visto uma única janela iluminada no alto de um promontório. Por trás da parede de vidro, uma jovem magra, de cabelos claros, e um homem de cabelos curtos estavam deitados nos braços um do outro, em meio a lençóis amarrotados, iluminados pelo piscar dos fogos de artifício e da CNN.

— Shhh — disse Scott Rich, pondo a mão na boca de Olivia e pegando o controle remoto, demonstrando diversão diante dos guinchos abafados de protesto enquanto aumentava o volume.

— Foi mortal, secreto e teria feito o mundo inteiro parar. Os planos frustrados de um devastador ataque da al-Qaeda foram revelados hoje pela Casa Branca — disse um narrador, que parecia modelo para sunga de banho. — A operação planejada, numa escala sem precedentes, foi descoberta e impedida pela CIA.

Olivia sentou-se empertigada na cama.

— Não foi a CIA. Fui eu! — disse, cheia de indignação.

A imagem passou para um porta-voz da Casa Branca apontando para um mapa com uma pequena vareta.

— Os planos estavam bastante adiantados, para ataques simultâneos contra pontes importantes em Manhattan, Washington DC, São Francisco, Londres, Sydney, Madri e Barcelona. Enquanto as pontes explodissem e o pânico se espalhasse pelas principais cidades do mundo civilizado, uma operação secundária para detonar explosivos em importantes cruzamentos de tráfego iria começar.

Um acadêmico empolgado — com a legenda CHEFE DE ESTUDOS DE TERRORISMO, UNIVERSIDADE DE MARYLAND — substituiu o homem com o mapa.

— Tinha todas as características do alto comando da al-Qaeda: simplicidade e audacioso pensamento incomum. Minutos depois da notícia do atentado chegar à mídia internacional, o pânico teria se espalhado, fazendo com que os motoristas nas cidades já engarrafadas abandonassem seus carros e fugissem das ruas, gerando um travamento numa escala global sem precedentes: um engarrafamento feito de veículos abandonados, que acabaria sendo logisticamente quase impossível de desfazer.

Surgiu o presidente.

— Hora a hora, minuto a minuto, os homens e mulheres de nosso serviço de inteligência, passo a passo, estão vencendo a guerra contra o terror. Não se enganem...

Ele parou com aquele olhar estranho, que parecia a Olivia o de um comediante nervoso fazendo pausa à espera dos risos. — ... as forças do mal que conspiram em suas tocas contra o mundo civilizado não vão prevalecer.

— Ah, cala a boca! — gritou Olivia para a tela.

— Ei, neném, relaxe — disse Scott. — Todos eles sabem que foi você. Mas se colocarem sua foto no noticiário haverá uma jihad contra Olivia Joules. E onde isso nos deixaria?

— Não é isso. É que toda vez que ele diz "mundo civilizado" converte mais cinco mil para a jihad contra a arrogância. Isso é tremendamente perigoso. Se...

— Eu sei, neném, eu sei. Se ao menos eles ouvissem você. Se ao menos houvesse mais mulheres encarregadas das nações ocidentais e árabes, nada disso teria acontecido, e o mundo viveria em paz, na alegria e na liberdade. Você deveria ter prendido Bin Laden naquela caverna, então poderia lançar sua própria campanha presidencial com os vinte e cinco milhões.

— Eu sei que você não acredita em mim — disse Olivia em tom sombrio. — Mas Osama Bin Laden estava naquela caverna. Assim que tirarem a água da máquina fotográfica, você vai ver.

— Você vai ganhar alguma coisa por Feramo e os outros caras. Não vai receber tudo porque era uma agente. Mas acho que vai poder comprar quantos sapatos insanamente desconfortáveis quiser.

Ela puxou o lençol em volta do corpo e olhou atentamente para o brilhante lençol de lurex da cidade abaixo.

— Scott?

— O que é, meu falcão, meu sapo do deserto?

— Cala a boca. Eu ainda acho que eles vão fazer outra coisa. Acho vão fazer alguma coisa em LA. Logo.

— Eu sei que você acha, mas não vai deduzir isso olhando estranhamente para o abismo. Você precisa dormir. Por que não pousa a cabeça aqui e nós voltamos ao caso amanhã?

— Mas...

Ela começou, enquanto ele a puxava para os músculos fortes e masculinos do peito. Eu não preciso de homens... disse a si mesma, sentindo os braços fortes puxarem-na para perto, sentindo-se quente e segura. Ah, foda-se, decidiu, enquanto ele rolava para cima dela e começava a beijá-la de novo.

A Sala de Operações da casa segura era um caos de computadores, fios, sistemas de comunicação e homens em mangas de camisa tentando parecer tranquilos e donos do mundo. No meio daquilo tudo Olivia Joules estava sentada imóvel, olhando atentamente para o seu computador de tela ampla. Kimberley. Michael Monteroso; a RP Melissa; Carol, a professora de voz; Travis Brancato, o ator desempregado /escritor; Nicholas Kronkheit, o diretor sem qualificação; Winston, o divino mergulhador negro; e o máximo dos aspirantes de Feramo que puderam ser localizados tinham sido encurralados e levados a um centro de interrogatório da CIA, onde todos ainda estavam sob custódia. Olivia tinha passado as últimas horas examinando os interrogatórios gravados em vídeo, cortando, colando e rabiscando anotações. Sentindo-se à beira de uma revelação, parou, com a mente zumbindo. — Então eu consegui a informação final sobre Suraya. Droga. Olivia ergueu os olhos com uma irritação dominada pelo tédio. Scott Rich estava encostado no

portal, a gravata frouxa, colarinho aberto. Sentiu vontade de deslizar até ele e tirar tudo.

— O quê? — disse ela, captando o olhar dele e se desviando rapidamente. Estavam naquele estágio empolgante do início da transa, quando ninguém mais sabe a respeito. Claro, era difícil ter certeza num esconderijo da CIA, mas afinal de contas ambos eram mestres estabelecidos do subterfúgio.

— Suraya Steele vinha trabalhando para a al-Qaeda há dez anos.

— Não! Dez anos?

— A al-Qaeda a cooptou quando ela estava com dezenove anos. Estava em Paris tentando arranjar trabalho como modelo e/ou homens ricos. Não sabemos exatamente quem foi o contato, mas foi alguém bem do alto. Eles lhe deram um monte de dinheiro, e quero dizer um monte de dinheiro, logo de cara.

— Isso explica os Gucci e Prada.

— O quê? Ela estava cursando arte dramática e mídia na universidade de Lampeter. O trato era que mudaria seu curso para árabe, depois tentaria entrar para o Ministério do Exterior, de olho no MI6. Parece besteira ingênua, mas evidentemente deu certo. Sem dúvida isso abalou os serviços de segurança de vocês, posso dizer. Cada agente do sexo feminino, com menos de setenta e cinco anos, vai passar os próximos três meses sob interrogatório intenso.

— Meu Deus. Cabeças devem estar rolando. Como eles não descobriram?

— O pessoal da al-Qaeda é inteligente. Nada de comunicações eletrônicas, só sussurros, piscadelas, trocas, caneta e papel, contato direto antiquado, como defende Widdett.

— Como ele está recebendo isso?

— Bem. Widdett estava aposentado durante a maior parte do período operacional dela. Eles a pegaram alguns meses depois dele ter voltado.

— Então ela estava ganhando dos dois lados?

— Se ela conseguisse alguma coisa grande para a AL-Qaeda, ganharia uma nova identidade e uma fortuna de muitos milhões de dólares. Se conseguisse algo sobre eles para o MI6, seria festejada e

promovida. Todas as agencias estavam loucas por gente que falasse árabe. Assim que ela entrou para o MI6, a célula continuava lhe mandando coisas suficientes para fazer com que parecesse uma espiã de primeira. Eles lhe passaram informações bastantes para que fosse posta no caso Feramo.

— Feramo sabia que ela trabalhava para a Al-Qaeda?

— Claro. Por isso ele a odiava.

— Odiava?

— Eles a colocaram junto dele porque tinham medo de que ele fosse um maluco descontrolado. Ela estava vigiando-o para os superiores dela e para os dele.

— Então foi Suraya que grampeou meu quarto.

— Eu disse que não fui eu.

— Não é de se espantar que ela me odiasse tanto.

— Bom, além de sua bela aparência.

— Não é por isso que as mulheres odeiam umas às outras.

— E o fato de que Feramo era mais a fim de você do que dela.

Se você tivesse entregado Feramo ao MI6 isso iria fazer com que ela parecesse incompetente. Se você tivesse chegado perto demais, Feramo poderia tê-la entregado a você. Assim que você explodiu a coisa toda para ela se juntando ao Widgett, ela mal pôde esperar para colocar você no Sudão, dedurá-la e fazer com que eles acabassem com você.

— O que vai acontecer com ela agora? — Por favor, não diga que ela vai ser condenada a cinqüenta anos de prisão, num macacão laranja horrroso e com todo o cabelo cortado?

— Provavelmente várias sentenças de cento e cinqüenta anos a ser cumpridas concomitantemente, se tiver sorte e não for embarcada para separar alguns charutos cubanos. Ah, por sinal, sua amiga Kate disse olá.

— Kate? Quem falou com ela?

— Widgett. Ele a colocou a par. Ela pediu para lhe dizer que ficou muito impressionada e queria saber quem era o outro. Olivia riu. Kate queria dizer o outro amasso.

— Com licença, senhor. — Um homem magro e muito bem vestido estava parado na porta. Olivia achava um tesão absoluto a

reverência com que Scott Rich era tratado nos círculos da espionagem.

— O Sr. Miller requisitou que o senhor se encontrasse imediatamente com ele no laboratório, com a agente Joules.

Olivia saltou de pé.

— Devem ter recuperado as fotos. Vamos!

Ela foi rapidamente pelo corredor na direção do laboratório com Scott atrás, dizendo:

— Certo, neném. Você tem de se acalmar. Deve ficar tranqüila o tempo todo.

Olivia irrompeu no laboratório e descobriu que o lugar estava cheio de rostos solenes. Todos os agente da chefia na área estavam reunidos para ver a prova de que Bin Laden estivera nas cavernas de Suakin. Os corpos de vários membros importantes da al-Qaeda tinham sido recuperados da rede de cavernas demolida e inundadas.

Mas nada de Bin Laden.

— Parabéns por terem conseguido salvar as fotos da câmera molhada — disse Olivia. — Quem quer que tenha feito isso.

Uma garota pequena, nos fundos, com cabelo ruivo encaracolados, abriu um riso.

— Fui eu — disse ela.

— Obrigada e tudo mais — disse Olivia. — Fantástico.

— Certo, podemos olhar? — disse Scott Rich. — Posso? — Ele sentou-se na cadeira diante do computador. A técnica apontou respeitosamente para alguns links, e Scott puxou a primeira foto.

— Certo. O que temos aqui? — Estava inteiramente cinzenta. — Close de parte de uma baleia? — murmurou Scott.

— Eu ainda não tinha conseguido que o flash funcionasse.

Ele passou para a próxima foto. Metade era um branco total, mas dava para perceber a foto e o diagrama da ponte do porto de Sydney. Olivia tentou se lembrar da seqüência de acontecimentos na caverna. Tinha fotografado as imagens e depois tentado uma bela foto de grupo. Depois fora para Bin Laden, e em seguida acendeu o pavio da gás e deu no pé.

Os figurões da CIA se curvaram em volta da foto de grupo. Era muito difícil identificar alguma coisa. Através do escuro só dava para

ver barbas e turbantes.

Scott olhou para ela.

— Eles vão conseguir dar um jeito nisso — disse em tom encorajador. — Vão melhorar. Você tirou uma foto em close do Bin Laden?

— Sim. Tenho certeza que é a próxima. A conversa parou. Todos os olhos estavam na tela. Olivia cravou as unhas na palma da mão. Tivera certeza, em meio á confusão e ao terror na caverna, que estava olhando para Bin Laden. Era a postura: a sensação de poder maligno latente, a intensidade por trás da calma lânguida. Mas afinal de contas, como Kate sem dúvida iria lembrá-la, houve um momento em que ela teve a mesma certeza de que Bin Laden era Pierre Feramo.

Scott Rich se Inclinou para a frente. Olivia se obrigou a respirar, olhando a mão calejada de Scott pegar o mouse e dar um clique. A princípio a imagem era difícil de ser discernida. Depois ficou mais clara. Era um tecido branco e sujo, esticado sobre um par de joelhos.

— Certo — disse Scott Rich. — Parece que temos a foto do baixo-ventre de Bin Laden.

## Capítulo 56

Dentro de minutos Olivia estava de volta ao computador, tentando controlar a fúria e o embaraço, examinando os trechos de entrevistas que havia marcado e as partes das transcrições que tinha cortado e colado. E de repente era como se a pura energia de sua fúria tivesse rompido as nuvens do excesso de informação e pistas falsas como um raio de luz. Apoiou-se no canto da mesa.

— Scott — sibilou. — Venha cá.

— A cerimônia do Oscar — disse ela, enquanto se apoiava na mesa, tão perto que quase podia colocar a mão na coxa dele, por puro tesão e hábito recém-adquirido.

— Eu sei que é a cerimônia do Oscar. Você quer assistir?

— Não. Eu quero dizer que eles vão fazer o atentado no Oscar. Era isso que Feramo estava planejando; por isso atraiu os aspirantes.

Ele odiava Hollywood. É a essência de tudo que seu povo despreza no Ocidente. A indústria de diversões é comandada predominantemente por judeus. O Oscar é...

Scott passou a mão na testa, cansado.

— Eu sei, neném, mas já pensamos nisso — falou em voz baixa. — O Oscar seria o alvo mais incrível, óbvio, fabuloso e simbólico para a al-Qaeda. O que significa, com a possível exceção da Casa Branca e do próprio George W. Bush, que a cerimônia também é o alvo mais bem defendido e mais impossível de ser acertado em todo o mundo ocidental neste momento. Toda a área, desde os esgotos abaixo até o espaço aéreo acima, está limpa e monitorada. Toda a força do FBI, da CIA, do DPLA e todo instrumento de vigilância de alta e baixa tecnologia no planeta estão concentrados no Teatro Kodak. Qualquer uma dessas pessoas lhe diria: a al-Qaeda não vai fazer um atentado contra a cerimônia do Oscar esta noite.

— Escute isso — disse Olivia, clicando na tela. — Michael Monteroso, lembra? O esteticista? Ele estava no camarim do Oscar

no ano passado, fazendo seus insanos lifts faciais instantâneos microdermavrasivos não-cirúrgicos para dar um tchã nos apresentadores antes de entrarem. Ele faria isso de novo este ano se não estivesse preso. Melissa, da Century RP, trabalhou na equipe de RP da produção do Oscar durante três anos, antes de se mudar para a Century. Nicholas Kronkheit, lembra? O diretor sem experiência, de Fronteiras do Arizona?

— Claro, mas...

— O pai dele esteve no conselho da Academia durante vinte anos.

— Esse pessoal está tentando se dar bem em Hollywood. Claro que devem ter, ou tentar ter, alguma ligação com a Academia.

— Feramo tem fitas do Oscar no hotel em Honduras.

Scott Rich parou de falar. A súbita seriedade de sua reação fez o medo adejar no estômago de Olivia.

— Nós podemos alertá-los? — perguntou ela,

— Não. Não podemos parar com a cerimônia do Oscar por causa da intuição de uma agente. Vá adiante. Como tudo isso se encaixa?

— Não se encaixa. Esse é o ponto. Esse é o erro que nós vínhamos cometendo. Acho que Feramo tinha o Oscar como alvo, mas não tinha um plano. Todos aqueles aspirantes tinham uma conexão, e ele os estava usando para descobrir como a coisa funciona.

Scott olhou-a com aquela expressão familiar que ela adorava, inclinando-se para a frente, mãos grudadas na boca, concentrado, atento.

— Kimberley, você se lembra da Kimberley? — perguntou ela.

— Ah. Meu Deus. Ah, sim.

— Cale a boca. O pai dela trabalhou no canhão seguidor do Oscar durante vinte e cinco anos. Se ela não estivesse presa, seria seu sétimo ano como guardadora de lugar.

— Guardadora de lugar? E aquele pessoal que se senta quando as estrelas vão ao banheiro?

Ela assentiu. Scott olhou-a cuidadosamente por um momento e depois pegou o telefone.

— Aqui é Scott Rich. É urgente. Passe-me uma lista completa de todos os guardadores de lugar da cerimônia do Oscar deste ano... e quero dizer urgente urgentíssimo. Além de uma lista de todos os passes para os bastidores deste ano.

— Nós podemos entrar lá? — perguntou ela, olhando o relógio e espiando ansiosa pela grande janela panorâmica, para a cidade abaixo.

— Querida — disse Scott —, pelo modo como os chefes do estado-maior vêem você agora, você poderia ganhar o prêmio de atriz coadjuvante, se pedisse. A que horas começa?

— Começou há meia hora.

## Capítulo 57

Los Angeles vinha se preparando para o Oscar como Londres se prepara para o Natal, se bem que com muito menos bebedeira. As vitrines da Neiman's, da Saks e da Barney's estavam decoradas com vestidos de noite e estatuetas do Oscar. Os gramados de le tout Beverly Hills estavam cobertos de tendas. Publicitários, agentes, organizadores de festas, estilistas, floristas, fornecedores, esteticistas, treinadores, cabeleireiros e maquiadores, organizadores de manobristas — todos estavam em vários estágios de ruína. Telefonemas furiosos foram trocados para saber se Gwyneth ou Nicole tinham a precedência no uso do Valentino com pregas largas. No Hermitage Hotel na Burton Way, as suítes de dois andares inteiros foram convertidas em mostruários de estilistas onde qualquer atriz com a mais débil possibilidade de dar uma passadinha no tapete vermelho poderia ir e se servir. O escritório encarregado da festa pós-Oscar da Vanity Fair estava em crise, inundado por telefonemas irados de agentes e divulgadores. Gráficos nas paredes mostravam uma programação flutuante de a que horas cada convidado poderia chegar — a lista-B poderia chegar logo depois da meia-noite, e a lista-C na madrugada seguinte.

A corrida do Oscar tinha sido a disputa tradicional entre os estúdios, com orçamentos de marketing, anúncios nos jornais, projeções, almoços e bombardeio da mídia. Os principais concorrentes eram:

1. Dançando na bolsa!, um musical passado em Wall Street durante o boom dos anos oitenta, em que a heroína, uma corretora de valores que sonha ser dançarina, passa a maior parte do filme dormindo apoiada em sua mesa, sonhando que dança com outros corretores, e esses sonhos são devidamente compartilhados com os espectadores emocionados.

2. A história de Moisés, estrelando Russell Crowe com enorme barba branca e camisolão.

3. Um filme de Tim Burton chamado *A terra do homem de piche*, sobre mini-humanos cujos corpos ficam em cima da cabeça e que moram debaixo da terra, em áreas florestais.

4. *Desespero existencial*, em que cinco personagens diferentes confrontam a própria mortalidade durante a hora do almoço numa elegante loja de departamentos.

5. *O Oriente encontra o Ocidente*, uma comédia-drama com mensagem, com Anthony Hopkins como o Camarada Mao, que, devido a uma maldição antiga, troca de corpo com um jovem estudante de Los Angeles durante a Revolução Cultural.

Dentre alguns dos outros concorrentes notáveis estavam:

— Um filme sobre os primeiros Amish, que ninguém tinha visto mas que era garantido para o prêmio de melhor fotografia porque o diretor de fotografia tinha acabado de morrer.

— Uma adaptação de um livro sobre Oscar Wilde, que estava concorrendo ao prêmio de efeitos especiais pela cena em que Oscar Wilde explode em seu quarto de hotel em Paris, ainda que esta parte não estivesse no livro e que o autor tenha ficado furioso.

— A volta de Kevin Costner interpretando um homem com crise de meia-idade que, durante um período de três horas e meia, se arrasta até perceber que na verdade ama realmente a esposa.

A atmosfera no Teatro Kodak ia de um nervosismo quebradiço no início até uma inquietação enquanto os prêmios menos importantes iam sendo distribuídos, e muitas esposas, advogados e agentes receberam agradecimentos. Quando Scott e Olivia chegaram ao teatro, a apresentação já acontecia há quase duas horas. As estrelas estavam voltando do bar, os guardadores de lugares iam sendo substituídos pelas celebridades de verdade e a tensão estava crescendo para os grandes prêmios.

Scott e Olivia entraram silenciosamente no auditório, parados na sombra de uma porta à direita do palco, a poucos metros do pódio. Olivia tentava manter a compostura diante de tamanho espetáculo. Toda a elite da indústria do entretenimento estava diante

deles: atores, diretores, produtores, escritores, agentes, executivos reunidos sob o mesmo teto numa brilhante demonstração de autocongratulação. As primeiras filas estavam com alguns dos rostos mais lindos e reconhecíveis do planeta.

Enquanto Olivia examinava a platéia, Scott Rich a observava sem parecer que estava observando, como somente um agente secreto pode fazer. O rosto dela estava em silhueta à luz vermelha e tinha aquele ar familiar de determinação séria. O vestido comprido e brilhante que fora arranjado às pressas grudava-se ao corpo de um modo que o fazia sentir dor. Scott Rich queria sorrir. As mãos dela estavam segurando uma carteira elegante que, como ele por acaso sabia, continha o seguinte:

carteira de identidade da CIA  
lenço com clorofórmio  
seringa contendo relaxante nervoso  
bolinha de gás atordoante  
minibinóculo  
celular minúsculo  
e, claro, um alfinete de chapéu

O que Scott não sabia, porque era homem, e um homem cujas habilidades estavam mais em sua capacidade de dedução lógica e brilho técnico do que na intuição, era que Olivia estava quase esmagada pelo medo. Sentia-se mais apavorada do que jamais estivera em Honduras, no Cairo ou no Sudão. Tinha a sensação medonha de que estava para acontecer uma catástrofe sobre a qual ela não tinha controle. Estava aqui, no epicentro do lugar onde a coisa aconteceria, e não sabia o que era, de onde viria e como impedir.

Verificou os rostos no auditório, fila por fila. Se visse um rosto — uma atriz, uma namorada, um segurança, um guardador de lugar, um lanterninha — que reconhecesse da turma de Feramo, saberia. Mandaria prender e interrogar a pessoa enquanto ainda havia tempo.

Helena Bornham Carter estava falando ao microfone.

— Houve quem argumentasse que a indicação para Melhor Ator Coadjuvante em Moisés Deveria ter ido para a barca ardente — começou ela.

Houve uma explosão de gargalhadas. A platéia estava cheia de empolgação, pronta para rir. Imagens dos cinco indicados a ator coadjuvantes apareceram na tela em várias poses com olhares ferozmente fixos, sorrisos débeis ou estudado desinteresse. A imagem cortou para um deles pendurado num helicóptero acima de um oceano turbulento, sacudindo-se de um lado para o outro, balançando as pernas loucamente.

— Se ele continuar se sacudindo assim, o helicóptero vai cair na água — murmurou Scott.

Olivia teve uma lembrança súbita de seu resgate do Mar Vermelho: o ruído do Black Hawk sobre a superfície, as luzes tornando a água verde, a silhueta de Scott mergulhando na direção dela, chutando Feramo para longe, agarrando-a, puxando-a à superfície, e o calor inesperado da noite tropical, depois ele nocauteando Feramo e puxando-a para a segurança.

Enquanto o lacrimoso ator subia a escada, pondo as mãos no coração e depois estendendo-a para a platéia, Olivia quis apontar para Scott Rich e gritar: "Deveria ter sido ele, não você! Ele faz isso de verdade!" Depois imaginou Scott fazendo um soluçante agradecido discurso: "sem a qual nada disso teria sido possível", e Widgett chegando para seu prêmio especial de "carreira cheia de feitos heróicos de espionagem", posando para a câmera, com braços e cachecol voando para todo o canto, e sentiu vontade de explodir em gargalhadas.

O ator lacrimoso segurou o Oscar acima da cabeça numa saudação triunfante, e ela viu parte de baixo da base com a forma dourada atrás, e de repente nada na situação era engraçado poro ela sabia exatamente onde tinha visto a mesma imagem, do mesmo ângulo. Estava na caverna da al-Qaeda embaixo de Suakin: o pedestal tombado de lado, com as camadas de metal quebrado atrás oco como a silhueta de um Papai Noel ou um coelho de páscoa de chocolate.

— Scott — disse ela, agarrando o braço dele. — É o Oscar. Ele deu-lhe um tapinha tranquilizador.

— Isso mesmo, querida. É o Oscar.

— Não — sussurrou ela. — As estatuetas. Eles mexeram nos Oscar. Os Oscar são bombas.

## Capítulo 58

Scott Rich não mudou a expressão nem afastou o olhar da platéia. Simplesmente puxou Olivia para a sombra do portal e sussurrou:

— Como sabe? Diga em voz baixa.

— Foi na caverna. Eles tinham um Oscar cortado ao meio, oco.

— Tem certeza? Bem, era meio difícil de ver, mas... tenho certeza. E em Catalina ele me mostrou um Oscar que tinha comprado no eBay. — Ah, meu Deus — disse Scott examinando a platéia, onde as estatuetas douradas estavam espalhadas, aninhadas amorosamente nos braços dos vencedores. — Quantos já foram distribuídos? Quinze? Vinte? Ah, meu Deus.

Empurrou Olivia pela porta à frente e começou a andar depressa pelo corredor, falando ao celular, pensando em voz alta enquanto Olivia tentava acompanhá-lo.

— Tem de ser C4. É o único explosivo suficientemente estável. Meio quilo de C4 em cada um e um temporizador lacrado dentro de alguma liga metálica. Eles devem ter trocado todos em algum momento.

Provavelmente a segurança nem deve ter feito os cães farejarem as estatuetas. E mesmo que tenha, dependendo de quando puseram o negócio lá dentro, os cães poderiam nem captar o cheiro. Alô? É do Controle Central? Scott Rich, CIA. Me ligue com o chefe do comando da polícia.

Com Olivia atrás, ele saiu do prédio, andando depressa na direção errada pelo tapete vermelho, mostrando a identidade.

— Alô? Tom. Aqui é o Scott Rich. Nós temos uma dica. Esta linha é segura, não é? Certo, é o seguinte: os Oscar foram trocados. Eles são bombas. Isso mesmo. Bombas.

Houve uma pausa de um segundo do outro lado. Então Olivia escutou a voz começar de novo.

— Eu sei. Nós tivemos uma agente lá — disse Scott. — Ela se lembra de ter visto uma estatueta alterada no esconderijo da al-

Qaeda no Sudão. O quê? Sim, eu sei, eu sei. Mas o que vamos fazer?

Enquanto os dois se apressavam, a mente de Olivia trabalhava em ritmo acelerado. De repente ela o interrompeu:

— Com quem você está falando? — sussurrou. — Pergunte o nome da empresa que transporta os Oscar.

Alguns segundos depois a resposta voltou:

— Carrysure.

— Carrysure! Era a empresa onde Travis Brancato trabalhava! Você lembra? O ator fajuto/escritor/gerente de estilo de vida com olhos de lobo? O que escreveu o roteiro, lembra? Ele era motorista dessa empresa quando não estava escrevendo.

Scott piscou para ela por um momento, segurando o telefone longe do ouvido.

— Certo, Olivia, ligue para o escritório. Diga a eles o que sabe e faça com que peguem pesado com ele na unidade de interrogatório. — Depois Scott voltou ao telefone. — Tom, certo, esta pista está ficando mais firme. Nós precisamos agir. É, estamos indo até você agora. Estou vendo o furgão, vamos estar com vocês em dois minutos.

— Eles não deveriam simplesmente parar o show e fazer todo mundo sair? — perguntou Olivia, olhando o relógio enquanto esperava a ligação se completar: faltavam vinte e oito minutos para o fim da transmissão programada.

Scott balançou a cabeça e fez uma careta, ainda falando. A ligação de Olivia se completou, ela colocou o escritório a par e disse para irem ao centro de interrogatório pressionar Travis Brancato, acrescentando algumas dicas úteis sobre como fazê-lo falar.

Estavam se aproximando do grande furgão branco do Posto de Comando. Scott desligou o celular e olhou para Olivia.

— Certo, neném. Isso não vai ser bonito. Quer sair daqui e ir para casa?

— Não.

— Bom. Então volte para lá — disse ele, assentindo para o auditório. — Se as estatuetas estiverem com

temporizadores, pode apostar que haverá um agente da al-Qaeda muito nervoso no auditório, com um instrumento que pode passar por cima dos temporizadores e detonar as bombas. Provavelmente é um celular ou um relógio muito, muito grande. Se ele vir alguma tentativa de parar o show, pegar os Oscar ou evacuar o teatro, suas ordens provavelmente serão para explodir tudo na hora, inclusive a si próprio. Continue procurando mais alguém que você reconheça do pessoal de Feramo, ou qualquer um que se comporte de modo suspeito. A pessoa deve estar suando, provavelmente de barato com alguma coisa, certamente muito apavorado, tipo "merda, eu vou morrer daqui a pouco". Deve ser uma coisa que se destaque, no meio de um monte de atores bancando a esportividade na derrota.

— A não ser que seja um ator.

— Só vá em frente — disse ele, indo para o furgão. — Ah, mais uma coisa. Quando você explodiria as bombas, se fosse eles?

— No melhor filme? Logo antes do fim.

Ele olhou para o relógio.

— Temos uns vinte e cinco minutos.

Dentro do teatro, Olivia estava repetindo silenciosamente o mantra: Não entre em pânico, pare, respire, pense; não entre em pânico, pare, respire, pense, de modo ofegante, em pânico. Andava pela lateral do auditório, examinando as fileiras uma a uma, rezando para qualquer força divina que existisse: Por favor, por favor, quem quer que você seja,, só me ajude mais uma vez, depois eu não peço de novo, prometo. Ela estava consciente de um aumento súbito na presença da segurança, pessoas passando pelas portas laterais, assumindo posições encostadas às paredes. Aqui e ali, em meio à platéia, dava para ver o brilho dos prêmios dourados, cada um uma bomba-relógio tiquetaqueando, aninhada contra um seio envolto em lantejoulas ou passado com admiração de uma celebridade para outra.

Anthony Minghella estava abrindo o envelope de Melhor Diretor.

— E o Oscar vai para...Tim Burton,por A terra do homem de piche.

Olivia viu Burton se levantando, a franja caindo sobre os óculos de lentes azuis-escuras, andando pela fileira. Foi rapidamente pelo corredor até ele, ignorando os olhares estranhos, envolveu-o com os braços como se fosse agente dele há quinze anos, mostrou a identidade e sussurrou:

— CIA. Grande problema. Por favor, fique falando pelo máximo de tempo possível.

Ele atraiu seu olhar, viu como ela estava apavorada e assentiu:

— Obrigada — sussurrou ela. — Faça com que a lista seja bem comprida.

Um tremor passou pela multidão no Hollywood Boulevard quando os veículos brancos do esquadrão antibombas do DPLA vieram correndo pelos dois quarteirões entre o Posto de Comando e o teatro. Os Oscars que continuavam nos bastidores estavam sendo substituídos. Listas de convidados, listas de funcionários e listas extras estavam sendo examinadas em busca de pistas. Havia policiais posicionados para retirar os Oscar dos vencedores na platéia do modo mais discreto possível, assim que viesse a notícia. Mas dentro do Posto de Comando havia um pandemônio silencioso enquanto os chefes do DPLA, do Corpo de Bombeiros, do FBI, das empresas de segurança e Scott Rich debatiam uma série impossível de riscos e decisões incalculáveis.

Uma tentativa, por mais discreta que fosse, de tirar os Oscar das garras dos premiados poderia provocar o terrorista a detoná-los. Parar com a cerimônia poderia causar a mesma coisa. E, de qualquer modo, evacuar uma platéia de três mil e quinhentas pessoas poderia levar quase uma hora. Mandar todo o poder das forças de segurança invadir o lugar geraria um pânico igual, um pânico que certamente, inevitavelmente, se espalharia pelo auditório, para a consciência de quem estivesse com o dedo naquele botão de disparo. Alguém sugeriu gás.

— É funcionou muito bem em Moscou — murmurou Scott. — Nós teríamos três dúzias das celebridades mais famosas do mundo

sufocando ao engolir a própria língua — disse o homem do FBI.

E assim a cerimônia continuava. Faltando vinte minutos para o final, havia dezoito bombas de metal espalhadas no auditório, o que poderia mandar a cerimônia do Oscar para o espaço diante dos olhos do mundo inteiro. Mas, afinal de contas, tudo poderia ser apenas resultado da imaginação hiperativa de Olivia Joules.

No palco, Tim Burton estava tendo o desempenho de sua vida.

— O que se pode dizer sobre um assistente de fotografia que também faz um fantástico bule de chá de camomila, e sem usar saquinhos...

Na unidade especial de interrogatório da CIA, os olhos anteriormente azuis-gelo e lupinos de Travis Brancato mais pareciam os de um bêbado que fez uma farra durante o dia inteiro. Seu cabelo estava desgrenhado, o queixo encostado no peito. A mão do interrogador se erguia pronta para bater de novo, mas ele não estava chegando a lugar nenhum. Uma mulher apareceu na sala e lhe entregou um bilhete — era a sugestão de Olivia para fazer Travis falar. O interrogador parou para ler, depois se inclinou perto do ouvido de Brancato.

— O chefe de cada estúdio de Hollywood está naquela cerimônia. Se você vier para o lado dos bons, vai salvar o dia. Se não vier, nunca mais trabalha nesta cidade.

A cabeça de Brancato saltou para cima, alerta.

— Eu não fiz nada — balbuciou ele. — Só deixei o furgão destrancado durante vinte minutos numa parada. Foi só o que eu fiz, cara. Eu achei que Feramo só queria pegar um Oscar.

De volta ao palco, com aparência cada vez mais desesperada, Burton estava se esforçando ao máximo.

— Nossa, olhem só a hora! — A platéia estava ficando inquieta, mas ele continuava corajosamente. — Mas, sério — disse ele —, quantos de nós de fato paramos para realmente olhar a hora: espero que meu contador Marty Reiss pare, porque acho que ele trabalha por hora...

Enquanto Scott Rich caminhava pelos bastidores, um homem passou por ele correndo com quatro Oscar nos braços. Estava usando uma camiseta que dizia SE VOCÊ ME VIR CORRENDO, TENTE ACOMPANHAR. Scott fez isso e viu chegar outro homem carregando mais Oscar, este com equipamento total de proteção: uma roupa verde-escura, de quarenta quilos, forrada com volumosas placas de cerâmica à prova de explosões e uma máscara resinada a ar. Os dois saíram correndo pelos fundos do prédio, onde a área em volta do furgão branco do esquadrão antibombas estava isolada.

— Joe — gritou Scott, vendo um homem de aparência madura e inteligente, cabelos grisalhos e óculos. — Já examinaram algum? — Era Joe Peros, veterano de vinte e dois anos no esquadrão antibombas, agora na chefia.

— Sim — disse Joe, sério. — Há meio quilo de C4 dentro, com um temporizador Casio. Estamos nos preparando para abri-lo pelo remoto.

— Vocês vão levar o resto para longe ou explodir aí? Se eles ouvirem de dentro do auditório...

— É, esse é o fator do pânico — disse Joe. — Mas por sorte nós trouxemos um TCV.

Ele apontou para uma bola de aço de dois metros e quarenta que os técnicos estavam envolvendo em cobertores antibomba na traseira de um dos furgões.

— Se nós explodirmos meia dúzia ali, a platéia não vai perceber nada.

— Vocês têm uma equipe lá dentro para trabalhar no disparador manual? — perguntou Scott, assentindo na direção do auditório. — O que acha?

— Fantástico. Vou lá para dentro. Ligue contando a má notícia quando chegar ao temporizador.

Tim Burton tinha passado a falar sobre suas influências do passado.

— Nada disso teria sido possível sem meu primo Neil, que me deixava brincar com seu livro de pintura por números nas férias

escolares. Obrigado, Neil, isto é para você. E finalmente minha primeira professora de arte, uma senhora de cabelos brancos com a alma de Picasso. Qual era o nome dela, diabos? Sra. Não-sei-das-quantas... Lankoda? Swaboda? Espera aí, eu já vou lembrar...

Espreitando na sombra de um portal e com o seu recém-emprestado passe de guardadora de lugar, Olivia estava usando o binóculo em miniatura para examinar os níveis superiores do balcão. Não havia ninguém que ela reconhecesse. Ninguém estava se comportando de modo mais estranho do que o normal para uma cerimônia do Oscar. A música começou. Ela viu o alívio no rosto de Burton enquanto ele cambaleava desesperado para a coxia e, diante do olhar dele, levantou o polegar.

Estrelas jorraram de volta para os lugares durante os aplausos.

Olivia olhou a mulher encarregada dos guardadores de lugares guiando seus comandados para vagas importantes. Enquanto Bill Murray entrava para apresentar o prêmio de Melhor Atriz, todos os olhos se voltaram para o palco, e ela viu um segurança se curvar na direção de um ganhador do Oscar no corredor à esquerda do palco. Devia ter sido dada a ordem para pegá-los. Olivia fez um último exame desesperado das poltronas da platéia, no centro — e ali! Ali estava um rosto que ela reconhecia, uma garota loura com cabelo enorme, delineador labial pesado e seios pneumáticos explodindo para fora de um vestido justo e prateado. Era Demi, a ex-melhor amiga de Kimberley da festa em Miami. Estava ocupando um lugar no meio da fila, com um passe de guardadora de lugar pendurado no pescoço, sentada ao lado de um rapaz de cabelos escuros. Olivia reconheceu o rapaz — ele havia saído da sala de casacos com Demi, todo desarrumado, enquanto ela saía da cobertura de Feramo em Miami. Ele estava suando. Seus olhos dardejavam loucamente pelo teatro. Tinha visto o segurança desaparecer com um Oscar, e sua mão direita pairava nervosamente sobre o punho esquerdo. Olivia digitou rapidamente e sussurrou ao celular:

— Scott, acho que sei quem é. Na platéia, décima fileira, à direita de Raquel Welch. — Ela começou a ir pelo corredor na direção do rapaz e de Demi, com sangue bombeando nas orelhas.

Nesse momento Brad Pitt apareceu pela porta literal adiante e se encostou na parede, lindo que nem a porra. Brad Pitt! Fantástico.

Olivia controlou o ar de leve surpresa enquanto se aproximava.

Mostrou sua nova Identidade da CIA e puxou-o de volta para as sombras da porta.

— Nós precisamos que você faça o que eu disser — sussurrou.  
— Faça o que eu disser.

Ele a encarou com ar tranqüilizador. — Aquela garota de vestido prateado — sussurrou ela, na ponta dos pés para alcançar o ouvido dele. — Loura com cabelo alto, duas cadeiras depois de Raquel Welch. Sacou? Faça com que ela se levante e vá para fora com você.

— Está feito. — Ele deu um delicioso sorriso sensual e partiu na direção de Demi. Olivia o viu representar como um profissional. Viu a cabeça de Demi se virando, como se atraída por vibrações bradpittianas, viu-o lançar um olhar e fazer um gesto de cabeça para ela. A mão de Demi foi até a garganta, incrédula, então ela se levantou, indo pela fileira até ele. Olivia viu o rapaz de cabelos escuros olhar em volta em pânico, e então de novo para o palco, onde Bill Murray estava fazendo o maior preâmbulo da história do Oscar para as indicações de Melhor Atriz.

— Olivia. — Dois homens de uniforme escuro apareceram atrás dela. — Esquadrão antibombas do DPLA. Onde ele está?

Ela assentiu para o rapaz.

— Certo. Tire o detonador antes que ele perceba. Nós estamos logo atrás.

Houve olhares assassinos e reclamações sibiladas enquanto Olivia abria caminho pela fila de poltronas, levantando seu passe de guardadora de lugar, de cabeça baixa, indo para a poltrona vazia ao lado do rapaz, rezando para que ele não a reconhecesse. Viu o volume debaixo da manga esquerda e o modo como a outra mão ficava indo na direção daquilo, cobrindo-o, como se o protegesse. Ela estava com o lenço cheio de clorofórmio escondido na mão. Sentou-se, viu o rosto dele virar para o dela com um ar de vago reconhecimento, suor escorrendo pela têmpora. Olhou nos olhos dele e lhe deu o sorriso mais ofuscante, ao mesmo tempo que batia

na coxa dele. Com um movimento cobriu o pulso dele e empurrou o lenço com clorofórmio sobre sua boca, puxando a mão com o relógio para debaixo do corpo, fora do alcance do outro braço dele. Houve uma agitação: cabeças se virando, seguranças que não tinham sido informados correndo para eles.

— Segure o outro braço dele! Segure! CIA — sibilou ela para Raquel Welch enquanto apertava o lenço com mais força em cima do nariz e da boca do rapaz, sentindo que a reação dele começava a enfraquecer.

Raquel Welch segurou o braço livre do rapaz, enfiou-o debaixo de seu traseiro famoso e se sentou em cima. Era fantástico trabalhar com uma atriz que entendia a direção.

— Segure isso — disse Olivia, entregando o braço com o relógio para o homem espantado do outro lado, que, como ela descobriu mais tarde, era um executivo-chefe da DreamWorks. — Ele é terrorista. Não solte.

Enquanto o homem assustado agarrava o braço do rapaz e no palco a Melhor Atriz finalmente ficava sabendo quem era, Olivia empurrou a manga dele para trás e tirou o relógio do braço que agora estava frouxo. Um policial do esquadrão antibombas estava na metade da fileira, pisando nas pessoas, indo para ela. Olivia estendeu a mão, entregou o relógio a ele, pegou o celular e disse:

— Scott. Ele está apagado. O relógio está com o esquadrão antibombas. Já podemos liberar o auditório.

O perigo de uma detonação manual tinha acabado, mas dezessete estatuetas ainda estavam com os temporizadores acionados na platéia, marcados para explodir antes do fim do show. De algum modo tinham de pegá-los sem provocar pânico. Olivia viu policiais aparecendo nos corredores e nas portas e em poltronas da platéia, tentando pegar os Oscars. A coisa já estava indo bem. O sujeito com o prêmio de Melhor Filme Estrangeiro, uma figura magra com bigode caído e gravata-borboleta listada, estava se recusando a entregar o seu, gerando urna confusão com um membro importante do corpo de bombeiros.

No saguão, a área ao redor do banheiro masculino estava separada por cordões de isolamento. Policiais levavam qualquer

convidado desgarrado para a rua. Um inglês de smoking estava discutindo com um segurança que se recusava a deixá-lo voltar ao salão.

— Mas eu fui indicado para Melhor Filme. Minha categoria é a próxima. Eu só vim treinar o discurso no banheiro.

— Senhor, se eu lhe contasse o que está acontecendo lá, o senhor voltaria direto para aquele banheiro.

— Não acredito que você seja tão idiota. Qual é o seu nome e seu número?

Dois homens com roupas de proteção contra bombas com ESQUADRÃO ANTIBOMBAS escrito nas costas passaram a toda velocidade pelo saguão, cada um segurando uma dúzia de Oscar nos braços. Eles mergulharam no banheiro masculino.

— Ainda quer voltar para lá? — perguntou o policial.

— É... na verdade, não — disse o inglês. — Não. — E correu feito um louco pela saída e pelo tapete vermelho. Sons de pânico vinham do auditório. Outro técnico do esquadrão antibombas apareceu com dois Oscars e correu para o banheiro.

— Só falta um que não foi achado — gritou ele.

No palco, Meryl Streep estava seguindo ordens, tentando suplantar o pandemônio crescente e continuar o show.

— E o vencedor do prêmio de melhor filme deste ano é... — disse ela, tirando o cartão do envelope. — Desespero existencial.

Nesse momento uma figura corpulenta, de uniforme, entrou no palco e levantou a mão pedindo calma.

— Senhoras e senhores — disse ele, mas ninguém conseguiu ouvir acima do tumulto.

Enquanto Meryl Streep sinalizava para o chefe de polícia chegar mais perto do microfone, um homem enorme, produtor executivo de Desespero existencial e do musical sobre Wall Street, subiu ao pódio, seguido pelos dois homens que tinham realmente produzido o filme. Enquanto ele se colocava entre o chefe de polícia e Meryl Streep, estendendo a mão para a estatueta substituída, Scott Rich apareceu no palco fazendo uma careta, marchando até o produtor grandalhão e dando-lhe um soco no queixo. Diante disso, os outros dois homens riram.

— Eu vinha querendo fazer isso há anos — disse um deles, bastante alto, ao microfone.

— Pessoal — disse Scott Rich pegando o microfone. — PESSOAL — berrou ele. Por um momento houve silêncio absoluto. — Sou Scott Rich, da CIA. Nós tivemos uma situação séria. Mas está sob controle. O fato de ela permanecer sob controle depende de vocês e de se comportarem como adultos. O mundo está assistindo. Vocês precisam sair do teatro apenas pelas portas da frente: aqui, no primeiro balcão ali, e nos outros dois balcões ali.

Precisam se mover com calma, precisam seguir as instruções e precisam se mover rapidamente. Certo, pessoal. É com vocês.

Enquanto a platéia saía do teatro, as forças de segurança em conjunto revistavam freneticamente o prédio. Dezessete Oscar estavam enterrados sob placas e cobertores à prova de bombas nos banheiros masculinos, com a área ao redor liberada. Faltavam dois minutos para o momento em que os temporizadores estavam marcados para disparar, e restava um Oscar não encontrado. A dona dele, uma jovem magra e de ar preocupado que ganhara o prêmio de Atriz Coadjuvante no filme sobre o Camarada Mao, não estava em lugar nenhum. A multidão continuava saindo de modo razoavelmente ordeiro; somente as forças de segurança sabiam que a bomba poderia estar no meio dela.

Olivia estava encostada na parede, concentrando-se intensamente, e de repente percebeu. Digitou no celular.

— Scott! — gritou ela. — Scott! — Mas a linha estava muda.

Olivia olhou desesperada em volta e começou a ir para o palco, tentando se manter fora da multidão como se ela fosse uma torrente — permanecendo na borda onde era menos forte, de modo a se mover com mais facilidade. Mas enquanto se adiantava um rugido enorme veio do saguão, o chão debaixo deles se sacudiu, e as paredes pareceram se curvar para fora. Houve gritos, pânico e cheiro de fumaça acre — como de fogos de artifício, só que mais ácida — e depois mais explosões seguidas imediatamente por outra detonação adiante, vinda de trás do palco.

Olivia apertou freneticamente os botões do telefone.

— Scott! — gritou ela desesperadamente. — Scott! — Mas o aparelho apenas tocou e tocou enquanto a multidão começava a correr em todas as direções. Olivia se comprimiu contra a parede e ficou imediatamente imóvel no meio daquilo, arregalada, olhando. Lentamente começou a perceber que estava tudo bem. O esquadrão antibombas tinha feito o serviço com as bombas no banheiro. As paredes ainda estavam de pé, a explosão não tinha penetrado no auditório, não havia estilhaços, nem sangue, nem cadáveres. Ninguém parecia machucado. A não ser o único homem que ela amava. Digitou o número de novo. O telefone tocou, tocou e tocou. Ela se deixou afundar no chão, arrasada, com uma lágrima enorme começando a rolar pelo rosto, então alguém atendeu.

— Scott? — disse ela, quase engolindo o telefone, de tão ansiosa. — Não, senhora, não é Scott, mas ele está aqui.

— Está? Ele está bem? Houve silêncio.

— Sim, senhora. Acho que dá para dizer que ele está meio sujo, mas parece inteiro. Conseguiu enfiar o Oscar no vaso sanitário com um punhado de cortinas em cima, e ele e a moça quase foram parar debaixo do furgão do esquadrão antibombas. Ah, ele quer falar com a senhora. — Ela esperou, engolindo em seco, fungando, esfregando o rosto.

— É você? — disse ele, rouco. — Eu lhe disse para não me ligar no trabalho.

— Não posso confiar em você em lugar nenhum — disse ela, sorrindo e enxugando as lágrimas ao mesmo tempo. — Você não consegue ficar com as mãos longe de modelos e atrizes, não é?

## *Capítulo 59*

### *Maui, Ilhas havaianas*

Enquanto a ambulância aérea se preparava para o pouso acima das águas tropicais de Maui, o celular de Olivia tocou. Ela soltou a mão da de Scott por um segundo e apertou o botão.

— Olivia?

— Sim,

— Aqui é Barry Wilkinson. Escute. Você pode fazer uma matéria para nós? Você estava lá, não estava? No Oscar e no Sudão. Queremos uma exclusiva integral, tipo "eu estava lá" — na primeira página da seção especial, ocupando todo o Retrospecto das Notícias — e uma matéria para a seção diária, se você puder mandar alguma coisa até as oito horas. Só algumas centenas de palavras e algumas declarações. Olivia?

— Não sei do que você está falando — disse ela. Porque se havia alguma coisa que ela sabia, era que não queria o rosto na primeira página de nenhum jornal. Provavelmente teria de viver sob disfarce pelo resto da vida.

— Escute, querida, eu sei. Eu sei sobre o MI6. Sei que você foi ao Sudão, porque a Elan me disse. Sei que você estava no Oscar porque vi pela TV, de peruca ruiva. E...

Ela segurou o telefone longe do ouvido, olhou pela janela, para onde o avião ia pousar, sobre uma curva de mar lúcido, palmeiras e areia branca, riu alegre para Scott Rich, encostou de novo no ouvido o telefone com a voz esganiçada e furiosa de Barry e disse:

— Ah, não seja bobo, querido. É só um produto de sua imaginação hiperativa.

## *Agradecimentos*

Muito obrigada, calorosamente, às seguintes pessoas pela ajuda ao escrever o livro: pelas histórias curiosas, pela edição, pelo conhecimento especializado, apoio prático e informações misteriosas referentes a microlocalizadores de GP subaquáticos: Gillon Aitken, Luis Anton, Craig Brown, Tim Burton, Andreas Carlton-Smith, Fiona Carpenter, Gil Cates, o Departamento de Relações Públicas da CIA, Richard Coles, Marie Colvin, Nick Crean, Ursula Doyle, Harry Enfield, a família Fielding, Carrie Fisher, Piers Fletcher, Linda Gase, John Gerloff, Sarah Jones, Jules' Undersea Lodge, Key Largo, Andrew Kidd, Paula Levy, Hugh Miles, John Miller, Michael Monteroso, o detetive Joe Pau do esquadrão anti-bombas do DPLA, Maria Rejt, Mia Richkind, Sausage, Lesley Shaw, o Sunset Marquis Hotel, Beth Swofford, Russ Warner e aqueles que são secretos demais para ser mencionados até mesmo com um x.

Sinto-me particularmente grata a JC por seu tempo, por ter compartilhado conhecimentos especializados e por me mostrar como disparar uma arma usando uma esferográfica.

E agradeço acima de tudo a Kevin Curran por sua enorme colaboração em termos de enredo, personagens, piadas, idéias, múltiplas leituras e emendas, grafia e pontuação e, acima de tudo, por me aconselhar dizendo que o modo de escrever um policial não era colocar todo o enredo no primeiro capítulo assim que a gente pensava nele.

Seja um Leitor Preferencial Record e receba informações sobre nossos lançamentos. Escreva para:

**RP Record**

**Caixa Postal 23.052**

**Rio de Janeiro, RJ - CEP 20922-970**

dando seu nome e endereço e tenha acesso a nossas ofertas especiais.

Válido somente no Brasil.

Ou visite a nossa *home page*:

<http://www.record.com.br>